

COLEÇÃO APLAUSO TEATRO BRASIL

PAIOLVELHO
SANTAMARTA
FABRIL S.A.
...EMMOEDA
CORRENTE DO PAÍS

O TEATRO DE
ABÍLIO PEREIRA DE ALMEIDA

Imprensa Oficial

**O Teatro de
Abílio Pereira de Almeida**

**O Teatro de
Abílio Pereira de Almeida**

**Paio! Velho
Santa Marta Fabril
... em moeda corrente do país**

Introdução de Ceiza Campos

| imprensaoficial

São Paulo, 2009



Governador José Serra

Imprensa Oficial Imprensa Oficial do Estado de São Paulo
Diretor-presidente Hubert Alquéres

Coleção Aplauso

Coordenador Geral Rubens Ewald Filho

Apresentação

Segundo o catalão Gaudí, *Não se deve erguer monumentos aos artistas porque eles já o fizeram com suas obras*. De fato, muitos artistas são imortalizados e reverenciados diariamente por meio de suas obras eternas.

Mas como reconhecer o trabalho de artistas geniais de outrora, que para exercer seu ofício muniram-se simplesmente de suas próprias emoções, de seu próprio corpo? Como manter vivo o nome daqueles que se dedicaram à mais volátil das artes, escrevendo, dirigindo e interpretando obras-primas, que têm a efêmera duração de um ato?

Mesmo artistas da TV pós-videoteipe seguem esquecidos, quando os registros de seu trabalho ou se perderam ou são muitas vezes inacessíveis ao grande público.

A *Coleção Aplauso*, de iniciativa da Imprensa Oficial, pretende resgatar um pouco da memória de figuras do Teatro, TV e Cinema que tiveram participação na história recente do País, tanto dentro quanto fora de cena.

Ao contar suas histórias pessoais, esses artistas dão-nos a conhecer o meio em que vivia toda

uma classe que representa a consciência crítica da sociedade. Suas histórias tratam do contexto social no qual estavam inseridos e seu inevitável reflexo na arte. Falam do seu engajamento político em épocas adversas à livre expressão e as consequências disso em suas próprias vidas e no destino da nação.

Paralelamente, as histórias de seus familiares se entrelaçam, quase que invariavelmente, à saga dos milhares de imigrantes do começo do século passado no Brasil, vindos das mais variadas origens. Enfim, o mosaico formado pelos depoimentos compõe um quadro que reflete a identidade e a imagem nacional, bem como o processo político e cultural pelo qual passou o país nas últimas décadas.

Ao perpetuar a voz daqueles que já foram a própria voz da sociedade, a *Coleção Aplauso* cumpre um dever de gratidão a esses grandes símbolos da cultura nacional. Publicar suas histórias e personagens, trazendo-os de volta à cena, também cumpre função social, pois garante a preservação de parte de uma memória artística genuinamente brasileira, e constitui mais que justa homenagem àqueles que merecem ser aplaudidos de pé.

José Serra

Governador do Estado de São Paulo

Coleção Aplauso

O que lembro, tenho.
Guimarães Rosa

A *Coleção Aplauso*, concebida pela Imprensa Oficial, visa resgatar a memória da cultura nacional, biografando atores, atrizes e diretores que compõem a cena brasileira nas áreas de cinema, teatro e televisão. Foram selecionados escritores com largo currículo em jornalismo cultural para esse trabalho em que a história cênica e audiovisual brasileiras vem sendo reconstituída de maneira singular. Em entrevistas e encontros sucessivos estreita-se o contato entre biógrafos e biografados. Arquivos de documentos e imagens são pesquisados, e o universo que se reconstitui a partir do cotidiano e do fazer dessas personalidades permite reconstruir sua trajetória.

A decisão sobre o depoimento de cada um na primeira pessoa mantém o aspecto de tradição oral dos relatos, tornando o texto coloquial, como se o biografado falasse diretamente ao leitor.

Um aspecto importante da *Coleção* é que os resultados obtidos ultrapassam simples registros biográficos, revelando ao leitor facetas que também caracterizam o artista e seu ofício. Biógrafo e biografado se colocaram em reflexões que se estenderam sobre a formação intelectual e ideológica do artista, contextualizada na história brasileira.

São inúmeros os artistas a apontar o importante papel que tiveram os livros e a leitura em sua vida, deixando transparecer a firmeza do pensamento crítico ou denunciando preconceitos seculares que atrasaram e continuam atrasando nosso país. Muitos mostraram a importância para a sua formação terem atuado tanto no teatro quanto no cinema e na televisão, adquirindo, linguagens diferenciadas – analisando-as com suas particularidades.

Muitos títulos exploram o universo íntimo e psicológico do artista, revelando as circunstâncias que o conduziram à arte, como se abrigasse em si mesmo desde sempre, a complexidade dos personagens.

São livros que, além de atrair o grande público, interessarão igualmente aos estudiosos das artes cênicas, pois na *Coleção Aplauso* foi discutido o processo de criação que concerne ao teatro, ao cinema e à televisão. Foram abordadas a construção dos personagens, a análise, a história, a importância e a atualidade de alguns deles. Também foram examinados o relacionamento dos artistas com seus pares e diretores, os processos e as possibilidades de correção de erros no exercício do teatro e do cinema, a diferença entre esses veículos e a expressão de suas linguagens.

Se algum fator específico conduziu ao sucesso da *Coleção Aplauso* – e merece ser destacado –,

é o interesse do leitor brasileiro em conhecer o percurso cultural de seu país.

À Imprensa Oficial e sua equipe coube reunir um bom time de jornalistas, organizar com eficácia a pesquisa documental e iconográfica e contar com a disposição e o empenho dos artistas, diretores, dramaturgos e roteiristas. Com a *Coleção* em curso, configurada e com identidade consolidada, constatamos que os sortilégios que envolvem palco, cenas, coxias, sets de filmagem, textos, imagens e palavras conjugados, e todos esses seres especiais – que neste universo transitam, transmutam e vivem – também nos tomaram e sensibilizaram.

É esse material cultural e de reflexão que pode ser agora compartilhado com os leitores de todo o Brasil.

Hubert Alquères

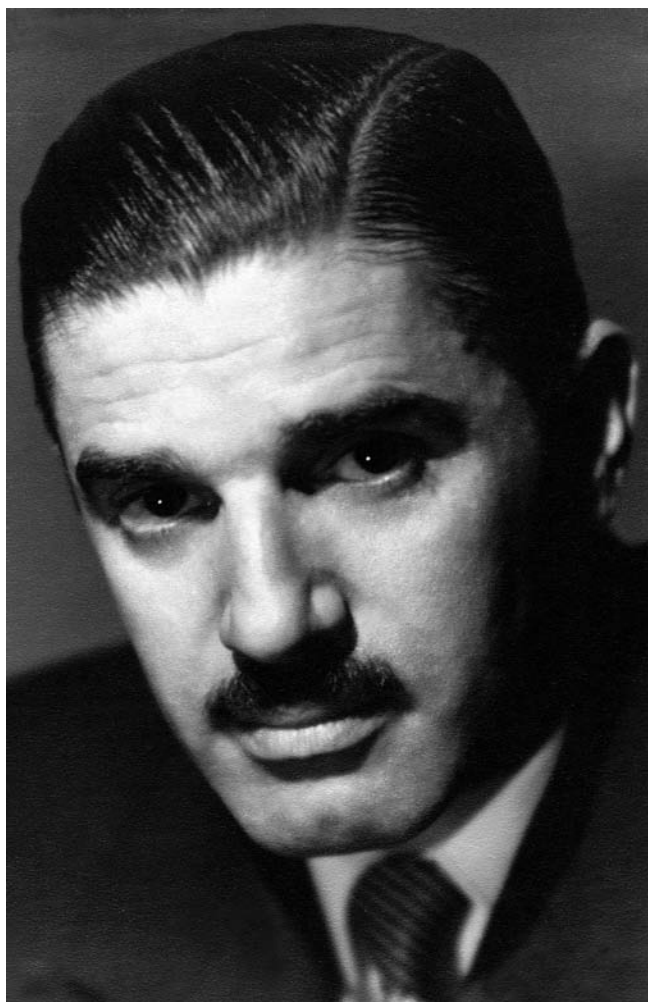
Diretor-presidente

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Paiol Velho
estréia 10 de janeiro de 1951

Santa Marta Fabril S.A.
estréia 2 de março de 1955

... em moeda corrente do país
estréia 16 de dezembro de 1960



Abílio Pereira de Almeida

O advogado doutor Olegário de Almeida já tinha percorrido as cidades vizinhas a Tatuí, sua cidade natal, e já era um profissional conhecido quando resolveu estabelecer em definitivo sua banca de advogado em São Paulo e mudar-se com sua família: a mulher, dona Maria da Conceição, e seus seis filhos (quatro homens e duas mulheres), ainda crianças.

Foi nesse momento da vida familiar que, num dia 26 de fevereiro, uma terça-feira de carnaval, na antiga Travessa do Quartel, atualmente Rua Felipe de Oliveira, numa casa onde se ergue hoje o Palácio da Justiça, em frente à Praça Clóvis Bevilacqua, nasceu o sétimo filho do casal, que recebeu, na pia batismal, o nome de Abílio.

Alfabetização no Colégio Stafford, primário na Escola-Modelo Caetano de Campos (como todos os irmãos), secundário no Colégio São Luiz, no qual teve sua primeira experiência teatral num espetáculo de encerramento de ano letivo. Infância e juventude transcorrendo normalmente, como qualquer outra dentro de uma família de classe média alta no início do século XX, nos moldes dos tradicionais troncos paulistas.

Nas reuniões familiares, era quase sempre o centro das atrações: suas primas e amigas lhe pediam, invariavelmente, que dissesse coisas engraçadas. Esse era o Abílio das reuniões familiares: brincalhão, alegre, cheio de charme.

A vocação para o palco e as luzes se fez notar logo cedo, ainda criança, uma vez que brincava de teatro com sua irmã, Tuca, apenas dois anos mais velha, mas grande companheira: ele escrevia as histórias, ela fazia as roupas dos bonecos e eles se divertiam encenando as pecinhas.

14

Chegada a hora do curso superior para terminar a educação, Abílio optou pela advocacia. Influência do pai? Seria compreensível em qualquer filho, mas não num espírito independente e pronto para contestar, como era Abílio. No primeiro vestibular prestado na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, uma surpresa: foi reprovado! Nova tentativa no ano seguinte e aí sim: passou a ser um acadêmico. Antes de terminar o segundo ano de Direito, sentou praça no 2º Batalhão do Quinto Regimento de Infantaria, sediado em Pindamonhangaba. Nessa cidade, acabou fundando um clube acadêmico (uma vez que era praticamente uma cidade universitária, pois lá funcionavam uma escola normal e uma escola de Farmácia e Odontologia, frequentada por jovens de todo o interior paulista); também

fundou um jornalzinho chamado *O Martelo*, do qual era o editor-chefe. Para esse jornal escrevia o artigo de fundo e a coluna social, a *Dizque-dizque*, tendo sido seus comentários e fofocas talvez os precursores de Ibrahim Sued e outros jornalistas do mesmo ramo.

Ainda merece menção o curso de sargentos aviadores feito na Escola de Aviação Militar que se situava em Marechal Hermes, Campo dos Afonsos, subúrbio do Rio de Janeiro, por ter sido classificado em primeiro lugar desde o ingresso até a formatura.

Participou ativamente, como tantos jovens que acreditavam nos ideais de liberdade, ordem e justiça, da Revolução Constitucionalista de 1932, engajado na Aeronáutica. Voavam nos primeiros modelos de avião, de dois lugares, de onde se jogavam as bombas com as mãos.

Reiniciou seu curso de Direito quando se desligou do exército. Formou-se com a turma de 1932 e são suas as palavras a respeito: *Formei-me pela Faculdade de Direito de São Paulo, do Largo de São Francisco, colando grau em 5 de Janeiro de 1933. Pertenci à gloriosa turma de 1932, sacrário da Revolução Constitucionalista. Curso interrompido (...) se tudo corresse bem, ter-me-ia diplomado em 1929. Ainda bem que*

escapei da turma de 1930, a da revolução do ano porque, em virtude da dita cuja, todo mundo foi aprovado por decreto e os respectivos bacharéis receberam o cognome, felizmente já esquecido, de bacharéis decretinos.

Abílio advogou muito no interior do Estado e teve boas causas, principalmente em Araçatuba, período que durou mais ou menos dois anos e no qual ganhou muito dinheiro, que acabou deixando nas mesas de jogo do Jockey Clube. Advogou durante 20 anos, tendo sido um bom profissional. Deixou a profissão apenas quando os interesses e o tempo gastos com a Vera Cruz o impediam de continuar.

16

Como advogado foi o responsável pela elaboração do contrato de constituição das empresas Teatro Brasileiro de Comédia e Companhia Cinematográfica Vera Cruz.

No seu entender, era eficiente, ganhou muitas causas, mas nunca foi um jurista, tendo sido apenas um prático.

O livro de sua autoria *Prática Jurídico-comercial* mereceu 14 edições pela Companhia Editora Nacional e, diz ele, era realmente bom, continha tudo de que o advogado precisava e, principalmente, ajudava o aluno a colar nas provas.

Seu escritório, que tinha seu pai, doutor Olegário de Almeida como fundador, foi instalado primeiramente na Rua Senador Queirós, tendo se mudado posteriormente para a Rua José Bonifácio, 234, no centro de São Paulo, bem perto da Faculdade e do Fórum, na Praça Clóvis Bevilacqua, lugares habitualmente frequentados pelos advogados.

A Escola de Comércio Álvares Penteado contou com a colaboração de Abílio durante algum tempo como professor de Técnica Jurídico-Comercial.

Foi responsável pela edição da *Revista Judiciária* (publicação segmentada que circulou durante quatro anos) e teve colaboradores como: Sílvio Rodrigues, Plínio Barretto, Alexandre Correia e Jorge Americano. Também foi juiz do Tribunal de Impostos e Taxas de São Paulo no período compreendido entre 1938 e 1939.

Sua biblioteca especializada era uma das melhores do ramo.

Um dia, porém, precisou de dinheiro e acabou por vendê-la.

A respeito de si mesmo, como advogado, diz Abílio: *Muito circunstancialmente, eu era um advogado, frequentava as tardes da Livraria Ja-*

raguá, que era o ponto de encontro da fina flor da intelectualidade de São Paulo. Mas eu não me colocava no meio dos intelectuais, eu nunca me considerei um intelectual ou um literato, eu era, e me considero até hoje, um bom advogado, mesmo porque isso classifica bem o meu temperamento. Eu queria deixar bem nítida essa distinção: eu era um grande advogado sem ser um jurista, porque eu considero que o jurista é o conhecedor profundo do Direito e o advogado é aquele que conhece as manhas forenses, que sabe defender uma causa, que sabe levar um cliente, que sabe ser eficiente.

18

Enquanto pôde conciliar essas atividades tão diferentes e exigentes como a advocacia e o teatro, seguiu desempenhando-as paralelamente e a contento. No momento, porém, em que a Vera Cruz entra em cena requisitando maior dedicação de seu tempo, ele teve que optar: perdeu o advogado, ganhou o homem de teatro/cinema. Abílio deixou seu escritório para se dedicar exclusivamente ao TBC e à Vera Cruz.

Sentado às mesas de jogo carteadado do Clube Paulistano, sempre observando as pessoas como era seu hábito, compôs muitos de seus personagens.

Em casa de primos, conheceu Lúcia Gama Wright, uma jovem pequena e delicada, de

marcante sangue inglês e suaves olhos azuis, que veio a se tornar Lúcia Pereira de Almeida e lhe deu dois filhos: Maria Luiza e Antonio de Pádua (ou Maiza e Padu, seguindo o hábito da família, que a todos dá apelidos).

A casa de Abílio vivia cheia de amigos. Frequentavam-na, além de artistas de teatro e cinema, personalidades do mundo das artes em geral. Havia, ao mesmo tempo, pessoas discutindo Direito num canto, outras jogando baralho mais adiante, alguém tocando piano ou simplesmente comentando as novidades do teatro.

Depois de muitos anos exercendo os papéis de advogado, autor, ator e tantos outros, já doente, mal recuperado de uma operação de úlcera gástrica e com o emocional abalado por duas perdas trágicas em pouco espaço de tempo, recolheu-se ao sítio de Vinhedo, lá passando, sozinho ou cercado de jovens amigos, a maior parte de seus dias. Aos poucos foi caindo em depressão, pois, no dizer de Nydia Licia: *Com a operação do estômago e como era metido a galã, de repente viu que tinha ficado velho, feio e magro.* Acrescenta Paulo Autran o que ouviu de Abílio, em sua última visita feita a ele: *A vida perdeu o sentido.*

Sua última entrevista foi dada a Alberto Beuttenmuller, jornalista do *Jornal do Brasil*, que assim escreveu: *Um mês antes de sua morte, ocorrida ontem em São Paulo, Abílio Pereira de Almeida concedeu uma entrevista ao repórter Alberto Beuttenmuller. Queixava-se do silêncio em torno de seu nome e suas obras e lembrava os bons tempos do Teatro Brasileiro de Comédia e da Companhia Cinematográfica Vera Cruz, dos quais foi figura destacada. Paulo Autran não se conforma com esse desfecho: Aquele homem brilhante, inteligente, vivo... Foi uma pena mesmo. Todo mundo gostava dele. A classe adorava o Abílio; era um ótimo colega, uma pessoa adorável; eu não conheço ninguém que não gostasse do Abílio, só os críticos. Foi um grande sucesso de público; tenho pena de não ter companhia naquela época.*

Entre seus papéis particulares está a cópia de uma carta, escrita em 14 de fevereiro de 1977 para seu amigo Behar, na Argentina. É quase como um documento que atesta o estado de espírito em que se encontrava pouco tempo antes de sua morte: depressão, desânimo, desilusão. E todos sabemos o cuidado que devemos dispensar a pessoas que se encontram nesse estado. Por que, então, os que lhe estavam próximos não se aperceberam disso? Abílio só lhes mostrava

uma face: a piadista, satírica, irônica; a face dolorida, machucada, que sofria, essa era guardada dentro dele a sete chaves, e só aparecia quando a solidão apertava o cerco sobre sua vida. Trechos dessa carta demonstram, de maneira clara, toda a amargura que ele trazia no coração. Em primeiro lugar, agradece a remessa de dinheiro que o amigo lhe faz, dinheiro de direitos autorais de sua peça *Alô... 36-5499* que, na Argentina, se chamou *Deliciosamente Amoral* e estava em cartaz há 17 anos.

Fala superficialmente sobre o problema da censura que, à época (estávamos em plena ditadura militar), vetava textos de ordem política ou social ao mesmo tempo que fazia vistas grossas para a imoralidade e a obscenidade. Sucessos faziam os que apelavam para o pornográfico e o erótico, no seu entender.

Senti-me superado e velho. Acabaram-se todas as minhas veleidades. Resumindo minha vida: sou um escritor superado, velho e pobre a quem a gente nova chama de mestre, o que já é um consolo.

Em seguida, comenta da sua tentativa de se isolar no sítio, criando galinha e plantando uva. Elogia o filho que soube fazer exatamente o contrário do que ele fez e hoje está numa situação

tranquila. *E, assim, tudo vai bem, menos eu que, como você percebeu, estou em estado de depressão, embora, materialmente, viva muito razoavelmente. É que não me conformo com a velhice, com a superação, com o fato de estar fora de moda, enfim não me acostumo a essa nova filosofia de vida em que não há lugar para os velhos. É o tal de poder jovem.*

Pede notícias e faz comentários sobre amigos comuns, voltando a criticar-se: *... um imbecil como eu, que tinha tudo para alcançar uma boa notoriedade e afinal de contas fez muito e não fez nada.*

22

Como final de conversa, desculpa-se e se justifica: *Desculpe-me pela péssima redação, muito imprópria para uma pessoa que tem a pretensão de ser escritor. É que estou escrevendo espontaneamente, o que me vem à cabeça, e não estou procurando frases de efeito. Escrevo com o coração e não com a cabeça.*

Talvez nesse tempo é que ele tenha sentido mais forte a diferença entre sua cabeça, sempre jovem, e seu corpo, envelhecido, cansado e doente. Daí para a depressão em que mergulhou foi apenas um passo: não se conformando com isso, acabou com o desgosto que vinha sentindo e, naquele 11 de maio, ao dizer para a família que estava

voltando para o sítio, já tinha tudo preparado: com um tiro no peito, Abílio saiu de cena, fechando as cortinas de sua vida.

O teatro

Suas atividades como ator de teatro começam bem cedo, ainda no Colégio São Luís, quando participou de uma peça apresentada como encerramento de ano letivo, dirigida pelo padre Miguel Cerdá, que era seu professor de latim e de geografia. *Eu comecei como ator, mesmo nos tempos do Colégio São Luís, naquelas peças das festas de fim de ano, eu era um dos estrelos do teatro de lá.* Talvez tenha começado mais cedo ainda, em casa, brincando de teatro com sua irmã Tuca.

A carreira teatral propriamente dita começa pelo amadorismo. Abílio ainda cursava a Faculdade de Direito quando tomou parte, como figurante, numa apresentação organizada por Alfredo Mesquita: *O Sarau no Paço de São Cristóvão* (1926), fantasia histórica escrita por Paulo Setúbal. Era um espetáculo de luxo e bom gosto. Nada mais. Era patrocinado pela Liga das Senhoras Católicas.

Em 1936, outra apresentação em espetáculo também de Alfredo Mesquita, no Teatro Municipal,

A Noite de São Paulo, em que Abílio subiu ao palco como ator. Em 1938, outra fantasia, também de Alfredo Mesquita, *A Casa Assombrada*, na qual Abílio fazia o papel de um rico fazendeiro.

Como essas apresentações estavam fazendo sucesso, Alfredo Mesquita partiu para uma terceira fantasia, *Dona Branca*, na qual Abílio interpreta o papel de pai de um poeta, vivido por Décio de Almeida Prado. Em 3 de setembro de 1943 é encenada, no Teatro Municipal, a peça, de Lenormand, *À Sombra do Mal*, dirigida por Alfredo Mesquita e tendo, no elenco, Abílio, Carlos Vergueiro e outros.

24 É nessa época que se organiza o *Grupo de Teatro Experimental* de Alfredo Mesquita que, mais tarde, com outros grupos amadores, forma a equipe que levou o sonho de um teatro paulista à realidade. Aí foram plantadas as raízes do que viria a ser o *Teatro Brasileiro de Comédia*.

Sobre a criação do GTE, assim se expressa Abílio: *Eu acho que foi um movimento paralelo com o do teatro comandado pelo Pascoal Carlos Magno no Rio de Janeiro, que ele iniciou lá no Teatro do Estudante e com o movimento de Os Comediantes. Nós aqui fizemos o nosso teatro em bases de renovação, procuramos separar todas as técnicas do espetáculo, dando a cada um o*

que é seu, porque, antigamente, diziam que o dono da companhia era o ator principal, era o escritor, era o diretor, era até o bilheteiro. Então, nós começamos a fazer um teatro, e a primeira coisa que fizemos foi tirar o ponto. Depois foi dar a cenografia a um cenógrafo, dar a direção a um diretor, a direção de música a uma pessoa entendida de música, cada um dentro de sua atividade, e, nesse sentido, nós iniciamos aqui uma renovação.

Pif-paf, a peça de estreia de Abílio, escrita em 1946 e encenada pelo GTE, tinha como tema o jogo da moda, e mostrava a deterioração social em que vivia a alta sociedade.

25

Como *Pif-paf* vinha fazendo muito sucesso, Abílio foi chamado para dirigir e fazer o papel principal de uma peça, *A Mulher dos Braços Alçados*, com duração de 20 minutos e escrita em italiano por Franco Zampari, com tradução para o português de Paulo Assumpção.

Outra apresentação que mereceu muitos elogios foi a sua caracterização de Harpagão, na peça *O Avaro*, de Molière. Diziam que era assim que o autor da peça tinha imaginado a personagem: *Marina Freire e Abílio Pereira de Almeida chamaram a atenção no desempenho de O Avaro, nova montagem do GTE; no papel-título*

Abílio compôs um avarento como Molière quis, isto é, não um obcecado total, mas sim uma criatura tomada pelo complexo de inferioridade e que, no dinheiro, vê toda a sua projeção pessoal e social.

Depois de todas essas apresentações, que foram levadas a cabo no exercício do mais puro amadorismo, vem uma que é marco do teatro paulista: é inaugurado o Teatro Brasileiro de Comédia com uma peça de Abílio, *A Mulher do Próximo*, na qual ele, além de autor, é também encenador, diretor-geral e ator, no papel de Alfredo.

26 Quando começou, com *Pif-paf*, foi aquele sucesso; ele era uma pessoa que queria inovar: sua linguagem era muito simples. Consciente de si mesmo, nunca se meteu a ser um ator característico; era um galã de meia-idade, muito simpático; tinha uma grande naturalidade de palco!

No ano seguinte, 1949, Abílio apresentou-se como ator nos trabalhos: *A Noite de 16 de Janeiro*, policial de Ayn Rand, levado pelo Conjunto de Arte Teatral, em maio, no papel de Lawrence Regan; e em *Nick Bar*, de William Saroyan, dirigido por Adolfo Celi, em junho, no papel-título. Abílio dá seu próprio depoimento a respeito: *No fim de uma temporada de revezamento dos diversos grupos teatrais amadores, o TBC se profissionalizou e a primeira peça, se não me*

engano, foi uma peça do Saroyan, The Time of Your Life, com o título brasileiro de Nick Bar, numa tradução de Gustavo Nonemberg. Eu fiz o papel do Nick.

O TBC mostrou, então, que se podia fazer um teatro de qualidade de texto, de qualidade de encenação e Adolfo Celi, chamado da Argentina por Franco Zampari, foi o responsável por isso.

Salas teatrais lotadas; sucesso junto ao público era patente, apesar das observações ferozes dos críticos especializados ou *a especializada*, como a chamava Abílio. Talvez fosse não só a empatia que Abílio conseguia estabelecer com seus espectadores como também a atualidade dos assuntos tratados e a forma aparentemente leve e descontraída de seu texto.

Em 1951, a Prefeitura de São Paulo promoveu um concurso para autores teatrais, o Prêmio Adhemar de Barros de Teatro. Foram classificadas para a final dez peças; depois de lidas, examinadas, estudadas, a comissão de concurso, composta por Ruggero Jacobbi, José Geraldo Vieira e Almeida Sales, apresentou *Moinho Novo* em primeiro lugar, classificando-a como uma tentativa de interpretação e transfiguração, em linguagem dramática, de um aspecto da realidade brasileira.

Depois de abertos os envelopes que traziam a identificação dos autores, que se apresentaram com pseudônimos, foi assim estabelecida a classificação final:

1º – *Moinho Novo*, de Abílio Pereira de Almeida

2º – *A Estrela do Mar*, de Nelson Rodrigues

3º – *A Torre*, de Helena Silveira

4º – *O Céu num Dilema*, de Antonio Carlos Carvalho

É o que diz a notícia publicada no jornal *O Correo Paulistano*, edição de 9 de janeiro de 1951.

28

Em relação a Abílio-autor, a opinião dada por Nydia Licia a respeito do conjunto de seus trabalhos é a seguinte: *A última peça que ele fez para Cacilda e Walmor, ... em moeda corrente do país, foi uma das melhores peças dele, senão a melhor.*

Entre elenco, autor e público havia um relacionamento muito bom. Terminado o espetáculo, o público subia ao palco para cumprimentá-los. Os atores eram acessíveis, recebiam muito bem o público, que não tinha fanatismo; todos os que estivessem ali para cumprimentá-los eram bem recebidos.

No entanto, quando da estréia de *Santa Marta Fabril S.A.* isso não aconteceu. O artigo de Matos Pacheco para o *Diário Popular*, edição de 3 de março de 1955, sob o título *Santa Marta Fabril S.A. vai dar o que falar... Muitos aplausos e poucos cumprimentos*, diz bem da reação que provocou o novo texto de Abílio: *Muitos aplausos em todos os finais de ato, aplausos mesmo em cena aberta, pareciam indicar que o público de ontem, público de estreia, gostou de Santa Marta Fabril S.A., peça de Abílio Pereira de Almeida, lançada pelo Teatro Brasileiro de Comédia. Mas no final, quando terminou a representação, foi bem diminuto o número de cumprimentos recebidos pelo autor, lá embaixo, nos camarins. O público grã-fino, por assim dizer, mal terminou o espetáculo, deixou o teatro, sem descer aos bastidores para felicitar artistas e o autor, presente à representação. (...) Nunca vimos tão vazios os corredores do teatro.*

29

O terceiro ato da peça, que se passa em 1948, foi o que mais chocou o público; ao que Abílio declara: *Gosto muito do terceiro ato, estou contente, em linhas gerais, com o meu trabalho. Suas verdades, duras talvez, mas que precisam ser ditas. Não é uma peça contra a Revolução Constitucionalista. Mas conta verdades. É contra, isso sim, os adesistas, os que aderiram imediatamente*

no nome de seus interesses, ao governo federal. Houve paulistas como os que eu retratei na minha peça...

São de Paulo Autran as palavras: *Eu me lembro muito bem (...) e as peças de Abílio Pereira de Almeida: Paiol Velho, Rua S. Luiz, A Mulher do Próximo, Pif-paf, várias peças do Abílio Pereira de Almeida que eu considero também o primeiro autor a criticar a sociedade paulista. Santa Marta Fabril, por exemplo, tinha uma crítica bastante contundente, uma crítica feita do ponto de vista de um homem que pertence àquele nível e àquela sociedade que ele critica e que está informado das ideias de seu meio, do meio burguês, da burguesia rica de São Paulo, mas não deixa de ser uma crítica. (...) ... Santa Marta chegou a ficar um ano em cartaz.*

30

Também Franco Zampari dá seu depoimento sobre o sucesso de *Santa Marta Fabril S.A.*: *Santa Marta Fabril S.A., de Abílio Pereira de Almeida, foi nosso maior êxito de bilheteria, trazendo ao TBC de São Paulo um público de 45 mil pessoas, quando o comparecimento habitual é de 25 mil, por espetáculo. Mas Abílio é uma exceção entre os autores nacionais. Nenhuma outra peça brasileira deu resultado financeiro e as perdas variam entre 150 mil e 200 mil cruzeiros. Por isso apresentamos poucos textos nacionais.*

Abílio procurava atender a todos da melhor maneira possível. Muitas vezes mandou fazer roupas para as atrizes porque as queria muito bem vestidas. Ele se preocupava para que todo mundo estivesse bem e de acordo com o texto que estava sendo apresentado.

Cumpra notar que suas peças *A Mulher do Próximo* e *Pif-paf*, grande sucesso em São Paulo, quando foram levadas para o Rio e montadas no Teatro Municipal, não obtiveram o mesmo sucesso. Explica-se: as peças foram escritas para uma realidade de São Paulo; Abílio era um autor paulista, escrevia sobre São Paulo, as coisas que ele conhecia bem.

31

Quando havia escândalo motivado por alguma peça sua, ele gostava, se divertia: era publicidade, completa Nydia Licia. Com uma ponta de saudade, ela encerra seu depoimento: A gente lembra muito dele nos camarins, os papos, as conversas, há sempre uma coisa engraçada para cada caso; ele contava casos, era muito divertido o ambiente. Seu senso de humor era muito ácido: criticava muito as coisas e não deixava passar nada. A gente não sabia se ele estava caçoando da gente ou do outro. Ele contava umas histórias... A gente não sabia se tudo o que ele contava era invenção dele ou era verdade... era pra gozar as pessoas.

Sem dúvida alguma, o ponto forte do autor Abílio Pereira de Almeida é a construção dos diálogos. Seus personagens falam, com extrema naturalidade, aquilo que se ouve nas ruas ou nos ambientes retratados em suas peças. Dessas conversas surge a intenção mais profunda do autor: a de retratar um determinado ambiente e o que ocorre com as pessoas que nele vivem. Seja a alta sociedade, como em seus primeiros trabalhos, seja a classe média, como ... *em moeda corrente do país*, ou nos ambientes relacionados à política, como em *O Bezerra de Ouro* ou *Círculo de Champagne* ou mesmo ao submundo como *O Clube da Fossa*.

32

Como diz Décio de Almeida Prado em sua obra *Apresentação do Teatro Brasileiro Moderno: A sua dialogação corre fluentemente, ao sabor das circunstâncias, despreocupada, natural, conduzindo, entretanto, ao ponto visado. (...) Abílio Pereira de Almeida parece-nos um autor com muitas qualidades e em ascensão. Num momento em que escasseiam comediógrafos nacionais, qualquer progresso seu é também nosso. Ainda persistem nas suas peças muitas imperfeições, muito tatear à procura de caminho. Mas há na sua atitude uma independência, um desejo de aprender à custa dos próprios erros que é muitíssimo simpática.*

Abílio sempre teve o cuidado de não interferir na conduta de suas personagens; sempre se manteve neutro, nunca se pôs a falar no lugar delas ou expôs suas próprias opiniões através delas. Torna-se, assim, fiel à realidade, tão minuciosamente observada. Abílio Pereira de Almeida pode não ser profundo, mas é extremamente exato, extremamente preciso. Não há, em *Paio Velho*, um gesto menos plausível, uma frase que soe falso.

Com o passar do tempo e a chegada da maturidade e depois do distanciamento em relação à crítica, Abílio, apesar de continuar a escrever no seu estilo de crítica social, retratando o ambiente de sociedade que via e em que vivia, começa a sofrer os ataques às suas peças por parte da crítica especializada ou apenas *a especializada*, como ele mesmo dizia.

Mas não foi apenas uma disputa por escrito, entre autor e críticos, a que o trabalho *O Bezerra de Ouro* despertou. Ainda na fase de ensaios, no Teatro Leopoldo Froes, Felipe Carone, que faria o papel principal, o Barão de Mastrorosso, foi cercado por um grupo de homens, à saída do teatro; ele foi espancado e massacrado com duas pessoas da diretoria do *Pequeno Teatro de Comédia* que iria levar a peça. Carone foi hospitalizado e, quando recebeu alta, declarou que

não mais faria a peça. O grupo já havia recebido várias ameaças para não encenar esse trabalho. No dia seguinte ao do atentado, a polícia prendeu pessoas que rondavam o teatro e, embora dissessem estar ali por acaso, apurou-se que duas delas possuíam vínculo empregatício com uma indústria famosa em São Paulo, àquela época, e que, diziam, servira de inspiração para Abílio construir sua história.

34

Retirando-se o ator principal e o diretor tendo entregado a peça para o autor, ficaria claro que esse trabalho não seria encenado. Os demais atores, no entanto, firmaram pé dizendo: *Agora queremos levar O Bezerro de Ouro de qualquer jeito. Trata-se de um problema de liberdade de expressão que envolve todos os artistas do Brasil e a nós, particularmente, porque vimos um de nossos companheiros ferido física e moralmente por forças estranhas à arte.* O papel principal foi dado, então, a Dionísio de Azevedo que foi bastante elogiado pela crítica, não só pelo seu lado profissional como também por sua presença humana em cena.

Depois dessa experiência como empresário, é nesse momento de sua carreira que Abílio envereda pelo terreno empresarial; constitui a empresa Florente, Massaini e Cia. Ltda., tendo a terça parte dela. Levam ao palco *Círculo de Champagne* com

um orçamento bastante alto, justificado pelo autor que alega haver um determinado coquetel em cena para o qual se colocam no palco 40 pessoas. Diz ele, ainda, que a peça segue a linha de seu trabalho anterior *Santa Marta Fabril S.A.*, nos dias de hoje (1964).

Há uma preocupação muito grande em Abílio: divertir. Para isso lança mão de seus famosos diálogos irônicos e seu estilo de *ridendo castigat mores* (rindo, critico os costumes).

O ponto em que quase todos os críticos concordavam era a facilidade com que Abílio estabelecia relações de adequação entre suas personagens e a realidade que ele conhecia e também a leveza e fluidez de seus diálogos, o que em muito contribuía para essa aproximação com a realidade.

35

O grande senão do teatro de Abílio, na opinião de críticos e de diretores que trabalharam suas peças, é o fato de ele não se aprofundar em seus textos. Ele dizia que depois iria rever e consertar os erros, aprofundar-se no tema, mas como bom brasileiro fiel à sua índole, foi deixando para depois e acabou não fazendo mais.

Seu trabalho mais profundo em termos de estudo da alma humana foi, sem dúvida, ... *em moeda corrente do país*, montado em 1960,

pela companhia de Cacilda e Walmor, no Teatro Cacilda Becker, que ficava no prédio da Federação Paulista de Futebol, na Avenida Brigadeiro Luís Antônio; essa peça foi encenada novamente por diversos grupos amadores, tendo obtido muito sucesso.

Como andava fazendo pesquisas históricas sobre a independência do Brasil, que depois serviram de base para o roteiro do filme *Independência ou Morte*, Abílio escreveu *Dom Pedro I, Imperador do Brasil*, que veio a ser representada por um grupo amador do Clube Atlético Paulistano, em dependências do próprio clube, em 1972. Foi seu último trabalho. Permanece inédito seu último texto *Os Donos da Verdade*, que trata do poder jovem.

36

Mais tarde, em 1974, no depoimento que prestou para o Museu de Teatro do Serviço Nacional de Teatro, diz concordar com os críticos que falaram mal de suas peças, o que era uma opinião diferente, em desacordo com a do público que sempre o prestigiou e a qual ele priorizava.

Depois de muito tempo afastado dos meios artísticos, magoado por ver seu nome esquecido ou até mesmo omitido em declarações ou reportagens sobre teatro e cinema, qual não foi sua surpresa ao saber que seria homenage-

ado pelo então secretário da Cultura, Ciência e Tecnologia Max Feffer, com Alfredo Mesquita e Ziembinski, numa informal cerimônia que teve lugar no salão principal do Palácio dos Campos Elíseos. Presentes atores (ex-alunos da Escola de Arte Dramática), pessoal ligado ao teatro, além de algumas autoridades.

A placa de prata que recebem pretende ser *Um tributo, ainda que tardio, aos responsáveis pela base de nosso teatro atual. (...) Os homenageados lembraram fatos do teatro nacional da época do TBC, tendo Alfredo Mesquita (também fundador do Grupo de Teatro Experimental, anterior ao TBC) frisado que Pif-paf, peça de estreia de Abílio Pereira de Almeida, foi a grande vitória do teatro experimental. Foi com ela que se iniciou uma etapa há muito esperada: a de se poder levar para o teatro também peças de novos autores nacionais. (...) Mais que companheiros de trabalho, nós três formávamos uma trinca.*

37

Desse modo, ainda que tardia e singela, a homenagem existiu e Abílio pôde sentir que não havia sido totalmente esquecido, como pensara.

O Cinema

Posição firmada como ator de teatro, Abílio não se contenta com isso. O começo da sua ativida-

de como cineasta se deu com o próprio começo das atividades da Vera Cruz, pois participou da criação da Companhia e teve papel importante, como advogado, na constituição dela como pessoa jurídica.

38

Até o fim da década de 40 a indústria cinematográfica brasileira estava sediada no Rio de Janeiro. Com a implantação da Vera Cruz, em uma granja em São Bernardo, o ambicioso sonho paulista torna-se realidade, embora por um pequeno espaço de tempo. Como não podia ser chamada de Hollywood dos Trópicos, pois esse nome foi dado à Atlântida, a carioca das chanchadas, e como contava com muitos italianos em seus quadros, só poderia ser chamada de Cinecittà da América do Sul. *Começou assim, meio de brincadeira, com um modesto capital de 7.500 contos, sem ninguém pensar que a coisa ia crescer daquela maneira, virar um negócio de tantos milhões e arruinar completamente o Zampari*, lembra Abílio, que toma parte no primeiro filme rodado, *Caiçara*, no qual faz o papel de José Amaro, um homem que vai buscar uma esposa (Eliane Lage) no orfanato. Filme de alto nível técnico e padrão internacional, rodado em Ilhabela, estreia no Cine Marabá e em outras 15 salas em São Paulo, no dia 1º de novembro de 1950; impressiona

profundamente a crítica especializada e o grande público que comenta: *Existe agora cinema no Brasil. O Estado de S. Paulo de 28/10/50 também registra que Caiçara constituiu realmente o início do grande cinema brasileiro.*

Sobre a primeira experiência no cinema, diz Abílio: *Após muitos testes, eu fui convidado para fazer um papel muito importante em Caiçara, que foi o primeiro filme da Vera Cruz. Eu contracenava sempre com o Carlos Vergueiro e a Eliane Lage, que era minha mulher no filme. Eu não entendia absolutamente nada de cinema, de decupagem, nem de script, de cenas; era absolutamente nulo, estava a zero no cinema, de modo que assisti a aquilo tudo com muita curiosidade e comecei a trabalhar em locação. Eu já tinha muita experiência de teatro, não só de amador, mas de profissional, no qual eu representava e dirigia.*

39

O segundo filme da Vera Cruz também conta com Abílio no papel principal; para a composição da personagem, foi feita uma modificação no seu visual: o bigode foi raspado e os cabelos foram encrespados; fica difícil reconhecê-lo. Seu personagem, Tônico, sofre de bronquite e tosse muito; tosse que chega a incomodar e preocupar os demais. Só que não é a personagem que sofre de bronquite e sim Abílio; foi um recurso utilizado

para justificar os terríveis acessos de tosse que ele sofre em cena. Esse filme é uma adaptação de sua peça *Paio Velho*, que, no cinema, recebeu o nome de *Terra é Sempre Terra*, drama realista e profundamente humano.

Abílio continua contando sua experiência num setor novo pelo qual tinha uma grande curiosidade; talvez tenha sido esse o desafio que o levou a acreditar e lutar para que a Vera Cruz ocupasse o lugar que lhe era devido no meio artístico de então.

40

Quando chegou a hora de rodar um filme cômico, depois dos três dramas anteriores, já havia a ideia: as peripécias de um motorista de caminhão, pobre, e a vida que ele enfrenta à direção do seu veículo. A ideia era de Tom Payne e para o papel principal ainda não havia sido escolhido o ator. Ao assistir a um programa de televisão enquanto almoçava, na cantina da Vera Cruz, Renato Consorte teve sua atenção chamada para um novo rosto: era um comediante novo, tinha feito muito sucesso no rádio e começava a aparecer na televisão, em programas ao vivo. Chamado para testes, revelou-se seu grande talento; nem precisou dizer muita coisa: era o tipo que estavam procurando. Assim, Mazzaropi começou sua carreira no cinema. O tipo que foi criado para *Sai da Frente* foi conservado em

todos os outros filmes de Mazzaropi, mesmo depois do fim da Vera Cruz. Ele o fez em filmes do Massaini e nas próprias produções. Abílio fez o *script* exclusivamente para ele e *Sai da Frente* teve uma continuação, *Nadando em Dinheiro*, em que o motorista de caminhão (Isidoro) recebe uma herança bem grande de um parente até então desconhecido e fica rico de repente. O filme é a trajetória de Isidoro nas rodas da alta sociedade. Mazzaropi fez, ainda, para a Vera Cruz, *Candinho* e *O Gato de Madame*, ambos com roteiro e argumento de Abílio.

Um dos últimos trabalhos de Abílio para o cinema foi a pesquisa histórica sobre os acontecimentos de 1822, na Corte, no Rio de Janeiro, e que provocaram a Proclamação da Independência do Brasil. Abílio mergulhou de corpo e alma nessa pesquisa e, como resultado, tivemos o argumento de mais um filme, bem cuidado e caprichado, como todos os da Vera Cruz: *Independência ou Morte*, que estreou como parte das comemorações do sesquicentenário da Independência do Brasil.

O grande problema da Vera Cruz, desde seu primeiro filme, foi o custo de produção. Como Zampari visava ao mercado internacional (e ninguém compreendia seu raciocínio, muito menos a imprensa), trouxe técnicos e uma equipe

preocupada com o cinema perfeccionista, com um custo de produção altíssimo, incompatível com a nossa realidade. Havia, também, o problema da demora em aprontar os filmes; trabalhavam, em cada filme, equipes de 40 a 50 pessoas; havia vários assistentes organizados num rígido sistema hierárquico.

Com todo esse gasto e sem bilheteria suficiente para dar o retorno, a Vera Cruz não aguentou muito tempo; Zampari ainda tentou uma saída, colocando lá o seu dinheiro, mas não conseguiu. Quebrou a Vera Cruz, quebrou o Zampari e quebrou o TBC, uma vez que a contabilidade dos três era uma grande mistura. E aconteceu a quebra da Vera Cruz quando Zampari vinha voltando da Europa com dois prêmios internacionais conquistados por *Sinhá Moça* e *O Cangaceiro*.

42

O Banco do Estado cancelou os financiamentos e colocou Abílio à frente da Vera Cruz, coisa que não durou muito tempo dada, principalmente, a forma errada de trabalho, adotada desde o início de suas atividades.

Outro grande problema que havia era a questão da distribuição de filmes: dava-se o filme para o concorrente distribuir. Abílio, para contornar a situação, montou a Brasil Filmes, paralela à Vera Cruz, para distribuir os filmes. Quando ele deixou

a Vera Cruz, o novo diretor voltou a trabalhar com a Columbia e o problema surgiu outra vez.

Foi assim que se acabou a Vera Cruz e o sonho nacional de uma indústria de cinema de padrão internacional, da qual, começando como ator, Abílio terminou como diretor-superintendente.

Ceiça Campos

Agosto de 2006

Ao leitor

Quando me pediram para escolher três peças de meu pai para serem publicadas, escolhi *Paiol Velho*, *Santa Marta Fabril S.A.* e... *em moeda corrente do país*.

Paiol Velho foi o seu trabalho mais elogiado pela crítica teatral da época e se transformou em argumento para o segundo filme da Companhia Cinematográfica Vera Cruz, *Terra é Sempre Terra*.

Santa Marta, por ser a saga de uma família tipicamente paulista, na fundação e gerência de uma empresa familiar, com todos os problemas que um choque de gerações produz e as consequências que traz.

E ...*em moeda corrente* foi escolhida por sua atualidade porque, apesar de ter sido escrita nos anos 60, traduz os mesmos problemas que o nosso país enfrenta até hoje.

Devo dizer que este trabalho foi executado em família, pois meu irmão, Padu, digitalizou e revisou toda a obra, e minha prima, Ceiça Campos, fez a pesquisa para o texto em sua dissertação de mestrado e continua a fazer, agora para sua tese de doutorado.

Meus agradecimentos especiais vão para a *Coleção Aplauso*, que nos deu a oportunidade de compartilhar com o grande público o que estava esquecido e perdido entre papéis empoeirados; agora meu pai deverá ocupar o lugar que merece entre os escritores brasileiros, o que me deixa muito feliz.

Maiza



Zeni Pereira e Cacilda Becker em *Paio Velho*

Paio Velho

Peça em três atos

Estréia: São Paulo, 10 de janeiro de 1951

Teatro Brasileiro de Comédia (TBC)

Personagens e elenco da estreia

(por ordem de entrada em cena)

Lina	Cacilda Becker
Tonico	Carlos Vergueiro
Bastiana	Zeni Pereira
Lourenço	Milton Ribeiro
Mariana	Rachel Moacyr
João Carlos	Maurício Barroso
Dr. Boaventura	A. C. Carvalho
Quinzinho Pereira	Fredi Kleemann
Tabelião	Glauco de Divitis
Tio Jorge	Eugênio Kusnet
Direção	Adolfo Celi
Cenários	Bassano Vaccarini
Execução cenários	Arquimedes Ribeiro
Supervisão guarda-roupa	Cleide Yaconis
Diretor de cena	Pedro Petersen

Primeiro ato

Cena I

Cinco horas da manhã. A cena está escura. Apenas alguma claridade do raiar do dia que entra pelas frestas das janelas e portas. Ouvem-se os ruídos do alvorecer na fazenda. O piar dos pássaros, o canto do galo, o cacarejar das galinhas, etc. O casal ainda dorme, mas o marido, que está à frente, já começa a se remexer como quem vai acordar. A cama range a cada instante, a cada movimento, desafinando com a sinfonia da alvorada lá fora. O homem desperta, afinal; senta-se na cama, de frente para o público, pés no chão, boceja e espreguiça-se, dando mostras de antigo cansaço e do profundo esforço que está fazendo para se levantar. Veste pijama ordinário, de listas, e meias nos pés. Consulta o cebolão que está na mesinha de cabeceira. Durante o ato, vai-se fazendo, paulatinamente, a luz do dia em cena.

51

Tonico

Lina... Lina... (*mais alto*) Lina...

Lina

(*Sem se mover*) Huummmm...

Tonico

Venha quentar o café para mim. (*Lina não se mexe*) Lina... (*berrando*)

Lina

(Berrando também) Que é?

Tonico

Levanta. Venha ver o café.

Lina

Ahhh... *(e continua dormindo)*

(Tonico levanta-se vagarosamente, espreguiça-se com ruído. Assim que larga o leito, a mulher toma o meio da cama, juntando os dois travesseiros e continua dormindo)

Tonico

52 *(Sacudindo os ombros de Lina)* Lina. Levanta, mulher. Passa de cinco horas.

Lina

(Erguendo o busto, lançando chispas de ódio)
Não me amole. Levanto nada.

Tonico

Como não se levanta? Venha me ver o café.

Lina

Vá acordar a Bastiana.

Tonico

A Bastiana está muito pesada; me pediu para levantar mais tarde estes dias, até ter o filho.

Lina

Pesada nada... Aquela vagabunda... Acorde ela...

Tonico

(Vai pesadamente à cadeira. Veste as calças da roupa sobre as calças do pijama) Vagabunda... Mas vai ter um filho...

Lina

(levantando a cabeça, furiosa) É?... E que tem isso?

Tonico

É isso mesmo. Vai ter um filho.

53

Lina

E eu não? De quem é a culpa? Minha ou sua? Nunca tive outro homem para saber.

Tonico

Cale a boca.

(Tonico vai iniciar a sua toailete despindo o paletó do pijama. Tira o paletó da cadeira, joga-o na cama. Desce a bacia, enchendo-a com água do jarro, e lava as mãos, as axilas, com grande alarido. Termina o trabalho com duas ou três bochechadas de água do jarro. Procura uma toalha que não encontra e acaba se enxugando com o paletó

do pijama. Penteia rapidamente os cabelos, veste a camisa e o paletó, pega o relógio e está pronto para a luta quotidiana. É homem judiado, de aspecto doentio, entre 35 e 40 anos. Coursou até o 4º ano de ginásio. Seu nome é Antonio Loferato Tónico. O diálogo continua enquanto Tónico faz a sua toailete e se veste)

Lina

E por que você se queixa de não ter filho? É melhor assim.

Tónico

54 Eu queria... Um macho... Para ficar com esta fazenda... Depois de mim.

Lina

Mas a fazenda não é sua, Tónico.

Tónico

Ainda não. No papel ela não é minha. Mas de justiça é. Meu pai tomou conta dela durante 30 anos. Eu nasci aqui. Trabalho aqui. Vou morrer nesta terra. Ela é minha de coração... E vai ser minha no duro, com tabelião e tudo...

Lina

E a patroa, Tónico? A viúva?

Tonico

Que patroa nada. Há dez anos que não vem para cá. Nem para ver a fazenda. Não ligam, nem ela nem o filho.

Lina

Me deixa, vai acordar a Bastiana que é melhor.

Tonico

Olha, Lina; se eu quisesse já podia ser fazendeiro. Dinheiro eu tenho.

Lina

Então que está esperando?

55

Tonico

Esperando, não. Juntando. Juntando. Com mais dois anos tenho dinheiro para comprar isso aqui. E bater na ficha.

Lina

Juntando. Juntando. Roubando, isso sim.

Tonico

(com um berro) Cale a boca.

Lina

Então não me amole. Vá s'embora. Me deixa dormir.

Tonico

(Pensando alto) Roubando mesmo. Mas roubando do que é meu. Quem não trabalha não ganha. Isso é que é direito. A terra só devolve, quem não dá, não recebe.

Lina

É, mas dinheiro roubado não dá sorte.

Tonico

O meu não é roubado. Roubado é o deles, que sempre viveram à custa do trabalho dos outros. Meu pai morreu pobre, sem um tostão. Tive que largar os estudos e vir pegar no pesado para poder comer. Enquanto isso, eles gastavam na Europa. Eu não hei de morrer pobre, que não sou besta. Se der para todos, eles também ganham. Se não der... Paciência. Roubado é o deles...

Lina

É o seu, Tonico. Não adianta... E você já está caindo na boca do mundo!

Tonico

Que boca do mundo, nada! Ninguém sabe de nada. É só palpite. Prova ninguém tem.

Lina

Muita gente sabe.

Tonico

Quem?

Lina

O Lourenço disse que você é o administrador mais ladrão que ele viu. Que rouba no custeio e na safra.

Tonico

Como é que você tem dessas conversas com aquele tipo?

Lina

Eu não. Foi a Bastiana, ela me contou.

Tonico

Que mais disse ele?

Lina

Sei lá. Que você já deve estar rico de tanto roubar a viúva. Que roubar viúva não é vantagem.

Tonico

Cachorro! Mas eu pego ele!

Lina

Pega nada. Homem sem razão não briga.

Tonico

Para a rua ele vai. E hoje mesmo. Cachorro. Começa a falar, a falar. Até chegar aos ouvidos da

patroa. Não. Vai para a rua. Antes que seja tarde. Vagabundo... *(Tem um mal-estar que o obriga a sentar-se na cadeira. Pausa)* Pois é, eu me mato no serviço, de sol a sol, como um escravo. E quer que o dinheiro vá para eles. Tó... *(faz o gesto)* Só o que eles fazem é vender pedaço de terra. Quando meu pai era o administrador o Paiol velho era três vezes o que é hoje... A fazenda não dava e eles a gastar. A fazer grã-finagem... Quando a coisa apertava, lá se ia um pedaço para um vizinho. Mas agora vão vender é para mim.

Lina

Você vai comprar a fazenda com o dinheiro deles.

58

Tonico

Cale a boca. Eles que venham tomar conta, venham levantar de madrugada, todos os dias. O dinheiro é muito meu, ganho com o suor do meu rosto.

Lina

Não adianta, Tonico. Você sabe que não é seu. E o Lourenço também.

Tonico

(Levantando da cadeira e avançando ameaçador)
Peste. Eu te sento o braço.

Lina

(Aceitando o desafio, topando a parada) Senta.

Tonico

(Forçando a calma) Vai ver o café para mim.

Lina

Estou cansada. Acorda a Bastiana. (Vira-se de bruços e continua a dormir)

Tonico

Sua peste. Mulher só para comer. (Espera a resposta que não vem. Murmurando) O Lourenço me paga, canalha... (Pára, olha, pensa, toma a resolução e sai do quarto para ir acordar a Bastiana, que dorme no quarto depois da cozinha. Pancadas no quarto da Bastiana. Ouve-se um toque de sino ao longe, ao compasso da alvorada)

59

Voz de Tonico

Bastiana... Bastiana...

Voz de Bastiana

Huuuummm...

Voz de Tonico

Levanta, Bastiana, que está na hora.

Voz de Bastiana

Pede pra dona Lina, estou doente, seu Tonico.

Voz de Tónico

Ela não pode. Vamos, Bastiana.

Voz de Bastiana

Eu também não posso... Estou muito pesada...
Estou doente.

Voz de Tónico

Deixe estar. Eu me arranjo. Sempre me arranjo sozinho. *(Movimento na cozinha de quem procura as coisas. Tónico aparece na sala com um pedaço de pão na mão. Pancadas na porta)*

Voz de Lourenço

60 Seu Tónico. Seu Tónico. *(Tónico abre a porta. Já é dia claro)*

Lourenço

(entrando) Com licença. Bom dia, seu Tónico. *(Lourenço é camarada da fazenda, de 25 a 30 anos)*

Tónico

(Enfzado) Ah! Lourenço. Preciso ter uma conversa com você. *(Dá uns passos e senta-se calmamente na cadeira de balanço)*

Lourenço

Que é que há, seu Tónico?

Tonico

Não tenha pressa. Temos muito que falar. E você precisa aproveitar este seu último dia. (*Lourenço vai dizer qualquer coisa, quando Tonico continua com mais força*) A começar por aqui, que é que você vem amolar a gente a esta hora da manhã?

Lourenço

Tenho um recado pro senhor.

Tonico

E não podia esperar, na casa das máquinas?

Lourenço

É um recado importante... Desde ontem à noite... Estive na cidade...

61

Tonico

(*Gritando*) Então fala, homem! Que recado é esse?

Lourenço

A patroa vem aí com o filho.

Tonico

(*Com um ligeiro sobressalto*) Hein? Que foi?

Lourenço

Eu estava no armazém. Fui buscar o arame farpado. Dona Mariana telefonou de São Paulo. Vem com o doutor João Carlos.

Tonico

Quando?

Lourenço

Devem chegar hoje, pelo noturno.

Tonico

Onde é que vou botar essa gente? A sede está toda escangalhada. Também, faz dez anos que não vêm aqui e chegam assim, de repente? Por que você não avisou antes?

Lourenço

Quando cheguei da cidade já era noitinha. O senhor estava dormindo. Não adiantava nada.

62

Tonico

Eu é que sei se adiantava ou não... Temos que dar um jeito. Têm que ir para a sede mesmo. Que me importa! Vá com o seu pessoal dar um jeito naquilo.

Lourenço

(Sem se mover) Sim senhor.

Tonico

(Gritando) Já! Que está esperando?

Lourenço

Mas o senhor disse que tinha umas conversas comigo.

Tonico

Ah! É mesmo. (*Senta-se, procurando ganhar tempo enquanto pensa*) Também, não havia pressa... É... É verdade... Você tem razão... Bem... Você quer mesmo saber? Já ia me esquecendo. (*Muda de tom, achando a saída*) Pois é, Lourenço, você sempre gostou da lavoura, não é? Depois, tem o seu pessoal...

Lourenço

É, sim senhor.

Tonico

Pois eu estive pensando na sua situação aqui no Paiol velho. Podia dar um jeito de melhorar a sua vida. Você não estava querendo ser meeiro?

63

Lourenço

Querer eu queria, mas é que...

Tonico

Mas é o quê?

Lourenço

Aqui não tem lugar... Depois...

Tonico

Depois o que, Lourenço?

Lourenço

Depende... Não é?

Tonico

Depende do quê? Vamos, desembuche, homem...

Lourenço

Depende... Da terra, da lavoura... E das condições... Não é, seu Tonico?

Tonico

Se eu quero melhorar a sua situação não darei um abacaxi a você.

Lourenço

É verdade.

Tonico

Que tal a gleba do Riachão?

Lourenço

Muito boa. Bom café. Mas lá está o Manoel Vieira.

Tonico

Pois ele está de mudança. Já não dá mais nada. Está velho e o pessoal dele está debandando. Perdoei a dívida dele na fazenda e vai largar tudo. Amanhã mesmo já não está mais aí.

Lourenço

Quer dizer que o senhor me quer dar a meia do Riachão?

Tonico

Com você faço melhor negócio que com o Vieira. Dou a meia no café e pode ficar com a roça por sua conta. São 8 mil pés de café muito bons e quatro alqueires para você plantar o que quiser. Negócio de pai para filho, não é?

Lourenço

É verdade. De pai para filho, seu Tonico.

Tonico

Nós vamos lá. Se for preciso uma reforma na casa, você pode fazer por conta da fazenda.

Lourenço

É negócio fechado, seu Tonico?

65

Tonico

Fechado. Pode preparar a mudança. Tudo o que o Vieira deixar lá é seu. Mas quero trabalho bem feito, para uma boa colheita.

Lourenço

Deixa isso comigo, seu Tonico. Foi por isso que o senhor disse que era o meu último dia?

Tonico

(Embaraçado) É... Foi... Pois então... Você não vai se mudar para lá?

Lourenço

É isso mesmo.

Tonico

Agora vai. Vê se arruma na sede dois quartos só pra dormir. Dá uma limpeza no banheiro. Depois vou ver o serviço.

Lourenço

E a cozinha?

Tonico

Deve estar toda arreventada. Eles vêm comer aqui em casa. Não tem outro jeito. Vá já, corre.

66

Lourenço

Sim senhor. (*Chega até a porta, para, pensa e resolve*) Muito obrigado, seu Tonico.

Tonico

Não precisa agradecer. Sei que você não gosta de mim. Que fala mal de mim, mas não faz mal. Faça isso pela Bastiana. Vai ter um filho; você vai se casar com ela, não?

Lourenço

É. Agora eu posso casar, sim senhor. Antes não podia. Nem lugar na casa tinha para ela. Agora sim, ela também vai para o Riachão.

Tonico

E você não vai mais falar de mim?

Lourenço

Deixa disso, seu Tonico. Deus me livre. O senhor é meu padrinho. *(Tonico dirige-se ao quarto. Lina mergulhada nos travesseiros)*

Tonico

Lina, dona Mariana vem aí com o filho.

Lina

(Levantando o busto) Hein?

Tonico

É isso mesmo. A dona está chegando pelo noturno. *(Lina senta-se na beira da cama. Está de combinação ordinária, de morim. Descabelada)*

67

Lina

E agora?

Tonico

Mandei o Lourenço arrumar um pouco a sede.

Lina

Xi! Mas aquilo não tem jeito.

Tonico

Tem sim. Vá lá ajudar o serviço. Eles que venham comer aqui.

Lina

Será que vem passar muito tempo?

Tonico

Sei lá. A velha não agüenta, nem o filho. Ficam uns dias e vão embora.

Lina

Vai ver que o moço vem tomar conta.

Tonico

Se vier, melhor. Você não tem nada com isso. Eu, do Paiol velho, não saio. Vamos ver o que vai acontecer.

68

Lina

E Lourenço?

Tonico

Que é que tem?

Lina

Nada...

Tonico

Nada mesmo. Ele é meu amigo.

Lina

Hum!... *(Lina já pôs o vestido e os sapatos. Bastiana surge na porta da cozinha para a sala. É uma mulatinha desgrenhada; está grávida, bem*

barriguda. Parece que com dores, se contorcendo toda)

Bastiana

Dona Lina, acuda, dona Lina. (Mal pode sustentar-se de pé, apóia-se na soleira da porta. Lina sai correndo do quarto e vai à sala e, com esforço, carrega Bastiana para o quarto, depois da cozinha) Eu acho que está na hora. É melhor chamar gente.

Tonico

(Entra na sala) Vou chamar sua mãe, Bastiana, para ajudar você. *(Observa as duas, se afastando)* Mais um para carpir café.

Cortina

Cena II

Abre a cortina. Onze horas da manhã. A mesa está posta para o almoço. Quatro pessoas. Dona Mariana está sentada na cadeira de balanço. É uma senhora cinquentona, de aparência distinta, grã-fina. Lourenço está de pé.

Lourenço

Está tudo arranjado. Reservei o leito. O auto vem aí às duas e meia. O noturno passa às 4 horas. *(Entrega uns bilhetes e um dinheiro)*

Mariana

70

É, dá muito tempo. Isto é para você, Lourenço, e muito obrigada. *(Dá-lhe uma pelega de 50)*

Lourenço

(aceitando o dinheiro) Deus lhe abençoe, dona Mariana. Com licença.

Mariana

Espere um pouquinho. Queria ter uma conversa muito particular com você. Posso confiar em você, Lourenço?

Lourenço

Então, dona Mariana?

Mariana

Pois é, você sabe que seu pai foi muito amigo nosso.

Lourenço

Sim senhora.

Mariana

Sua mãe também. Morreu nos meus braços.

Lourenço

Eu me lembro, dona Mariana. Mas depois a senhora nunca mais veio para cá.

Mariana

É verdade. Com a morte do meu marido as coisas mudaram.

Lourenço

O doutor Carlos era muito bom. Todos gostavam dele.

71

Mariana

Pois é. Eu queria saber uma coisa, Lourenço. Você promete não passar essa conversa para adiante?

Lourenço

Então, dona Mariana, está prometido.

Mariana

Olhe aqui, não compreendo certos negócios que o Tônico tem feito nesta fazenda. Como é que o algodão da Bela Vista, nossa vizinha, deu 150

arrobas por alqueire e o nosso, que era igual, deu 80?

Lourenço

Eu não sei... Que era igual, era... Não sei. Acho que foi na apanha... Ficou atrasada... Perdeu muito.

Mariana

E como é que vendem por 28 cruzeiros, quando o da Bela Vista alcançou 35 por arroba, na mesma ocasião?

Lourenço

72 Home, dona Mariana, isso é cá com o seu Tónico. Parece que choveu... Que o nosso algodão estava muito sujo...

Mariana

E o café? Será que brocou tanto assim?

Lourenço

Como é que eu posso saber? Que brocou, brocou, a senhora sabe.

Mariana

Acho tudo muito esquisito. Todas as fazendas da vizinhança estão indo muito bem. Esta, não tem dado nem pro custeio.

Lourenço

Eu não sei. Agora que o doutor João Carlos vai tomar conta, ele vai ver... A senhora sabe... O seu Tónico anda muito doente. Uma vez ele teve um ataque aqui. Nós chamamos o seu doutor, era do coração. Sangue grosso, como se diz na roça.

Mariana

Eu sei que ele é hipertenso. Mas isso não tem nada com a broca do café.

Lourenço

É. Não tem nada, não senhora.

Mariana

O que é que você acha, Lourenço? Diga para mim, não tenha medo. Olhe que você pode vir a ser o administrador.

73

Lourenço

(Custando para responder, embaraçado) É... Eu acho... Eu não sei... É... Acho que a doença dele atrapalha um pouco.

Mariana

Está bem, Lourenço. Meu filho vai ficar aqui. As coisas têm que melhorar.

Lourenço

(saindo) Com licença. *(Entra Lina. Está bem arrumada, com o vestido novo que a patroa lhe deu.*

É uma mulher apetitosa, com sensualidade e insatisfação na fisionomia)

Mariana

Gostou do vestido? Fica-lhe muito bem. O Tônico vai gostar.

Lina

Tônico não liga para essas coisas, dona Mariana.

Mariana

Ele não liga a você?

Lina

Qual o que, dona Mariana. Liga nada. Eu, para ele, sou coisa. Pior que coisa. Ele só quer saber é de trabalhar.

74

Mariana

Não é assim. E você aparecendo bem vestidinha, bonitinha como você é, ele mudará de idéia.

Lina

Que o que, dona Mariana. Tônico não é homem de ligar para mulher. Gente de roça não tem tempo para isso.

Mariana

Quando as coisas melhorarem você virá passar uns dias em São Paulo comigo. Conhece São Paulo, Lina?

Lina

(*Negando com a cabeça*) Mesmo aqui na cidade, só fui umas três vezes. Faz dois anos que não vou ao cinema. Sei que nunca mais vou sair deste buraco.

Mariana

O Paiol velho não é buraco, Lina, e foi uma fazenda muito bonita.

Lina

Desculpe, dona Mariana, não disse por mal.

Mariana

Não tem importância. Compreendo. Meu marido não gostava disto aqui. E ele era o dono. Só pensava em viajar, divertir-se, gozar a vida. Morreu em boa hora.

75

Lina

Não diga isso. Morreu tão moço. Em boa hora por quê?

Mariana

Porque morreu no momento em que ficou pobre e Carlos nunca poderia ser um homem pobre. Nasceu rico e para ser rico.

Lina

E nós aqui nascemos na pobreza. Com tudo a gente se acostuma.

Mariana

A quem o diz! A que horas João Carlos saiu?

Lina

Com o toque do sino. Às cinco horas da manhã. Saíram os dois a cavalo. Foram primeiro ao Riachão.

Mariana

Queira Deus que João Carlos tome gosto pela vida de fazenda. Tenho medo. É a única coisa que lhe resta. Uma fazenda velha, crivada de dívidas. *(Ouve-se o ploque-ploque dos cavalos que se aproximam. Lina sai para a cozinha. Entram João Carlos e Tônico. O moço é bonitão, forte e elegante)*

76

João Carlos

Puxa! Esta vida de fazendeiro com quatro horas no lombo de um cavalo, todos os dias, não é para qualquer um!

Mariana

Você logo se acostuma. Sente-se, seu Tônico, o senhor também deve estar cansado.

Tônico

Não posso, dona Mariana, tenho que ir com o Lourenço na casa das máquinas.

Mariana

Deixe para depois do almoço. Ah, é verdade, o Lourenço me arrumou a passagem, leito e tudo.

João Carlos

Então você vai hoje mesmo?

Mariana

Às duas e meia o automóvel vem me buscar.

Tonico

Mas a senhora só ficou dois dias. Nem dá para matar as saudades. Também, naquele desconforto!

77

Mariana

Estava muito bom, e a Lina é ótima cozinheira. Mas tenho que ir mesmo. Preciso cuidar do financiamento lá em São Paulo.

Tonico

A senhora prorrogou o penhor?

João Carlos

E arranjou dinheiro para o custeio deste ano.

Tonico

Sim senhor! Muito boa!

Mariana

E agora você trabalhe, meu filho. Aproveite porque é a única oportunidade que o banco nos está concedendo. Seu Tônico está aqui para ajudar você, para ensinar você. Não é mesmo?

Tônico

Sim senhora. O doutor João Carlos, se não se incomodar, pode vir morar aqui, naquele quarto.

João Carlos

Não vai ser preciso. Estou muito bem lá em cima...

Tônico

A Bastiana vai para o Riachão. Mando arrumar o quarto dela pra mim. O senhor fica aqui...

João Carlos

É muito trabalho...

Tônico

... É casa de pobre, mas está melhor que a sede.

Mariana

Acho a idéia muito boa. Pelo menos aqui você se levanta cedo.

Tônico

Com o toque do sino.

Mariana

... E fica junto do seu Tônico... Conversando... Aprendendo. Depois da safra, reformaremos a sede e aí eu venho também.

João Carlos

Bem, então aceito. Mas por pouco tempo. Podemos começar a reforma da sede já, aos poucos. E logo me mudo para lá.

Mariana

Então está combinado. Muito obrigada, seu Tônico.

Tônico

Não por isso. Até já. *(Sai com Lourenço)*

79

(Ficam Mariana e João Carlos em cena. Este espreita pela porta até sentir-se a sós com sua mãe)

João Carlos

É incrível, mamãe! Este homem deve ter nos roubado a grande. Não faz outra coisa!

Mariana

Não se antecipe, meu filho.

João Carlos

Ora, mamãe. O que foi feito do dinheiro que o banco anda nos emprestando? Você precisava ver o estado em que se encontra esta fazenda.

Mariana

O que importa é daqui para frente. Tome conta do que é seu, meu filho.

João Carlos

É caso de polícia. Dos legítimos.

Mariana

Aqui tem faltado o olho do dono.

João Carlos

Assim que me enfronhar do negócio, toco com ele daqui para fora. Corro com ele, com mulher, papagaio e tudo.

80

Mariana

Meu filho, seja como for, a fazenda agora é sua. É a única coisa que lhe resta. Uma fazenda velha e endividada. Mas a terra é boa, isso é o essencial. Está nas suas mãos reerguer o que é seu.

João Carlos

Quando percorri a fazenda a cavalo esta manhã, pela primeira vez, senti que minha vida tinha um objetivo. Senti um certo orgulho, o orgulho de ser dono da terra.

Mariana

Terra, meu filho, é sempre terra. Eles passam por cima, mas não levam. Era seu avô que dizia

sempre isso. Terra, por mais caro que se venda, é sempre um mau negócio. Por mais caro que se compre, é sempre um bom negócio. Bem. Vou ver o Tônico na casa das máquinas.

João Carlos

E o almoço? Estou morrendo de fome.

Mariana

Mais meia hora. Tenha paciência. *(E sai. Entra Lina, da cozinha)*

João Carlos

Vestido novo?

Lina

Foi presente de dona Mariana.

João Carlos

Devia ter trazido uma porção deles. Assenta muito bem em você. *(Lina vai ao guarda-louça, tira uma garrafa e um cálice e vai servir o moço)* Ótimo. Para aumentar mais a fome. *(Lina serve a bebida. João Carlos bebe de um só trago)* Obrigado. *(entrega o cálice)* Você ficou muito mais bonita. *(Lina se afasta. Põe o cálice e a garrafa na mesa e vai brincar com o papagaio, dando-lhe de comer)* Parece que você gosta desse papagaio! *(Lina vira-se para ele e olha depois para o pintassilgo)* E do pintassilgo também? *(aproxima-se dela)* É só de

quem você gosta? Não seria capaz de gostar de mais ninguém? *(Lina faz que sim, que não, indecisa, com um olhar vivo, fitando o moço que a agarra de repente e a beija. Lina se desembaraça, depois de um beijo mais ou menos curto, dá dois passos, desnorteada)*

Lina

Por que... Você... Fez isso?

Pano

Segundo ato

Cena I

Onze horas da manhã. Cerca de três meses após. No quarto já não está mais a cama de casal, que foi substituída por uma cama nova de solteiro. É agora o quarto de João Carlos. Lina e Tonico em cena. Este acaba de almoçar e, sentado na cadeira de balanço, prepara o seu cigarrinho de palha. Nota-se em Lina mais cuidado na toailete, apresentando-se, entretanto, menos arrumada que no final do 1º ato. As aves não estão em cena. Estão fora, no terraço. Entra Bastiana, da cozinha.

83

Bastiana

(a *Lina*) A senhora quer que arrume a mesa pro sr. Doutor?

Lina

É melhor. Pode ser que ele ainda venha cá.

Tonico

(*com escárnio*) Vem nada. Ficou na cidade. Jogou até de madrugada e vai ver que ainda está dormindo. Eu sabia que ele não agüentava.

Lina

(a *Bastiana*) Guarde qualquer coisa para ele.

Tonico

É, vida de fazenda não é para qualquer um.

Lina

(a *Bastiana*) Se até o meio-dia ele não chegar, você pode tirar a mesa e arrumar a cozinha.

Bastiana

Sim, senhora. (*Volta para a cozinha*)

Tonico

Não dou um mês, ele está dando o fora nisto tudo.

Lina

Não vê que ele há de deixar isto para você?

84

Tonico

Você vai ver... Você vai ver.

Lina

Ver o quê?

Tonico

Sabe quanto ele já perdeu na casa do Fortunato?

Lina

O que é que eu tenho com isso?

Tonico

Quarenta contos. É dinheiro que não é dele. Dinheiro do custeio. Está se enterrando cada vez mais. Sabe quanto ele já está devendo no banco?

(Lina não responde. Tônico acende o cigarro, levantando-se, pega o chapéu e olhando para fora)
Olhe só. Vem chegando. Todo dia é isso. Acorda às 11 horas, mal almoça, vai para a cidade e cai na jogatina. Agora nem dorme mais na fazenda. Desse jeito... Nem 15 dias... Ele larga isso aqui e volta para São Paulo.

(Há uma pequena pausa, quando João Carlos entra. Já não é o mesmo rapaz. Está envelhecido, o cabelo despenteado, a barba por fazer, pálido, com ares de neurastenia)

Tônico

Boas tardes, doutor.

85

João Carlos

Bom dia.

Lina

Quer almoçar?

João Carlos

Tenho que ir logo para a cidade buscar o dinheiro no banco. *(a Tônico)* Você tem a conta do Ferraz?

Tônico

Vou buscar. Está no meu quarto. *(Tônico sai pela cozinha. João Carlos senta-se pesadamente na cadeira de balanço. Bastiana entra)*

Lina

(a Bastiana) Prepare o almoço do doutor.

João Carlos

Não precisa, Lina, não estou com fome.

Lina

Qualquer coisinha, está tudo pronto. Não custa nada.

João Carlos

Não. Não. Estou com pressa. Preciso ir ao banco receber o dinheiro e fazer os pagamentos.

Lina

Dá tempo.

86

João Carlos

Não, obrigado. Bastiana, me traz um cafezinho.
(Bastiana sai. Entra Tónico com uns papéis na mão)

Tónico

Aqui está. Eu marquei os lançamentos errados. O senhor precisa falar com o Ferraz.

João Carlos

Quanto é o saldo?

Tónico

Com os descontos não chega a 40 contos. E tem ainda o pessoal da fazenda, uns 30.

João Carlos

Está bem. Eu vou sacar 80. *(Durante este curto diálogo, Lina saiu para a cozinha)*

Tonico

Oitenta dá de sobra. Está bem. Vou dar um pulo no Riachão.

João Carlos

Está certo. O Lourenço vai bem lá?

Tonico

Parece. Então até...

João Carlos

Até logo. *(Tonico sai. Lina entra da cozinha trazendo um cafezinho. Enquanto o moço toma o café Lina fecha a porta de entrada e corre as cortinas da janela. Note-se que essas cortinas só aparecem no 2º ato. Feito isso, ela vai de encontro a João Carlos, querendo abraçá-lo)* Você está louca, mulher? *(Lina vai ao seu encontro e procura enlaçá-lo pelo pescoço)* Não, Lina. Você está completamente maluca! De repente o Tonico chega aí... E... Como é?

Lina

Tonico foi pro Riachão. *(e enlaça o moço)*

João Carlos

(depois de beijá-la) Mas pode vir alguém. Você sabe como essa gente é. Vive atrás de novidades, vive sempre espiando.

Lina

Já tem cortinas nas janelas e já fechei a porta.

João Carlos

Não. Não. Não quero saber de encrencas. O Lourenço já sabe. O Tônico já está desconfiado.

Lina

O Lourenço sabe nada.

88

João Carlos

Sabe sim. Eu vejo pelo jeito dele.

Lina

Não dê confiança para aquele cara metido a sem-vergonha.

João Carlos

Sem-vergonha... Mas tem boca para falar

Lina

Tônico não liga. Não interessa. Que é que você tem? Está triste?

João Carlos

Eu sou um fracassado.

Lina

Você é o quê? (e o enlaça pelo pescoço)

João Carlos

(Berrando) Sai daí, Lina. (Lina, humildemente, sem dizer palavra, se afasta. João Carlos, levantando-se, andando nervosamente) Nós temos que acabar com isso. Onde é que vamos parar? Não é possível continuar assim! Tem que dar em droga. E... Depois?

Lina

Eu não me importo que aconteça nada.

João Carlos

É, você não tem medo de nada. E eu, que cara vou fazer se pegarem em flagrante?

89

Lina

Pegarem o quê?

João Carlos

Ah... (pausa, senta-se na cadeira de balanço) Vou voltar para São Paulo, fracassei.

Lina

Não largue o Paiol que você perde ele.

João Carlos

Que me importa. Não dou mesmo para isso.

Lina

E você fica sem nada?

João Carlos

Do que adianta isso aqui? Não dá nada. Há três meses que estou aqui nesta vida. Mofando. *(Lina senta-se, desapontada. João Carlos levanta-se e vai agradá-la)* Ainda bem que tenho você, meu bem. Mas isto assim não pode continuar, não tem solução. Estamos abusando cada vez mais, e depois você é completamente louca! *(dá-lhe um beijo na nuca)*

Lina

90 Mas não tem perigo.

João Carlos

Não tem é solução, isso sim.

Lina

Eu não me importo.

João Carlos

Eu sei que você não se importa. Você é louca. Está por conta. Mas... E eu, Lina? Você pensa que isso é vida?

Lina

Para mim é. *(Pausa. João Carlos senta-se na cadeira de balanço)*

João Carlos

Podia vender a fazenda. Mas, para quem? Não vale nada. Pelo menos lá em São Paulo eu me arranjava.

Lina

Você casa com moça rica.

João Carlos

E que tem isso?

Lina

Nada...

João Carlos

Você é uma mulher engraçada... Não prometi nada a você. Avisei antes. Não prometi nada... Convém que você se lembre sempre disso.

91

Lina

Eu sempre me lembro disso.

João Carlos

Está certo. Ainda bem. *(Pausa – Lina levanta-se e quer sentar-se no colo dele. João Carlos repele-a)*

Lina

Posso te dizer uma coisa?

João Carlos

Não. Não diga... Já sei de tudo o que você vai me dizer...

Lina

Não sabe...

João Carlos

Sei. É para me levantar cedo. Ir correr a lavoura, deixar de ir à cidade todos os dias. Não jogar mais. Já sei de tudo isso... O jogo é uma desgraça. Foi o que mamãe me escreveu. Quem é que já foi contar a ela?

Lina

Não sei...

João Carlos

92

Pois é, ontem recebi uma carta dela. Já sabe de tudo. Que eu não trabalho, que passo o dia e a noite jogando na cidade. Será o Tônico quem contou?

Lina

Tônico não é homem de contar...

João Carlos

Então foi você...

Lina

Eu não...

João Carlos

Só se foi o gerente do banco. É... Foi ele. Bem vi o gesto dele quando me pegou jogando na casa

do Fortunato. Não disse nada, mas vi que não gostou... Foi ele quem avisou lá em casa.

Lina

Fez bem, muito bem...

João Carlos

Bem coisa nenhuma. Ele não tem nada que se meter na minha vida. Nada devo a ele. Devo ao banco. E se não puder pagar, ele que penhore a fazenda. Isto tudo que se arrebente! Assim será melhor. Então caio fora e sumo deste buraco...

Lina

O Paiol velho não é um buraco, João Carlos. E foi uma fazenda muito bonita.

93

João Carlos

Você tem razão, Lina. Eu é que não presto. Se quisesse trabalhar, se tivesse coragem, isto seria uma grande propriedade...

Lina

Terra é sempre terra...

João Carlos

É verdade. *(Agarra Lina. Beijos)* E depois, tem você. *(Empurra-a violentamente)* Mas não pode ser. Se eu tiver que continuar aqui, temos que acabar com isso. Vou me mudar para a sede.

Lina

Está em pedaços.

João Carlos

Não faz mal! Aqui é que não fico. O diabo é que você vai lá atrás de mim. (*Lina faz que sim com a cabeça*) Não tem remédio mesmo. (*E agarra-a de novo*)

Lina

João Carlos, posso te dizer uma coisa?

João Carlos

Diga, Lina, diga.

Lina

Você sabe de uma coisa? A culpa de eu não ter filho foi do Tônico. Não é minha, não...

João Carlos

O que é que você quer dizer com isso?

Lina

É que eu estou casada com ele há dez anos e nunca tive filhos. Nem sinal.

João Carlos

E daí?

Lina

E agora, estou esperando um...

João Carlos

Você está louca! Era só o que faltava. (*Arrepen-
de-se da violência, levanta-se e a faz sentar-se
na cadeira. Com carinho*) Desculpe, Lina, mas
não pode ser!...

Lina

Por quê?

João Carlos

(*Depois de um momento de reflexão*) Bem...

Lina

Então, você não se importa?

João Carlos

É... Pode não ser meu...

95

Lina

De quem, então?

João Carlos

Ora... Do Tônico. Por que não? Isso acontece,
pode acontecer...

Lina

Não é do Tônico.

João Carlos

É o que não sabemos.

Lina

Eu sei...

João Carlos

Sabe o quê?

Lina

Não é do Tônico. Faz quatro meses que não tenho nada com ele.

João Carlos

(Desesperado) E então, mulher?...

Lina

Então o quê?

96

João Carlos

Mas você não está vendo a encrenca que vai sair? Precisamos dar um jeito nisso! É incrível! Veja onde fui me meter...

Lina

Não se incomode... Eu agüento tudo...

João Carlos

Como que agüenta? E eu? Você não pensa na minha situação?

Lina

Se você quiser, fujo. Ninguém vai saber de nada...

João Carlos

Você é uma mulher engraçada. É incrível!

Lina

Por que engraçada?

João Carlos

Puxa vida...

Lina

O quê?

João Carlos

Nunca vi uma coisa assim... Bem... Vamos deixar de romance. Precisamos pensar... Pensar...

97

Lina

Pensar em quê?

João Carlos

Então você vai embora? Foge daqui? Para onde? Como é que você vai viver?

Lina

Isso é da minha conta...

João Carlos

Pois se é da sua conta, arranje-se. Eu é que não vou ficar aqui tentando convencer uma teimosa... Uma louca como você! Eu é que vou sumir daqui... E é já... *(Sai, furioso, batendo a porta)*

(Lina sentou-se. Está triste e desapontada. Entra Bastiana, pela cozinha com um bebê no colo, é seu filho. Assim que Lina a vê, levanta-se para pegar a criança com grande enlevo, enquanto Bastiana junta duas cadeiras, forrando-as, como se fosse um berço. Lina põe a criança nesse berço improvisado e fica entretida, brincando com ele. Bastiana tira a mesa)

Bastiana

Então, o seu doutor não quis almoçar?

Lina

98

(Muito calma) É... Foi embora. Foi pra cidade. *(Pausa)* Você vai bem com o Lourenço, Bastiana?

Bastiana

Se vou bem? Não sei, dona Lina. A gente quando casa não é pra ir bem ou mal... É pra ir, dona Lina.

Lina

Ué! Pensei que você ficasse contente em ter casado com o Lourenço. Você não gosta dele?

Bastiana

Gostar? A gente se acostuma, dona Lina. Gente de roça quando casa é pra fazer comida pro marido, lavá roupa do marido, apanhá do marido...

Lina

Mas... Você teve uma criança...

Bastiana

Que o que, dona Lina. Filho só pra dá trabaio...

Lina

Eu estou esperando um...

Bastiana

Não diga, dona Lina! Que bom! Seu Tônico vai ficar contente. Ele queria tanto...

Lina

Ele não sabe...

99

Bastiana

Ah! Então precisa saber...

Lina

Não posso, Bastiana... (*hesitando*) Ele... Há muito tempo que ele não tem nada comigo... Mais nada...

Bastiana

(*Muito assustada*) Hii... Dona Lina... Quer dizer que... Chi... Como é que vai ser?

Lina

Não sei. Ainda não sei como fazer.

Bastiana

Pois é, dona Lina, eu bem dizia. Essa história com esse moço não dava certo. Eu bem que avisei a senhora. A senhora não quis ouvir...

Lina

Não podia ouvir, Bastiana, não podia...

Bastiana

Aí está no que deu. E agora?... É arranjar um jeito. . Olhe, dona Lina... Eu não gosto de entrar na vida dos outros, mas se eu fosse a senhora... Não sei... Eu achava bom a senhora dar um jeito com o seu Tônico... *(Lina vira-se para Bastiana, querendo compreender)* É isso mesmo. É só para fazer confusão. Ficava resolvido...

100

Lina

Isso nunca! Você sabe, Bastiana, tenho nojo do Tônico!

Bastiana

Assim vai mal. A senhora precisava pensar um pouco no que pode acontecer... Só se... Só se a senhora quiser, aí mesmo na colônia tem a viúva do Serafim, que pode...

Lina

Não, Bastiana. O que está feito, está feito.

Bastiana

Mas, dona Lina, a senhora não está pensando o que vai acontecer quando o seu Tônico souber?

Lina

Ah! Saio daqui... Vou pro inferno... Não me importo...

Bastiana

Isso não pode ser. Olhe! Então vai falar com a minha madrinha. A senhora vai pro sítio dela. Pode ficar lá o tempo que quiser. Lá tem tudo. Ninguém precisa saber de nada...

Lina

Não se incomode, Bastiana. Tudo se arranja... Depois... O que aconteceu... Não tem muita importância. *(Voltando-se para a criança)* Olhe como está quietinho. Está ouvindo tudo e nem se importa. Não é com ele...

Bastiana

Ele é muito sossegado. De vez em quando, de noite, eu me acordo. Ele está junto de mim, de olhinhos arregalados, sem chorar, sem se mexer, quietinho, quietinho!

Lina

É muito bonzinho...

Bastiana

Não é bondade não, dona Lina, é tristeza. Filho de colono já nasce triste...

Cortina

Cena II

Cena às escuras. Duas horas da madrugada do mesmo dia. O papagaio e o pintassilgo estão em cena, nas respectivas gaiolas. Chove torrencialmente. Trovões e relâmpagos, cujo clarão se vê pelas janelas. Barulho de automóvel que se aproxima. Bater de portas de carro. Entra João Carlos, vindo da cidade, todo enlameado. Está acabrunhadíssimo. Acende o lampião. A chuva e o trovejamento continuam. João Carlos vai ao guarda-louça, tira a cachaça e um cálice e senta-se na mesa. Bebe novamente. Sente alguém que se aproxima. É Lina, vestida em camisolão branco ordinário, com uma vela na mão. O diálogo entre os dois é feito em voz baixa, a princípio em tom de sussurro, depois um pouco mais alto, mas sempre em meio-tom.

103

João Carlos

Você está louca, mulher? Volte, volte imediatamente. *(Lina não se impressiona. Põe a vela em uma caixa de fósforos em cima da mesa. Fica em pé, atrás de João Carlos e começa a alisar-lhe os cabelos, silenciosamente)* Vá-se embora, Lina. Pelo amor de Deus, vá-se embora.

Lina

Como foi?

João Carlos

Mal. Mal. Pessimamente. Desgraçadamente...

Lina

(*Continuando a agradá-lo*) Não tem importância...

João Carlos

Agora não tem mais jeito, Lina. Estou liquidado. Volte para seu quarto.

Lina

O que é que não tem mais jeito?

João Carlos

104 Tudo, Lina... Tudo...

Lina

Pra tudo tem jeito...

João Carlos

Fui à cidade receber a prestação do custeio. Recebi 80 contos. Tinha que pagar o pessoal e uma porção de contas (*enche outro cálice, vai beber, Lina impede*) eu fui no Ferraz, pagar a conta da fazenda. Ele não estava. A conta não estava certa, só o Ferraz podia acertar. Só ali era mais de 40 contos. Antes tivesse pago... Não paguei... Fiquei de voltar. Não voltei. Encontrei o Fortunato... Perdi tudo, Lina, e ainda fiquei devendo 10 contos ao Fortunato.

Lina

Não pague a ele.

João Carlos

Sim, não pago. E o dinheiro do custeio, 80 contos? O que é que eu vou fazer?

Lina

Fica devendo...

João Carlos

Não pode ser, Lina. A conta já está atrasada. Da outra vez foram 40 no jogo. São 120 contos, fora as quantias menores. Agora foi tudo por água abaixo. Vou ter que vender a fazenda.

105

Lina

Não precisa, João Carlos.

João Carlos

Precisa, sim... *(bebe a cachaça)* É o único jeito. Amanhã todo mundo vai saber que perdi o dinheiro, que não paguei ninguém. O gerente vai saber. Mamãe vai saber. Todo o mundo. É melhor que saiba mesmo e estouro tudo de uma vez. Não agüento mais isso aqui.

Lina

Quem sabe se você falando com o gerente...

João Carlos

Não adianta. Ele não vai com a minha cara. Oh! Lina, meu bem... Vá se deitar. Não complique mais as coisas. De repente vem o Tônico aí...

Lina

Ele dorme que nem pedra.

João Carlos

Trabalha como um doido. Antes eu fosse como ele...

Lina

Que o quê...

João Carlos

Deixa, Lina. Vá se deitar. Amanhã vou à cidade. Vou vender esta joça. Entrego tudo pela dívida. Se me sobrarem uns cobres, melhor. Vou a São Paulo e começo vida nova.

Lina

Mas Tônico disse que a fazenda vale um dinheiro...

João Carlos

Vale, mas ninguém paga. Ninguém tem dinheiro. E eu quero me ver livre disto.

Lina

Então vá se deitar...

João Carlos

Já vou, Lina. Estou nervoso. Sem sono. Vá você, Lina. Não seja imprudente. *(Bebe outro cálice, já está meio bêbado. Lina beija-o. João Carlos pega-a com violência e a põe em seu colo e se beijam demoradamente)* Agora chega. Vá se deitar. Vá depressa, meu bem. Amanhã verei o que vou fazer. *(Bebe mais outro cálice. Beija-a de novo)* Boa noite.

Lina

Boa noite... *(Pega a garrafa, põe no guarda-louça e fecha-o a chave. Depois vai mais uma vez abraçar o moço, quando aparece o clarão de uma vela pela porta da cozinha. Separa-se com a maior calma e espera a entrada de Tónico. Tónico entra com uma vela acesa na mão e um revólver na outra. Está com um pijama listado e descalço. Continua a chuva e o trovejamento não cessa. Tónico parece um fantasma. João Carlos, ao percebê-lo fica estatelado na cadeira. Lina conserva-se ao lado, perto da parede, imóvel, porém inteiramente senhora de si. Tónico avança vagarosamente, encarando João Carlos, puxa uma cadeira e senta-se à mesa, onde põe o revólver)*

107

Lina

Anda, fala, Tónico...

Tonico

Vai para dentro. Preciso falar sozinho com o doutor.

Lina

Não tenho nada que fazer lá dentro.

Tonico

Está bem. Então fique, se quiser. *(Pausa. A João Carlos)* Como é doutor?

João Carlos

Como é o quê?

108

Tonico

Estou perguntando o que é que houve?

João Carlos

Nada. Não houve nada. Absolutamente nada, posso lhe garantir.

Tonico

Então recebeu o dinheiro no banco e pagou direitinho? Mas a conta do Ferraz não estava errada? *(João Carlos tem um alívio enorme. Anima-se a falar, mas um pouco desconfiado)* Recebi o dinheiro, seu Tonico. Recebi 80 contos. Reclamei a conta do Ferraz. O Ferraz não estava. Não paguei a conta...

Lina

Para que o revólver, Tônico? Você nunca andou armado.

Tônico

Cala a boca, mulher. Não se meta. *(a João Carlos)* Ouvei barulho, pensei que fosse ladrão. A estas horas... E então, dr. João Carlos?

João Carlos

(Cada vez mais animado) Não paguei a conta. O Ferraz não estava. *(pausa)* Perdi todo o dinheiro...

Tônico

Não pagou ninguém? *(João Carlos nega com a cabeça)* E... Agora? *(pausa)*

109

João Carlos

Amanhã vamos ver o que se pode fazer.

Tônico

Agora está muito mais difícil. O Ferraz não prorroga mais. E sem dinheiro aqui... Não é possível.

João Carlos

Eu sei, estou resolvido a torrar esta fazenda.

Tônico

O senhor é que sabe.

João Carlos

Será que você conhece algum interessado, capaz de liquidar o negócio rapidamente?

Tonico

A coisa está bem difícil. Ninguém tem dinheiro para bater na ficha. É só papo. Dinheiro mesmo que é bom...

João Carlos

Mas preciso vender de qualquer jeito. Algum preço ela tem que pegar.

Tonico

110 É. Valer ela vale. São quase 200 alqueires de terra.

João Carlos

E o café?

Tonico

A lavoura não conta, que está velha e maltratada. Mas a terra vale pela situação.

João Carlos

Quem sabe se o Severino não compra?

Tonico

Não tem dinheiro. Já quase não se agüenta com o que tem.

João Carlos

Da outra vez ele comprou...

Tonico

Mas não fez bom negócio. E as coisas pioraram para ele.

João Carlos

Tenho que dar um jeito. O diabo é o pessoal...

Tonico

O pessoal não vai querer esperar...

João Carlos

Mas tem que esperar. O que é que eles podem fazer?

111

Tonico

Isso é verdade.

João Carlos

Mas vou ficar completamente desmoralizado. Amanhã cedo todo o mundo vai saber... Nem sei o que fazer... E o pior é que tenho que enfrentar...

Tonico

Lina, vai ver um café novo para a gente. Vai. Acende o fogo, bote a água para ferver e fique por lá. (*Lina sai. Em tom confidencial*) Eu podia dar um jeito.

João Carlos

Como?

Tonico

Mas não vale a pena. Não é negócio para o senhor.

João Carlos

Como não é negócio? O que é que há, seu Tonico?

Tonico

Nem é bom falar. É melhor o senhor mesmo tratar disso, se precisar de minha ajuda para falar com alguém, estou às suas ordens.

112

João Carlos

Mas seu Tonico, o que é que o senhor queria me dizer? Vamos conversar. Quem sabe chegaremos a uma fórmula.

Tonico

Bem. Eu vou falar. O senhor diz sim ou não. Não precisa ficar ofendido. Foi o senhor mesmo que quis saber.

João Carlos

Diga.

Tonico

O meu compadre estava interessado no Paiol velho. Mas ele quer uma pechincha. Uma vez ele

me falou. Ele não tem todo o dinheiro. Eu tinha que arranjar algum e ficava sócio dele.

João Carlos

Quem é o seu compadre?

Tonico

É o Quinzinho Pereira. O senhor não conhece.

João Carlos

Bem. Não interessa. O que interessa saber é quanto ele dá pela fazenda e em que condições.

Tonico

Quanto o senhor deve no banco? Quatrocentos contos, não é? E mais uns 150 por fora?

113

João Carlos

Deve ser isso mesmo. Quinhentos contos.

Tonico

Então. O compadre queria dar 800 contos pela fazenda.

João Carlos

Mas isso é uma miséria...

Tonico

Que é, é... Mas o senhor não arranjaria melhor preço hoje em dia.

João Carlos

Mas só a terra vale dez contos por alqueire. Só de terra tenho uns 1.600 contos.

Tonico

Isso de terra valer é no papel. Na hora da compra a conversa é outra. É verdade que tem havido compras por aqui de 10 contos o alqueire. Mas é pouca coisa. É ponta para acerto de divisa; é passagem...

João Carlos

Você tem razão. Mas se minha mãe souber que eu torrei o Paiol velho por 800 contos, vai morrer de desgosto.

114

Tonico

Seu pai, doutor João Carlos, vendeu muito mais do que tem agora e por muito menos.

João Carlos

Mas esta é a última coisa que tenho. Minha mãe me doou a metade dela. Para que eu fizesse o meu patrimônio.

Tonico

É. O melhor é não vender mesmo. Quem sabe e o senhor arranja um acordo. Por que não vai se abrir com o gerente do banco?

João Carlos

Deus me livre. Ele já tinha me chamado a atenção para não jogar. Tem mania de se meter na vida dos outros.

Tonico

Não faz por mal...

João Carlos

É. Não fez por mal. Mas não admito que se metam na minha vida. Gasto e jogo o que é meu...

Tonico

Isso é verdade.

João Carlos

Então são 800 contos. Ele não chega mais? Não será melhor você fazer a contraproposta?

115

Tonico

Não adianta, doutor João Carlos.

João Carlos

Mas ele bate os 800 contos na ficha?

Tonico

Isso eu acho que não. Não é que não tenha dinheiro. Isto é, dinheiro disponível, é o que ele não tem, mas tem propriedades.

João Carlos

Então, não pode ser à vista?

Tonico

Bom, doutor João Carlos, não posso garantir nada. Nem sei se ele ainda tem vontade de comprar a fazenda. Isto foi uma conversa que tive com ele, logo que o senhor chegou. Depois, não falei mais nada. Nem dei confiança por causa do preço. Em todo caso, comprar à vista sei que ele não pode.

João Carlos

Então não adianta.

Tonico

116

Como não? Se houver acordo no preço, tudo pode se arranjar.

João Carlos

Não sendo à vista, não pode.

Tonico

O senhor me desculpe, mas pode, doutor João Carlos. Não precisa passar a escritura. O banco, no começo, não precisa saber. Faz-se um contrato particular. O compadre entra com 250 contos, o senhor paga o atrasado de 120 contos e ainda fica 130 contos. O resto, ele paga ao banco e aos outros. Tem prazo para isso, depois da safra ele vai se entender com o banco, então o banco passa a dívida para ele e pode passar a escritura.

João Carlos

Mas o seu compadre me dá 250 contos com um documento particular? Não é possível.

Tonico

Bem, eu não sei. Mas falando com o advogado...

João Carlos

Eu posso dar a ele uma procuração em causa própria. É isso! Procuração irrevogável. Ele me entra com os 250 contos e assume a dívida.

Tonico

Então? Para tudo o doutor Boaventura dá um jeito. Ele é o advogado do compadre.

117

João Carlos

Pois é, Tonico, vamos falar amanhã com o compadre. Amanhã mesmo. Se ele der mil contos eu vendo na hora.

Tonico

Mais de 800 ele não dá. Isso nem adianta falar.

João Carlos

Vou pensar. Oitocentos contos é muito pouco.

Tonico

Também acho um pouco baixo. Mas, como eu disse, nem sei se ele sustenta mais esse preço.

João Carlos

Fale com ele. E me arranje oferta firme por dois dias.

Tonico

Isso é lá em São Paulo. Caboclo não faz oferta firme. É pegar na hora ou largar.

João Carlos

Você fala com ele. Amanhã mesmo eu resolvo. *(Nesse momento entra Lina pela cozinha. João Carlos fica fitando-a, ela está parada na porta. De repente, toma uma resolução)* Olhe, Tonico, já está resolvido. É só bater os 250 contos e amanhã eu passo a procuração em causa própria e mais o que o doutor Boaventura achar necessário. Vamos liquidar esse negócio amanhã mesmo.

118

Tonico

Muito bem, doutor João Carlos. Vou tomar as providências. Negócio fechado?

João Carlos

(Olhando para Lina) Fechado.

Tonico

Está bem. Então, boa noite. Vou dormir que amanhã tenho muito que fazer. Vou correr as divisas do Paiol velho. Lina, você pode ficar para servir o chá para o doutor. Erva cidreira, que ele

está muito nervoso. (Tônico pega no revólver, na vela e sai calmamente para seu quarto, pela cozinha. João Carlos fica paralisado, admirado da displicência do fiscal em relação à mulher. Lina aproxima-se. O mau tempo passou. Silêncio. Ambos acompanham com o olhar a saída do fiscal)

Pano

Terceiro ato

Cena I

Três meses depois. Duas horas da tarde. Estão acabando de almoçar, sentados à mesa: Tônico, doutor Boaventura, o compadre Quinzinho Pereira e o tabelião. Com exceção de Tônico, todos estão em mangas de camisa. Comeram e beberam a fartar. Estão empanturrados e tocados pelo álcool. Lina está de pé, na soleira da porta, calada, pensativa, ausente de tudo. Bastiana entra e sai pela cozinha, servindo o almoço.

Boaventura

120 *(Brindando com ênfase)* À saúde do novo proprietário do Paiol velho...

Todos

Saúde! *(Esvaziam os copos)*

Tônico

(Depois de beber) Que saúde nada! Lá quero saber de saúde? Há seis meses que não como, há seis meses que não bebo. Hoje vou tirar o ventre da miséria...

Quinzinho

É isso mesmo. O que não mata, engorda. Se a gente tem que morrer, que morra de barriga cheia.

Tabelião

Só peru é que morre na véspera...

Tonico

Hoje é um grande dia! O negócio foi fácil. Foi você ler a escritura, o compadre assinou, eu assinei e pronto. Fiquei dono do Paiol velho.

Boaventura

Mas não se esqueça do meu trabalho. Com um bom advogado tudo se arranjou...

Tabelião

É isso mesmo, o doutor Boaventura foi quem arrumou a procuração e a escritura e tudo.

121

Tonico

(Que acabou de encher os copos) À saúde do doutor Boaventura! O melhor advogado da zona.

Todos

Saúde!

Boaventura

(Solene) Muito obrigado, meus amigos.

Tonico

Olhe que eu sou de sorte. Foi na horinha! Assim que o moço fechou o negócio o café começou a subir. Se o moço agüenta mais um mês, bau-bau... Tomava gosto pela coisa e nunca mais...

Tabelião

E o Quinzinho Pereira também foi muito direito, hein? Ele é que tinha a procuração. Com a alta do café qualquer outro aproveitaria a ocasião e ficava com o negócio...

Tonico

À saúde do compadre Quinzinho Pereira!

Todos

Saúde!

Quinzinho

122

Homem... Quando eu vi o café subir daquele jeito, vontade não me faltou. O que me faltou foi o dinheiro. *(Risada geral)*

Tonico

Bastiana, traz mais uma garrafa de bom vinho, hein pessoal? Vinho francês. Isto era deles também. Guardei essas garrafas, faz muitos anos, para beber no dia de hoje. E estou bebendo mais cedo do que eu pensava, ah... Ah... Ah...

Tabelião

(Levantando-se) Meus senhores, peço licença para levantar um brinde muito especial a um grande amigo meu...

Tonico

Se é especial, espere mais vinho, Bastiana, anda logo com essa garrafa.

Voz de Bastiana

Estou indo... (*entra com a garrafa e um saca-rolhas meio esfolado*) Não posso abrir isso aqui...

Quinzinho

Deixe comigo, é de minha especialidade. (*Pega a garrafa para abrir*)

Boaventura

Você é bebedor de cerveja, Quinzinho, só sabe abrir garrafas de tampinha.

Quinzinho

(*Tirando a rolha*) Pronto. Vamos aos copos. (*Todos estendem os copos e o vinho é servido*)

Tabelião

Então que vá o meu brinde especial. Ao meu particular amigo, excelentíssimo senhor doutor Boaventura, nosso futuro deputado estadual...

Todos

Viva!!! (*e bebem*) Fala o doutor Boaventura, tenha a palavra o nobre advogado... (*o doutor Boaventura se levanta, muito compenetrado, para fazer um discurso, dando a impressão que está orando às massas*)

Boaventura

Meus senhores, meus amigos. (*Rasgando um gesto largo*) Povo de minha terra, aqui estou com a minha candidatura apresentada a pedidos insistentes dos meus amigos.

Todos

Muito bem... Apoiado...

Boaventura

... Que fui obrigado a aceitar, com o escopo... Com a finalidade... Com objetivo de defender na tribuna, os legítimos interesses e direitos... Até agora conspurcados, vilipendiados, relegados...

124

Quinzinho

Muito bem!...

Boaventura

... Do trabalhador da terra, do operário da enxada...

Tonico

Ai, ai, ai... Agora que virei fazendeiro, não me venha bulir com essa gente.

Boaventura

Não tenha medo, isso é apenas uma plataforma preliminar...

Tabelião

É da política, e o doutor Boaventura precisa do voto dessa gente.

Quinzinho

Deixa disso, só com o voto dos amigos ele está eleito...

Boaventura

Você tem razão, Quinzinho Pereira. Tem e não tem... Escrevi a todos, enviando minhas cédulas. Se todos esses pensarem um minuto, um minuto, nada mais, eu serei eleito com grande margem de votos.

Quinzinho

Pode contar com o meu voto.

Tabelião

Com o meu também.

Tonico

Pois se você vai prejudicar os fazendeiros e melhorar a vida dos colonos... Eu não voto em você.

Boaventura

Não tem importância. Você aqui no Paiol velho é um só e os colonos são cem. Eles me elegerão. *(Começando de novo)* Povo de minha terra...

Quinzinho

Viva o doutor Boaventura...

Todos

Viva!... (*Batem palmas*)

Boaventura

(*Sentando-se, comovido*) Muito obrigado, muito obrigado...

Tonico

(*Enchendo de novo os copos*) Viva o Paiol velho!!!

Todos

Viva!...

Tonico

Lina, venha beber também. Venha festejar o acontecimento. (*Lina olha apenas, sem responder*) Larga essa porta, mulher. Faz três meses que você não sai dessa porta. Venha beber à saúde do Paiol velho. Você agora é a patroa...

Lina

Não interessa...

Tonico

(*Enche um copo, levanta-se meio embriagado e vai oferecê-lo a Lina*) Está aqui... Bebe, mulher...

Lina

Não me amole. Não bebo nada...

Tonico

Eta, jararaca... Mas eu vou acabar com essa braveza. *(Gritando)* Beba, mulher... *(Lina, distraída, pega no copo)* Isso, vamos, a saúde do novo dono do Paiol velho... Antonio Loferato! Você não gosta de ser mulher de dono de fazenda? Então? Agora eu sou o dono. *(E dá uma gargalhada. Lina se enfurece e atira o copo, com desprezo, ao chão. Tonico fica perplexo por um momento, depois de um instante atira-se a Lina)* Você me paga. *(E avança na garganta da mulher, bêbado e fora de si)*

127

Lina

(Desvencilhando-se com um tremendo empurrão, que faz Tonico se afastar, cambaleando) Sai daí, seu bêbado sem vergonha... *(e foge pela cozinha)*

Tonico

(Fazendo menção de ir atrás dela) Eu te pego, hoje é o dia...

Lina

(Voltando da cozinha, pára na porta, empunhando um tição de fogo) Venha. Chega até aqui... *(Tonico vai meio titubeando, de encontro a ela; os*

outros intervêm, segurando Tónico, que faz muita força. Tónico tem evidente medo da mulher. Esta parece uma onça acuada, está por tudo)

Quinzinho

Calma, seu Tónico. Calma, gente. Nada de briga. Estamos festejando. *(Tónico cede. Parece que tem um mal-estar súbito. Está ofegante. Ajudam-no a sentar-se na cadeira. Lina sai pelo fundo)*

Tónico

(Depois de mais ou menos refeito do mal-estar)
É uma vaca... Ainda está esperando por ele. Fica o dia inteirinho aí na porta, esperando por ele. Mas ele não vem. *(Gargalha)* Nunca mais ele aparece por aqui... *(nova gargalhada)*

128

(Ouve-se o ruído de um automóvel que se aproxima. Tónico interrompe subitamente a gargalhada. Há um momento de expectativa na sala. O ruído vai se tornando mais nítido, quando Lina vem da cozinha e se coloca na porta de entrada, com o rosto iluminado)

Tónico

Veja quem é...

Boaventura

(Depois de se dirigir para a porta) Três pessoas. É dona Mariana, o filho e mais um.

Tonico

Vamos ter coisa...

Quinzinho

Não há de ser nada...

Tonico

Alguém avisou. Como é o jeito do outro?

Boaventura

Não sei. Vem guiando.

Tonico

Já sei... Foi gente do banco. Gente metida. Na certa que foi o banco. Não tem importância. Vamos agüentar a mão, hein, pessoal?

129

Tabelião

Sim senhor, seu Tonico. Pode deixar. Agora o senhor tem a escritura. Eles não podem fazer mais nada.

Tonico

E não podem mesmo! *(Põe a mão na nuca, meio aturdido. Não está mais ofegante, porém extenuado. O automóvel se aproxima. Pára. Barulho de bater de portas de carro)*

Voz de Afonso

A viagem não foi tão má, hein, João Carlos? Viemos em oito horas. Ótimo tempo para essa estrada.

Voz de João Carlos

É muito bom tempo, tio Afonso. *(Entram os três. Tio Afonso, senhor de uns 60 anos, forte e bem disposto. Trocam-se cumprimentos, friamente)*

Lina

Sente-se aqui, dona Mariana. *(e lhe oferece a cadeira de balanço)*

130

Mariana

Obrigada, Lina. Como vai você?

Lina

É... Bem...

Afonso

Como é, seu Tónico, o senhor não se lembra mais de mim? Sou o doutor Afonso.

Tónico

(Levantando-se com dificuldade) Sim senhor. Como tem passado, doutor Afonso? Nunca mais apareceu por estas bandas? Faz favor... *(Oferece a própria cadeira)*

Afonso

Não, obrigado. Fique onde está, não se incomode. Prefiro ficar um pouco de pé. Guiei oito horas seguidas.

Tonico

Bastiana, veja um cafezinho...

Afonso

Boa idéia...

Mariana

E um copo de água bem fresquinha para mim, faz favor.

131

Bastiana

Sim, senhora...

Afonso

(Dando com as garrafas de vinho) Sim senhor...
Nuits de Saint Georges 1829, roba fina...

Tonico

Herança do doutor Carlos. Nós estávamos bebendo antes que o vinho arruinasse...

Mariana

(Olhando significativamente para Afonso) Ainda há muito disso aí?

Tonico

Não senhora, foram só três garrafas. Não há mais nada...

Afonso

Bem, o melhor é irmos ao que serve. O senhor sabe, seu Tonico, depois que fui para o Alto do Paraná, nunca mais me interessei por esta zona. Vendi o Paiol novo e esqueci isto por aqui... Mariana chamou-me para este caso. É um caso desagradável, não há dúvida, mas não posso negar assistência à minha irmã, que é viúva. De modo que a minha interferência é absolutamente justa...

132

Tonico

Não há dúvida, doutor Afonso. Do que se trata?

Afonso

Mariana chamou-me porque foi informada, ontem, de que o senhor iria comprar o Paiol velho...

Tonico

É verdade...

Afonso

Rumamos imediatamente para cá, a fim de chegarmos a tempo para evitar a escritura, mas chegamos tarde. Estivemos agora no cartório e

verificamos que o senhor já recebeu a escritura definitiva.

Tonico

É verdade. Foi hoje mesmo, mas isso não tem importância, podia ter sido há mais tempo! O compadre tinha uma procuração em causa própria, o senhor não viu no cartório?

Afonso

Em causa própria? Não reparei... Não estou entendendo, João Carlos...

João Carlos

Eu tinha outorgado uma procuração, mas não me lembro se era em causa própria...

133

Afonso

Como não se lembra? É substancial...

Mariana

Como foi isso, meu filho? Esclareça tudo direito, para nosso próprio governo.

João Carlos

Bem... Eu andava tão desorientado... Tão esgotado...

Afonso

Mas a ponto de não se lembrar da condição em causa própria, é o cúmulo... Uma coisa é dar uma

procuração simples; com a cláusula em causa própria significa vender... Vender... Qualquer pessoa sabe disso, ainda mais você que é bacharel.

João Carlos

Isso agora não adianta...

Mariana

Como não adianta, meu filho? Você me havia dito que tinha deixado uma procuração para administração e venda da fazenda, por sua conta...

Tonico

Com licença, dona Mariana, parece que a história foi mal contada. Mas tudo é fácil de explicar e posso provar com os documentos...

João Carlos

Eu bem disse que não adiantava eu vir. Não adiantava nada...

Mariana

Aprenda a enfrentar as situações, meu filho.

Afonso

Continue, seu Tonico...

Tonico

Pois é. *(Entra Lina e serve o café e o copo com água. Pausa)* Pois é. O doutor João Carlos ficou

muito atrapalhado por aqui, e me pediu ajuda. Queria vender a fazenda de qualquer jeito e com muita pressa. Eu fui contra. (*a João Carlos*) É ou não verdade, doutor? Ele insistiu, queria vender por qualquer preço e dar o fora. Eu fui contra. Então arranjei o compadre Quinzinho (*a Mariana*) O Quinzinho Pereira está aqui, a senhora conhece?

Mariana

Sim...

Tonico

O compadre dava 800 contos pelo Paiol velho. O negócio foi fechado no escritório do doutor Boaventura. Podem perguntar a ele.

135

Boaventura

Realmente, doutor, acompanhei a transação...

Tonico

O doutor João Carlos recebeu 250 contos à vista. O resto era dívida da fazenda e o senhor Quinzinho Pereira ficou de fazer acordo com o banco. Como garantia, o doutor João Carlos outorgou a procuração...

Afonso

(*a Mariana*) Seu filho já havia vendido a fazenda, Mariana...

Mariana

Mas 800 contos é uma miséria...

Afonso

Mas vendeu, que é que se há de fazer? Ele é maior, vacinado, alfabetizado... Bacharel em Direito...

Mariana

Afonso, isto não pode ficar assim. João Carlos vendeu ao Quinzinho Pereira. Como é que agora apareceu o Tónico no negócio? Você não está percebendo?

Tónico

136 Eu mesmo disse ao doutor João Carlos que ia ficar sócio no negócio, não é verdade, doutor? *(o silêncio de João Carlos é a confirmação)*

Afonso

Lamento tudo isso, Mariana, é lamentável, não só tudo o que aconteceu, como também a nossa viagem. Não temos mais nada a fazer, Mariana. Vamos...

Mariana

Mas onde é que o Tónico arranjou dinheiro para comprar a fazenda? Você não está enxergando, Afonso? Há dez anos que a fazenda vem dando prejuízo. Onde foi o dinheiro que o banco nos

emprestou? Tónico recebia um conto por mês de ordenado. Agora aparece como capitalista! Este é o ponto, Afonso...

Afonso

(Depois de um momento de reflexão) É... O que o senhor tem a dizer?

Tónico

Nada. Comprei e está comprado...

Mariana

E o dinheiro? Onde é que o senhor arranjou dinheiro?

Tónico

Isso é cá comigo. Negócio é negócio. O moço recebeu o dinheiro, não recebeu? Então, está acabado...

137

Mariana

Não está acabado, não senhor! Não me conformo com esta situação, Afonso. Precisamos tomar as mais enérgicas providências.

Afonso

(Depois de refletir um instante) Ainda há jeito de se conciliar as coisas. Seu Tónico, João Carlos recebeu 250 contos, há três meses, não foi? *(João Carlos confirma)* Pois bem, para não brigar

e para pormos uma pedra em cima de tudo... De tudo, compreende, eu me proponho a devolver o dinheiro e mais os juros, e rescinde-se a escritura. Caso contrário, tomaremos as providências mais enérgicas, nas duas direções: na civil e na criminal...

Tonico

Não adianta, doutor Afonso, a fazenda volta para ele e ele perde a fazenda de novo. Os senhores estão aí com essa história de que eu sou ladrão, mas se não fosse eu, quem ia para a cadeia era ele. (*gesto de Afonso e Mariana*) Sim senhores. Quem perdeu 120 contos no jogo foi ele e não eu. Eu é que sempre dei murro por aqui. Ele na cidade, bebendo e jogando. Desviando o café, penhorado no banco. É bom saber de tudo isso, porque por aqui todo mundo já sabe...

Mariana

Se ele jogou e perdeu, o dinheiro era dele. Ninguém tem nada com isso.

Tonico

Então! O dinheiro era dele... Agora a fazenda é minha...

Afonso

Vamos com calma, vamos com calma, Mariana. Então, seu Tonico, o senhor não concorda em receber o dinheiro de volta?

Tonico

Mas, me desculpe, doutor Afonso, a fazenda foi vendida há três meses, com o café a 500 mil réis. Eu não vou desfazer uma compra, agora que o café subiu a um conto e duzentos. Se o café baixasse em vez de subir, ninguém vinha mexer no negócio, mas o café subiu...

Afonso

Não se trata disso, seu Tonico. O senhor bem sabe...

Tonico

Sinto muito, mas não pode ser, doutor Afonso.

139

Afonso

Então vamos agir pelos meios legais...

Mariana

Havemos de provar toda a roubalheira que houve aqui na fazenda. Esta terra pertence tradicionalmente à nossa família, e voltará a ela, custe o que custar...

Tonico

Pode provar o que quiser... A fazenda é minha. Daqui não saio. Eu sou o dono e hoje mesmo vou me mudar para a sede, é lá o meu lugar.

Mariana

Desaforo. Vamos, Afonso. Havemos de ver. (*Vai se retirando, mas volta de repente*) De uma coisa lhe aviso, esta fazenda não dá sorte. Aqui penou toda a minha família. Esta fazenda tem caveira de burro, sabe lá o que é isso? Você vai ver. Beba o nosso vinho, beba! É a última coisa que você roubou... Há de lhe fazer bem, seu ladrão. (*Lina aparece na porta da cozinha. Tónico esboça uma reação, mas arrepende-se*)

Tonico

Pode dizer o que quiser, será a última vez. Aqui não entram mais...

140

Mariana

É o que havemos de ver. Vamos... (*Vão se retirar. Sai João Carlos à frente, dona Mariana e por último Afonso. Antes da saída deste, Tónico grita*)

Tonico

Esperem... (*levanta-se pesadamente. Vai até Lina, agarra-a fortemente e aos empurrões, leva-a até a porta, onde Mariana e João Carlos já assomaram*) Levem esta mulher. Ela faz parte do preço da fazenda! (*e a empurra contra os três, com violência. Lina foge para a cozinha, em cuja porta Bastiana apareceu para protegê-la. Tónico, cambaleando, vai ao centro da cena, procurando apoiar-se na mesa. Está desvairado*)

É isso mesmo. Perguntem ao moço. Nem minha mulher escapou. Quando não jogava, era para ficar em casa, metido com ela. Ah! Ah! Ah!...
(Boaventura e Quinzinho avançam em direção a Tónico para ampará-lo e acabar com a cena)

Boaventura

Que é isso, seu Tónico ...

Quinzinho

Calma, compadre!...

Tónico

(Os afasta bruscamente) Deixem eu falar! Eles já falaram muito. Agora é a minha vez! *(Avança dois passos em direção aos três que ficaram na porta, estatelados)* E agora vão saber porque eu me casei com ela. Foi trabalho do pai dele. Esse... *(encarando Mariana e depois João Carlos)* Se eu não casasse... O seu marido... O seu pai... Estava mal de vida...

141

João Carlos

(perdendo a tramontana, avança para Tónico, sacudindo-o violentamente pela gola do paletó. Dá três sacudidelas e em cada uma, uma frase) Cala a boca, seu miserável... Cala a boca, seu cachorro... Cala a boca, seu canalha... *(Tónico solta um grito abafado, de dor. João Carlos, assustado, larga-o, encosta-se à mesa. Tónico cambaleia, procurando apoio na cadeira)*

Tonico

Ele me pôs aqui de fiscal por isso, só por isso...
(reprimindo grande dor, verga os joelhos, e cai sentado na cadeira, tendo derrubado um prato no chão) Primeiro foi o pai... Depois... O filho...
(e cai, arrastando a cadeira consigo)

(Os presentes assistiram, estatelados, ao final da cena. Passado o momento de estupefação, Afonso, Quinzinho, Boaventura e o tabelião vão em socorro, carregando-o até o quarto e estendendo-o na cama. Afonso ausculta-o e toma-lhe o pulso. Outro afrouxa-lhe a roupa. Outro tira-lhe os sapatos, todos falando ao mesmo tempo)

142

Boaventura

Foi o coração...

Quinzinho

Um ataque... Veja o pulso... *(João Carlos fica estarrecido, na sala, encostado à parede. Lina e Bastiana aparecem. Mariana, imóvel, muda)*

Afonso

(Voltando à sala) Parece que está morto. Foi fulminante...

João Carlos

(Muito excitado) Fulminante o quê? *(e corre ao quarto. Afonso o acompanha)* Será que morreu

por minha causa? Meu Deus!... Será que o matei?...

Afonso

Calma, João Carlos. Deve ter sido derrame cerebral. Um derrame fulminante. Você não teve culpa...

João Carlos

(nervosíssimo) Mas sacudi tanto ele, meu Deus! Por que viemos até aqui? Eu não queria... Eu não queria...

Afonso

(Contendo-o violentamente) Cala a boca, rapaz. Quando você o agarrou ele já estava com o derrame. *(João Carlos vai ainda responder, mas Afonso dá-lhe uma sacudidela imperativa. O moço se cala. Sai do quarto e senta-se numa das cadeiras da sala. Lina, maternalmente, serve-lhe um copo d'água)*

143

Lina

Tome...

João Carlos

(Sorvendo rapidamente) Obrigado...

Afonso

Vá à cidade imediatamente. Traga o médico e o delegado.

Mariana

(Aflita) Para que delegado, Afonso?

Afonso

É melhor. Para resguardo de qualquer complicação futura. É bom que o caso seja perfeitamente esclarecido.

Boaventura

(que entrou na sala seguido de Quinzinho) Não é preciso, doutor Afonso. Nós vimos tudo. O moço não tem culpa nenhuma...

Quinzinho

O compadre já era um homem condenado. Mais cedo ou mais tarde, tinha que acontecer...

144

Afonso

(depois de hesitar um segundo) Só o médico, João Carlos. *(João Carlos sai)*

Boaventura

Para atestar o óbito... Porque ele está morto... Irremediavelmente morto. No seu grande dia... No dia em que ficou dono da fazenda... *(ouve-se o barulho do automóvel saindo)*

A cena escurece completamente

Cena II

Noite. Somente a luz do lampião na sala. Lina está vestida de escuro, sentada em uma cadeira, junto à mesa, tendo Bastiana de pé, ao seu lado. Entra Lourenço.

Lourenço

Tudo pronto, dona Lina. Está tudo arrumado na sede, conforme a senhora mandou, o enterro vai sair de lá.

Lina

Pois é... Trabalhou a vida toda... Lutou... Sofreu... Para isso. Ele queria se mudar para a sede hoje mesmo. Foi feita a sua vontade.

145

Lourenço

(*choroso*) Foi melhor assim. Agora o seu Tônico descansou...

Lina

Quem está lá com ele? Vamos, Lourenço, toca o sino. Chama o pessoal. Morreu o dono da fazenda. O dono da fazenda, ouviu?

Lourenço

Sim, senhora... (*e sai*)

Lina

Bastiana, veja a lanterna, vamos até lá.

Bastiana

Sim, senhora. *(e se afasta para a cozinha)*

(Lina vai se levantar lentamente, quando surge João Carlos. O moço pára à porta, fitando a mulher, indeciso, atrapalhado, comovido, pensando no que vai dizer. É um momento muito difícil para ele. Por fim resolve-se e dá uns passos em direção a Lina)

João Carlos

Lina... Eu queria... Que você...

Lina

146 *(deixando-se ficar na cadeira, com calma, muito triste)* Vá, João Carlos, vá. O seu lugar é em São Paulo, ao lado de sua mãe. O meu é aqui. Não se incomode, estou bem, muito bem... Sempre compreendi tudo... Nunca pensei que você...

João Carlos

Nunca pensou o que, Lina.

Lina

... Que você ficasse comigo... Nunca... Não dava certo... Eu sabia... Ninguém precisou me dizer. Hei de guardar a lembrança de você. Isso para mim já é muito bom. *(Estende-lhe a mão)* Adeus, João Carlos. *(João Carlos toma-lhe a mão e beija-a reverentemente)*

João Carlos

Adeus, Lina. Agora o Paiol velho é seu. Ninguém o tirará de você... *(vai até a porta, pára, volta-se no mesmo lugar e diz)* Se for homem... Ensine-o a amar esta terra... Vale a pena... A mim nunca ensinaram... *(sai)*

(Lina continua com o olhar fixo e perplexo. Chega-se a Bastiana e põe-lhe a mão carinhosamente no ombro)

Lina

Paiol velho... Não... Não é meu... Ela disse que sempre pertenceu à família deles. *(Olhando e pondo a mão no ventre)* E vai continuar na família deles... *(Levanta-se a senhora da fazenda. Ouve-se o toque do sino em funeral...)*

Pano



Célia Biar, Eugênio Kusnet e Margarida Rey em *Santa Marta Fabril S.A.*

Santa Marta Fabril S.A.

Peça em três atos

Estréia: São Paulo, 2 de março de 1955,
Teatro Brasileiro de Comédia (TBC)

Personagens e elenco da estréia

(por ordem de entrada em cena)

Marta	Cleide Yaconis
Julia	Margarida Rey
Vera	Célia Biar
Tonico	Fredi Kleemann
Dona Marta	Dina Lisboa
Clóvis	Leonardo Vilar
Cláudio	Walmor Chagas
Martuxa (6 anos)	Vera Lucia Alcazar
Acrísio	Waldemar Wey
Nenê Paraíso	Odette Lara
Martuxa (21 anos)	Elisabeth Henreid

Direção	Adolfo Celi
Cenários	Mauro Francini
Assist. direção	Armando Paschoal
Exec. cenários	A. Ribeiro
Figurinos	Darcy Penteado
Exec. figurinos femininos	Maria Penteado
Exec. figurinos masculinos	Odilon Nogueira
Maquilagem/cabeleireiras	L. Tymoszenko
Eletricista	Aparecido André
Direção de cena	Sebastião Ribeiro

A ação se desenvolve em três épocas:
1926 / 1933 / 1948

Personagens

1º ato 1926

Marta	20 anos
Cláudio	25 anos
Tonico	35 anos
Vera	30 anos
Julia	40 anos
Clóvis	44 anos
Dona Marta	60 anos

2º ato 1933

150	Marta	27 anos
	Cláudio	32 anos
	Tonico	42 anos
	Vera	37 anos
	Julia	47 anos
	Clóvis	51 anos
	Dona Marta	67 anos
	Martuxa	6 anos
	Acrísio	50 anos
	Nenê	30 anos

3º ato 1948

Marta	43 anos
Cláudio	47 anos
Julia	62 anos

Martuxa 21 anos

Acrísio 65 anos

Parentesco

Tonico tio de Marta

Vera irmã de Julia e mulher de Tonico

Julia mãe de Marta

Dona Marta mãe de Julia e Vera

Nenê mulher de Acrísio

Martuxa filha de Marta e Cláudio

Primeiro ato

Inverno de 1926. Mais ou menos 5 horas da tarde. Momentos antes de se abrir o pano, ouve-se uma vitrola gritando: *Yes, sir, that's my baby* e ruídos em cena de quem dança em ritmo movimentado. Abre-se o pano. Um *living*. Gente rica e de bom gosto. Em cena: Julia e Marta, mãe e filha. Marta ensaia uns passos de *charleston*, ao som da Brunswick. Logo desiste, fazendo parar o disco.

Marta

Não dou mesmo para isso.

152

Julia

Acho que você pegou muito bem. Agora é só questão de dançar.

Marta

Não acerto com a batida de salto. (*Experimenta. Erra.*) Olha aqui; quando bato o salto, perco o ritmo.

Julia

Pois não bata o salto. Não é essencial. Com o tempo você vai se aperfeiçoando.

Marta

E então sai da moda. Não acredito que dure muito tempo.

Julia

Todo mundo só dança isso. Que pegou, pegou.

(Ouvem-se vozes fora de cena de gente que se aproxima do living. Discussão de casal, mais ou menos nestes termos)

Vera

Você é muito convencido e muito irritante!

Julia

Estão aí. Começam bem!

Tonico

Com cinco cartas de naipe não se abre sem trunfo. Não é, dona Marta?

153

Julia

Sua avó também.

(O living está com pouca claridade de uma tarde de inverno. Marta acende as luzes)

Vera

Vou parar de jogar com você. É a última vez.

Dona Marta

Vieram discutindo o tempo inteiro. Esse *bridge* é um inferno!

Tonico

(Entrando com Vera) Você precisa adotar o sistema...

Vera

Pois fique com o seu sistema que eu fico com o meu.

Tonico

Você não tem sistema nenhum. Marca conforme a temperatura do dia!

Vera

(Gritando) Deixe eu marcar como bem entender! Meu Deus! Que horror!

154

(Vera é uma superexcitada, para não se dizer malcriada e voluntariosa)

Dona Marta

(60 anos, bem sacudida) Não briguem, por favor. Ainda proíbo esse *bridge* na família.

Julia

(Indo ao encontro do casal) Começaram bem hoje.

Vera

(Beijando Julia) Como vai, Julia? Eu ainda vou arranjar outra roda. Não agüento Tonico, com essa mania de doutrinar.

Tonico

Não é doutrina, Julia. É elementar. Vera já se convenceu. Quando grita é porque já viu que tenho razão. Como vai você? Que é do Clóvis? Já passa das 5 horas.

Julia

O melhor é arranjarmos duas mesas. Casal não pode jogar junto.

Vera

Não é isso, Julia. O Tonico me enerva! Me deixa louca!

Tonico

É natural. Sou seu marido.

155

Dona Marta

Ai, Ai, Ai! Não vamos entrar noutra terreno!

Marta

Boa tarde, vovó. Como vai a senhora? Não precisava ter vindo. Ia dar um pulinho lá, antes do jantar.

Dona Marta

Ora, menina, não estou tão velha assim. Ainda posso sair de casa para beijar minha neta no dia do seu aniversário!

(Dona Marta beija e abraça a neta. Simultaneamente com esse diálogo, Vera, Julia e Tonico ainda discutem, em voz mais baixa, predominando as frases da avó)

Vera

(A Julia) Tonico não sabe nada. E tem a mania de doutrinar.

Julia

Você tem razão, Tonico. É muito cacete...

Tonico

Tem razão nada. Com cinco cartas de naipe...

156

Dona Marta

Meus parabéns, está ouvindo? Muitas felicidades! Juízo, hein?

(A discussão entre os três se interrompe)

Marta

Muito obrigada, vovó. Muito obrigada.

Dona Marta

Vinte anos. Já é tempo de pensar em coisas sérias!

Vera

Muitas felicidades, Marta!

Tonico

Venha de lá um abraço, menina bonita. (*Abraçam-se*)

Marta

Muito obrigada, tia Vera. Muito obrigada, tio Tonico.

Dona Marta

Vocês com esse *bridge* até já iam esquecendo o aniversário da minha neta!

Vera

Não senhora! A prova está aqui. Olhe, para você. São os últimos sucessos de Paris. (*Entrega um embrulho que Marta abre. É um álbum de discos*)

157

Marta

Ótimo! (*Lendo os nomes das músicas*) *When Buda Smiles, Cecilia, Valentine...* Formidável! Justamente os discos que tenho procurado. Muito obrigada, tia Vera. (*Vai à vitrola para tocar os discos. Enquanto Marta toca os discos na Brunswick, dona Marta senta-se na poltrona e a discussão do bridge recomeça*)

Julia

Como foi mesmo a marcação de Vera?

Tonico

Ela tinha cinco copas de rei e dama...

Vera

Não senhor! Cinco copas de rei e valete...

Tonico

Faça o favor de deixar eu falar.

Vera

Olha, Julia, eu tenho certeza.

Tonico

Certeza coisíssima nenhuma!

Vera

(Gritando) Certeza... Estou dizendo, certeza!!!

(Entra Clóvis. Homem de seus 40 anos)

158

Clóvis

Certeza? Quem pode ter tanta certeza assim?...

Tonico

Aí está o homem; vamos ao jogo. *(Dispõe-se a sair da sala)*

Dona Marta

Não se tem outro assunto mais interessante.

Clóvis

Espera aí, Tonico. Em primeiro lugar a aniversariante. *(Vai até Marta, que pára com a vitrola)*
Venha cá, Martinha. *(Dá-lhe um grande abraço, Marta deixa-se levar, não com o mesmo entusias-*

mo) Meus parabéns e muitas felicidades. Olhe uma lembrancinha para você. *(Dá-lhe um vidro de perfume, embrulhado em papel de seda)*

Tonico

Vamos, gente, que temos pouco tempo.

Dona Marta

Espere aí, homem! Que impaciência.

Marta

Muito obrigada, doutor Clóvis.

Julia

Tio Clóvis.

Clóvis

Não há meio de ela me chamar de tio.

159

Dona Marta

Pois não é tio mesmo. Que história é essa?

Clóvis

Boa tarde, dona Marta. Muito prazer em vê-la.

Dona Marta

Boa tarde, doutor Clóvis. Sai cedo para o joguinho, hein?

Clóvis

Cedo? Examinar cocô de criança das 8 da manhã às 5 da tarde, a senhora acha pouco?

Vera

Que perfume é?

Marta

Nuit de Noel.

Vera

Muito enjoativo.

Clóvis

Muito obrigado. Você, como vai?

Vera

Mal, obrigada.

Marta

160 Eu acho ótimo. Muito obrigada, doutor tio Clóvis.

Clóvis

Você é um anjo, menina. Se não gostar, seja franca. Trocaremos por um do seu gosto. É muito fácil.

Marta

Adoro *Nuit de Noel*. Sempre quis esse perfume.

Julia

Eu também gosto muito.

Clóvis

Boa tarde, Julia. Você está hoje... Um... *Grand slam*.

Julia

Com duas *down* redobradas. Marta faz hoje 20 anos. E isso eu não posso esconder de você.

Clóvis

Martinha, como estamos jovens! Que você me deu trabalho! (*Abraça a moça*)

Tonico

Vamos, professor. Venha nos dar umas lições.

Clóvis

Você já está diplomado, Tonico.

Tonico

Está vendo? Pois quando digo à Vera...

161

Vera

Mas não quero que diga, pronto...

Julia

Vera não admite observações.

Vera

Não é isso. Mas você há de compreender que cada jogada que a gente faz, vem ele... *Você jogou errado... Porque era assim... E não assim. Você não devia jogar o ás... Era o rei. Você devia cortar no morto... E tá, tá, tá... té, té, te.* É horrível. E ainda mais o Tonico, que é analfabeto!

Tonico

Eu, analfabeto?

Vera

É! Você. Analfabeto. B-A-BÁ!

Tonico

Está bem. B-A-BÁ. Está bem. Sabe por que, Clóvis?
Porque ela tinha cinco copas de rei e dama.

Vera

Rei e valete.

Tonico

Rei e dama.

162

Vera

Rei e valete.

Julia

Não vamos discutir mais, que horror!

Vera

(Voz de choro) Não jogo mais com o Tonico. Não é possível. Não jogo mais. *(Desanda a chorar)*

Clóvis

Ora, Verinha, que é isso? Que tolice!

Dona Marta

(a Marta) Veja um calmante pra ela. Água de melissa.

Julia

(a *Tonico*) Você é um sádico. Vamos, Vera, não dê confiança. (*Marta vai ver o calmante*)

Tonico

Você está vendo? Quando se tem razão é assim. Acaba chorando como uma criança.

Julia

Cala a boca, Tonico.

Vera

Pois eu não jogo mais com você, está ouvindo? Nunca mais.

163

Dona Marta

Você não devia mais é jogar *bridge*. Assim não é divertimento.

Vera

Não é mãe. É o Tonico. Ele me deixa louca. Jogo muito bem com todo mundo. Ninguém se queixou...

Tonico

Por cerimônia...

Dona Marta

(a *Tonico*) Fique quieto.

Vera

A senhor está vendo? Não é possível! Deixa ele falar. É prazer dele me irritar.

Clóvis

Verinha, vamos quebrar a castanha do Tônico. Vamos jogar fixos. Eu e você contra o Tônico e a Julia...

Vera

Não. Não vale a pena. Vou sacrificar você. Sou analfabeta...

Clóvis

164 Você joga muito bem. Pelo menos, muito melhor que ele. *(Marta trouxe o calmante e Vera bebe. Marta vai novamente à vitrola tocar os discos que ganhou de presente)*

Vera

Obrigada, Marta, deixa. É melhor eu não jogar. Mamãe joga. Eu fico aqui. Nem apareço lá para dar palpite.

Dona Marta

Eu não posso. Não tenho nem tempo nem paciência. Não joguem hoje. Vamos conversar.

Tônico

Então vou ao clube.

Julia

Vamos, Tónico. Vamos, Vera. Deixem de bobagem. Eu e você contra os dois.

Tónico

E caro.

Clóvis

Marque o preço.

Tónico

Cinqüenta réis o ponto.

Clóvis

Fechado.

Vera

Não, Clóvis.

Clóvis

Que não o quê. Vamos ganhar. E assim tiramos a garganta dele.

Dona Marta

Marido contra mulher não adianta.

Tónico

Adianta sim. No jogo temos economia separada. Perdeu, pagou. Se não tem dinheiro, compro as ações dela. Ela tem mais ações na Santa Marta do que eu.

Dona Marta

Meu Deus! Que cabeça a minha! Já ia me esquecendo! Martinha, pare com essas coisas horróras! Que é da minha bolsa? Venha cá, menina. Pegue minha bolsa aí. (Marta suspende o disco, pega a bolsa e vai entregar à avó) Vocês não param de brigar. Está aqui. Ia me esquecendo do principal. O seu presente, menina.

Marta

Ora, vovó! Que trabalho! Não precisava se incomodar.

Dona Marta

166

Trabalho nada, Martinha. Estava mesmo à mão. Não fui buscar em Paris e é muito mais importante que essas músicas horróras que a sua tia lhe deu. *(Dá um grande envelope à moça. Todos se interessam pelo presente)*

Marta

(abrindo o envelope e examinando o conteúdo)
Muito obrigada, vovó. Que é isto, meu Deus?

Dona Marta

Não sabe ler? Leia, menina.

Marta

(lendo) Santa Marta Fabril Sociedade Anônima...
500 ações! *(Contando 5 títulos)* Duas mil e qui-

nhentas ações... Nossa Senhora, o que é que eu vou fazer com tudo isso?...

Dona Marta

Que é que vai fazer com isso? Ainda pergunta?...

Tonico

Venda para mim. Compro já.

Dona Marta

Engraçado! Compra coisa nenhuma! Que você já tem muitas! Está querendo a maioria, é?...

Tonico

Estou brincando, dona Marta. É para ela avaliar o significado desse presente.

167

Julia

Foi o melhor presente que mamãe podia lhe dar, minha filha.

Marta

(abraçando e beijando a avó) Muito obrigada, vovó.

Dona Marta

Não há de que, minha neta. Você hoje é também acionista da Santa Marta. Ela é de nossa família. É a nossa própria família. Tem o meu nome, o

seu nome. É alguma coisa mais que uma fábrica. É nosso patrimônio, nosso sangue, nosso... Nosso "panache", compreendeu?...

Marta

(*meio atrapalhada*) Compreendi, vovó, compreendi.

Dona Marta

A Santa Marta é o traço de união da família. Aqui se briga por qualquer coisa. Seu pai com sua mãe, Tônico e Vera, mas todos se unem em torno da Santa Marta. Julinha, você já devia ter incutido essas noções no espírito de sua filha. Afinal, ela já tem 20 anos! Não é mais uma criança!

168

Julia

E não é mesmo, mamãe. Aliás, você já está se desempenhando muito bem dessa tarefa.

Tônico

Vamos, Clóvis. Vamos, minha parceira. Não vai dar tempo para 6 *rubbers*.

Clóvis

Pois é, dona Marta, estou pensando em fechar o consultório às 4. Há pouco tempo para o *bridge*.

Dona Marta

E eu estava pensando em lhe pedir uma hora para as crianças da Sociedade.

Clóvis

É melhor deixar suas crianças sossegadas, dona Marta.

Dona Marta

Quando se trata de um pouco de caridade, é assim que se responde, não é?

Clóvis

Caridade? Já faço até demais. 50% da minha clientela não me paga.

Tonico

Vou arrumando a mesa. Dá licença, Julia, Venha Vera. *(saem)*

Clóvis

É bem verdade que tenho muitos amigos.

169

Dona Marta

Pois é. Veja que disparate. O senhor não cobra justamente dos ricos.

Julia

De nós, por exemplo.

Dona Marta

E os pobres, coitados, que paguem a consulta!

Clóvis

Pobre vive porque é muito obstinado, dona Marta.

Dona Marta

Se fossem todos ricos, quem tocaria nossos teares?

Clóvis

Nem me fale, dona Marta. Por isso eu cuido deles com carinho e 50 mil réis a consulta, para maior glória da Santa Marta Fabril S. A.

Dona Marta

Amém.

Julia

Vamos, Clóvis, se não mamãe ainda acaba dando em você...

Dona Marta

E não falta muito. Veja se me arranja tempo para os pobres da Sociedade.

Clóvis

Até logo, dona Marta. Vou pensar a respeito seriamente.

Dona Marta

Engraçado!

Clóvis

Até já, Martinha. Muitas felicidades. E não vá acumulando aniversários que me compromete muito.

Julia

E a mim também. *(saem de braços dados)*

Dona Marta

(resmungando) Hum! Querem parecer dois garotos! Ele até já anda pintando os cabelos! Hum! Mas há de ver! Tem que cuidar dos meus pobres. E de graça!

Marta

Não se chame a senhora Dona Marta. Quer tomar qualquer coisa, vovó? Uma laranjada, um cafezinho?

Dona Marta

Não. Já estou de saída. Fiquei para conversar um pouco a sós com você, Martinha. Venha cá. Vinte anos, hein? Com a sua idade, menina, já tinha dois filhos.

Marta

Antigamente, casavam-se muito cedo, não vovó?

Dona Marta

Nem tanto. Casei-me com 17 anos. E acho, ainda hoje, muito boa idade para o casamento. Mas você já tem 20! Já era tempo de pensar a sério na vida.

Marta

Mas, vovó... Não faço nada de mais...

Dona Marta

Pois é... Como vai o Cláudio?...

Marta

Deve ir bem.

Dona Marta

Você não gosta dele? Ele não gosta de você? Pois então, o que está esperando? O moço tem 25 anos. É, por assim dizer, da família. Trabalhador, educado e até... bonitão. Que mais você quer?

172

Marta

Nada. Sei que vou acabar casando com ele.

Dona Marta

Então por que não ficam logo noivos?

Marta

Não sei.

Dona Marta

Ora, não sabe! Que tolice! Tudo tão certinho! Vocês já namoram há muito tempo, não é verdade?...

Marta

É.

Dona Marta

Então, menina? Tão bom que tenha calhado assim! Ele já é da Santa Marta. Filho de grande acionista. Diretor. Não é pessoa de fora. É uma sorte. Não que isso seja essencial, Deus me livre! Se você não gostasse dele, eu não falava assim. É você quem deve escolher o seu marido. Deus me livre de insinuações e muito menos de imposições. E digo mais: quando vocês começaram a namorar eu percebi logo. Não pense que ando dormindo e não vejo as coisas. Até desaconselhei o namoro. Pergunte à sua mãe. Mas se deu certo, deu certo. Agora é casar, para não desandar.

Marta

(pensativa) Para não desandar. Aí é que está. Se há esse perigo é que não está no ponto.

173

Dona Marta

Perigo de que, menina?

Marta

De desandar, como a vovó disse.

Dona Marta

Quem falou em desandar? Você não me entendeu. Oh! Meu Deus, como as crianças de hoje fazem as coisas difíceis!...

(entra Cláudio. Como a avó descreveu, 25 anos. Bonitão. Estritamente na moda. Jaquetão de

gola larga. Calças de boca-de-sino. Engominado, up-to-date. Cumprimenta a senhora, beijando-lhe a mão)

Cláudio

Boa tarde, Dona Marta.

Dona Marta

Boa tarde, Cláudio.

Cláudio

Deixei o escritório por meia hora. Ainda tenho de voltar para fechar o expediente. Mas não podia deixar de felicitar especialmente a aniversariante. *(vai a Marta, beija-lhe a mão e abraça meio formalmente)* Meus parabéns, Marta.

174

Marta

Muito obrigada.

Dona Marta

Muito cuidado com essas fugidas do escritório. Olhe que Marta já é acionista da fábrica. Já pode fiscalizar o seu serviço.

Marta

(mostrando as ações) Olhe o presente que vovó me deu: duas mil e quinhentas ações.

Cláudio

Já sabia, sua boba. Fiz o termo de transferência. Belo presente! Conto com o seu voto na próxima assembléia.

Marta

Vamos ver.

Dona Marta

Esse menino vai longe. Ainda será o presidente da Santa Marta.

Cláudio

Não aspiro a tanto, dona Marta. Estou satisfeí-tíssimo onde estou. E muito contente com meus chefes. Não podiam ser melhores.

175

Dona Marta

Assim é que é. Tudo tem seu tempo. É saber aproveitá-lo.

Cláudio

Hoje foi um grande dia para nós, Dona Marta...

Marta

Muito obrigada... Meu aniversário...

Cláudio

Não, não é por isso. Sim, quero dizer... É por isso, é claro, nem podia ser de outra maneira... E como

é uma data feliz... Deliberamos, no dia de hoje...
Fechamos o negócio com a caldeira.

Dona Marta

Muito bem! Apoiado!

Cláudio

Vamos nos ver livres da *Luz e Força*. Dentro de uns oito meses teremos energia própria.

Dona Marta

Mas não será muito pesado para a fábrica?...

Cláudio

176 É. De fato. É muito caro. A caldeira e a turbina. Muito caro. Mas não havia outra alternativa. É preciso ter-se independência, custe o que custar.

Dona Marta

A *Luz e Força* era um inferno!

Cláudio

Nem fale. Um serviço horroroso. Irregularíssimo. Prejudicando nossa produção. E nem se incomodaram com nossas reclamações. E o prefeito a cruzar os braços. Também, vai acabar. Lenha, temos de sobra. E sabe, dona Marta: vai nos ficar mais barato. Fizemos os cálculos.

Dona Marta

Pois que tudo dê certo. Deus ajuda a quem trabalha.

Marta

Quer tomar alguma coisa?

Cláudio

Não, obrigado, estou por pouco.

Dona Marta

(levantando-se) Bem, vou andando.

Marta

É cedo, vovó.

177

Dona Marta

Tenho que ir. Até logo, Martinha. *(beijos)* E pense no que lhe disse. Até logo, Cláudio. Um abraço a seu pai e parabéns pela caldeira.

Cláudio

Muito obrigado, dona Marta. Até logo.

Dona Marta

Apareçam, ouviu? E não pensem que vou deixar vocês dois aí sozinhos. Não vê! Vou dizer à Julinha para vir tomar conta de vocês.

Cláudio

Ora, dona Marta, pode ficar sossegada.

Dona Marta

Sossegada... pois sim, seu espertalhão. (e sai. *Marta acompanha-a até a saída da sala. Cláudio está junto à vitrola, no lado oposto à saída*)

Cláudio

Venha cá! (*Marta se aproxima. Cláudio vai ao seu encontro e se abraçam num beijo cinematográfico. Afinal, Marta se desenaça e diz sofregamente, em tom de brincadeira*)

Marta

Ufa!... Quase fico sem ar! (*vai à vitrola e põe um disco*) Veja o que a tia Vera me deu. De Paris. (e toca o Little Cecilia Green. *Cláudio pega em sua mão e a conduz calmamente ao sofá, onde se sentam. De repente, Marta levanta-se e vai espiar, por onde a avó saiu. E cai no sofá, aos beijos, sempre ao som da música. Instantes depois se desenaçam, para tomar fôlego. Cláudio a encara, segurando-lhe as mãos*)

Cláudio

Marta: você quer se casar comigo?

Marta

Cláudio: você quer não me repetir mais essa pergunta?

Cláudio

Você gosta de mim?

Marta

(Marta levanta-se do sofá e vai parar a vitrola)
Mais ou menos.

Cláudio

(levanta-se e avança lentamente para Marta, em atitude de quem vai dar um bote) Mais ou menos... É?

Marta

(quando ele chega bem perto, finge que viu a avó entrar) Esqueceu alguma coisa, vovó?... *(Cláudio se assusta e se apruma, mas não é ninguém)*

Marta

Você está vendo? Pode entrar alguém...

179

Cláudio

(reinicia o seu ataque na mesma atitude) Pode entrar alguém, não é?... *(e vai avançando em tom de brincadeira. Marta foge. Defende-se atrás de uma poltrona. Há um pega-pegas. Fauno perseguindo Diana. Cláudio, sentindo essa situação, imita o fauno, fingindo tocar flauta e corre atrás da moça. Há um corre-corre, entre risos, gritinhos e roncões de fauno, até que Cláudio consegue agarrá-la, caindo ambos no sofá. Mais beijos)*
Você quer se casar comigo?

Marta

Não. *(mais um beijo)*

Cláudio

Quer se casar comigo?

Marta

Não. *(mais um beijo)*

Cláudio

Quer se casar...

Marta

(gritando) Quero! *(Cláudio a solta e Marta foge do sofá)* Não, não e não! Você é louco, Cláudio!
De repente chega gente aí...

180

Cláudio

Então me responda de verdade, Marta.

Marta

A resposta já está dada. Não quero me casar ainda.

Cláudio

Muito obrigado pelo ainda.

Marta

Não há de quê.

Cláudio

Mas o que é que estamos esperando?...

Marta

Não sei... Gosto de você... Nem podia ser de outro jeito. Mas... Não dá para casar com você!

Cláudio

Não dá?

Marta

Quer dizer... Ah, não sei!

Cláudio

Vamos, Marta.

Marta

Não tenho muita confiança...

Cláudio

Em mim?

181

Marta

Em mim e em você também. Mas não é bem isso. Tenho medo...

Cláudio

Medo de quê?

Marta

Casamento é por toda a vida. Enjoado, não é?

Cláudio

Quando estou com você, nem penso nesse por toda a vida. É claro que é por toda a vida. Formidável, não é?

Marta

Não acho. O por toda a vida me assusta. Você já pensou bem nisso?

Cláudio

Não se trata de pensar e sim de gostar...

Marta

Pois é. Eu gosto e penso. Penso muito. Por isso é que não me sinto capaz de casar com você.

Cláudio

Você está vendo? Sabe que mais? Você não se casa comigo é de teimosia. Por espírito de contradição. Como todo mundo faz gosto pelo nosso casamento...

182

Marta

É isso mesmo. No fundo, você disse a verdade. Esse complô a favor do nosso casamento me irrita. Não sei bem por que, mas me irrita. É mamãe, é papai, é sua mãe, é seu pai, é vovó...

Cláudio

Martinha, pense bem: por que eles teriam de ser contra? É claro que estão de acordo. Amigos e sócios!

Marta

É isso. Amigos e sócios. Principalmente sócios. Este casamento para eles é um arranjo notável.

É a preservação do patrimônio. É a consolidação da dinastia da Santa Marta Fabril S.A. ...

Cláudio

E que tem isso? Foi sorte eu gostar de você e você de mim...

Marta

É pena que eu não tenha um irmão, porque assim ele casava com a sua irmã e se construía uma verdadeira muralha chinesa, defendendo a fábrica.

Cláudio

E você não acha isso formidável? Por que jogar fora uma chance dessas? Quando menos... É o útil ao agradável!

183

Marta

Preferia que fosse o contrário: o agradável ao útil. Ou antes, só o agradável. Essa idéia de útil estraga tudo.

Cláudio

Fita de cinema...

Marta

Veja só como você está se traindo. É isso mesmo: fita de cinema. Romance. Gosto de romance.

Cláudio

Para haver romance não é preciso haver desgraça nem miséria. Pode haver um casamento igual, conveniente, ao gosto de todos.

Marta

Quem sabe? Para mim preferia que você fosse um empregado da fábrica e não um diretor. Que todo mundo fosse contra...

Cláudio

Isso é poesia. Se eu fosse empregado da fábrica, como ia conhecer você? É. É muito bonito pensar assim. Mas no nosso caso, é um absurdo. Se você não gostasse de mim, está certo. Nem eu estava aqui. Nem sei onde você foi buscar essas idéias! Quer dizer que eu não posso me casar com você, porque **posso** me casar? Porque sou rico? Porque nossos pais são sócios numa indústria onde já estou bem colocado, com o futuro garantido?...

184

Marta

Você não compreendeu. E é tão fácil!

Cláudio

Nossos pais se casaram ricos e não são muito felizes?...

Marta

(não responde. Parece que Cláudio tocou no ponto principal. Ela vai à vitrola) Olha aqui este

disco. Veio a propósito. (e toca o Moi, je fais ça machinalement)

Julia

(*entra*) Oh, Cláudio, você por aqui?...

Cláudio

Boa tarde, dona Julia. Vim cumprimentar a aniversariante!

Julia

Fez muito bem. (*a Marta*) Que é de mamãe?

Marta

Vovó já se foi.

Julia

(*remexendo gavetas*) Quero um lápis. Não sabe onde tem?

185

Cláudio

Tenho um aqui, dona Julia. Faça o favor.

Julia

Muito obrigada. Não vai lhe fazer falta?

Cláudio

Não senhora.

Julia

Até já, Marta; é bom você ver se não falta nada para hoje à noite.

Marta

Sim, mamãe.

Julia

Você vem, não é, Cláudio?

Cláudio

Naturalmente. Serei o primeiro entrar e o último a sair.

Julia

Muito bem. *(ouvem-se chamados de dentro, do pessoal do bridge, por Julia)*

Julia

186 Já vou. A esta hora, o Tónico já enterrou o car-teio. Até logo.

Cláudio

(beija-lhe a mão e Julia sai. Os dois ouvem a música. Cláudio canta com o disco) "Lorsque je me suis marié celà n'a pas varié j'ai rempli tant bien que mal le devoir conjugal".

(Cláudio considera o que cantou e corre a parar o disco)

Marta

Parece que o disco veio a calhar. Respondeu tudo.

Cláudio

(dando beijinhos na moça) Ora, Martinha, que bobagem! Você acredita em tudo, menos em mim!

Marta

Não diga isso, Cláudio. Apesar de tudo, gosto de você, sabe?

Cláudio

Você não acha que a sua mãe é feliz?

Marta

Não sei. Sinto que não. Não queria para mim um casamento... Não... Não vale a pena...

187

Cláudio

Continue. Seja franca comigo.

Marta

... Como o de papai e mamãe, por exemplo.

Cláudio

Não entendo. Pois você não acha que deu certo? Que vivem muito bem?...

Marta

Acho que não deu nada certo. Ou então, se casamento acertado é assim, para mim não interessa.

Cláudio

Como você é exigente! Estou com medo!

Marta

Os dois eram ricos, quase da mesma família. Não houve luta, não houve sacrifício, não sei... Acho que foi uma coisa muito sem graça. Tinha que dar no que deu...

Cláudio

188 Marta! Não estou entendendo você. Dar no que deu, como? Pois são casados há mais de 20 anos, meu Deus! Sempre viveram juntos, decentemente. Criaram e educaram você. Têm uma posição exemplar na sociedade. Têm um lar, uma casa, um ambiente agradabilíssimo. Seu pai trabalha regularmente na fábrica. Viajam. Levam uma vida inteligente... Que mais você quer?...

Marta

Mas não há amor entre eles! Você não compreende? Falta o principal!

Cláudio

Mas depois de 20 anos de casados você quer que eles andem aos beijos pelos cantos? Eles já tiveram o seu tempo. Agora já passou.

Marta

Que passou nada! Mamãe é ainda muito moça. Papai também. Parece que vivem cada um de seu lado.

Cláudio

Não é exato. Vivem um para o outro e os dois para você. Se respeitam. O amor se transformou em amizade. Há entre eles uma compreensão recíproca. O que você pode saber da vida íntima deles?...

Marta

Nada. Mas sinto que um não significa nada mais para o outro. Se suportam, apenas. Aliás, com muita elegância.

189

Cláudio

Não diga absurdos! Eu, como homem, conheço mais seus pais que você...

Marta

Que topete!

Cláudio

... Nesse sentido que estamos conversando. E posso afirmar que eles se adoram. Você não entende nada dessas coisas.

Marta

Você pensa que eu sou idiota? Que sou uma menininha de colégio interno?

Cláudio

(irônico) Não, você é uma sabida!

Marta

Também não. Mas não é preciso ser muito sabida para enxergar certas coisas...

Cláudio

E o que é que você anda enxergando?...

Marta

190

Ora, Cláudio, eu não. Você, todo mundo...

Cláudio

Eu também?

Marta

Claro! Ou você já se esqueceu?

Cláudio

Esqueceu o quê? Vamos, desembuche, por favor.

Marta

Você não se lembra de que você me contou um dia de uma briga de sua mãe com seu pai?

Cláudio

Não. Brigaram por quê?

Marta

Porque seu pai e o meu passaram uma semana no Rio, na pândega.

Cláudio

Foram a negócios.

Marta

Eu sei. Um dia de negócios. E o resto foi pândega. Ora, Cláudio. Nós mesmos comentamos isso aqui com a turma. Foi um escândalo na família.

Cláudio

Está certo. E o que você quer concluir daí?

Marta

Que meu pai é um pirata, como o seu. Acha pouco?

Cláudio

Ora, Marta, que novidade!

Marta

Que novidade, não é, engraçadinho?

Cláudio

E você acha que isso tem muita importância?

Marta

Naturalmente. Eu... Eu não seria feliz se meu marido fosse um pirata.

Cláudio

Não seria feliz agora. Não depois de 20 anos de casada.

Marta

Ah, você pensa assim, não é? Por isso que não quero me casar.

Cláudio

E quem é que disse que eu vou ser pirata?...

192

Marta

O seu modo de pensar. Os exemplos de casa. Todo mundo é pirata. Os homens mesmo se gabam disso. Acham natural, engraçado. Você pensa que não sabemos disso? Estelinha me contou o que foi o tio Tônico na Europa. E com papai devia ter sido a mesma coisa. Deus me livre!

Cláudio

(representando) Martinha: juro que te amarei a vida inteira, que nunca olharei para outra mulher. Que depois de 20 anos de casados, ainda te estarei beijando assim... *(beijo)*... Como agora.

Marta

Bom, hein? Se eu pudesse acreditar... Como é que você pode garantir? Nem você sabe... As coisas acontecem.

Cláudio

Se todo mundo pensasse assim, não haveria mais casamento. A gente quando gosta, tem que ter fé...

Marta

Então! Ainda me falta essa fé. Por isso tenho medo de resolver, compreendeu? Compreendeu, inteligência rara?...

193

Cláudio

Está bem. O noivado fica adiado *sine die*. Então, volto com o meu presente. Até logo.

Marta

Que presente é esse?...

Cláudio

Não. Não é nada. Trouxe aqui o embrulhinho. Não tem importância. *(e mostra uma caixinha de anel embrulhada em papel de seda)*

Marta

Deixa ver. *(e avança)*

Cláudio

Não senhora. Fica para o outro aniversário.

Marta

Mas é presente de noivado ou de aniversário?
Deixa ver, faz favor.

Cláudio

Vou mostrar. De longe, hein? *(abre o embrulho e mostra o anel)*

Marta

(arranca-lhe das mãos e corre com o anel) É lindo!
Você tem gosto!

Cláudio

194 Me dá!

Marta

Não. Afinal é um presente, por hoje.

Cláudio

Não senhora. Para isso vou comprar uns livros,
ou uns discos, não é?...

Marta

(reflete. Tira o anel do dedo e o oferece a Cláudio) Está bem. Fique com ele.

Cláudio

Não, Marta. Estou brincando. É seu. Só pode ser seu. Pelo aniversário, vá.

Marta

Anel de brilhante? De aniversário? Não pode ser. Mas eu aceito. (*beijos*)

Cláudio

Meu bem, você é um amor!

Marta

É preciso ter muito fôlego para resistir à pressão do ambiente, à Santa Marta Fabril um anel de brilhante, e além do mais...

Cláudio

... Além do mais...

Marta

... Gosto de seus beijos. (*beijam-se*) Então vamos casar logo, antes que eu desista.

Cláudio

Isso mesmo! Gosto das decisões momentâneas. Martinha: só queria dizer uma coisa a mais para você. Para concluir nossa conversa. Compreendo todas as suas dúvidas, suas incertezas, sua falta de fé. Isso tudo é da vida. Será que existe a felicidade completa?... Definitiva? Então? Hoje estou felicíssimo. É o que importa. Eu adoro você. Você gosta de mim. É o que importa.

Marta

Vamos aproveitar o presente...

Cláudio

... Que o futuro não será tão negro como você pensa. *(beijos)* Até logo, Martinha. Já passei da hora. Hoje à noite estoura a notícia.

Marta

Não vai ser muita surpresa para a família!

Cláudio

Não faz mal. É até melhor. Até a noite, meu bem. *(mais um beijinho e Cláudio sai)*

(Marta ainda fica na saída, dá um adeus final e entra lentamente. Examina e reexamina o anel que está em seu dedo, fica pensativa. Na realidade não está muito entusiasmada. Vai à vitrola. Começa a dar corda. Desiste. Afinal decide-se. Apaga a luz maior do living. Fica apenas a de um abajur. Marta procura o canto escuro, na penumbra, e senta-se numa poltrona, junto à vitrola. Ouvem-se passos e a voz de Julia em direção ao living. Julia entra. Não dá pela presença da filha e começa a procurar qualquer coisa numa gaveta, no canto oposto à poltrona. Nisso, entra Clóvis, de mansinho e sem dar tempo a qualquer reação, enlaça Julia e a beija. Esta se desprende assustada, não sem ter aderido ao beijo)

Julia

Você está louco! Vá embora!

Clóvis

Então, amanhã, sem falta?...

Julia

.....

Clóvis

Às três e meia...

Julia

.....

Clóvis

Até amanhã.

Julia

Você não vem hoje à noite?

197

Clóvis

Sim. Mas amanhã é que interessa.

Julia

Vai.

Clóvis

Até amanhã *(e sai)*

Julia

(Ajeita o penteado, desiste de procurar na gaveta e acende a luz central. Vira-se e leva um susto quando dá com Marta sentada na poltrona, de

olhos esbugalhados, perplexa. Há uma pausa instantânea. Julia se refaz e começa a representar, notando-se ligeira afetação no seu diálogo)
Você estava aí?...

Marta

(De olhos arregalados, afirma com a cabeça)

Julia

Viu o maluco do Clóvis? Que homem sem modos?

Marta

Vi.

Julia

(não esperava essa resposta. Muda de atitude. Sempre estudada) Viu o quê? Que é que você está pensando?...

Marta

Nada. Só disse que vi.

Julia

O quê?

Marta

O doutor Clóvis beijar você!

Julia

Ora! Isso é brincadeira. Há 20 anos que conheço o Clóvis e ele sempre tem essas manias. Mas um

dia desses dou-lhe o basta, à minha maneira, e pronto.

Marta

(levanta-se sem dizer nada. Mas continua perplexa, assustada)

Julia

Que é isso? Que cara é essa?

Marta

Ele marcou encontro com você amanhã, às três e meia... Sem falta.

Julia

Você está louca, menina! Marcou coisa nenhuma! Ah! É claro! Amanhã tenho *bridge* na casa da Vera, a essa hora, é só.

199

Marta

É só...

Julia

Então? Você não acredita? Você não acredita, minha filha? *(Marta não responde)* Era só o que faltava. Esse é o resultado de você andar bisbilhotando. Que idéia é essa de sentar-se aí, no escuro? Que culpa tenho eu se um maluco me pega distraída e quer me beijar?...

Marta

Mas ele beijou.

Julia

Beijou! Beijou! Que é que tem isso? Até na frente do seu pai. Somos amigos há 20 anos. Ele criou você.

Marta

Não tem nada.

Julia

Pois não tem mesmo. E quanto ao *bridge*, pergunte à Vera. Pode telefonar já para ela, já que você chegou ao ponto de duvidar de sua mãe.

200

Marta

Não é preciso.

Julia

Veja como as aparências enganam. É sempre bom ter-se explicações. Quem não deve, não teme.

Marta

Pois é. Tudo tem explicação.

Julia

O que você estava fazendo aí, sentada na poltrona?

Marta

Nada. Estava pensando. Eu... O Cláudio... Acabamos de ficar noivos. Ele me deu este anel!

Julia

Bravos! Muito bem! Até que enfim! Meus parabéns, minha filha! *(Aproxima-se de Marta e vai beijá-la, com efusão. Esta, porém, não pode disfarçar o seu sentimento. Instintivamente recua o rosto. Julia percebe e se afasta, mudou de atitude. Já não está mais representando. Está furiosa, com uma fúria calma, fria)* Está bem! Que seja! Você viu! Você não aceita explicações. Você acha que sua mãe é uma mentirosa, uma... Uma... Leviana! Pois pior para você! Case-se com o Cláudio. Seja feliz! Suma-se!

201

Marta

(não responde. Vai saindo lentamente. Quando chega à porta, volta-se, enche-se de coragem e resolve enfrentar a situação) Mamãe, não adianta me enganar. Eu vi tudo. Por infelicidade minha. Por desgraça minha. Mas vi... Claramente.

Julia

Nem tudo o que a gente vê resulta no que se pensa.

Marta

Mamãe: da minha boca nunca sairá nada a esse respeito. Mas, para mim, despencou tudo... Tudo.

Julia

Não preciso do seu silêncio. Não tenho medo. Sou capaz de contar tudo ao seu pai e ele julgará.

Marta

Papai não pode julgar.

Julia

E nem tem autoridade para isso, fique você sabendo de uma vez por todas.

202

Marta

Eu sei.

Julia

Sabe o quê?

Marta

Vocês não têm mais nada um com o outro. Eu sei... Há muito tempo que sei.

Julia

Pois então saiba de mais uma coisa: não tenho nada com o Clóvis, viu? Nunca tive e nunca terei. Mas se tivesse, estaria no meu direito...

Marta

Isso não. Direito, não.

Julia

Direito... Ou qualquer nome que tenha. Não importa. Queira Deus que não aconteça no seu casamento o que aconteceu no meu... *(começa a chorar. Procura se conter, mas desanda no choro, sentando-se à beira do sofá)*

Marta

(mais afável, porém, sempre sem se entregar) Eu sabia que papai e mamãe nunca foram felizes. Desde que me tenho por gente, percebi isso. Mas, viver assim, cada um de seu lado?...

203

Julia

(chorosa) E você queria que eu me separasse, desquitasse?... *(Marta não responde. Teve medo de responder afirmativamente)* Sabe o que é uma mulher separada? Uma divorciada? Nesta sociedade de bárbaros? Servir de pasto para essa gente! Para essas línguas-de-trapos! *(Julia se inflama, se enche de razões. Levanta-se. Já não chora. Começa a aumentar o tom de voz)* E sabe por que não nos separamos?...

Marta

Mamãe, não fale alto, pelo amor de Deus.

Julia

(gritando) Falo sim. Que todo mundo saiba. Vai saber um dia. Quanto mais cedo melhor. Não nos separamos, não foi por sua causa não, que tinha a avó para ficar com você. Lá, sempre era melhor para você, que não assistia às nossas brigas...

Marta

Mamãe, por favor...

Julia

204 Não nos separamos... Parece ridículo... Mas é a pura verdade... Não nos separamos por causa da Santa Marta Fabril Sociedade Anônima. Para não dividir as ações. Para não perder a maioria. É isso mesmo. É a pura verdade. O traço-de-união da família. Eu e seu pai... Toda a família... Só entramos em acordo quando se trata da Santa Marta. O resto é briga, incompreensão... Tudo. *(Julia sai inopinadamente)*

(Marta fica só em cena. Anda de um lado para outro. Considera o anel que tem no dedo. E se atira no sofá, num choro convulso)

Fim do primeiro ato

Segundo ato

Cena I

Inverno de 1933. Antes de abrir o pano, ouve-se o recitativo de criança:

*Paulista eu sou, há quatrocentos anos:
Imortal, indomável, infinita,
Dos mortos de que venho ressuscita
A alma dos bandeirantes sobre-humanos.*

Terminada a estrofe, começa a se abrir o pano lentamente, sem se interromper o recitativo:

*Tenho orgulho dos nossos altiplanos.
Tenho paixão da gleba circunscrita.
Quero morrer ouvindo a voz bendita
Dos pausados cantares paulistanos.*

205

O mesmo *living*, completamente modificada a decoração. A parede ao fundo não é mais de tijolo; é feita em retângulos de vidro fosco, tipo *laliq*, vendo-se desenhado em relevo, no centro da mesma, o contorno de uma fábrica, com suas chaminés.

Em lugar visível, troféus da revolução de 32, pendurados na parede; uma bandeira paulista, ladeada por capacete de aço e um quadro: *Desta casa partiu um soldado da lei.*

Em cena: Dona Marta, Julia, Clóvis, Vera, Marta e Cláudio. Todos mais envelhecidos, fazendo grande diferença a velha, Dona Marta, já bem alquebrada, e Marta, que se tornou uma senhora. Tônico, com a barba da revolução, em voga àquele tempo.

Ouvem o recitativo de uma criança de 6 a 7 anos: Martuxa, filha de Marta e Cláudio. A menina prodígio continua com entusiasmo:

*De minha terra para minha terra
Tenho vivido. Meu amor encerra
A adoração de tudo quanto é nosso.
Por ela sonho um perpétuo enlevo
E, incapaz de servi-la quanto devo,
Quero ao menos amá-la quanto posso.*

206

Palmas e mais palmas.

Todos

Muito bem! Bravo! Formidável! *(e muitas frases e exclamações simultâneas)*

Tônico

Essa menina é um colosso! É o símbolo da nova geração! E que soneto de Martins Fontes!

Vera

Recitou admiravelmente! Menina viva! Bonita poesia!

Dona Marta

É muito inteligente essa minha bisnetinha!

Julia

(a Marta) Você precisa cuidar do senso artístico dela. Ela tem talento. Tudo agora depende de bons professores.

Marta

(a Julia) São frases do discurso de Alcântara Machado, coligidas por Martins Fontes.

Cláudio

Martuxa tem muito jeito para essas coisas.

Clóvis

Não exagere. Trata-se apenas de uma criança bem alimentada.

207

Tonico

Viva São Paulo!!!

(Um momento de silêncio. Ninguém esperava por aquela atitude idiota de Tonico. A menina ficou onde estava, indiferente às exclamações, aproveitou a pausa e correu em direção à saída. Corre, querendo sair da sala, sem dizer palavra)

Cláudio

(peremptório) Martuxa, vem cá. *(A menina estaca, mas não se vira)*

Julia

Venha cá, Martuxa. Como é que você vai saindo assim, sem pedir licença, sem se despedir? É muito feio para uma menina bonitinha como você.

Cláudio

E Marta nem se incomoda. Como se não fosse com ela.

Marta

(Muito suave) Vem, filhinha, dê um beijo em vovó. Seja boazinha, vamos. *(A menina empaca)*

Dona Marta

Deixe a menina ir brincar.

208

Cláudio

A senhora me desculpe, mas isso não admito. Martuxa, obedeça sua mãe.

(A menina obedece constrangida, mas não quer beijar ninguém. Trata-se de uma menina rebelde e mal-educada. Estende a mão a um, a outra, friamente; cada qual tem uma palavra de carinho com a criança, que não dá a menor importância. Quando vai se despedir da velha, apenas estendendo a mão, Cláudio ordena enérgico)

Cláudio

Não foi assim que você aprendeu. Vamos, como é? *(A menina então, faz reverência, dobrando*

os joelhos. Dona Marta a puxa para seus braços, beijando-a)

Dona Marta

Coitadinha! Que faça como quiser. Venha comigo. Vamos ver os seus brinquedos. *(Levanta-se com dificuldade, saindo da sala resmungando, levando a menina)*

Cláudio

Marta teimou em não educar a menina. Quis tratar uma *nurse*; não deixou...

Tonico

E está certíssimo. Quem educa os filhos é a própria mãe não uma *fraulein* que a gente nem conhece nem sabe donde veio.

209

Vera

Isso é muito fácil de se dizer. Por que você não cuidou de Estelinha?

Tonico

Isso é tarefa da mãe. Minhas obrigações são outras...

Vera

Sim ... É clube... É almoçar no clube... Jogar no clube... Jantar no clube...

Tonico

Por favor, Vera, não comece...

Julia

Em certo ponto, o Tonico tem razão. A mãe não deve abandonar a criança a uma *nurse* qualquer. Mas desde que venha bem recomendada...

Cláudio

É isso que tenho dito...

Julia

A gente é que não pode ter a vida sacrificada...

Marta

210 Quem não quer sacrifícios não se casa.

Clóvis

Pode se casar... Mas não tenha filhos.

Cláudio

E você teria que mudar de profissão.

Vera

Isso tudo é teoria. Na prática, queria ver que homem ficava em casa mimando criança. Vocês falam, falam...

Tonico

E você. Fala, fala! Mas nem vê sua filha meia hora por dia.

Vera

Meia hora por dia? E você? Nem cinco minutos.
Passa o dia fora.

Tonico

Não sou a mãe...

Vera

(*ameaçadora*) Não me amole, Tonico. Faça o favor de não me amolar.

Marta

Vamos dar por encerrado o assunto. Todos podem ter suas razões. Vocês me desculpem, posso estar errada; mas quem educa minha filha sou eu mesma.

211

Cláudio

Educa... Se isso é educação!

Marta

Do meu modo é. Quero que Martuxa seja uma menina espontânea...

Cláudio

Malcriada...

Marta

É melhor que ser fingida e hipócrita.

Clóvis

Muito bem, Marta, muito bem!

Julia

Muito bem por quê? Não acho que esteja tão bem assim, não.

Marta

Vocês educam os filhos para seu prazer e não para a felicidade deles. Eu quero educar para ela, para vantagem dela.

Julia

Você sempre foi muito bem-educada.

Marta

E ganhei muito com isso?...

212

Julia

Ganhou, sim senhora! Você sabe muito bem que ganhou! Não seja ingrata!...

Cláudio

Claro, dona Julia. Ela fala por falar. Não me casaria com ela se não fosse uma moça fina, sociável!

(Daqui em diante o diálogo entre os dois casais Cláudio e Marta e Tônico e Vera é simultâneo, ou melhor, duas discussões ao mesmo tempo, cada uma para seu lado)

Vera

Já que vivemos em sociedade, tem que ser assim.

Marta

E você acha que foi um prêmio para mim, esse casamento?...

Tonico

Assim como? Furiosa como você é?

Cláudio

E por que não? Não foi um bom casamento?...

Vera

Não. Bem educada como eu sou e não grosseiro e implicante como você é.

Marta

Tanto não foi que não vou educar minha filha como você quer...

213

Tonico

Implicante é você. Malcriada e voluntariosa.

Cláudio

Ah! Ah! Ah! Era só o que faltava!

Vera

Tonico, não me provoque!

Marta

... Para a alta sociedade!

Tonico

Não estou provocando. As coisas são o que são.

Cláudio

Quem manda na educação da menina sou eu.

Vera

Eu me separo de você, Tônico. E levo Estelinha.

Marta

Você manda. Eu educo.

Tônico

É quando quiser. Você já disse isso mil vezes. Mas levar minha filha, não senhora.

Cláudio

(levantando mais a voz) Educará como eu quiser!

214

Vera

(aos gritos) Levo. Você não tem direito. Levo, levo e levo!

Marta

(no mesmo tom) Educarei como eu quiser!

Tônico

(aos gritos) Está certo! Chega!!! *(Nesse momento entra dona Marta e se espanta com a algazarra provocada pela discussão)*

Dona Marta

Que é isso, meu Deus? Onde vocês pensam que estão? Que coisa mais desagradável! Assim, não

é mais possível a família se reunir. Se continuarem a brigar desse jeito, não me verão mais! Nunca mais!

Marta

Desculpe, vovó. Isso não acontecerá mais.

Vera

É o Tônico, mamãe, que vive me amolando.

Tônico

Não, dona Marta... *(A um gesto de Julia, Tônico interrompe a nova discussão que ia se esboçando)*

Clóvis

Um brinde à dona Marta! Viva dona Marta, a fundadora da Santa Marta Fabril Sociedade Anônima!

215

Todos

Viva! Viva! *(O brinde salvou a situação. Todos bebem e abraçam a velha)*

Tônico

(a Vera) Dá um abraço aqui, mulher. *(Vera titubeia, mas vai a Tônico, solicitada por Julia)* Muito bem. Obrigado, cunhada. *(Abraços e beijos entre Vera e Tônico)* *(Eufórico. Ainda abraçado a Vera)*

*Paulista eu sou, há quatrocentos anos,
Imortal, indomável, infinita
Dos mortos de que venho ressuscita
A alma dos bandeirantes sobre-humanos.*

Muito bonito. Bonito e exato. Você devia ensinar a outra, Marta: *Ser paulista é ser grande no passado...*

Marta

Não ensinei nada. Foi mamãe.

Tonico

Muito bem, cunhada. É isso mesmo. Precisamos criar uma rapaziada nova, uma mentalidade de combate, uma juventude de revolução, de 23 de Maio, de MMDC, de 9 de Julho, me dá outro uísque aí, Cláudio, uma mocidade pró São Paulo *Fiant Eximia*. Vamos à música. Bota o disco lá, Vera.

(Vera põe o disco da revolução na vitrola. Tonico, muito entusiasmado, acompanha com gestos. Cláudio lhe serve o uísque. Quando a música termina, Tonico, inflamado, finge que dá uns tiros. Está dizimando um exército.)

Tonico

Pá Pá Pá Pá Pá Pá ... tchi bum. Pá... Viva São Pauloooooo!

Vera

Vivaaaaaa! *(E os dois sorvem um gole de uísque)*

Clóvis

Você pode criar a juventude que quiser, mas nada de barbas. Para que essa barba toda? Já é tempo de se passar a gilete nela. Todo mundo já sabe que você esteve na trincheira, que você é herói; que quase morreu...

Tonico

Minha barba não é ostentação. Não preciso disso. É um voto. Lutei pela Constituição. Esta barba cresceu nas trincheiras, por uma Constituição, e só a rasparei no dia em que for promulgada essa Constituição.

217

Clóvis

Está bem. Estou ciente.

Tonico

Você não entende disso. Você viu fogo de perto? Você andou em trem blindado? Pegou no pau furado? Sabe lá o que é 23 de Maio?

Clóvis

Sei sim.

Tonico

Você caçoa porque não estava no embrulho, como eu, aí na fogueira. E vi você sim, no 23 de

Maio, como não? Estava apreciando o movimento, ali escondido, na janela do seu consultório.

Clóvis

Não me lembro. Mas é bem possível. Por que descer para a rua? Da janela é menos cansativo...

Tonico

Menos perigoso...

Clóvis

Que seja! Você esteve lá. Que é que você fez? Hein, Tonico, que é que você fez?

Tonico

218 Só sei que vim rouco para casa.

Clóvis

Pois é. Fez gritaria, nada mais.

Tonico

Não vou perder tempo discutindo esse assunto com você... Ser paulista é ser grande no passado... Você nem parece paulista... Paulista eu sou há 400 anos...

Clóvis

Vou conferir na genealogia.

Tonico

Um marmanjão desses e nem se apresentou!

Julia

O Clóvis não topou o movimento.

Clóvis

Não sou de topar movimentos. Sou é da minha clínica.

Marta

Se ele estivesse na trincheira, quem teria salvo Martuxa?...

Clóvis

(*a Tonico*) Você está vendo? Se eu estivesse na trincheira, vocês não estariam ouvindo Martuxa aqui, hoje.

219

Dona Marta

Muito bem, doutor Clóvis. Nem me fale! Você foi o verdadeiro herói. Passou noites e noites ao lado da minha bisneta. Até que venceu a crise.

Clóvis

Não sou herói, dona Marta. Sou médido. Alimento crianças, salvo vidas e também... Passo ateados de óbito. Não sou de briga, não sou político, e em matéria de valentia e demonstrações de força, sou como aquele que me disse: *Mais vale um minuto de covardia que herói morto e enterrado toda a vida.*

Vera

Mas Tónico não morreu nem está enterrado.

Julia

Não me venha dizer que Tónico foi herói!

Vera

Tónico fez o que pôde. Esteve no 14 de Julho, basta isso...

Julia

Todos aqui lutaram por São Paulo. Não foi só o Tónico.

220

Vera

Lutaram... Lutaram. Talvez seja força de expressão. *(Aqui começa nova discussão, com vozes simultâneas entre Vera e Marta de um lado e Cláudio e Tónico de outro)*

Marta

Lutaram, sim senhora, por que não?

Vera

Servir de estafeta entre o quartel-general e Quituína não é lutar, ao que me parece.

Cláudio

Estafeta, não senhor. Agente de ligação.

Tonico

Serviço de retaguarda. Não tem cheiro de pólvora.

Marta

Cláudio foi até o fim com o serviço. E Tonico nem chegou ao meio.

Cláudio

Você deu o pira. Abandonou o batalhão.

Vera

Porque ficou doente. Doente de revolução.

Tonico

Abandonei, vírgula. Baixei a hospital para tratamento. 221

Marta

Dor de barriga.

Cláudio

De uma disenteria. O que é isso? Tem cheiro de pólvora?

Vera

Doença de trincheira.

Tonico

Queria ver você na trincheira com tiro de canhão e ronco dos vermelinhos.

Marta

Doença de medo.

Cláudio

Garanto que não ia ter dor de barriga.

Vera

Medo teve o seu marido.

Tonico

Dor de barriga teve você, seu pombo-correio.

Marta

O seu.

Cláudio

Barba de porão.

Vera

O seu.

Tonico

Pombo-correio.

(Em meio à discussão, dona Marta retira-se da sala, em sinal de protesto. Julia intervém, enérgica, tocando violentamente um gongo. Todos param, cientes do ridículo)

Julia

Que vergonha! Parecem crianças. Mamãe saiu em sinal de protesto!

Marta

(correndo para a saída) Vovó!

Julia

Vocês são incríveis. Não adiantou mamãe falar, ameaçar. Parecem cão e gato. Que família, meu Deus!

Tonico

Família unida é assim. A gente desabafa logo, não se guarda ressentimento e continuamos amigos, não é, Cláudio?

Cláudio

Isso nem se discute. Vamos fumar o cachimbo da paz, com uísque e soda.

223

Tonico

Muito bem lembrado. *(ambos vão ao bar)*

Vera

Será que mamãe se foi embora?

Clóvis

Dona Marta não abandonou o campo de batalha. Foi um golpe estratégico para conseguir o armistício.

Marta

(entrando com a avó) Armistício mesmo. Por pouco tempo.

Julia

Por que pouco tempo? Temos mais motivos para discussão?

Marta

É bem possível.

Dona Marta

Se continuarem brigando, vou-me embora e nunca mais porei os pés nesta casa.

Julia

Vamos! O que está esperando? Solte a bomba.

Clóvis

224 Não é melhor deixar essa bomba para amanhã? Vocês já devem estar satisfeitos por hoje.

Marta

Não é possível. Tem que ser agora; senão, será tarde.

Vera

O que é?

Tonico

Vamos, Marta, o que é que há?

Marta

Cláudio e eu convidamos o doutor Acrísio Vivanti para jantar.

(Espanto dos demais, menos da velha)

Tonico

Para quando?

Marta

Para hoje. Daqui a uma hora ele e a mulher estarão aqui.

Tonico

(Solene e contrafeito) Ver, vamos embora. Já. Imediatamente.

Vera

Será possível? Não estou acreditando! Espere, Tonico. Deve ser brincadeira.

225

Dona Marta

Quem é Acrísio Vivanti?

(Respostas quase simultâneas)

Cláudio

Um nosso amigo, companheiro de nossa última viagem à Argentina.

Tonico

Gros bonnet da ditadura; um dos agentes de ocupação que o governo federal mandou para cá.

Marta

Antes disso ele era nosso amigo. Assim que chegou a São Paulo teve a delicadeza de nos procurar, apesar de toda a sua importância.

Tonico

Não era razão para recebê-lo aqui!

Vera

E muito menos para jantar.

Tonico

Neste solar, nesta casa de paulistas tradicionais...

Vera

(apontando para o quadro na parede) De onde partiu o soldado da lei.

226

Cláudio

Ah! Agora não sou mais pombo-correio. Sou um soldado da lei!

Tonico

Não, Cláudio, o assunto é sério. Muito grave. Trata-se de uma questão de dignidade...

Clóvis

Posso dar um palpite?

Cláudio

Não, Clóvis. Deixe o herói falar.

Tonico

Herói ou não herói, temos que manter uma atitude. Nossa família é um dos esteios desta nossa sociedade, da alta sociedade de São Paulo. Representamos a elite...

Vera

E o Vivanti é um dos estios da ditadura.

Cláudio

Antes disso, era pessoa de nossas relações. A revolução acabou ou não acabou?...

Tonico

Não acabou. Não acabará nunca, enquanto persistir a ditadura.

227

Vera

Olhe para aquela parede e veja. Marta, onde você está com a cabeça?...

Julia

Tonico e Vera têm razão, Marta. Se eu fosse vocês, arranjava um pretexto qualquer, agora, já, e desmanchava o convite. Nossa família tem responsabilidades para com São Paulo. Não podemos receber e prestigiar enviados da ditadura.

Tonico

É um escárnio. E ainda mais você, Marta? Lembre-se que seu pai morreu na revolução.

Cláudio

Na revolução, não senhor, *durante* a revolução.
É coisa bem diferente.

Vera

É a mesma coisa. Seu sogro morreu por causa da revolução.

Tonico

Se não houvesse revolução, Fernando teria ido aos Estados Unidos para se tratar.

Cláudio

Sempre apreciei muito o meu sogro e senti muito a morte dele. Disto não se cogita. Mas, tenha paciência; o doutor Fernando não foi um herói da revolução. Não morreu pela revolução.

228

Julia

Não pôde tomar parte nela, porque estava doente, muito doente.

Marta

Isto é outro caso.

Tonico

Se não fosse a doença, estaria comigo, ali na trincheira.

Vera

Vocês receberem aquele homem aqui é um escândalo! E ainda mais aquela mulher!

Marta

E a mulher dele, que é que tem?

Vera

Cafajeste. Apenas isso. Rastaquera.

Julia

(a Vera) Você conhece a mulher dele?

Vera

A Nenê Paraíso! Quem não conhece sua crônica, no Rio?

Julia

A Nenê Paraíso! Meu Deus! Ainda mais essa!...

Clóvis

Hoje é a senhora Vivanti. E dizem que dá as cartas não só nos ministérios, como no próprio Catete. E olhe: está corretíssima. *Dernier cri.*

Cláudio

Uma linda mulher. E está mandando mesmo.

Dona Marta

O pai dela era *croupier* de jogo. Recebeu muita gorjeta minha em Poços de Caldas.

Marta

Pois hoje é uma grande dama. Correta, bonita, fina...

Vera

Cafajeste. Rescende a cafajestismo. Ora, Marta, uma mulher com aquela crônica. Nem se casando com o papa.

Dona Marta

Não diga blasfêmias, menina.

Tonico

(a Cláudio) É melhor você tirar a bandeira paulista da parede. E o capacete. E o diploma. Não seria delicado...

Cláudio

230 Pois ele vai ver aqui todos os troféus. E a Martuxa vai recitar o repertório revolucionário.

Clóvis

E ele vai achar muita graça!

Marta

Acrísio considera a revolução uma das mais belas páginas da história do Brasil.

Tonico

Veja, Vera: Acrísio *tout court*. Já são íntimos.

Julia

Considere um pouco a situação, minha filha. O doutor Vivanti é um agente de ocupação. Ele

quer paz e sossego e precisa de vocês para estribo. Isso é coisa da Nenê Paraíso. Quem não está vendo? Se péla para entrar em nosso meio social.

Cláudio

Já ponderamos os prós e os contras.

Tonico

Pois olhem, Marta e Cláudio; vocês são meus sobrinhos, meus afilhados e, muito mais que isso, meus amigos. Mas se vocês receberem esse homem, nunca mais porei os pés nesta casa.

Julia

Por que essa briga na família por causa de um estranho?

231

Cláudio

Vocês me desculpem. Quem manda nesta casa sou eu e receberei nela quem eu quiser, doa a quem doer.

Tonico

Pois então cortaremos relações. Fique com seus novos amigos da ditadura.

Julia

Vocês vão ser severamente criticados por nossos amigos...

Vera

Sabotados... Sabotados!

Cláudio

Não sei por quê! Tenho vários motivos para recebê-lo. Primeiro: foi nosso companheiro em Buenos Aires há quatro anos. Nosso cicerone. Nos cumulou de gentilezas que nunca pudemos retribuir, pelo fato de morar no Rio Grande do Sul, em Porto Alegre. Segundo: foi ele quem nos procurou. Está com a faca e o queijo na mão e com a maior simplicidade me telefonou e me recebeu, intimamente, sem a menor cerimônia, em seu apartamento no Esplanada. Terceiro: como um dos diretores de uma associação de classe, não posso repudiar um elemento tão chegado ao governo central, sem prejuízo dos interesses da classe que represento. Isto já se decidiu na Federação. Impõe-se uma aproximação ao governo central, em favor de nossas indústrias, de nosso comércio. Não podemos nos afastar do poder central...

232

Tonico

Isso significa ADESÃO. Adesão, coisa com que não pactuo!...

Clóvis

Perdão. Um momento. Perdão. Vou meter aqui a minha colher de pau: acho essa fórmula São

Paulo não esquece, não perdoa e não transige muito bonita, digna de um poema, mas muito pouco prática. Se temos indústria, comércio e lavoura, se precisamos de dinheiro, de exportação, de leis, onde está tudo isso? No Banco do Brasil, na Caixa Econômica Federal, no Rio de Janeiro, com eles. Nós temos mesmo é que perdoar, esquecer e transigir. Trata-se de uma questão de sobrevivência. O resto é poesia.

Tonico

Isto é argumento de adesista! Aderir para o bem de São Paulo. Eu sei! Nessa eu não vou! Sou contra! Sou contra... Vamos, Vera.

(Tonico vai saindo com Vera; chega mesmo a sair. Vera é que se atrasa, hesitante. Tudo isso durante a seguinte fala)

233

Cláudio

E há ainda um quarto motivo para recebê-lo: o doutor Acrísio Vivanti está em condições de salvar a Santa Marta Fabril, por via de um empréstimo na Caixa Econômica Federal.

(Silêncio geral. Todos olham, ora para Cláudio, ora para o lugar onde saiu Tonico. Este voltou à cena, meio embasbacado)

Tonico

Hein? O que é que você disse?

Cláudio

É isso mesmo. Um empréstimo. Quinze milhões. Vinte anos de prazo. Juros de 7% ao ano.

Tonico

Vamos, Vera, antes que eu fraqueje. Prefiro a falência da Santa Marta.

Dona Marta

(*Forte*) Prefere coisa nenhuma. Fique quieto. Não diga asneiras. Antes, pergunte à sua mulher o que é que ela prefere. Hein! Vera, o que é que você prefere? A falência da Santa Marta? Perder seu automóvel, suas jóias? Viver na miséria? Julia, você também? Respondam. Se vocês pensam só no orgulho de São Paulo, por que não fizeram economia? Por que não reduziram as despesas quando souberam que a fábrica ia mal? Não. Uma crise geral e vocês nem tomaram providências. A produção da Santa Marta diminuindo; as vendas baixando pela metade. Vinte horas semanais de trabalho. Os balanços acusando prejuízo e vocês continuando na mesma vida; trocando de automóvel todo ano, viajando, recebendo. Ainda bem que a Martinha e Cláudio compreenderam essas coisas e quando querem salvar um patrimônio que ajudei a fundar e que vocês enterraram, vocês vêm aí com fanfarronadas, com brios ofendidos...

Julia

Não disse nada, mamãe.

Dona Marta

É o Tônico. Trata de raspar essa barba que é melhor. Se ao menos soubesse ganhar... Mas só sabe gastar.

Tônico

(Furioso, a Cláudio) Por que não disse logo o que era?

Cláudio

Não disse, porque faço questão que saibam que recebo o Acrísio por ser meu amigo antes. Trata-se de uma retribuição de gentilezas que dele recebi antes. A questão do empréstimo à Santa Marta é secundária. Ou antes, está em terceiro lugar, porque em segundo está o bem de São Paulo. São Paulo não pode se isolar na federação.

235

Vera

Pois vamos fazer tudo para o bem de São Paulo, não é, Tônico?

Tônico

Pois que seja para o bem de São Paulo.

Dona Marta

Eu sou franca. Para o bem da Santa Marta Fabril. E se ele salvar a fábrica, ponho um retrato dele no salão da minha casa. Vamos, Vera. Vamos, seu barbudo teimoso. Levem-me para casa. Estou cansada. *(Levantando-se)* Cláudio, um dia desses quero conhecer esse homem. E a mulher dele também, a tal Paraíso. O pai era o pai, ela é ela.

Julia

É a senhora Vivanti.

Vera

Ela deve ser inteligente e viajada. Talvez tenha algum verniz. Seja tudo para o bem de São Paulo.

236

(Saem os três. Tônico é o último. Olha silencioso para a bandeira paulista. Volta-se aos demais; faz um gesto mudo de despedida, mais ou menos cordial, suspira e sai, derrotado. Ficam Cláudio, Marta e Julia. Cláudio suspira)

Cláudio

Puxa! Custou mas foi! *(O relógio é consultado)* São sete horas, Marta. É bom você se informar sobre o jantar. Às oito e meia.

Marta

Às oito horas estarão aqui.

Julia

Vamos, Clóvis. Que temos gente para jantar em casa.

Clóvis

Às suas ordens, patroa.

Julia

Minha filha, até amanhã. Felicidades. Que tudo corra bem. *(beijos de despedida)*

Clóvis

(Toma o último gole) Para o bem de São Paulo! Viva o doutor Acrísio Vivanti e sua belíssima esposa!

Julia

(Levemente irritada) Vamos, Clóvis!

237

Clóvis

Até amanhã, Cláudio. Até amanhã, Martinha. Cuidado com a Paraíso, que pode transformar o seu *ménage* num inferninho, hein?

Cláudio

(Meio irritado) Pum-pum! Péssima!

Todos

Até logo. Até amanhã!

(Saem os dois, acompanhados por Marta. Cláudio vai ao bar preparar novo uísque. A luz da sala

vizinha, ao fundo, acendeu-se. Cláudio vai à vitrola, de copo na mão. Entra Marta)

Marta

Aquele meu tio Tonico...

Cláudio

É um bom imbecil. Nada mais, nada menos. Não vê um palmo adiante do nariz.

Marta

Você devia ter logo entrado no assunto...

Cláudio

Um paspalho... E com aquela barba ridícula.

238

(Marta apaga a luz central, de sorte que, à luz do abajur, acesa a sala vizinha, ao fundo há um realce no relevo do desenho da fábrica na parede de vidro. Há uma pausa)

Marta

Cláudio.

Cláudio

O que é?

Marta

Veja como se comporta com Paraíso.

Cláudio

Que é isso? Ciúme?

Marta

Absolutamente. Se tivesse ciúme de você já estaria louca.

Cláudio

Então, por que essa recomendação?

Marta

É que, pelo menos desta vez, suas aptidões de don Juan terão um objetivo prático.

Cláudio

Quer dizer: você me recomenda um pequeno papel de gigolô, não é isso?...

Marta

Dependerá dela.

239

Cláudio

Não entendo a ironia...

Marta

Porque você... Ora, você... Claro... Nem há dúvida... Rabo-de-saia... E bonita e... E assanhada...

Cláudio

(Muito irônico) E deixo o Vivanti para você, não é, meu bem?

Marta

Mais ou menos.

Cláudio

(Fingindo espanto) Como mais ou menos?

Marta

É isso mesmo. Você já namorou todas as minhas amigas, na minha frente, atrás de mim. Teve as mulheres que quis, que eu conheço e milhares de outras que eu não conheço e não me interessam. Nada disso me interessa. Não estou reclamando, nem acusando. Apenas constatando. E argumentando. Agora, é evidente que você vai dar em cima da Paraíso. Pois seja bem-sucedido. Eu tomarei conta do velhote. Não tenha medo. Flerte, apenas flerte. Estamos entendidos? Estamos entendidos?...

240

Cláudio

(Depois de pensar) Que seja tudo para o bem de São Paulo!

Marta

(Retirando-se) Cínico!...

Cláudio

(Fica só. Vira-se para a bandeira paulista, com o copo na mão) Bandeira das 13 listas. Perdão pelo que aconteceu, sob suas vistas e pelo que ainda vai acontecer. O bem de São Paulo é mentira; mas os imbecis têm a sorte, a felicidade de acabar acreditando nela. Para mim, sempre será mentira.

Não mais lhe fala um soldado da lei, pela Constituição, mas o comandante daquele monstro, que eu venero, que eu adoro, mais que a Deus, mais que à minha mãe... Que a minha própria filha...
(Virando-se para a parede de vidro) À tua saúde,
Santa Marta Fabril S. A.

Fim da cena I

Cena II

Dez horas da noite. Em cena: Marta e Cláudio e o casal Vivanti. O doutor Acrísio Vivanti é homem de 50 anos, um tanto rude de expressão e de maneiras, porém com ar inteligente e de pessoa segura de si. Traja-se correta e sobriamente. A senhora Nenê Paraíso é mulher de 30 anos, bonita, linda mesmo, elegantíssima, passando um pouco da medida. Tudo nela passa um pouco da medida: beleza, sexo, maneira de se vestir, atitudes. Acabaram de jantar e está na hora do licor e do charuto. Marta oferece charutos a Acrísio, enquanto Cláudio serve o licor no bar.

242

Marta

(Com a caixa de charutos) Fuma um charuto?

Acrísio

Obrigado. Prefiro o cigarro.

Marta

(Pega caixa de cigarros) Americanos?

Acrísio

Não, obrigado. Mas não se incomode. Tenho aqui. *(Serve-se de sua cigarreira)*

Marta

(Acende com um isqueiro de mesa)

Acrísio

Muito obrigado.

Cláudio

(*Vem com os licores, oferece a Nenê*) Um Curaçao? Triple sec?

Nenê

(*Aceitando*) Você conhece um licor italiano chamado *Strega*?

Cláudio

Creio que conheço.

Marta

(*a Nenê*) Quer um cigarro americano?

243

Nenê

Fumo *Pall Mall*.

Marta

(*Verificando*) Que pena. Não temos aqui. Só *Chesterfield* e *Philip Morris*. É a mesma coisa.

Nenê

Só fumo *Pall Mall*. Devo ter em minha bolsa. Está ali... Em cima do bar. (*Cláudio apressa-se em buscar a bolsa*).

Nenê

Na semana passada estávamos no *grill* do Copacabana... Muito pau... Então fomos à casa do

Martinho... Na Gávea... Vocês conhecem?... Devem conhecer... Uma lindeza... No meio do mato... Muito bem decorada... Rústico. Estilo rústico... O Martinho nos ofereceu esse *Strega*... Uma delícia... Mas forte! Tomei uns cinco. Quando dei acordo de mim... Tu te lembras, Acrísio... Dei trabalho. Até banho de piscina tomei. Com roupa e tudo.

Cláudio

Será possível?

Nenê

Pergunte ao Acrísio. Não é verdade, bem?

Marta

244 E como você pôde mover-se na água, com esses vestidos?

Nenê

Não. Tirei o vestido. Foi de combinação. Uma farra! Tudo por causa do *Strega*. Mas o Martinho foi um príncipe. Para eu não ficar no ridículo, atirou-se à piscina. Lembras, Acrísio? De *smoking* e tudo.

Cláudio

Devia estar engraçadíssimo.

Nenê

Foi o diabo. Do *diaboff*, como disse o Martinho. Do *diaboff*! Aí saímos da água e começamos a

jogar na piscina todo o pessoal. Um lá da embaixada americana caiu de cuecas, com charuto na boca. Foi do *diaboff*.

Marta

(a *Acrísio*) Você também tomou seu banho?

Acrísio

Não.

Nenê

Acrísio não topa essas farras. Mas, nem ligou. Te lembra, bem?

Acrísio

(*Contrafeito*) Sim, sim.

Cláudio

E como se arranjaram depois?

Nenê

Ora, o Martinho é formidável. Pegou tudo quanto era pijama seu e nos emprestou. E acendeu a lareira. Nem, fazia frio! Te lembra, bem? Depois o Kimoto, nosso chofer japonês, foi buscar roupas. E deu tudo certinho. Ninguém se constipou, nem se gripou. Foi uma noite formidável. Até o pileque do *Strega* passou!

Marta

(a *Acrísio*) Você devia cair n'água também. Por solidariedade.

Nenê

Foi o que eu te disse, não foi, bem? Tu não foste camarada.

Acrísio

Teria muita graça, não há dúvida!

Nenê

Ora, bem. Por que não? Todos íntimos. Não houve nada de mal. Foi engraçadíssimo. Espontâneo.

Acrísio

Streganeo.

246

Nenê

Pilecaneo. Aí, bem. Gosto de ti. Tu não sabes por quê.

Acrísio

Será que não sei?

Nenê

Tu te fazes mais velho do que és. Acrísio é engraçado. Topa tudo, mas com ar muito sério. Pensam que ele não está gostando. Mas está. Topa tudo. É jeitão dele. Não é, bem?

Acrísio

Mais ou menos. (*a Cláudio*) Muito bom licor. Aliás, esplêndido jantar. Parabéns à dona da casa.

Marta

Muito obrigada. Terei muito prazer em repetir.

Acrísio

E aceitarei. Enquanto não tiver a minha casa montada, terei que abusar dos amigos para fugir da comida do hotel.

Marta

Não faça cerimônia. E não precisa convite. Ser-vimos às 8 horas. É só telefonar para saber se jantamos em casa.

Acrísio

Muito obrigado. Muito amáveis.

Cláudio

Nunca esquecemos suas gentilezas em Buenos Aires.

Acrísio

Ora. Foi só prazer.

Marta

Olhe, Cláudio, acho que nós temos o *Strega* aqui. Veja ali no bar. Ofereça-o à Nenê.

Nenê

Deus me livre! E aqui tem piscina?...

Marta

Tem, como não?

Nenê

Mas a água deve estar gelada. Isto é São Paulo, não é Rio, não.

Cláudio

Lá isso está. Não aconselho um banho. E muito menos depois do jantar. Mas vou ver o *Strega*.

Nenê

Não. Não. Muito obrigada. E nem poderia tirar o vestido. Estou com ele em cima da pele.

Acrísio

Nenê, que modos são esses?...

Nenê

Ora, bem. Cláudio e Marta são da turma. Não são bola preta.

Cláudio

Claro. Você não viu nosso emblema? (*Vai ao bar e pega um bibelô. Três homens ligados um ao outro.*) Olhe aqui: cego, surdo e mudo.

Nenê

Que quer dizer isso?

Cláudio

Muito fácil. Não se vê, não se fala, não se ouve. É o nosso lema. O que se passa entre nós, fica entre nós.

Nenê

Maravilhoso! Formidável! Onde você comprou isso?

Cláudio

Em Paris. No *Marché aux Puces*.

Nenê

Em *Saint-Honoré*?

Cláudio

Não. É uma espécie de mercado, de feira de antiguidades.

Nenê

Ah! Como é mesmo o nome?

249

Cláudio

Marché aux Puces. Me garantiram que pertenceu a um dos condes de Paris. Autêntico.

Nenê

Isso é próprio para *garçonnière*.

Cláudio

Muito bem lembrado!

Nenê

Isto é. Não sei, não é? Uma sugestão, apenas...
Me veio à cabeça.

Cláudio

Naturalmente.

Nenê

Veja, Acrísio. (*Toma o bibelô da mão de Cláudio e o mostra a Acrísio*) Não vê, não fala, não ouve. Um bom presente para dares àquele pessoal do palácio. Aqueles trancas que vivem a bisbilhotar, a falar mal dos outros. Escreve ao Dantas que te compre lá no tal *marché*... uns 12... tu debes mandar um a cada um. Uns gaúchos errados, mal viajados. Tu não, graças a Deus. Acrísio é de Caxias, mas formou-se em Porto Alegre e ia muito a Buenos Aires.

250

Acrísio

E tu, donde és, Nenê? Diga, vamos?

Cláudio

Você não é carioca?

Acrísio

Carioca? (*Gargalha*) De Livramento! Da fronteira!

Nenê

Sou quase carioca. Nem conheço Livramento. Nasci lá por acaso.

Acrísio

Por acaso! Teu pai que te ouça, menina. Um gauchão daqueles!

Cláudio

Também tenho parentes no Rio Grande.

Nenê

Ué! Pensei que você fosse paulista de 400 anos.
Que pena!

Marta

Sim. Toda a família de Cláudio é paulista. Gente de Itu, Tietê, sei lá.

Cláudio

Mas tive um tio-avô que fugiu para Porto Alegre e lá se casou e constituiu família. Tenho muitos primos lá. Os Toselli, você não conhece, Acrísio?

251

Acrísio

Os Toselli, conheço-os, como não. Boa gente. Não sabia que tinham ascendente paulista. Aliás, muitos gaúchos têm ascendentes paulistas.

Nenê

Mas seu tio FUGIU daqui. Algum desfalque?

Cláudio

Não que naquele tempo não havia disso! Parece que houve um escândalo com uma certa senhora, uma baronesa. O fato é que ele FOI CONVIDADO a sair de São Paulo pela família dela.

Nenê

Hum! Um don Juan! Muito bem! Você tem raça, hein?

Marta

Só raça?...

Cláudio

Pronto. Entrei na berlinda.

Nenê

Esse seu tio era bonito? Você tem um retrato dele?

Acrísio

252

Por que, Nenê?

Nenê

Quero ver a pinta do homem, ora! Quero ver se é a mesma do Cláudio. Que é que tem?

Marta

Está no álbum, Cláudio. Lá na sala de *bridge*. Ela quer ver.

Cláudio

Vamos?

Nenê

Vem, Acrísio. Venha ver a pinta do homem.

Acrísio

Não. Desculpem, mas não estou interessado.
Vai tu.

Marta

Mais um licor?

Cláudio

Com licença. *(Saem os dois)*

Marta

Meio cálice?

(Acrísio estava distraído, acompanhando os dois, um suspiro pouco perceptível, vê-se o vulto dos dois, na sala ao fundo. Isso durante toda a cena que se segue)

253

Acrísio

Pitoresca. Muito pitoresca, não acha?

Marta

Não deixa de ser um charme. Além de muitos outros que ela possui.

Acrísio

É. Porém um tanto ou quanto fatigante.

Marta

Mais um pouquinho de *Curaçao*? Ou prefere *champagne*? É melhor, não? Mais leve. E está

bem geladinha. *(Há um balde com champanha ao gelo. Marta se dirige a ele)*

Acrísio

Que vá. Vamos beber. *Champagne* é muito bom para desparafusar o nosso... Pudor psíquico. Está certo isso?...

Marta

(Servindo) Não sei bem. Mas entendi o que você quer dizer. É o principal.

Acrísio

É o principal. *(Pegando o copo)* Obrigado. Então... À saúde do nosso reencontro... *(Bebem)*

254

Marta

Em condições um pouco diversas.

Acrísio

Como?

Marta

Conheci você solteiro, livre, solto e tirando bom proveito dessa liberdade...

Acrísio

Agora estamos taco a taco.

Marta

All square.

Acrísio

Sob certo ponto de vista, talvez seja melhor. Haverá mais compreensão.

Marta

Não. Não pode ser melhor. Pode haver mais compreensão, isso sim. Mas nunca melhor. Aliás, não sei em que sentido você está falando. Mais um pouco? (*Serve mais champagne*)

Acrísio

Uma especial a você. Tintim.

Marta

Tintim. (*Bebem*)

Acrísio

Ótimo *champagne*.

Marta

De 29 para cá você mudou muito, Acrísio.

Acrísio

Fiquei quatro anos mais velho. Nesta idade, quatro anos pesam na balança. (*Sentando-se*) Mas estou bem. Faço meus esportes...

Marta

Não. Não falo do seu físico. Você está ótimo. Não pode estar melhor. É do lado sentimental... Você mudou muito.

Acrísio

Por quê? Você acha? Assim tão depressa, você já pôde tirar conclusões?

Marta

À primeira vista. Sempre tive a impressão que o Acrísio Vivanti que conheci em Buenos Aires em 1929 não era homem de se casar com... Com...

Acrísio

Com uma Nenê Paraíso?

Marta

É.

Acrísio

Por quê?

Marta

Nada. Não me leve a mal...

Acrísio

Ora, Marta. Não estamos com o psíquico desparafusado. Continue. Gosto de ouvir você falar com franqueza.

Marta

Não é... Você sabe... Ela não tem nada demais. Pelo contrário...Tem tudo a seu favor... Mas...

Acrísio

Mas...

Marta

É uma questão de tipo de mulher. Pelo seu modo de pensar, pelo seu jeito de falar, em 1929, naturalmente, nunca pensei que você se prendesse a uma mulher...

Acrísio

Pitoresca...

Marta

Mais ou menos. Ou isso. Bem definido. Pitoresca.

Acrísio

E quem disse que eu estou preso a ela?...

Marta

Ora, Acrísio, que topete!

257

Acrísio

Por que casei-me com ela? Por isso estou preso? É essa prisão que você se refere?...

Marta

Não. Aliás, não deixa de ser prisão...

Acrísio

Para nós, isso não vale.

Marta

De acordo. E o *beguin*? Não fosse o *beguin*, você se casaria?

Acrísio

Podia ter sido uma fraqueza. Fraqueza que seria perfeitamente explicável pela reviravolta em minha vida. Você sabe: houve uma revolução. Dois anos depois outra. Subi. Da província passei à metrópole. Fiquei rico... De certo modo... Poderoso. Tudo isso influi nas nossas determinações de momento.

Marta

Então? Você mudou.

Acrísio

Não senhor. Nas determinações de momento, disse eu. O fundo continua o mesmo.

258

Marta

Mas os fatos provam o contrário.

Acrísio

Que fatos são esses?

Marta

Ora, Acrísio...

Acrísio

Fale, que fatos são esses?

Marta

Todo mundo diz que ela manda em você, nos ministérios, até no Catete. Consegue tudo o que quer.

Acrísio

Há uma meia verdade nisso tudo. Digo a você, francamente, Marta. Não tenho necessidade de mentir. Ela não manda em mim. Zero. Zero à esquerda, compreendeu? Estou de coração aberto.

Marta

Desparafusado.

Acrísio

Isso mesmo. Mais. Mais *champagne* (Marta serve. *Bebem*) Quanto à outra parte, é verdade, mas num sentido. Ela consegue as coisas nos ministérios, não porque eu peço e sim por sabujice. Porque eles pensam que me agradam servindo a ela. À minha revelia... Muitas vezes nem sei o que está se passando. Ela usa e abusa dessa vantagem.

259

Marta

E por que não toma providências?

Acrísio

Providências como? Contra a sabujice? Impossível. Deixa. Deixa correr o barco.

Marta

Quer dizer que você, no fundo, não mudou nada?

Acrísio

O mesmo de sempre. Acredite se quiser. E, em relação a você, aquele mesmo homem que você conheceu em Buenos Aires. Aquele bonequinho que você manobrava com cordéis na ponta dos dedos.

(Acrísio pega nas mãos de Marta. Esta cede um pouco, mas logo se safá, levantando-se. Fica fitando o relevo da fábrica na parede. Acrísio levanta-se e, ao lado dela, considera o relevo. Vêm-se ainda os vultos de Cláudio e Nenê, sentados na sala ao fundo)

260

Acrísio

É a Santa Marta Fabril S. A.?

Marta

(Gesto afirmativo)

Acrísio

Como vai a fábrica?

Marta

Bem.

Acrísio

Bem?

Marta

Mais ou menos. Por quê?

Acrísio

Você precisa de mais *champagne*. (*É ele agora quem serve*) Beba e seja franca comigo.

Marta

Por que isso, Acrísio?...

Acrísio

Porque sei que a Santa Marta vai muito mal. Muito mal mesmo. No Rio, temos o fichário completo das maiores organizações desta terra. Essas fichas fazem parte do nosso equipamento político, ou melhor, do nosso equipamento ditatorial.

Marta

É verdade.

261

Acrísio

(*Pegando nos braços de Marta*) Pois eu vim aqui disposto a salvar a Santa Marta, está ouvindo?...

(*Marta se desprende e se afasta, sem dizer palavra*)

Acrísio

Pelo amor de Deus, Marta. Não é o que você está pensando. Nem faça esse juízo de mim. Muito obrigado. Pensei que você me conhecesse melhor.

Marta

Não estou fazendo juízo.

Acrísio

Está, sim senhora. Está pensando que quero lhe comprar, salvando a Santa Marta.

Marta

Você não tem razões para salvar a Santa Marta. Salvar como?

Acrísio

Isso de como salvar a Santa Marta é comigo e com seu marido. Ele saberá como. E não será difícil, lhe garanto. E, quanto aos motivos, tenho diversos, cada um deles suficiente por si mesmo. Por exemplo. (*Vai beber e Marta também*) Primeiro motivo: você.

262

Marta

Está vendo?

Acrísio

Estou vendo. Você é que não enxerga nada. Gosto de você e salvarei o que é seu. Incondicionalmente, está ouvindo? É por mim, por respeito a mim mesmo, você compreende? Se gosto de você e você está em mim, quer seja ou não do seu agrado, por mim mesmo, por consideração ao meu ser, tenho que lhe proteger, ou defender,

ou salvar, compreendeu? De modo que você não fica a me dever nada. Nem mesmo gratidão.

Marta

É. Nesse ponto, você não mudou. É o romanesco de sempre. E muito forte.

Acrísio

Muito bem. Já começou a manobrar os cordéis. A história se repete. (*Pega nas mãos de Marta e beija a ponta dos dedos*)

Marta

Pode-se saber quais são os outros motivos?

Acrísio

Naturalmente. Segundo: um dever de amizade. Afinal, vocês me deram acolhida nesta terra. Receberam sem restrição a mim e a minha mulher. O Cláudio, não sei, talvez por uma ponta de interesse. Você, não. Você me recebeu, não como governo, mas pelo homem que você conheceu em 29 em Buenos Aires. Por amizade. Espontaneamente. E meu lema é servir aos amigos. E sei o que lhe deve ter custado esta sua atitude, ou o que vai lhe custar, junto de seus parentes, de suas relações. (*Vira-se para o lado dos troféus*) Ah! Estes paulistas! Estes paulistas de 400 anos são terríveis!...

Marta

Nem tanto! Já estão aderindo!...

Acrísio

Não queremos adesão e sim confraternização.

Marta

Slogan político.

Acrísio

(Rindo) Você tem razão. Desculpe. Escapou sem querer. Tanto a gente fala, que as expressões políticas vão saindo automaticamente. É só vir a deixa.

Marta

264 Estou brincando. Continue. O outro motivo?

Acrísio

Já não chegam esses dois? Tão decisivos? Afinal, não é preciso todo o meio circulante para salvar a sua fábrica. Bastam uns 20 mil contos na Caixa Econômica.

Marta

(Não podendo disfarçar) Nossa Senhora! Vamos beber! *(Enchem os copos e bebem, mais aconchegados. Mais sem cerimônia)*

Acrísio

Depois, você compreende. A sua família é uma instituição. É parcela do nosso patrimônio, digamos,

aristocrático. É como instituição nacional. Precisa ser mantida como ela é, com todo seu prestígio. O desmoronamento econômico dessa família funcionaria como um sintoma de decadência...

Marta

Isto não está muito de acordo com as idéias socialistas do governo.

Acrísio

Está sim. Não somos coletivistas e muito menos comunistas. Socialismo de cátedra. Pelas instituições. Você também é uma instituição. *(Segura em suas mãos. Os dois de pé, ao lado direito da sala)*

265

Marta

Quer dizer que você vai conseguir 20 mil contos para a Santa Marta de graça, sem exigir nada em troca?...

Acrísio

Evidentemente. Nem gratidão.

Marta

Mas um favor desses!...

Acrísio

Não é favor, é obrigação.

Marta

Mas uma obrigação dessas!

Acrísio

(percebendo) E você faz questão de pagar!

Marta

Pagar não. Amor-tizar. *(Beijo)*

(O quadro termina com o seguinte efeito: à direita, o beijo de Acrísio e Marta. Ao centro, o relevo da Santa Marta. À esquerda, os vultos de Cláudio e Nenê, também se beijando)

Fim do segundo ato

Terceiro ato

Cena I

1948. Oito e meia da noite. O mesmo *living*, decoração moderna. A mesma parede de vidro fosco ao fundo, com o relevo da Santa Marta Fabril. Sofá, poltronas, bar, telefone, radiovitrola, etc. Em cena: Cláudio, Acrísio, Clóvis e Julia. Bem conservados e bem dispostos. Trajam rigor, gravata preta. Durante a cena, tomam seu aperitivo: *champagne*, acompanhado de caviar e patê. Ao levantar-se o pano, Cláudio está ao telefone, em altos brados.

Cláudio

267

Não dou nada. Nada, está ouvindo? É. A resposta é essa... Não há aumento de espécie nenhuma... Não adianta receber a comissão... Não recebo... Eles que falem com o Menezes. Está lá para isso. É pago para isso... Não tenho medo. Que façam a greve... Olhe... É isso mesmo: diga que fecho a fábrica. Pronto. Aumento não sai. Fecho a fábrica... Seja positivo... Não, não tem perigo... Pode deixar, vou providenciar... (*Desliga*) Desaforo!... Que é que estão pensando? Ou aumento ou greve? Fecho a fábrica. Ponho todo mundo na rua e acabou-se! Oh! Acrísio: em todo caso fale amanhã com o Mendonça. Preciso de policiamento na fábrica.

Acrísio

Pois não, Cláudio. Por que não recebe você mesmo a comissão? É sempre bom entrar em entendimentos. Às vezes, com 20% do que pedem, se arranjam as coisas.

Cláudio

Não adianta. Não estou disposto a dar nem 5%. Não há razão para isso.

Clóvis

Como não? E o custo de vida, que sobe de mês em mês?

Cláudio

268 Clóvis, por favor, não dê palpites. É um círculo vicioso. Um nunca acabar. Aumento de salários, aumento do preço do pano, aumento de tudo e novo aumento de salários. É preciso pôr um paradeiro nisso.

Clóvis

Você não pode aumentar os salários sem mexer no preço do tecido?

Cláudio

É, gracinha? Por que você não reduz o preço da sua consulta?

Julia

Não briguem, por favor. Olhe, mais uma torradinha, Clóvis. Estamos aqui para nos divertir.

Clóvis

Eu me divirto discutindo com o Cláudio.

Julia

Mas aborrece os outros. Não é justo. Mais um *champagne*? Não é, doutor Acrísio?

Acrísio

Obrigado, dona Julia. Vou me servir.

Julia

À vontade.

Cláudio

É isso mesmo. Amanhã vou ter muitos aborrecimentos. Por hoje acabou-se. Vamos conservar o bom humor.

269

Clóvis

(*Comendo*) E o apetite.

Cláudio

(*a Acrísio*) Não esqueça de falar ao Mendonça. Dois guardas em cada portão. E pronto. É muito simples.

Acrísio

Não é tão simples assim. Aconselharia maior reflexão...

Cláudio

Pensei que seria fácil a você entender-se com um delegado que você mesmo nomeou...

Acrísio

Não. Não se trata disso. A polícia irá. O problema é que não é simples.

Julia

Acho que devemos resistir um pouco. Cláudio tem razão...

Cláudio

Olhe: a greve vem a calhar. Estou com muito pano em estoque. Fecho a fábrica e descanso dois meses em Paris. Onde está a complicação?...

Julia

Irei com você, Cláudio. Estou precisando de tanta coisa da Europa!

270

Cláudio

Vamos também, Acrísio? Vamos tomar *champagne* na fonte.

Acrísio

Sim senhores! É... que se há de fazer? A mocidade é bela e a vida dura tão pouco!

Cláudio

À nossa saúde! (*Bebem*)

Clóvis

E viva o egoísmo! Vamos atacar esse patê... Ótimo *champagne*, Cláudio! Parabéns!...

Cláudio

Pois aproveite, que, com greves e mais reivindicações, isso vai acabar!

Julia

Nem me fale. Está tudo tão caro. Daqui a pouco não se pode mais viver! Experimente o caviar, doutor Acrísio.

Acrísio

Muito obrigado. O Clóvis tem razão: *champagne*, caviar e patê, tudo de primeira água!

Cláudio

Você sabe que uma viagem à Europa custa uma fortuna. Tônico e Vera já pediram mais suprimen-
to. E olhe que não levaram pouco dinheiro.

271

Julia

Em todo caso, gastam menos lá do que aqui. Só o jogo do Tônico!

Cláudio

Neste ano perdeu 4 mil contos. Que gaste mil na Europa, será uma grande economia! Vocês estão vendo? É *champagne*, caviar, patê, o jogo do Tônico, viagens, os vestidos de minha mulher, e vocês a querer que reduza o preço do pano! Ora bolas!

Clóvis

Apenas sugeri. Mas se é para abolir o *champagne*, reconsidero minha sugestão. Aumente o preço do tecido e reduza o salário.

Acrísio

E teremos a revolução social.

Cláudio

Você acredita nisso?

Acrísio

Há quem acredite...

Julia

Ai, ai, ai! Não vamos recomeçar!

272

Cláudio

Já encerrei o expediente. Mais *champagne*...
(*Bebem. Pausa. Entra Marta, elegantíssima*)

Marta

Demorei muito? (*Levantam-se. Acrísio e Clóvis vão ao encontro de Marta*)

Acrísio

(*Meio comovido*) Boa noite, Marta. Você está linda! Uma pintura! (*Beija-a no rosto muito amigavelmente*)

Clóvis

Não é novidade. Boa noite, querida. (*Beija-a no rosto também*)

Marta

(Beijando a mãe) Muito obrigada. *(Dirigindo-se ao bar)* Já tomaram seu aperitivo? *(Servindo-se)* Experimentaram o patê? O *champagne* está bem gelado? Você está muito bem, mamãe.

Julia

É... Faz-se o que se pode.

Marta

Muito bem. De quem é esse vestido? Não conheci.

Julia

Balenciaga. Gosta?

273

Marta

Muito. Muito mesmo. Vai muito bem em você.

Julia

Obrigada. E essa maravilha?

Marta

Dior. *(Brindando com o champagne)* Tintim. *(Os homens respondem)*

Cláudio

É Balenciaga, Dior. Vocês estão vendo?

Acrísio

Mas vale a pena. É um espetáculo. Não pagam uma fortuna por um Velasquez? Um Monet, tem preço? Um Degas? Então? Marta vale por um quadro célebre.

Clóvis

De acordo. E também por uma escultura!

Marta

Não façam *gafes* com essas alusões a coisas de museu. Na minha idade não se pode falar em museu. Recende a antiguidade.

Acrísio

274

A idéia é de padrão de beleza.

Julia

Deixe essa idéia de museu para mim. Você está bem longe.

Clóvis

Modéstia vossa. Pois comigo não. Estou muito em forma. E faço meus esportes e jogo meu tênis. Sou moço, meu velho, moço...

Cláudio

Yo lo creo como si fuera verdad.

Clóvis

Você não me interessa. Acredite ou não, não me interessa.

Marta

Eu acredito, Clóvis. Você está ótimo. No ponto de bala. Como eu gosto.

Clóvis

(a *Cláudio*) Está aí! Ouviu, seu paspalho? Essa é a opinião de cátedra. Dê cá um abraço, Martinha, você é um colosso! Sente aqui comigo!...

Marta

Espere. Deixe pegar mais um *champagne*! (*Serve-se e senta-se com Clóvis no sofá. Acrísio, Marta e Clóvis*) Palpites. Uma rosa entre dois espinhos.

Marta (Recitando)

*As rosas é que são belas
os espinhos é que picam.
Mas são as rosas que caem
E os espinhos é que ficam.
Comovedor, não acham?*

275

Cláudio

Filosofia de balzaquiana.

Julia

Pessimismo de balzaquiana.

Acrísio

Histórias, Marta. Fique certa de que você está no seu apogeu. Num esplêndido apogeu.

Marta

Com uma filha de 22 anos. Eu é que sei.

Cláudio

São oito e meia, gente. Vamos embora. O jantar é às 9. Que é da Martuxa? Também foi convidada. Há lugar marcado para ela.

Marta

Deve estar se vestindo. Vem já.

Cláudio

Então vamos acabar esta garrafa. Acrísio? Clóvis? Mais um pouco. *(Serve)*

276

Marta

(a Cláudio) Soube que os operários da Santa Marta vão pedir aumento. Amanhã vai uma comissão falar com você...

Cláudio

Amanhã teremos greve e vou fechar a fábrica.

Marta

Como? Você não entrou em acordo com os operários?

Cláudio

Não senhora. Nem vou recebê-los. Ou vai ou racha!

Marta

Não pode ser assim.

Cláudio

Por que não? Vou mostrar se pode ou não pode. Já estou farto de lamúrias.

Marta

Mas não é justo. Convém ao menos receber a comissão. Entrar em entendimentos.

Cláudio

Não há entendimento possível! Eles querem o máximo. E não estou disposto a dar o mínimo.

Marta

Penso que você está errado, Cláudio.

277

Cláudio

Penso que você não deve interferir, Marta.

Marta

Acrísio, me ajude a convencer este homem. É um erro, até um perigo!

Cláudio

Acrísio vai ajudar; com a polícia.

Acrísio

Ponderei a ele que o negócio merecia maior reflexão. Já discutimos, quase brigamos.

Marta

Mas não se resolve assim...

Cláudio

Enquanto eu mandar na fábrica, será assim. Se não estão de acordo, tomem conta dela. Vocês também são donos, têm direito.

Acrísio

Não quero interferir na sua gestão, Cláudio. Não se trata disso. Mas podemos conversar...

Cláudio

278 Palpites não resolvem. Não adianta. Já estou decidido. Ou vai ou racha. Aumento desta vez não sai.

Marta

A vida está tão cara! Tão difícil para eles! Não é justo. Você não conhece o problema deles. E é tão simples: o que ganham atualmente, e trabalhando extraordinário, não chega. É só isso!

Cláudio

Como é que você sabe? É a Martuxa. São idéias da Martuxa.

Marta

Idéias não. A verdade.

Cláudio

Engraçado. Aqui em casa é ao contrário: em vez da mãe educar a filha... É o contrário... A filha é que educa a mãe.

Acrísio

Não diga heresias, Cláudio. Marta educou a menina maravilhosamente. Criou-lhe uma personalidade.

Cláudio

Educou nada. Deixou a menina correr à sorte, à lei da natureza. Hoje ela é completamente diferente de nós. Até o oposto.

Clóvis

Graças a Deus. Vinho de outra pipa.

279

Marta

É a nova geração que vem. A Heleninha, de Mário e Heloísa, também é assim.

Cláudio

E você acha que está certo?

Marta

Para ela está.

Cláudio

Para ela! Para ela! Só para ela. Temos que pensar em nós, na família, no nosso modo de viver, na nossa classe, na fábrica.

Julia

Isso mesmo! Essa menina está muito mal orientada. Desculpe, Marta, mas sempre foi essa a minha opinião. É uma menina rebelde. Indiferente ao nosso modo de viver, alheia às nossas coisas.

Cláudio

Não liga. A Santa Marta para ela não existe.

Acrísio

Não estou de acordo. Martuxa vê na Santa Marta um problema social. Vê muito mais longe...

Cláudio

280 Pois é. Vão pensando assim. Vão dando razão a ela. Vocês vão ver o que acontece. É o elemento heterogêneo da família. É incrível! Justamente minha filha! E a culpa é sua, Marta, e sua também, Acrísio.

Acrísio

Muita honra para mim, se tivesse contribuído na formação de Martuxa. Acho-a excelente. Tudo, porém, se deve à Marta. E ao sangue. É raça. Essa sim, é dos 400 anos!

Marta

Ela adora você, Acrísio.

Acrísio

Eu a compreendo. E o pai não.

Cláudio

Essa é muito boa. Agora tenho também que compreender Martuxa.

Clóvis

Claro! Nem há dúvida!

Cláudio

Está vendo, dona Julia? Não adianta. Deixa o tempo correr.

Julia

É. Isso passa.

Cláudio

E se não passar, um dia destes dou um estrilo e pronto. Acabo com essa mania de sociologia, faculdade, etc. Martuxa não será um intelectual, socialista, comunista, ou qualquer coisa que se pareça com isso. Comando 5 mil operários; não me será difícil tomar o pulso de minha filha.

(Entra Martuxa. É moça de 22 anos, bonitinha, espontânea e simples. Sente-se que não tem a menor preocupação com toaletes, sem ser, entretanto, descuidada ou desmazelada. Entra muito alegre, abraça e beija a avó com muito carinho; beija o pai com ternura e mostra-se muito amiga de Acrísio e Clóvis. Entrou e dominou o ambiente.

Cláudio engoliu o que estava para dizer. Martuxa tem um livro na mão. Depois de cumprimentar os presentes, pega uma faquinha no bar e começa a abrir as páginas do livro, enquanto fala)

Martuxa

Estou contentíssima. Há 15 dias ando atrás desse livro. Procurei-o em todas as livrarias de São Paulo. Mandei ver no Rio. E não é que o encontro agora na estante do papai?

Acrísio

Que livro é esse?

282

Martuxa

A revolução dos gerentes, de Burnham, *The Managerial Revolution*. Formidável! É a última palavra!

Acrísio

Eu mesmo dei a seu pai há uns quatro meses atrás. Não leu, não é, Cláudio?

Clóvis

Nem abriu o livro, olhe aí.

Martuxa

Pois papai devia ter lido mesmo. Como diretor da Santa Marta Fabril iria aproveitar muito.

Acrísio

Por isso dei a ele.

Martuxa

(a *Acrísio*) O senhor leu?

Acrísio

Não. Li uma crítica. Um resumo muito bem apanhado.

Cláudio

Não se dirige uma fábrica com livros, com teorias. Ponha o seu professor de sociologia, ou de estatística, na gerência da Santa Marta e veja no que daria.

283

Martuxa

Papai tem razão. Seriam uns péssimos gerentes. E eles sabem muito bem disso.

Clóvis

(*Rindo*) De pleno acordo.

Cláudio

Você não está pronta, menina? Estávamos esperando por você!

Martuxa

Não posso ir, papai... Não tenho tempo. Tenho que rever a tese e com esse livro agora...

Cláudio

É um absurdo! Uma grosseria para Elisabeth!
Você tem lugar marcado na mesa! (*Martuxa vai
ao telefone e começa a discar*) Não se faz isso!
Ainda mais à última hora!...

Martuxa

(*Do telefone, com um gesto pede ao pai que se
cale*) Pronto! É você, Elisabeth?... Martuxa. Como
vai?... Já estão saindo. Vovó, mamãe, papai, tio
Acrísio e tio Clóvis. Não posso ir, Elisabeth. Não.
Não posso mesmo. Estou muito atrapalhada. Não.
Nada disso. Depois explico a você. Não tem impor-
tância, tem? Muito obrigada. Você é um amor.
Eles vão já. Até amanhã. Que corra tudo muito
bem. (*Desliga*) Pronto. Já está resolvido. Ela pede
para vocês irem já. Para ajudarem a receber.

284

Cláudio

Pois sim!

Clóvis

Vamos?

Julia

É muito cacete chegar cedo demais.

Marta

(*a Martuxa*) Seu pai nem vai receber a comissão
dos operários. Se houver greve, disse que fecha
a fábrica.

Martuxa

Esse é o resultado de não ter lido Burnham.

Cláudio

Então foi bom. Porque não quero aumentar ninguém.

Martuxa

Por quê?

Cláudio

Porque não quero, ora essa. Não quero.

Julia

Eu é que não quero discussões antes do jantar.

285

Martuxa

Muito bem, vovó. Estou tão contente!

Marta

Seu pai acha que é um círculo vicioso...

Cláudio

O aumento de salários acarreta a alta da produção e, afinal, do custo de vida. Não é isso que se aprende em economia política?

Martuxa

Claro. O aumento de salários não resolve o problema.

Clóvis

Está aí. Está do seu lado, Cláudio.

Julia

Já vão começar? É melhor irmos embora. Prefiro ajudar a receber.

Cláudio

Estamos apenas conversando, dona Julia.

Acrísio

Então, o que é que resolve o problema?

Martuxa

Se eu soubesse...

286

Cláudio

Não há problema nenhum. O que existe é infiltração comunista.

Martuxa

Isso não, papai. O antagonismo das classes é evidente. Nem se discute. Este livro apresenta uma solução: os técnicos, o capital intelectual. Nos Estados Unidos, muitos dos grandes empreendimentos já pertencem à massa anônima.

Clóvis

E a Santa Marta pertence a uma dinastia. Eis aqui o faraó.

Cláudio

Graças a Deus. E vai muito bem. (*Bate três vezes na madeira*)

Clóvis

Com perspectivas de greve...

Cláudio

Isso não vem ao caso.

Martuxa

Sabe, papai, que para a tese do Roberto, estive-
mos fazendo pesquisas na Santa Marta?...

Julia

Quem é Roberto?

287

Martuxa

Um colega meu. Estudamos juntos.

Julia

Filho de quem? De que família?...

Marta

Não interessa, mamãe...

Julia

Como não interessa?...

Martuxa

Depois falo a vocês do Roberto. É o melhor aluno
do curso.

Cláudio

Que é que vocês andaram vendo na fábrica?

Martuxa

Tanta coisa que podia ser feita...

Cláudio

Você acha?

Martuxa

E ainda pode. Ainda é tempo.

Cláudio

Que é que você entende de fábrica de tecidos?...

288

Martuxa

Eu não. Roberto. Ele estuda a organização do trabalho. É a tese dele: Cousin Taylor Ford.

Cláudio

Mas a Santa Marta não fabrica automóveis.

Martuxa

Por exemplo. Você tem 5 mil operários. Podia ter uma cantina, um entreposto de leite, uma cooperativa de consumo.

Cláudio

Aquilo é fábrica. Não é instituição de beneficência e muito menos creche, menina.

Martuxa

É. Mas com uma cantina bem organizada, os operários comeriam na fábrica, uma alimentação mais sadia que em casa deles e muito mais barata...

Acrísio

... E sem ônus para a empresa.

Martuxa

Com uma cooperativa, a fábrica poderia fornecer aos seus operários os gêneros de primeira necessidade, em muito melhores condições de preço.

Clóvis

... E a vida deles seria mais barata e o ordenado valeria bem mais que nas mãos dos vendeiros e açougueiros.

289

Cláudio

Enfim, em vez de fabricar pano, perdia-se tempo em fazer caridade. O *champagne* deixou vocês muito sentimentais!

Martuxa

Não, papai. Não é sentimentalismo. É interesse. É economia. O operário satisfeito, bem alimentado, sadio, produz mais e melhor.

Cláudio

Quem é que não sabe dessas coisas, menina? Bobagens, teorias. Ponha-se lá um armazém:

roubalheira. Restaurante: outra roubalheira. Quem é que vai controlar isso? Quem é que vai se dar o trabalho...

Martuxa

Os gerentes. Aí é que aparecem os gerentes.

Cláudio

E eu, o que sou?

Martuxa

Você é o dono. É outra coisa.

Clóvis

Vai aprendendo, Cláudio.

290

Martuxa

Papai devia ler a tese do Roberto. Se eu fosse você, recebia a comissão amanhã. Pechinchava com eles e arrumava as coisas.

Cláudio

Esse palpite eu dispenso, minha filha. Agradeço muito, mas dispenso. O que há é comunismo lá dentro. É caso de polícia.

Martuxa

Pode ser. Quem sabe. Roberto disse que, sem aumento de despesa, com melhor organização de serviços, a fábrica poderia aumentar, no mínimo, 30% de sua produção.

Acrísio

Sem aumento de despesa?

Martuxa

Isso mesmo.

Cláudio

Seu colega acha isso?

Martuxa

Acha, não. Prova por $A + B$.

Cláudio

Em outras palavras: ele quer dizer que sou uma besta?

291

Martuxa

Ora, papai, que conclusão!

Marta

Besta, não. Mas convencido, vaidoso e displacente.

Cláudio

Muito obrigado, minha mulher. Muito amável.

Marta

Não há de quê.

Cláudio

Mais alguma crítica, professora?

Martuxa

Não estou criticando. Estou falando em tese. Hoje em dia, uma fábrica não pode ser tocada apenas como máquina de ganhar dinheiro.

Cláudio

Pois sim! Isso é literatura de quem não sabe ganhar dinheiro!

Martuxa

Uma fábrica deve ser encarada como um organismo de produção, fonte de riqueza...

Cláudio

Olhe aqui, menina: continue estudando... Lendo seus livros, mas deixe a fábrica sossegada. A Santa Marta não é cobaia de ninguém.

292

Julia

Também acho...

Cláudio

Não quero mais pesquisas lá, estamos entendidos?

Marta

Boa maneira de tratar uma acionista, grande acionista...

Cláudio

Não se trata de acionista. Trata-se de minha filha.

Martuxa

Estamos entendidos, papai.

Cláudio

Vocês andam incensando essa menina, vocês estão redondamente errados..

Marta

Você é que está errado e teimando.

Cláudio

Então, se não estão satisfeitos, convoquem a assembléia e peçam a minha destituição. Enquanto eu mandar lá, será assim.

293

Marta

Que maneira de argumentar!

Acrísio

Martuxa, vem cá. Sente-se aqui comigo.

Cláudio

(Levantando a voz) Acho que sou ótimo diretor. Pelo menos tenho enchido vocês de dinheiro.

Julia

Não se exalte, Cláudio. Você tem razão. Bem que não queria discussões. Vamos embora.

Cláudio

(*Gritando*) Parece até um complô contra mim!
Que coisa infernal! (*Martuxa levanta-se, vai ao bar e serve dois copos de champagne*)

Marta

(*Levantando a voz*) Não há complô nenhum! E não grite!

Cláudio

(*Furioso*) Grito, sim senhora, grito!

Julia

Eu saio da sala. Vamos, Clóvis, Acrísio.

294

Martuxa

(*Oferecendo um copo de champagne ao pai*) À sua saúde, papai. Não vá brigar comigo.

Acrísio

Vamos: um brinde geral à Santa Marta. Uma moção de confiança ao diretor.

(*Todos pegam os copos e viram para Cláudio, este afinal cede, sorrindo*) Tintim. (*Bebem*)

Clóvis

E viva o *champagne*!

Cláudio

Viva! Mais um?

Clóvis

Mais um!

(Servem-se e bebem no bar, enquanto Acrísio senta-se com Martuxa)

Acrísio

E sua tese? Qual é o assunto da sua tese?

Martuxa

Sobre a mobilidade social.

Acrísio

O que é isso?

Martuxa

É um estudo sobre a ascensão dos imigrantes, não só economicamente como na sociedade.

Acrísio

Deve ser muito interessante.

Martuxa

Foi sugestão do Roberto. Você sabe? Ele é filho de imigrantes italianos. Seu pai é o Genaro, contramestre lá na fábrica.

Cláudio

(Do bar força uma gargalhada) Vocês estão vendo? Aí está a chave de tudo!

Marta

Chave do quê?

Cláudio

Claro. Claríssimo. Vocês não enxergam o golpe desse Roberto, filho do Genaro?

Julia

Como é que você deixa Martuxa no meio dessa gente?

Martuxa

Não falem assim, por favor. É gente muito simples e muito boa. O Roberto é ótimo.

296

Julia

É de outro meio, Martuxa. Operários, imigrantes.

Marta

Fazemos muitos rapapés a imigrantes que se enriqueceram aqui. Lá no jantar vamos encontrar muitos deles.

Acrísio

Não façam gafes. Não se esqueçam que meu sobrenome é Vivanti.

Cláudio

Não tem nada uma coisa com outra. Você é você. O outro é meu contramestre.

Martuxa

(Levantando-se) Que só não ficou rico porque trabalha na Santa Marta há 30 anos. Só por isso.

Cláudio

Está vendo, Marta, no que dá essa coisa de faculdade?

Julia

Nunca olhei com bons olhos essa faculdade.

Marta

Não sei por quê.

Cláudio

Não sabe? Então você não percebe o que está acontecendo?...

297

Marta

Não.

Cláudio

Não? Você não percebe o jogo do Genaro, percebe?...

Marta

Que absurdo!

Cláudio

Martuxa amanhã vai largar essa faculdade. Não quero amizades com esse Roberto e, amanhã mesmo, mando o Genaro para a rua.

Julia

Muito bem, Cláudio.

Martuxa

(Com energia) Que injustiça! Aliás, você não pode despedir o Genaro. E, quanto a mim, não se esqueça de que tenho já 22 anos de idade!

Cláudio

E não se esqueça de que sou seu pai. Não posso admitir que você esteja às voltas com um cafajeste que se aproveita de minha filha para promover greves em minha fábrica.

Martuxa

298 Isso não é verdade. E Roberto não é cafajeste! Isso não admito!

Cláudio

(Gritando) É um cafajeste! E não levante a voz para mim!

Martuxa

(Gritando) Não é um cafajeste!

Cláudio

(Gritando mais) Cale a boca!

Martuxa

(Berrando) Não calo! Não calo!

(Cláudio dá uma bofetada em Martuxa. Perplexidade. Cena muito rápida. Marta corre em socorro da filha. Abraça-a; de repente, num acesso de raiva, senta um bofetão no marido, com vontade. Este fica pálido, como cera. Acrísio e Clóvis intervêm, afastando Marta. Após dois segundos Cláudio espatifa o copo no chão e sai furibundo, sem dizer palavra. Martuxa chora no regaço da mãe, sentadas as duas no sofá, Julia, chorosa, faz menção de sair, volta-se e chama por Clóvis)

Julia

(Chorosa) Vamos, Clóvis.

(Clóvis hesita, olha para um, para outro e se decide a acompanhar Julia. Deve-se sentir que Julia deu razão ao genro e que Clóvis quis dar razão à filha, mas acovardou-se e acompanhou Julia. Restam três pessoas em cena: Marta, calma, desabafada. Acrísio, apreensivo, e Martuxa, chorando, silenciosa)

299

Acrísio

Que maçada! Que maçada!

Marta

Não tem importância. *Champagne* demais. Só isso.

Acrísio

Que cena desagradável!

Marta

Bobagem! Somos casados há 20 e tantos anos. Já nos estapeamos diversas vezes. Isso acontece. Não podia dormir com essa. Agora estou aliviada e com fome. Com uma fome tremenda. Vamos, Acrísio.

Acrísio

Vamos para onde?

Marta

Ora essa! Para o jantar! Não podemos ser grosseiros com Elisabeth. Até logo, Martuxa. Agarre seu homem, não se esqueça disso!

300 *(Martuxa levanta-se, beija a mãe e Acrísio)*

Acrísio

Até amanhã, Martuxa.

(Os dois vão saindo. Marta ainda diz a frase final, quase à saída:

Marta

Agarre o seu homem!

Fim da cena I

Terceiro ato

Cena II

A cena está completamente escura. Em dado momento, acende-se um abajur, no *living*. Houve passagem de tempo, duas ou três horas. Acende-se a luz na sala de *bridge*. Vê-se o vulto de Martuxa se movimentando. O vulto de um moço entra. Abraçam-se. Beijam-se. Martuxa sai por um momento. O moço passeia pela sala em expectativa. Volta Martuxa com duas valises. O moço a ajuda. Novo abraço. Martuxa sai pela direita e entra no *living* com uma carta. Dá uma rápida vista na sala e, afinal, deixa a carta, em lugar ostensivo, no bar. E sai, entrando novamente na sala de *bridge*. O moço segura as valises e saem os dois, abraçados. Apaga-se a luz da sala de *bridge*. Instantes depois, ouve-se a voz de Marta, que está falando alto.

301

Marta

(Voz) Vamos beber a noite inteira. Inteirinha. Você tem sal de frutas em casa, Acrísio? (Marta entra) Deixe isso aí. Vamos, Acrísio, que coisa!

Acrísio

(Entra) Estava pendurando seu casaco.

Marta

Podia deixar no chão! Você sempre dá ordem!
Perde um tempão com essa coisa de ordem!
(Marta já está no pileque. Bem firme, porém. O álcool só lhe tocou o espírito. Marta cantarola o Yes, sir, that's my baby e dirige-se à vitrola. Acrísio acende outras luzes)

Marta

Não, Acrísio, por favor. Luz demais. Apague, apague.

(Acrísio apaga a luz mais forte, ficando algumas acesas)

Marta

Ótimo! *(Esboçando uns passos de tango e cantando)*

*E toda a media luz
Crepúsculo interior
Lá lá lá lá lá lá lá*

(E abre a vitrola, procurando uns discos, falando enquanto procura) O jantar estava bom! Não há dúvida! Mas a Elisabeth que tenha paciência! Não sabe fazer ambiente! Que gente cacete, meu Deus!

Acrísio

Nem por isso! Estava muito agradável. Fizemos mal em sair antes. Uma gafe. Ficou todo mundo lá!

Marta

(Sempre procurando os discos) Gafe! Gafe! Você tem a mania de gafe. Já é um complexo. Estava cacete. Estava cacete. Já não posso mais com essa gente! Que diabo! Onde foram parar esses discos... E você viu o Cláudio? Lampeirinho! E bofetão de cá, bofetão de lá, greve na fábrica, e ele ali, como se nada tivesse acontecido!

Acrísio

É classe... Ou temperamento!

Marta

Classe! Classe B. B de bofetão! Dar um tabefe numa moça de 22 anos é classe?... Ah! Está aqui! Achei!... Cinismo, isso sim!

(Ouve-se bem alto o disco Yes, sir, that's my baby... Marta levanta-se e ensaia uns passos de Charleston, cantando com o disco) Vem, Acrísio. Il faut degourdir les jambes. *(Cantando)* Yes, sir, that's my baby... No, sir... *(logo pára, arquejante, levantando-se enquanto Acrísio diminui o som da vitrola que agora consiste num leve fundo musical)* Nunca dancei direito essa droga. Acrísio, me dê seu lenço. *(Acrísio lhe serve o lenço. Depois de uma pausa em que refez a respiração e compôs o cabelo e o rosto, fala como que pensando alto. A vitrola muda de disco, agora toca o Moi, j'ai fait ça machinalement... muito de leve, de*

modo a não perturbar o diálogo) Quando tinha 16 anos... Já faz muito tempo... Surpreendi meu pai atracado na minha professora de inglês...

Acrísio

Era bonita, pelo menos?...

Marta

Of course! Pretty, lovely... Adorable. Papai precisava era de uma... Como direi... Uma *sleeping teacher*... Enfim... Ele queria aprender inglês com toda a comodidade... Deitado com ela... Na cama.

Acrísio

304 Muito objetivo. Prático. Uma *sleeping teacher*, muito bem lembrado.

Marta

Aos 20 anos... Justamente no dia em que fiz 20 anos, no dia em que fiquei noiva daquele que hoje se diz meu marido... Ah, ah, ah... Parece anedota... Surpreendi minha mãe atracada com Clóvis... Ali... Eu estava ali, naquele canto... Sentada na poltrona... E o Clóvis aos beijos com minha mãe, ali... Junto ao bar... Marcando encontros com ela.

Acrísio

Mas estão casados. Acabou-se.

Marta

Sim. Papai morreu... E o Clóvis não teve outra saída. Nem esperaram um ano! Sabe que mais? Fizeram muito bem. Bobagem esse negócio de luto. Foi por causa da vovó.

Acrísio

E também por sua causa.

Marta

Por minha causa? (*Gargalha*) Que o quê! Eu já tinha me casado. E entre mim e mamãe... Depois daquela cena que eu presenciei... Dali... Homem... Nem é bom falar... O caso de papai não me afetou tanto. Passei a gostar mais de mamãe. Para mim ela era a heroína, a mártir, a sofredora silenciosa... Sei lá... Era tudo de bom que se lê num romance ou se vê numa fita de cinema. Mas depois, desmoronou, despencou, ruiu... Fez assim, olhe (*e faz um gesto de um castelo que se despenca*) Mamãe me disse: mais tarde você compreenderá. E compreendi... *Et pour cause!* Compreendi. Esse favor devo ao Cláudio. Ele pode se gabar disso! Uff! Está um calor aqui, não?...

Acrísio

O melhor é você ir se deitar. Vou-me embora. Já é muito tarde.

Marta

Vai coisíssima nenhuma. Fique aí. Ainda temos muito que conversar.

Acrísio

Você me desculpe, Marta, mas não estou interessado nessa conversa. Até amanhã.

Marta

(Levantando-se) Se você sair, eu brigo com você! Nunca mais falo com você. *(Mudando de tom)* Fique mais um pouquinho. Você não percebe que não posso ficar só? Que preciso de alguém que me ouça? Você é ou não é meu amigo?...

306

Acrísio

Claro que sou, Marta. Mas você há de compreender...

Marta

Não compreendo nada. Fique aí quietinho, meu amigo... Meu único amigo. Com licença. *(Marta beija Acrísio no rosto, fraternalmente)* Agora, sente-se aí. Muito bem. Muito obrigada, Acrísio. *(Senta-se de um jato, no sofá)* Ufa! Que calor! Que gente horrorosa estava lá na casa da Elisabeth! Sabe que mais? Não posso mais suportar a Elisabeth, coitada, tão boazinha. Mas enjoei, enjoei!

(Voltando ao mesmo tom anterior, pensando alto) Não fiz ilusão com o meu casamento. Gostava do Cláudio, mas nunca estive apaixonada por ele. Encarei o problema como uma princesa a quem compete defender a dinastia... A dinastia era aquilo ali *(aponta para a parede de vidro)* a Santa Marta Fabril S. A... Passei a viver em função da Santa Marta Fabril S.A. Com vovó foi assim, com mamãe também, chegara a minha vez.

(Entra na vitrola a música da revolução de 32) Depois nasceu Martuxa. Como eu previa, Cláudio já me enganava. Sem muita cerimônia... Era do programa. Nem liguei. Olhe, para ser franca, dei até graças a Deus. Nada de responsabilidades sentimentais. Eu não gostava dele. Com você não foi a mesma coisa?...

307

Acrísio

Comigo, como?...

Marta

Você não deu graças a Deus quando a Nenê se apaixonou pelo barão e deu o fora para a Europa?...

Acrísio

Foi um tanto desconcertante. Mas, na verdade, não deixou de ser uma boa solução.

Marta

Claríssimo. Para você, foi sopa no mel.

Acrísio

Vamos deixar a Nenê em paz, coitada.

Marta

Paz... Quem é que tem paz nesta terra? Pois é. Quando nasceu a Martuxa eu me prometi: esta não entrará na onda da Santa Marta, esta irá viver a vida dela.

Acrísio

Promessa que você realizou muito bem.

308

Marta

Mas tem luta, sempre teve luta.

Acrísio

Ela agora está lutando.

Marta

Não se incomode que ela saberá resolver o problema. Depois, veio a revolução. Meu pai morreu e mamãe também resolveu o seu problema. E veio a crise. A Santa Marta estava praticamente quebrada e aí apareceu você. Vou lhe falar francamente, Acrísio.

Acrísio

Prefiro que não fale. Peço-lhe, por favor.

Marta

É mesmo. Não é necessário. Você percebeu tudo. Eu sabia que não estava lhe enganando. Mas fique sabendo de uma coisa. Foi o útil ao agradável. Cheguei a me apaixonar por você. Você foi o meu grande amante. (*Mudando de tom*) Amante. Que palavra ridícula! Só serve para ser usada nas crônicas dos crimes passionais! Fulano degolou a amante. A mulher envenenou o marido por causa do amante. Tudo isso em letras garrafais. Deste tamanho. Pois é. Depois você me trocou por uma embaixada na Europa. Tudo vaidade! Você me tinha por vaidade! Em todo caso, tinha que ser assim. Foi a solução.

309

Acrísio

Quando eu voltei, quis reatar com você e você me respondeu que detestava sopa requentada.

Marta

Dois anos depois, meu amigo. Em dois anos acontecem muitas coisas. Vovó morreu e veio a guerra. E a Santa Marta transformou-se numa potência econômica. Cláudio pensa que a Santa Marta é obra dele. Deixa pensar. Quem criou a Santa Marta foi vovó. Quem a salvou da crise...

Acrísio

Fui eu.

Marta

Você nada. Fui eu, e quem fez o que ela é hoje foi a guerra. Foram os alemães, os japoneses, o bloqueio, e Cláudio pensa que foi ele.

Acrísio

Será que ele pensa mesmo?...

Marta

Claro! Você não vê o arção dele? Aquele nariz empinado para cima? Ufa! Que calor! Estou com uma sede!... *(Levantando-se)* Quem sabe se sobrou um pouquinho de *champagne* ali. *(E vai ao bar onde está o balde com uma garrafa de champanha. Vê a carta depositada por Martuxa. Rasga o envelope e lê com grande satisfação. Entrega-a a Acrísio)* Não disse que ela saberia resolver o problema?... *(Enquanto Acrísio lê a carta, Marta enche duas taças de champagne)* Tome, Acrísio. Vamos beber à saúde de minha filha. À felicidade de minha filha! *(Acrísio pega a taça e brinda)*

310

Acrísio

Viva a nova geração! ... Viva a sua filha que realizou...

Marta

O que eu não pude realizar. *(Bebem)* De repente, os dois, num mesmo pensamento, viram-se para

a parede de vidro e, levantando as taças, gritam, uníssonos:

Ambos

Abaixo a Santa Marta Fabril S.A.!!! Morra a Santa Marta Fabril S.A.!!!

(Bebem, esvaziando as taças e ainda, numa comunhão de pensamentos, cantam ao mesmo tempo)

Um, dois e três!

(e espatifam as taças no painel de vidro, em plena efígie da Santa Marta. E o pano cai lentamente, ao som de uma gargalhada sonora de Marta)



Kléber Macedo e Cacilda Becker na peça *...em moeda corrente do país*

...em moeda corrente do país

Comédia em três atos

Estréia: São Paulo, 16 de dezembro de 1960, pela Companhia Brasileira de Comédia, no Teatro Cacilda Becker

Personagens e elenco da estréia

(por ordem de entrada em cena)

<i>Floripes</i>	Cacilda Becker
<i>Guimarães</i>	Walmor Chagas
<i>Gervásio</i>	Fredi Kleemann
<i>Edwiges</i>	Kleber Macedo
<i>Dalva</i>	Alzira Cunha

Direção Walmor Chagas

313

(Prêmio Governador do Estado como revelação de diretor)

Cenários Jean Gillon

Primeiro ato

Cenário: Sala de estar-jantar de um apartamento, num desses edifícios de habitação coletiva, construídos por uma instituição de previdência social.

É um apartamento de fundo e a janela central da sala dá para uma área promíscua.

Entradas à direita e à esquerda.

Decoração moderna, pobre e de gosto duvidoso.

314 Mesa, cadeiras, um móvel ao longo da parede para várias serventias, bibelôs, livros, etc.

Um aparelho de televisão.

Mais ou menos 10 horas da manhã.

Um rádio funciona furiosamente no apartamento vizinho.

Guimarães trabalha, sentado à mesa. Escreve, anota, faz contas, numa pequena máquina de calcular, compulsa processos e examina papéis espalhados pela mesa.

É homem de seus 35 anos, sem mocidade, tipo normal, de classe média. Trabalha em mangas de

camisa, sem gravata. O paletó está no espaldar de sua cadeira.

É difícil concentrar-se no serviço com aquele locutor gritando desesperadamente os *slogans* publicitários. E que publicidade!

Locutor

Senhoritas! Atenção! Halitol é a garantia de um noivado! O mau hálito acaba com qualquer namoro! Halitol acaba com qualquer mau hálito! Halitol, pela manhã! Halitol ao deitar-se. Vai ver a noiva? Halitol. Halitol, sempre Halitol. À venda em todas as farmácias e drogarias que se prezam! Halitol! Não se esqueçam! Halitol!

315

Locutor

Prisão de ventre?! Laxativos Trovão! (*barulho de trovão*) – Não há mais prisão de ventre! Em pílulas, ora pílulas! Laxativos Trovão – é a solução.

Locutor

Dentifrício Pérola! A pérola dos dentifrícios! Use dentifrício Pérola e seu sorriso serão pérolas!

Locutor

Senhoras e senhoritas! Loiras e morenas! Para o cheiro de corpo não basta só água e sabão! Usem Cecedida! Com sabão ou sem sabão, Cecedida é a própria expressão de seu nome – Cecedida mata qualquer cecê.

Locutor

Número um – escassez. Número dois – excesso.
Regulador Gesteira.

Locutor

E agora um pouco de música oriental. O programa que passaremos a ouvir – *Ritmos do Oriente* – é patrocinado pelo comércio da Rua 25 de Março. *Ritmos do Oriente* é a hora da saudade levantina. Façam suas compras na Rua 25 de Março. Medidas exatas. Preços sem redução. Os mais baixos da praça. Comprando na 25 de Março, o senhor, a senhora, a senhorita, levará um embrulho, sem ser embrulhada. E por pouco dinheiro. O dinheiro não interessa. O que interessa é que o freguês saia satisfeito, para voltar. E vamos ouvir o primeiro número do programa – *Ritmos do Oriente* – Saudades de Beirute – música de Wadih Chama – letra de Farid Derah.

316

(E segue uma langorosíssima música síria. Guimarães esboça um gesto de impaciência. Não pode trabalhar com esse barulho. Resolve levantar-se. Dirige-se à janela para fechá-la. Na ação de fechar a janela é interrompido pela voz da vizinha, dona Hermengarda, com pronunciado acento nordestino)

Voz de Hermengarda

Bom dia, seu Guimarães.

Guimarães

Bom dia, dona Hermengarda.

Voz de Hermengarda

Dona Floripes está?

Guimarães

Como? Não entendi.

Voz de Hermengarda

Dona Floripes está em casa?

Guimarães

Não senhora. Foi à feira.

Voz de Hermengarda

Foi aonde?

317

Guimarães

À feira. Mas volta já.

Voz de Hermengarda

O quê? Fale mais alto, seu Guimarães.

Guimarães

É o rádio.

Voz de Hermengarda

É o quê?

Guimarães

O rádio.

Voz de Hermengarda

Espera um pouco.

(O rádio é desligado. Guimarães suspira aliviado)

Voz de Hermengarda

Seu Guimarães: o senhor pode me fazer um favor?

Guimarães

Às ordens, dona Hermengarda.

Voz de Hermengarda

É de me emprestar o último número de *Grande Hotel*. Dona Floripes tem. Ela comprou ele.

318

Voz de Guimarães

Pois não. Vou ver se está aqui.

Voz de Hermengarda

Vou buscar então. Aí na porta.

(Guimarães sai da janela. Procura pela revista. Sai da sala. Ouve-se o diálogo, no vestíbulo)

Voz de Hermengarda

É essa mesma. Hoje de tarde devolvo para dona Floripes. Estou acompanhando a novela – *Honestidade de amante* – Muito bonito. Real. O senhor não leu?

Voz de Guimarães

Ainda não, senhora.

Voz de Hermengarda

Adoro história de quadrinho. É a coisa melhor que tem. Cinema e fotonovela! E é instrutivo, o senhor não acha?

Voz de Guimarães

Acho, sim senhora.

Voz de Hermengarda

Muito obrigada. Pode ficar sossegado que hoje de tarde, o mais tardar, de noite, eu devolvo. Até logo. Obrigada.

319

Voz de Guimarães

Até logo, dona Hermengarda.

(Guimarães volta à sala. Silêncio. Não se ouve mais o rádio. Guimarães senta-se à mesa e vai reiniciar o trabalho, mais esperançado. Nem bem recomeça o serviço, entra furiosamente o som do rádio de dona Hermengarda. Guimarães não se agüenta. Vai à janela e chama, com veemência)

Guimarães

Dona Hermengarda! Dona Hermengarda!

Voz de Hermengarda

Que é, seu Guimarães?

Guimarães

A senhora pode abaixar um pouquinho o rádio, por favor?

Voz do Locutor

Sal de frutas Demo alivia o seu ventre e melhora o seu mau humor.

Voz de Hermengarda

O senhor precisa tomar sal de frutas Demo, seu Guimarães. O senhor anda muito azedo.

Guimarães

É o meu fígado. Suco hepático.

Voz de Hermengarda

320 O quê?

Guimarães

Hepático.

Voz de Hermengarda

O senhor é simpático, mas tem mau humor. Quem tem mau humor não pode morar em apartamento.

(Baixa sensivelmente o som do rádio. Mas fechou a janela e cerrou a cortina, abafando completamente o som. Uns instantes após, entra Floripes, vinda da feira. É mulher de seus 30 e poucos anos. Tipo de mulher nervosa e agitada que fala, fala

sem parar. Veste calça comprida e malha. Não é elegante, mas está bem, na sua indumentária de ir à feira. Traz um carrinho com os mantimentos que comprou. Floripes entra em cena e ataca logo a fala, não parando de falar)

Floripes

Não sei como não rebenta logo uma revolução nesta terra. Nós somos mesmo uma carneirada! Uma carneirada! Um absurdo! Não se pode mais ir à feira! Uma barbaridade! Não há dinheiro que chegue! Da semana passada para agora tudo subiu! Os preços sobem de semana a semana! Você se lembra de que quando nós mudamos para este cortiço... Porque isto aqui é um cortiço... Não é prédio de apartamentos... Um cortiço! Eu me casei com você e acabei morando num cortiço! Mas não há de ser por toda a vida, não. Nem que você queira. Isso é que não. Se você pensa que eu vou morar neste viveiro, neste galinheiro, o resto da vida, está muito enganado... Mas que calor! Isto aqui está abafado! Também, com a janela fechada! Só você mesmo!

321

Guimarães

Fechei por causa do rádio, ali, da Hermengarda. Não podia trabalhar com o barulho.

Floripes

É o que eu estou dizendo! Uma gatinha!

Guimarães

São funcionários públicos! Colegas nossos!

Floripes

Que colegas! Você pensa que por eu ser funcionária pública...

Guimarães

... Você é melhor que os outros?

Floripes

Que essa gente aí, sou. Pelo menos tenho educação. Se não nasci rica, pelo menos fui bem educada. Essa gente não tem educação para morar em apartamento. Onde já se viu botar o rádio alto? Gentinha. Gentalha. É isso.

322

Pobreza é isso. Eu podia ser rica...

Guimarães

... Era só fechar os olhos...

Floripes

E que adiantou? Não casei com ele porque ele era feio...

Guimarães

... Feio é apelido!

Floripes

E que é que eu ganhei me casando com você? Você é bonito, por acaso? Que é que adiantou?

Ele está lá morando no Jardim América, automóvel e tudo. Acabou casando com mulher bonita... E eu... Eu aqui... Indo à feira... Trabalhando...

Guimarães

Até que de trabalho você não pode se queixar.

Floripes

E eu me queixo? Não estou me queixando! Não adianta. Eu não sou de falar. Suporto tudo quietinha. Mas um dia eu estouro. E ninguém me segura. Vou agüentando, calada... mas um dia a casa cai. Hoje na feira já dei o *show*. Não se pode mais ir à feira sozinha! Uma senhora não pode mais ir à feira! É tudo uma roubalheira e além do mais é falta de educação geral. É só palavrão. Não respeitam mais ninguém. A gente passa perto do guarda, do fiscal, ouve-se palavrão e o polícia não faz nada. Nem o fiscal. O fiscal não fiscaliza nada. Está ali para agradar os feirantes e ir ganhando suas gorjetas. Eles pagam, mas abusam. E, afinal de contas, quem paga é o povo!

323

Guimarães

Alguém lhe faltou com o respeito?!

Floripes

Que faltou com o respeito nada! Eu é que dei uma lição. Na barraca tinha uva. Cem cruzeiros o quilo. Um absurdo! Nem que fossem de ouro! Cem

cruzeiros o quilo. Peguei uma uva, uma uva só. Para experimentar. Não ia comprar uva ordinária por cem cruzeiros. E o galego gritou comigo – *a um cruzeiro o bago* – falou gritando. Malcriado. Eu disse: *Ah! É! Um cruzeiro?* – Me deu uma raiva! Eu já estava esquentada... Não agüentei... Peguei o cacho todo, joguei com força no chão, esmigalhei... Esmigalhei os bagos todos – *Agora conta. Conta, quantos são. E vai cobrar do meu marido. Quer saber em que repartição ele trabalha? Quer?* – O homem não disse nada. Também, se ele abre a boca eu jogava outro cacho na cara dele. São uns covardes. Quando viu que eu estava disposta, que não tinha medo, ficou quieto... Ah! Eu tinha que ter nascido homem...

324

Guimarães

Daqui a pouco vem o homem encrencar aqui na porta. Você deu nosso endereço?

Floripes

E era para vir mesmo.

Guimarães

E você me punha na fogueira, com os seus bagos de uva?

Floripes

Não precisa ficar nervoso, que ele não vem não. Ele ficou com medo é de mim! Eu tinha que ter nascido homem!

Guimarães

Acho melhor você não ir mais à feira. Você é muito briguenta. Um dia acontece qualquer coisa de muito desagradável. O melhor é você não ir mais.

Floripes

Você pensa que vou à feira por gosto? E quem é que vai? Você? A Dalva?

Guimarães

Não. A empregada.

Floripes

E onde é que está aquela desgraçada? Ainda não veio! Se vou esperar por ela, ficamos sem almoço. E nós vamos ficar sem almoço mesmo, porque vou mandar ela embora... Ela pensa que sou idiota! Que horas são? São 10 horas! Mais de 10 horas! E ela ainda não veio. Justamente dia de feira. É uma sem-vergonha! Não faz nada!

325

Guimarães

Como não faz nada?! Faz almoço e jantar. Limpa a casa.

Floripes

É claro. Eu não vou esperar que você me dê razão! Você nunca me deu razão! Eu vou morrer e você nem no caixão vai me dar razão. Eu sei

que é assim. Não adianta me queixar. Por isso que eu não abro a boca. Você defende a criada. Você defende aquela sem-vergonha contra mim. É claro. Mas ela vai embora. E é hoje. Nem vai fazer o almoço. É chegar, fazer meia-volta e *ciaio* mesmo. Tua irmã que faça o almoço. Eu não tenho fome. Tua irmã, que é folgada, que vá para a cozinha. Eu é que não vou fazer força. Não me casei para ser sua criada.

Guimarães

Está certo. O melhor é você não despachar a empregada, até arranjar outra.

326

Floripes

E onde vou arranjar outra? Ninguém quer trabalhar neste cortiço. Só a peso de ouro!

Guimarães

Pois vamos aumentar o ordenado...

Floripes

É. Vamos dar todo o dinheiro para a empregada. Você é que devia tratar de ganhar mais. Você é mole. Molenga. Trabalha... Trabalha... Trabalha. O expediente é só de tarde. Você traz serviço para casa. Fica enchendo a mesa com essa papelada. A gente nem pode ouvir televisão. Não se pode fazer mais nada.

Guimarães

De manhã não há televisão.

Floripes

Você devia trabalhar na repartição. Assim lhe pagavam hora extra. Mas você é mole! O que é que se vai fazer? Na sua repartição todo mundo está bem. Ninguém faz nada e ainda ganham por fora. Mas você é que há de trabalhar de graça...

Guimarães

Floripes: não fale mal de meus colegas. Todos trabalham e muito.

327

Floripes

Conversa. Trabalham meio expediente e olhe lá. E não me venha dizer que não comem por fora. O dinheiro deles não é de borracha. Se ganham como você, não podem ter automóvel e nem jogar nas corridas. Você ganha, eu ganho... A Dalva ganha e o nosso dinheiro dá apertado! Se alguém aqui ficar doente, eu não sei como é que vai ser! E lá o pessoal a viver folgado. Boa casa; a mulher luxando. DKW. Cinema todo dia... Teatro... Nós nem podemos ir a teatro, que é caro! Não, Guima: aquilo não é só ordenado, não. Essa não passa por aqui... Aliás, todo mundo sabe...

Guimarães

Você não deve estar falando sem saber. Eles têm outras fontes de renda... Você não deve estar falando...

Floripes

Estou falando para você, que é meu marido. Também, se não posso me desabafar com meu próprio marido... Aliás, não sou palmatória do mundo. Nós é que somos idiotas. Nós, não. Você. Você é que é um perfeito idiota. Me desculpe a franqueza, mas é...

Guimarães

328 ... Idiota, não. Honesto, é o que você quer dizer?

Floripes

Homem... Não sei... Por isso me calo... Mas, nos tempos que correm... Honesto ou idiota é quase a mesma coisa.

Guimarães

Mas tem o – quase – que atrapalha.

Floripes

Atrapalha você, mas tem ajudado os outros. O que eu sei é que todo o mundo se vira e vai para a frente. E nós aqui nesta dureza...

Guimarães

Não acho que seja tanta dureza. Vivemos decentemente... Não devemos nada a ninguém. Temos nosso teto...

Floripes

Teto?! Você chama isto de – teto ?! Está bom! Não vou discutir esse assunto com você. Você nunca me deu razão. Mas que está na cara, está. Isso ninguém diz o contrário. Só você. O mais cego é aquele que não quer ver. Não é, não quer ver. É que você não tem peito. Peito, Guima, peito. Você nasceu é pra isso: trabalhar, trabalhar, ganhar uma mixaria, viver uma vida micha e, quando morrer, nem lugar no cemitério tem. É na vala comum. Viver assim não é vantagem. Vantagem é ganhar a gaita. De um jeito ou de outro, a gaita é que vale. O dinheiro é que manda, Guima. Por que eles não bolem com quem tem dinheiro? A corda sempre rebenta do lado mais fraco. Bem, não adianta falar. Estou pregando no deserto. O melhor é levar isto para dentro... Uma dúzia de ovos, 80 cruzeiros! E você vem me falar em honestidade! Quanta gente não roubou para o ovo chegar a este preço! Vou te contar! Não é só o dono da galinha, não. É todo mundo! E para pagar o ovo a 80 cruzeiros a dúzia, só com dinheiro roubado! Na semana que vem vai estar a cem! Vou te contar...

(Floripes sai com o carrinho da feira. Guimarães observa a sua saída, no mais absoluto conformismo, e volta para seus estudos e cálculos. Entra a empregada, Edwiges, preta ou mulata pernóstica)

Edwiges

Bom dia, seu Guima. A patroa está, não está?

Guimarães

Está na cozinha. Acabou de vir da feira.

Edwiges

Ih! Hoje é dia de feira! Dia de feira é espeto! Não é que eu me atrasei por ser dia de feira. Até que eu gosto de ir à feira. Mas a patroa vai pensar que eu manquei só por ser dia de feira...

Guimarães

É melhor você explicar tudo diretamente a ela.

Edwiges

Eu careço de dar explicação. Minha obrigação é fazer a comida e limpar a casa. Tenho tempo para tudo. A comida chega sempre na hora e a casa está sempre arrumada. Obrigação de ir na feira não tenho. Vou porque me apraz. Gosto de espairecer um pouco...

Guimarães

Não sei se você deve explicar ou não. Vá entender-se com ela.

Edwiges

O senhor não acha que eu estou com a razão, seu Guima?

Guimarães

Não sei. Só sei que você entrou muito tarde hoje.

Edwiges

O senhor também já quer me dar a bronca, seu Guima?

Guimarães

Eu não quero dar... Esse assunto não me interessa. Me deixe trabalhar um pouco...

Edwiges

O senhor está azedo hoje, seu Guima...

331

Guimarães

E faça o favor de não me chamar de Guima. Meu nome é Guimarães.

Edwiges

Está certo, doutor Guimarães...

Guimarães

E não sou doutor.

Edwiges

O negócio que está azarado por aqui hoje, está. Até seu Guima, seu Guimarães, que é uma moça...

É. É noroeste de banda errada. Quando o noroeste vem de lá, está bem. Mas quando sopra de cá, então é andar de figa e se benzer. Eu figa não trouxe e me benzer não posso...

Guimarães

É. Então a coisa vai mal para o seu lado! Prepare-se que vem pé-de-vento.

(Entra Floripes)

Edwiges

Bom dia, dona Floripes. A senhora me desculpe de eu chegar atrasada, mas não foi por causa da feira, não.

332

Floripes

Não é questão de atraso, é que há muita coisa aqui que não está certo.

Edwiges

O que é que não está certo?

Floripes

Em primeiro lugar, isso não é horário. Você sabe muito bem que você deve entrar às oito...

Edwiges

Às oito, não senhora, às nove. Quando a senhora me tratou foi às oito, mas depois a gente viu

que às oito não adiantava nada e passou a ser às nove.

Floripes

Mas são mais de dez.

Edwiges

É que deu galho lá em casa. Houve briga. Tive que ir na delegacia prestar declarações.

Floripes

E ainda por cima criando caso com a polícia...

Edwiges

Ah! Isso é com a minha vida particular, ninguém tem nada com isso. O que acontece aqui, nesta casa, está certo, quer dizer, tenho que dar satisfações... Mas fora daqui, na minha vida privada... A coisa é comigo... Se a casa está limpa e a comida na hora...

333

Floripes

Mas eu soube que na nossa ausência, durante o expediente da repartição, você recebe pessoas aqui em casa. E isso não é possível! Não posso admitir uma coisa dessas!

Edwiges

Já foram fazer fofoca para a senhora! Vejam só! Foi uma vez... Uma vez não... Foram duas vezes,

juro que foram só duas vezes... Quero cair dura aqui de ataque, se foi mais de duas vezes...

Floripes

Então? Recebeu, não é? E você acha que isso está direito? Eu ser chamada a atenção pelo zelador do edifício?!

Edwiges

Mas não foi para safadeza não, dona Floripes. Quero morrer torrada agora mesmo, se não é verdade. Foi meu primo...

Floripes

334

É sempre a história do primo...

Edwiges

Está bem... Essa de primo não pega mais... Mas não foi para safadeza... Eu respeito a moral da casa dos outros... Eu tenho minha moral e respeito a dos outros. Não é como muita gente que conheço. Não me faça falar...

Floripes

O que você quer dizer com isso?

Edwiges

Nada. Não quero dizer nada.

Floripes

Vamos. Explique-se. O que você quis insinuar? Não gosto das coisas assim. Trata-se de alguém desta casa?

Edwiges

Não, senhora. Não é nada. Não é com esta casa.

Floripes

Você não pode receber ninguém nesta casa, na nossa ausência. Está certo?

Edwiges

Está bom, dona Floripes.

335

Floripes

E tem mais. É melhor a gente falar as coisas, para não haver mal-entendidos. Não adianta depois vir me dizer – eu pensei que – isso não. Comigo é tudo combinado, esclarecido e tratado...

Edwiges

Eu estou dizendo que a coisa está virada hoje...

Floripes

O que é? O que foi que você disse?

Edwiges

Não foi nada. Prossiga, dona Floripes.

Floripes

Pois é. Eu sei que você leva coisas para casa. Mantimentos. Comida que sobra. Você leva tudo. Isso eu não quero.

Edwiges

Como é que eu levo coisas para casa? Aqui nunca sobrou nada! Cozinho numa marreta desgraçada!

Floripes

Leva, sim senhora. Leva pouco, mas leva. E eu não quero que leve nada. Ora essa! Ontem você levou dois ovos. Isso eu sei, porque contei. Fora o que eu não sei.

336

Edwiges

Puxa vida! Que mixaria!

Floripes

Pode ser. Não é pela quantidade. É que não está direito! Você tem que respeitar a propriedade alheia. O que está na cozinha não lhe pertence, seja pouco ou seja muito.

Edwiges

Estou vendo que a senhora quer que eu vá embora.

Floripes

Não estou lhe mandando embora. Mas se você continuar, tem que ser conforme combinamos. E tem mais uma coisa.

Edwiges

É a última?

Floripes

É. Eu sei que você, assim que a gente sai, abre a televisão a tarde toda. Isso também não quero. Não quero que bula na televisão.

Edwiges

Sabe o que mais, dona Floripes? A senhora quer mesmo que eu vá embora. Pois vou. Prefiro catar papel na rua que trabalhar nesta mixaria! Puxa vida! Nem televisão! A televisão fica aí mofando! É. Eu vou me embora. Vou catar papel na rua.

Floripes

Está muito em moda. Depois você escreve um livro.

Edwiges

Quero ver a senhora arranjar uma empregada paciente como eu! Está tudo trabalhando em fábrica.

Floripes

Se não arranjar, paciência. Eu sei me virar. Fui educada no trabalho e não na dependência de empregada.

Edwiges

Não é pela senhora. É pelo seu Guimarães, que se acostumou com o meu tempero.

Floripes

Ele se acostumará com outro, não se incomode.

Edwiges

338 Ele se acostuma com tudo, coitado! Que remédio, não é seu Guima? Bom. Então eu vou me embora mesmo. Aqui não venho mais, nem morta. Pode fazer minhas contas.

Floripes

Só no fim do mês. Você é quem vai sair. Não lhe mandei embora. O ordenado, só no fim do mês.

Edwiges

Deixa. Meu marido vem buscar o dinheiro.

Floripes

Pois que venha. Só no fim do mês. Antes, podem vir seu marido, seu pai, sua mãe, toda a família, que não recebem nada. Não pense que eu tenho medo. E pode ir embora já. Se é para ir, que vá já.

Edwiges

Tá. Depois nós acerta. Até logo, seu Guimarães.
Te güenta aí, seu Guimarães. *(Edwiges sai)*

Floripes

Ah! Eu devia ter nascido homem!

Guimarães

Para quê? Deus nos livre!

Floripes

Para encher a cara dessa negrinha! Viu o que ela disse? Como se eu fosse alguma jararaca! Você acha que está certo passar o dia todo ouvindo televisão? Está certo? Levar coisas para casa? Receber pessoas aqui? Você viu o que ela insinuou? Garanto que isso é com a Dalva!

339

Guimarães

O que é que há com a Dalva?

Floripes

Não sei. Mas o que a Edwiges insinuou foi com a Dalva. Com sua irmã e Gervásio. Ela recebe o Gervásio aqui. É isso.

Guimarães

E o que é que tem que o Gervásio venha aqui? Ele é meu amigo. Meu colega.

Floripes

É que ele vem aqui sozinho com ela. Ela é moça solteira. Isso não está certo. Eu não tenho nada com a vida dela. Ela é maior, livre. Tem você que é irmão. Mas mora aqui em casa. Isso não está certo.

Guimarães

Você põe veneno em tudo!

Floripes

Eu não estou dizendo nada. Quem devia ver isso é você. Mas você fecha os olhos. É como avestruz. Prefere fechar os olhos. Eu não gosto de falar. Mas o caso já está na boca da negrinha.

340

Guimarães

Ela não disse nada.

Floripes

Não disse nada mas estava na cara. Eu devia ter apertado ela, que ela se explicava.

Guimarães

Para quê?

Floripes

Pelo menos você ficava sabendo. Você teria que tomar uma atitude.

Guimarães

E que atitude iria eu tomar? Vou expulsar minha irmã de casa?

Floripes

Não sei. Isso é com você. Aqui em casa é que não quero que se encontrem. Isto aqui não é *rendez-vous*.

Guimarães

Como você é maldosa! Floripes! Por que você fala assim, de sua cunhada? Ela trata você tão bem! Trabalha. Ganha sua vida. Decentemente! Não teve a sorte de se casar.

Floripes

341

Sorte de se casar? Como eu?! Quer me enganar que tive a sorte de me casar? Com você! Sorte de casar, eu!

Guimarães

Eu não disse nada, Floripes. E vamos dar o assunto por encerrado.

Floripes

Eu falo quanto quiser! Engraçado! Diz o que quer e depois quer dar o assunto por encerrado! Essa é boa!

Guimarães

Então, fique falando sozinha.

(Guimarães levanta-se, começa a arrumar sua papelada para retirar-se, quando se ouve uma discussão no apartamento vizinho. A voz de dona Hermengarda e possivelmente a de seu marido, ou do homem que vive com ela)

Voz do marido

Vamos acabar com isso! Você é uma vagabunda!
Uma cachorra! Uma cadela! Cala a boca!.

Voz de Hermengarda

Cala a boca sua mãe, ouviu?

Voz do marido

Repita aí, sua vaca!

Voz de Hermengarda

Me bate! Me bate!

Voz do marido

Olha que eu te quebro a cara! Um dia ainda te dou tanta pancada! Sua cachorra! Eu que te pegue de novo com ele! Não sei como não te esgano!

Voz de Hermengarda

Cachorro é você, seu canalha!

Voz do marido

Cala a boca!

Voz de Hermengarda

Me mata! Me mata!

(Ruído de pancadaria. O marido bate em Hermengarda. Esta põe a boca no mundo. Pancadaria e gritos. Floripes não se contém. Vai à janela e grita)

Floripes

Vou chamar a radiopatrulha! Vou chamar a radiopatrulha! *(A pancadaria e a gritaria cessam)*

Voz de Hermengarda

Cuida da tua cunhada que é melhor!

(Floripes fecha imediatamente a janela e cerra a cortina. Momento de expectativa. Floripes considera Guimarães)

343

Floripes

Você está vendo? Está na boca do povo!

Guimarães

Você fez muito mal em intervir. Devia ter fechado a janela e pronto.

Floripes

E eles a darem escândalo aí? E eu sou obrigada a ouvir essas coisas? Vou me queixar com o zelador. Isso não pode continuar. Que gatinha

mais reles! E você ouviu o que ele disse? Foi bom que você ouvisse. Está na boca do povo. Falam no edifício. Falam na repartição. E eu ter que morar neste cortiço! Mas não há de ser para toda a vida, não. Não tem perigo! Eu não agüento isso! Nem morar com tua irmã, de vida irregular. Vida suspeita! Suspeitíssima! E muito menos morar neste cortiço, a ouvir pancadaria e palavrões. Deus que me livre! Isto não é vida! E agora aquela estúpida foi-se embora. Eu é que não vou ter empregada para ouvir televisão e levar comida para seus homens. Isso não. Quer ir embora, que se vá. Comigo aqui tem que andar direito. Não tem ninguém para fazer almoço. Eu é que não vou para a cozinha! Também é demais! Agüentar o que eu agüento e ter de fazer comida?! Não. Nunca! Não vou para a cozinha. A Dalva que vá. Onde está ela? Está dormindo! Leva a vida mansa! Não tem marido para chatear! Vida mansa! Está dormindo! Qual é a dela? Mas comigo não. Almoço eu não vou fazer. Não tenho fome. Tomo um copo de leite, um pedaço de pão com manteiga e pronto.

(Entra Dalva. É uma moça bonitinha, simpática, de seus 28 anos. Veste saia esporte e está sem blusa, apenas de soutien. Traz a blusa na mão, para passar)

Dalva

Bom dia. Bom dia, Guima. Bom dia, Floripes.

Guimarães

Bom dia, Dalva.

Dalva

Onde está a Edwiges? Queria que ela passasse esta blusa. É a única que tenho para hoje.

Floripes

A Edwiges despediu-se.

Dalva

Quando?

345

Floripes

Hoje, agora. Chegou tarde. Levou pito. Achou ruim e foi-se.

Dalva

E agora?

Floripes

E agora! E agora! E agora arranja-se outra. Que o mundo não vai se acabar, só porque a negrinha foi embora. Hoje não tem almoço. Que eu não vou para a cozinha. Só se você fizer, Dalva. Faça para o Guima, porque eu não preciso.

Dalva

Você não quer que eu faça um almocinho para você, Guima? Faço num instantinho. Um bife, ovos...

Guimarães

Pode deixar, Dalva. Como de leiteria. E o jantar?

Floripes

Eu janto com papai.

Dalva

Jantar não é problema. O almoço é que é para agora.

346

Guimarães

Não tem importância. É que precisamos arranjar outra empregada.

Floripes

Pode deixar que eu arranjo. Isso é comigo. (*Floripes sai*)

Dalva

Você ainda vai trabalhar na mesa. Guima? Eu queria passar a blusa.

(Guimarães pega um processo e vai para a cadeira, onde se senta. Dalva, com certo método, faz

lugar na mesa, enquanto liga o ferro elétrico que estava guardado no móvel ao longo da parede. Prepara-se para passar a blusa)

Dalva

Se você quiser, podemos almoçar juntos. Eu, você e o Gervásio. Ele vem me buscar. Nós entramos na repartição, assinamos o ponto e saímos para almoçar. Você quer?

Guimarães

Não vai dar tempo. Estou muito ocupado com o levantamento destes débitos. Vou ter muito serviço por estes dias.

347

Dalva

Aliás, o Gervásio queria muito falar com você...

Guimarães

Sobre que assunto? Quer pedir você em casamento?

Dalva

Antes fosse. Mas sei que é assunto sério e que te interessa.

Guimarães

Com o Gervásio o assunto que mais me interessa é o casamento com você.

Dalva

Ora, Guima! Deixe eu com o Gervásio assim que está muito bem.

Guimarães

Está bem, mesmo, Dalva?

Dalva

Isso é comigo. Sou maior de idade, não tenho pai nem mãe a quem dar satisfações, ganho a minha vida...

Guimarães

... Está certo. Não se fala mais nisso. Eu só queria que você se casasse, se fixasse na vida, se definisse.

348

Dalva

É... Eu também queria... Falar é fácil... Você já terminou esse levantamento? São muitas empresas?

Guimarães

São todos os maquinistas.

Dalva

Todos?

Guimarães

Todos... Bem entendido... Os que não exportam... Os que vendem aos exportadores.

Dalva

A cifra é grande?

Guimarães

A sonegação é enorme. É total.

Dalva

Você não tem medo de investir contra uma classe?

Guimarães

Medo de quê? Cumpro a minha obrigação. Eles não pagaram o imposto! Eu não estou investindo contra ninguém. Estou apurando. Fazendo um levantamento fiscal, de acordo com o serviço que me é atribuído.

349

Dalva

Mas você ainda não apresentou o serviço?

Guimarães

Não. Ainda há muito o que fazer. Quero apresentar o levantamento integral. Completo. E encerro o caso. Depois, é com os outros. É sobre isso que o Gervásio quer me falar?

Dalva

Acho que sim.

(Dalva experimenta o ferro elétrico. Vai passar a blusa)

Dalva

Que calor! Como aqui está abafado! Também, com a janela fechada! Por que fecharam a janela, com este calor?

Guimarães

É que lá, com a Hermengarda, estava mais quente que aqui.

Dalva

Brigaram novamente?

Guimarães

Para variar. Pancadaria da grossa. E xingação.

350

Dalva

Quem sabe se já acabou? Vou ver.

(Dalva abre a janela com cuidado. Silêncio)

Dalva

Reina a paz em Varsóvia.

Guimarães

Depois da tempestade vem a bonança.

(Dalva volta ao seu mister. O diálogo prossegue, enquanto Dalva passa a blusa)

Guimarães

O Gervásio está bem de vida?

Dalva

Não sei bem. Deve estar. Por quê?

Guimarães

Por que você não força um pouco a situação?

Dalva

Que situação?

Guimarães

Você não gosta dele? Ele não gosta de você? Você gostaria de se casar com ele?

Dalva

Naturalmente.

Guimarães

Então? Por que você não força um pouco a situação?

Dalva

Isso não é assim tão fácil, não. Já falei a respeito e refalei. Não quero insistir. Ele diz que não tem condição para se casar.

Guimarães

Mas ele ganha bem!

Dalva

Não tanto quanto deseja. E, além disso, ele diz que não está preparado psicologicamente para o casamento. Diz que é contra o casamento.

Guimarães

Contra o casamento, ora bolas! Uma situação bem cômoda, essa!

Dalva

Então? Se é cômoda, para que se amolar? Qual é o dele?

Guimarães

Mas eu pergunto: qual é o seu? Afinal de contas você é uma moça solteira...

Dalva

352 Pois é. Mas ele não quer, não é? Eu devia terminar, não é? Isso é fácil de falar... Mas eu gosto dele. E depois... A esperança é a última que morre... Não é?

Guimarães

Você ainda tem esperanças de casar-se com ele?

Dalva

Naturalmente. A gente vive dessa esperança. Sou uma moça absolutamente normal. Gostaria de me casar, ter filhos...

Guimarães

É. Principalmente ter filhos...

Dalva

Desculpe. Saiu sem querer...

Guimarães

Desculpar o quê? É isso mesmo. Eu não tenho filhos. Floripes não tem filhos. Um tremendo mal para um casamento. A gente deve ter filhos. Pelo menos dois filhos. Um só também é mal. É mal para o próprio filho. Muitos também é exagero.

Dalva

Se a Floripes fizer um tratamento, ela poderá ter filhos... O médico disse...

Guimarães

É. Quem sabe? Agora já perdi o *élan*. O que está feito, está feito. É muito tarde para começarmos.

353

Dalva

Tarde nada. Floripes é moça. Você é moço. Há tempo para tudo.

Guimarães

Somos casados há mais de oito anos. Mais um, para tratamento. Outro, para ter o filho e já lá se vão dez anos.

Dalva

Que é que tem?

Guimarães

Agora eu falo como o Gervásio: é psicologicamente tarde para ter filhos...

Dalva

Por quê? Não acho.

Guimarães

A minha vida com Floripes já desencantou. Não tem mais jeito. É melhor deixar as amarras soltas. O barco que tome o seu rumo, o seu destino. Filho seria complicar demais a coisa. Assim como estamos, vivemos sem compromissos. Isto é, ela não tem compromisso. O dia que quiser, porta da rua é serventia da casa. Eu assumi um compromisso e não fugirei dele.

354

Dalva

Também não acho que seja assim. Não há razão para os dois estarem se suportando...

Guimarães

Há razão, sim senhora.

Dalva

Não acho. Ao contrário: acho que imoral é viver junto sem se gostar. Só porque casou. Isso é que é imoral. Se têm filhos, vivem juntos por causa dos filhos. Mas se não têm filhos, não têm nada e não se amam. Que besteira é essa de viverem juntos?

Guimarães

É, talvez você tenha razão. Mas cada qual tem seu modo de pensar. E... Principalmente... Sua maneira de encarar a própria responsabilidade...

Dalva

Você é que sabe.

Guimarães

Posso lhe fazer um pergunta indiscreta?

Dalva

O que é?

Guimarães

Vou perguntar. Você responde se quiser; se não quiser, é igual.

355

Dalva

Está bem. Pergunte.

Guimarães

Você vive com o Gervásio?

Dalva

Como vivo com o Gervásio?! Pois não moro aqui sozinha? Se vivesse com ele, iria morar com ele!

Guimarães

Você entendeu muito bem a minha pergunta. Você vive com ele?

Dalva

Não. Sou apenas namorada dele.

Guimarães

Jura?

Dalva

Juro. (*pouco convincente*)

Guimarães

E eu tenho que acreditar no que você está dizendo?

Dalva

Acho que você deve acreditar.

356

Guimarães

Está certo.

Dalva

Afinal de contas, por que toda esta conversa a meu respeito com Gervásio?

Guimarães

Nada. Porque sou seu irmão. Acho que devo me preocupar um pouco com a sua vida. Ou você não acha?

Dalva

Você nunca tocou no assunto! Não. O que é que está se passando por aqui? Conheço você muito

bem. Alguma coisa se passou por aqui. Seja franco comigo. Nós somos amigos. Somos ou não somos amigos?

Guimarães

Somos.

Dalva

Então, me conte. Falaram alguma coisa?

Guimarães

Já se comenta no edifício. Floripes soube que você recebeu o Gervásio em casa, na nossa ausência. E ela não gostou!

357

Dalva

Bem. O Gervásio esteve aqui. Duas vezes.

Guimarães

Você acha que isso é direito?

Dalva

Nós não estivemos sozinhos. A Edwiges estava em casa. E não fizemos nada de mal. Nem poderia ser.

Guimarães

Mas falam, não é?

Dalva

E o que é que você quer que eu faça? A casa é minha, também. Pago pensão. Não estou aqui de favor. Não sou criança. Ganho a minha vida. Acho que posso receber um amigo em minha casa, sem ter que dar satisfações. De mais a mais, não fizemos nada de mal.

Guimarães

Eu não tenho a menor dúvida. Mas dá margem a comentários maliciosos. Isso dá.

Dalva

358 Que me importa que falem. Se a Floripes acha ruim, posso me mudar. O que pago aqui, posso pagar num apartamento pequeno, de sociedade com uma amiga ou colega. Se vivo aqui, é por sua causa. Aliás, você também não precisa de minha pensão. Podem viver muito bem vocês aqui só com o que ganham. É melhor eu ir embora. Assim ninguém mais vai falar. O que eu não posso é perder o direito de receber um amigo em minha própria casa. Sobre esse ponto eu não transijo.

Guimarães

Fica o dito por não dito. Pronto. Não pensei que você fosse tão brava! Ninguém falou nada, pronto!

Dalva

A gente tem que se defender, ora essa! Já levo uma vida besta. Sem graça nenhuma. Não me casei. Não sou rica. Só tenho você. Você e a minha liberdade. Minha liberdade é meu consolo e esse eu defendo.

Guimarães

Naturalmente. Ninguém quer brigar com você. E eu peço que você continue comigo. Você há de reconhecer que morar comigo e Floripes é sempre uma situação para você. Você não é nenhuma moça abandonada. Eu prefiro que você more comigo do que sozinha. E também para o meu caso pessoal. Eu lhe peço. Nós aqui precisamos de você. Você, sem querer, ou sem sentir, é o anteparo de muita coisa que pode acontecer aqui.

359

(Dalva veste a blusa e vai abraçar o irmão. Faz um carinho no irmão e o beija no rosto)

Dalva

Guima: eu gosto de você, Guima. Você é a própria vítima de sua boa formação moral. Engraçado! Acontece cada coisa nesta vida! Você é o conformismo em pessoa! Conheço muito bem você. Não é medo. Não é falta de energia. É educação. É formação moral. É o senso de responsabilidade. Deixa estar, meu irmão: não há bem que sempre dure nem mal que nunca se acabe...

Guimarães

Dalva, você está muito enganada. Eu não estou me queixando, nem lamentando...

Dalva

É como diz o Gervásio: a araruta também tem seu dia de mingau. *(Toque de campainha)* Deve ser o Gervásio.

(Dalva sai para abrir a porta de entrada. Momentos depois, volta com Gervásio. É moço de seus 30 e poucos anos, alegre, jovial, bem posto. Não faz muita cerimônia. É de casa, como se diz)

360

Gervásio

Que tal? *Como le vá?*

Guimarães

Bom dia, Gervásio. Sempre firme?

Gervásio

Mais ou menos. E você? Muito serviço? Quando é que você vai perder essa mania de trabalhar de graça? Quem trabalha de graça é relógio e quem faz força é guindaste.

Guimarães

Eu não trabalho de graça. Sou pago para trabalhar.

Gervásio

Você ganha para trabalhar um expediente. Eu não tenho nada com isso. Você gosta. O que é de gosto regala a vida. Gostos não se discutem. O que é isso aí? É o caso dos maquinistas?

Guimarães

É.

Gervásio

Você chegou a alguma conclusão?

Guimarães

Há muito tempo. Que existe a incidência, nem há dúvida. A questão jurídica, vamos dizer, a questão fiscal é absolutamente clara. O imposto sempre foi devido e sempre foi sonogado. A dúvida está no *quantum*. Acho que a coisa atinge cifras astronômicas!

361

Gervásio

Mas... houve má-fé por parte dos maquinistas? Eles sabiam que deveriam pagar?

(Dalva sai sem avisar, após uma troca de olhar com Gervásio. Guimarães não percebe o jogo)

Guimarães

Eu estou convencido de que houve má-fé. A lei é clara. E eles sempre são bem assessorados.

Gervásio

Então, além do imposto em débito, vai haver multa?

Guimarães

Penso que sim, que devem ser multados. Houve sonegação de má fé.

Gervásio

Mamma mia! Então a coisa vai longe! Você não tem medo de uma represália? Afinal de contas, toda uma classe a ser prejudicada!

Guimarães

362 Que é que eu posso fazer? Sou um modesto funcionário público. Limito-me a cumprir ordens. Não estou inventando nada nem criando problemas.

Gervásio

É que eles podem fazer uma representação, pelo sindicato. A coisa pode tomar até um aspecto político.

Guimarães

E daí?

Gervásio

O governo pode derrubar a situação.

Guimarães

Melhor para eles. E melhor para mim também. Não tenho porcentagem na arrecadação e muito menos na multa. Para mim é igual. Se lá em cima revogarem a cobrança, melhor.

Gervásio

Mas você fica com uma cara de tacho. Vão chamar você de perseguidor. Guimarães, o Javert do fisco.

Guimarães

Não vejo razão para isso. Nem eu sou um perseguidor nem eles são miseráveis de roubar um pão.

363

Gervásio

Eu não topava um negócio desses. É antipático.

Guimarães

Meu velho: eu recebo ordenado para fazer levantamentos de débitos fiscais. Não me cabe ser simpático ou antipático. Ao contrário; até ajudo os contribuintes; dou orientação, ensino, coisa que não tenho a menor obrigação de fazer. Mas sonegação é sonegação.

Gervásio

Quanto você está ganhando agora?

Guimarães

O mesmo que você, não é? Vinte e oito contos, fora os descontos. Com a reforma vou passar para uns 40.

Gervásio

Como isso?

Guimarães

Claro. Você também; isto é, você um pouco menos, porque tem menos tempo de serviço. Eu vou ser aumentado e reclassificado.

Gervásio

364 E se não sair a reforma?

Guimarães

Como, não sair! Então você não acompanhou os trâmites?! Já está tudo pronto, aprovado e sancionado. Na semana que vem está na rua.

Gervásio

E se você não for promovido nem aumentado?

Guimarães

Não pode ser.

Gervásio

Nesta terra tudo é possível.

Guimarães

Então, seria o caso de se rasgar o Estatuto do Funcionalismo Público. Mais ainda: jogar fora a Constituição.

Gervásio

E quantas vezes já se violou a Constituição? Não seria a primeira nem a última.

Guimarães

É. Por incrível que pareça, isso pode acontecer. Você sabe de alguma coisa? Vão dar com tudo pra trás?

Gervásio

Não sei de nada. É só uma hipótese. Estou argumentando para provar que você não está com toda a razão nesse seu caso aí. Nem tanto ao mar e nem tanto à terra. Você não pode se transformar num escravo incondicional de suas obrigações, quando a instituição a que você serve não merece essa incondicionalidade. Ninguém é profeta em sua terra. Não. Não é esse o provérbio. Não se deve ser mais realista que o rei. Se o governo pode amolecer com os maquinistas, por que há de ser você que vai endurecer? Vai preparar o prato para eles comerem lá em cima?

365

Guimarães

Isso é da vida, meu velho.

Gervásio

O bom-bocado não é para quem o faz e sim para quem o come. Bem. Eu já vi que a coisa vai ser dura. Tenho um assunto a propor a você. Vou falar por desincargo de consciência, e digo mais, para seu bem, para seu bem-estar e o de Floripes e da Dalva também. De tostão em tostão se faz um milhão. Uma ova! Não é na enxada que se fica rico! A gente fica rico explorando o trabalho dos outros. Matheus, primeiro os teus. Essa é a ordem. Olha, Guimarães: o advogado do sindicato dos maquinistas é meu primo e mais que parente, é meu amigo. Parentes os dentes, diz o ditado. Mas o homem é meu amigo aqui do peito. Posso falar porque tenho a máxima confiança. É aqui, entre quatro paredes. Eu falo, está falado, se você não topar, azar seu. Os homens estão apavorados com esse processo aí que está nas suas mãos. Se essa sua atuação vingar, eles estão perdidos. Vai ser uma quebradeira geral. É uma questão de vida ou de morte.

Guimarães

Mas eles podem pagar em prestações.

Gervásio

E a multa?

Guimarães

É possível que se releve a multa. O advogado, seu primo, criou uma teoria sobre a não-incidência

do imposto. É uma teoria absolutamente falsa. Puro sofisma. Mas tem sua habilidade, não há dúvida. Talvez por meio dela, com boa vontade, relevem a multa, quem sabe?

Gervásio

Pois olhe, meu velho: eles estão com medo. E estão com tanto medo que me incumbiram de falar com você. Se você der um jeito nisso...

Guimarães

Como é que eu posso dar um jeito nisso?!

Gervásio

O chefe já sabe de suas conclusões?

367

Guimarães

Claro que sabe. Pois foi ele que levantou a lebre.

Gervásio

Foi você.

Guimarães

Sim. Ele cismou com os maquinistas. Pediu-me para fazer a verificação. Ele está a par de tudo.

Gervásio

Não tem importância. Deixa o chefe comigo que eu controlo...

Guimarães

Controla, como?!

Gervásio

Minha primeira etapa é aqui com você. Os homens estão dispostos a lhe dar 3 milhões em gaita viva, para você dar para trás com essa incidência. Três milhões! Três mil abobrinhas! Nem mais nem menos!

Guimarães

Mas não é possível!!

Gervásio

O que não é possível? Arquivar esse negócio?

368

Guimarães

Não. Não é possível eu me vender. Eles querem me comprar, Gervásio! E você está se prestando a isso!

Gervásio

Vender... Comprar... Não são esses os termos exatos. Três milhões é uma pequena fortuna. Nem você vai se vender nem eles vão lhe comprar. É uma questão de tese. Você vai ao jurista. Vai consultar o advogado. Vai pedir um parecer. Você faz a consulta e ele pergunta: "*O senhor quer sim ou não?*" – Por quê? Porque se o senhor quiser uma resposta afirmativa, tenho que

citar os livros do lado esquerdo. Então? Tudo é interpretação. Eles pedem a sua boa vontade para uma interpretação favorável. O caminho já está preparado. Você concorda com a tese do advogado, meu primo, que é mais inteligente que você e conhece direito e pronto. Estará com uma renda aí de 60 contos por mês. Mais que o dobro de seu ordenado. E não cria inimigos e não planta para os outros colherem. E ninguém pode falar nada, meu velho, porque quem tem telhado de vidro não atira pedra no do vizinho.

Guimarães

Então, eles me pagam 3 milhões?! E o chefe?!

369

Gervásio

Tem rabo-de-palha. Deixa que eu controlo ele. Uma mão lava a outra e as duas lavam o rosto.

Guimarães

Eu não posso fazer isso.

Gervásio

Por quê? São 3 milhões, meu velho! Pagos na boca do cofre, em moeda corrente do país. Não fica rabo, não. Você está louco! É a sua independência! É um automóvel. É um apartamento melhor para sua família! Não pense só em você, meu velho!

Guimarães

É. O negócio é duro! Por que você vem me fazer uma propostas dessas?! Por que você vem me criar esse problema? Nunca pensei nessa hipótese.

Gervásio

Porque um dia é da caça e outro do caçador. A araruta também tem seu dia de mingau.

Guimarães

Já ouvi esse ditado. Não, Gervásio, não posso aceitar essa proposta. Até devia repudiá-la mais energicamente. Sinto-me culpado de não a ter repellido liminarmente.

370

Gervásio

Você é um louco!!

Guimarães

Você quer dizer outra coisa: que eu sou uma besta. Burro! Burro! Pode ser. Mas nasci assim. Que é que você quer que eu faça? Não dou para esses golpes, não. Eu tenho que ir devagar, devagar. Olhe: com o aumento da reforma, sou capaz até de comprar um automóvel. De segunda mão, é claro. Para que eu vou me lançar em altas cavalaria? Enveredar por esses caminhos? Não. Você me desculpe, Gervásio, mas não posso aceitar.

Gervásio

Quer dizer que você recusa os 3 milhões?

Guimarães

É. Recuso. Dá dó, mas recuso.

Gervásio

Por honestidade?

Guimarães

Não sei. Talvez sim. Por princípio.

Gervásio

Que loucura! Você vai é botar na mão do chefe esses 3 milhões, você vai ver.

371

Guimarães

Paciência.

Gervásio

Ele já está rico. Agora é sua vez! Isso é de amargar! Ele vai dar para trás com a sua autuação, com todo o seu trabalho. Vai virar herói e se encher da gaita! À sua custa! Vai ver que já fez isso de propósito! Tocou você na frente para criar a dificuldade e vai vender a facilidade. À sua custa. E quem faz o papel de bobo será você. Tem dó, Guimarães, tem dó!

Guimarães

Eu sou assim, que é que você quer que eu faça? Você pensa que eu gosto de ser assim? Não gosto.

Gervásio

Você disse que ainda não concluiu o serviço?

Guimarães

Falta muito ainda.

Gervásio

Quantos dias?

Guimarães

Uns 15, trabalhando aqui em casa.

Gervásio

Então você tem tempo para pensar. Não apresente o trabalho sem primeiro falar comigo. Não me vá fazer essa falseta.

Guimarães

Não adianta nada. Mostre ou não mostre, o que está feito está feito.

Gervásio

Não. Você vai pensar. Não se jogam 3 milhões assim pela janela, não. Você vai pensar. Tem 15 dias para pensar. Se você não voltar atrás,

azar seu, não posso forçar, nem fazer mais do que fiz.

(Entram Floripes e Dalva. Floripes vestida para sair, saia e blusa, com um sanduíche na mão e um copo de leite na outra)

Floripes

Bom dia, Gervásio.

Gervásio

Que leite é esse? Vocês não vão almoçar? Vim filar a bóia hoje. Hoje é dia de feira, não?

Floripes

Estamos sem empregada. Ela foi despedida. Ou melhor, despediu-se, porque eu a proibi de ver televisão.

373

Gervásio

Bem. Então vamos todos almoçar no Gigetto. Eu estou convidando. Marca-se o ponto e vamos todos ao Gigetto. Por minha conta e risco. Eu vinha filar a bóia, mesmo. Não havendo, é justo que eu os convide. Pode deixar esse leite e esse sanduíche.

Floripes

Eu aceito.

Gervásio

Há males que vêm para bem. Vamos, Guimarães.

Guimarães

Não. Eu não vou. Fica para outra ocasião.

Floripes

Que cara é essa, Guima? O que foi que aconteceu que o Guima está com essa cara de organização social de luto?

Gervásio

374

Claro. Não é para menos. Acaba de jogar fora, pela janela, assim, olhe (vai à janela e faz o gesto de quem atira), 3 milhões de cruzeiros! E sabe quem está lá embaixo? O chefe. O chefe dele, para pegar a gaita que ele jogou fora!

Floripes

Como?! Três milhões?! Onde estão?!

Gervásio

Aí. Nessa papelada. Uma questão de interpretação. Nada mais. Se ele chegar à conclusão de que o imposto não é devido, ele ganha 3 milhões, ali, na batata.

Floripes

E qual foi a sua conclusão, Guima?

Guimarães

Estou convencido de que o imposto é devido.

Floripes

Estava convencido, mas não está mais.

Guimarães

Não é assim como você pensa, Floripes.

Floripes

Se você pensa que eu vou deixar você jogar 3 milhões pela janela, você está muito enganado! Só louco é que rasga dinheiro. Eu não estou louca. Você está, Dalva?

Gervásio

Bem. Ainda há tempo. A resposta não é definitiva. O Guimarães tem 15 dias para pensar.

375

Floripes

Isso nem tem o que pensar. Vamos almoçar. Deixei o louco aí. Depois nós conversaremos. Vamos embora. Se ele não aceitar esse negócio eu mato. Isto é, mato ele primeiro, que nasceu antes de mim. Não. A miséria tem que acabar nesta casa. E só ver os outros comendo a carne, na cara da gente, e a gente roendo osso?! Não. Isso vai acabar. Chega de filosofia. Chega de psicologia. Hoje o que vale é o metal sonante. A gaita, *l'argent, money, plata...* O resto é conversa.

Ciao, meu Robespierre de araque. Vamos embora. Vem, Dalva. Vamos fazer este gaúcho gastar uns cobres.

(Floripes sai. Dalva beija o irmão, que ficou perplexo, estatelado na cadeira)

Gervásio

Até logo, Guimarães. Que o Espírito Santo ilumine tuas idéias.

(Saem os três. Guimarães fica estático, por uns momentos. Está pensando intensamente. Quase fala sozinho. Começa a arrumar a papelada. Põe a gravata. Veste o paletó. Quando entra Edwiges)

376

Edwiges

Eu voltei, seu Guimarães.

Guimarães

Você não encontrou o pessoal aí fora?

Edwiges

Eu vi eles, mas eles não me viram. Me escondi na escada. Quando tomaram o elevador, eu entrei. Eu ainda tenho a chave. Eu voltei só por sua causa, seu Guimarães.

Guimarães

Muito obrigado.

Edwiges

É verdade. Não é brincadeira, não. Com dona Floripes empregada nenhuma fica no emprego. Eu sei. Conheço minhas colegas. patroa que implica com um ovo, com televisão, com não sei o que, não guarda empregada. Não ficam nem um mês na casa. Eu ganho 4 mil cruzeiros por mês... Olhe, seu Guimarães: nem por 8 mil. Ninguém aceita. Com implicância, ninguém aceita. Eu fico, por sua causa. O senhor não merece ficar sem empregada. Depois, eu sei que o senhor já se acostumou com minha comida... O senhor não almoçou? Vou preparar o seu almoço...

Guimarães

377

Obrigado, Edwiges, mas não há mais tempo.

Edwiges

Um instantinho só. Eu frito dois ovos, passo um bife na chapa...

Guimarães

Não há tempo. Olhe, eu como isto aqui (*e pega no copo de leite e no sanduíche que Floripes deixou em cima do móvel. E principia a comer*)

Edwiges

É pena. O senhor trabalha muito. Precisa comer bem. Assim, ninguém agüenta.

Guimarães

Você me prepare um jantar bem reforçado. Agora não tenho fome. Aconteceu tanta coisa aqui em casa, hoje de manhã, que eu perdi a fome.

Edwiges

O senhor me desculpe, mas essa gente não compreende o senhor. Eu compreendo...

Guimarães

Não chame minha mulher de essa gente...

Edwiges

378 Eu pedi desculpas. Eu não tenho educação, mas tenho sentimento. Eu compreendo o senhor. E eu gosto do senhor. Não é gostar de... De coisa... Não. Eu gosto do senhor espiritualmente. O senhor é como meu falecido padrinho. O senhor é um homem bom. E hoje em dia, com o progresso, contra o subdesenvolvimento, ninguém compreende uma pessoa boa. E é tão fácil compreender. Mas tudo está voltado para o mal; diz que foi a bomba atômica que espalhou o mal pelo ar. Eu não sei. Mas gente boa está fora de moda.

Guimarães

Até logo, Edwiges. Então, um bom jantar, hein? Olhe as ordens de dona Floripes...

Edwiges

Já sei. Nada de televisão, neca de levar coisas para casa e neca de receber visita. Está certo.

(Guimarães já saiu, com sua papelada que pôs numa pasta. Edwiges cantarola baixinho. Pega na vassoura. Vai principiar a limpeza da sala. Ela agora é a dona. Senhora da situação, vai à televisão e liga, com a maior calma deste mundo. Nem dá bola. Continua cantarolando e inicia a limpeza. Surge a imagem no aparelho de televisão)

Pano

Fim do primeiro ato

Segundo ato

(*Mesmo cenário. Nove horas da noite, uma semana depois. Floripes, em cena, procura qualquer coisa pela sala. Chama pela empregada*)

Floripes

Edwiges! Edwiges!

Voz de Edwiges

Senhora!

Floripes

Onde é que está o *Grande Hotel* que estava aqui na sala? (*Edwiges aparece*)

380

Edwiges

Grande Hotel?

Floripes

Sim. O último número.

Edwiges

Acho que o seu Guimarães emprestou para dona Hermengarda.

Floripes

Por que havia de emprestar?!

Edwiges

Ela sempre pede e ele sempre empresta. Os números atrasados.

Floripes

O que eu estou procurando é o número desta semana, que comprei há dois dias. Ainda não li e ele já foi emprestar!

Edwiges

Vai ver que ele não sabia que era o último número.

Floripes

Não estará com você?

Edwiges

Ora, dona Floripes! Que desconfiança! Para que eu quero aquilo?! Eu nem sei ler!

381

Floripes

Não precisa saber ler. É história de quadrinho.

Edwiges

Juro por tudo quanto há de mais sagrado que não buli nessa revista!

Floripes

Então pede à vizinha. Se está com ela, que devolva. As coisas nesta casa, quando emprestadas, têm dois Vs. *(Edwiges vai à janela e chama)*

Edwiges

Dona Hermengarda! Dona Hermengarda!

Voz de Hermengarda

Que é?

Edwiges

O patrão lhe emprestou o último número de *Grande Hotel*? A senhora tem ele?

Voz de Hermengarda

Emprestou hoje de manhã. Está aqui comigo.

Edwiges

É que a patroa ainda não leu. A senhora me devolve que depois ela empresta.

Voz de Hermengarda

382 Não tem dúvida. Eu também posso comprar a revista. Se quiser, não precisa emprestar.

Edwiges

Não é isso. Ela não está reclamando. Ela quer é ler. Depois que ler, não interessa, que ela não faz coleção.

Voz de Hermengarda

Já sei. Já sei. A gente não deve é pedir as coisas emprestado, para não passar por esses carões. Vou devolver aqui, pela janela mesmo.

Edwiges

Pela janela, não, que pode cair lá embaixo. Eu vou buscar aí na sua porta. Um momento.

(Edwiges sai da janela)

Floripes

Além de malcriada é mal-agra-decida essa Her-mengarda.

Edwiges

É uma infeliz!

(Sai. Instantes depois volta Edwiges com a re-vista)

Edwiges

Está aqui, dona Floripes.

(Floripes pega a revista, prepara uma luz junto à poltrona, enquanto Edwiges sai para a cozinha. Floripes liga a televisão e depois se acomoda na poltrona, iniciando a leitura. A imagem surge. Ela levanta-se da poltrona para acertar o som. Volta. E mergulha na leitura da história de qua-drinhos. Edwiges aparece pronta para sair. Ter-minou o serviço diário e Edwiges vai se embora para sua casa. Leva uma bolsa grande, quase um balaio. Sente-se que ela quer esconder o balaio de Floripes)

Edwiges

Até amanhã, dona Floripes.

Floripes

(Distraída na leitura) – Até amanhã.

(Edwiges passa, está quase à porta, quando Floripes dá com o balaio)

Floripes

O que é que você está levando aí, neste balaio?

Edwiges

Não é balaio, não senhora, é bolsa.

Floripes

Bolsa desse tamanho?

Edwiges

384 Que é que a senhora quer? São exigências da moda!

Floripes

Que é que você vai levando nessa bolsa?

Edwiges

Nada.

Floripes

Nada?! A bolsa recheada desse jeito?! Abre aí, quero ver.

Edwiges

Ora, dona Floripes! Não posso abrir! São coisas íntimas!

Floripes

Não tem importância. Só eu estou aqui. Abre.

Edwiges

São umas coisas à-toa. É um pouquinho de comida que sobrou. O seu Guimarães não veio jantar. Sobrou alguma coisa. Não adianta guardar para amanhã. Não dá. Tem que fazer arroz novo, mesmo. Eu não vou misturar arroz novo com arroz velho. Assim, nem um nem outro. Estraga tudo. Se tivesse qualquer serventia, eu juro, dona Floripes, que eu deixava. Eu não levava. Nesse ponto eu sou muito direita. Nunca roubei casa de patroa. Deus me livre! Mas, não tendo serventia...

385

Floripes

Por que você não fala antes? Não pede licença? Eu não sou pão-dura! O que não acho direito é você levar as coisas sem me falar.

Edwiges

É que gente tem vergonha de pedir essas mixarias. Parece que a gente está passando fome! A gente sente vergonha. *(Edwiges começa a falar chorosa e depois chora mesmo)*

O pior é que a gente precisa mesmo. O Dito está sem emprego. Deu de beber. E assim piora tudo. Bebe porque não tem trabalho. Não tem trabalho

porque bebe. E a fome bate na porta da gente. É uma infelicidade! A senhora não sabe. Mas a vida está dura. Muito dura. Dizem que aqui no Brasil ninguém passa fome! Uma ova! Passa, sim senhora. Tem muita gente que não come nada. Almoço e jantar todo dia é luxo. Só para quem está bem.

Floripes

Eu não faço questão nenhuma que você leve as coisas. Olhe: pode até levar uns ovos. Amanhã é dia de feira e vou comprar mais. Hoje não precisa. Quantos tem lá na cozinha?

Edwiges

386 Tem três.

Floripes

Devia ter quatro.

Edwiges

Puxa vida, que a senhora conta!

Floripes

Conto mesmo. Não gosto de passar por boba.

Edwiges

Pois, desta vez, com perdão da palavra, a senhora boiou, porque tinha um ovo que estava podre. E eu não boto ovo podre na comida. Então, tive de quebrar outro. Nesse ponto eu sou muito hones-

ta. Não tenho costume de roubar patrão, não. A senhora pode se informar nas casas onde estive. Se saí, foi por incompatibilidade de gênio. Meu gênio não combinava com o da patroa. É como aqui. A senhora é boa, mas tem mau gênio. Eu não combino com a senhora. Mas combino com o patrão. O seu Guimarães é muito boa pessoa. Eu gosto dele. Não pensa que é outra coisa. Não é, não senhora. Eu gosto de seu Guimarães sem malícia. Nunca dei bola para patrão. Com bebida ou sem bebida, tenho o meu Dito, lá em casa, que me dá muito trabalho. De homem, estou cheia. De homem, quero sossego. Gosto de seu Guimarães porque ele é um santo. E de santo a gente não gosta para safadeza. Agora, se a senhora quer que eu devolva essa mixaria de resto de janta, que eu levo, eu devolvo, mas é para botar no lixo, porque não tem serventia.

387

Floripes

Não precisa devolver nada. E se vocês estão precisando, pode levar os ovos. Pode levar o que quiser. O que não gosto é fazer papel de idiota. É uma questão de disciplina. Eu sou a patroa. Tenho que controlar a casa. Gosto de saber o que estou dando. Gosto de saber o que está se passando na casa. Não é pão-durismo, não. É minha obrigação de dona de casa. Ninguém gosta de ser roubada.

Edwiges

Mas ninguém está roubando a senhora. Isso não é roubo.

Floripes

Não sendo seu e não tendo licença, é roubo, sim. É pequeno. Roubinho sem importância, mas não deixa de ser roubo. Então o que é?

Edwiges

E...é... é... é sobejo.

Floripes

Está bem. Seja o que for. O nome não tem importância. Pode levar. Leve os ovos também.

388

Edwiges

Deu, está dado. Amanhã eu levo.

Floripes

Quando houver qualquer sobra, você me fale, mas pede licença que eu dou. Eu deixo levar. Não vá fazer sobrar de propósito, que aqui em casa não nadamos em dinheiro. Não é por gosto que moro aqui neste cortiço.

Edwiges

A senhora fala à toa. A senhora não sabe o que é cortiço. Isto aqui é palácio, perto de onde eu moro. É palácio, dona Floripes. A senhora nem deve falar, que Deus castiga...

Floripes

É tudo muito relativo, Edwiges. Enfim, não tem importância. Até amanhã. E venha cedo, que é dia de feira. Não vá me fazer como na semana passada.

Edwiges

Sim senhora, dona Floripes. Amanhã, às oito horas estou aqui. Então, até.

Floripes

Até amanhã.

Edwiges

Muito obrigada, dona Floripes. Desculpe qualquer má palavra.

389

(Edwiges sai. Floripes considera um pouco sua saída e volta à sua leitura, depois de desligar a televisão. Momentos depois entram Dalva e Gervásio. Dalva acende a luz maior da sala)

Gervásio

Que tal?

Floripes

Como vai, Gervásio?

Gervásio

Onde está o Guimarães?

Floripes

Não veio jantar. Tinha que ir a uma reunião depois do serviço. Até agora não apareceu.

Gervásio

Como vai o nosso negócio?

Floripes

Que negócio?

Gervásio

Dos 3 milhões.

Floripes

Não progrediu nada.

390

Gervásio

Você falou mais vezes com ele?

Floripes

Falei. Falei duas vezes.

Gervásio

Estou achando que você não está muito empenhada. Olhe que são 3 milhões! No mínimo 60 mil por mês! Se quiser apurar no juro, serão uns 90 mil por mês. Não é para se desprezar.

Floripes

Eu sei, Gervásio. Eu sei. Ninguém está mais interessada do que eu. Mas é preciso ir com calma.

Já falei, Já insisti. Nada. Ele parece nem me dar atenção. Fica me olhando como se eu fosse uma parede. Estou esperando uma ocasião. Um determinado momento. Não sei. Ainda não dei o *ultimatum*. Ainda não briguei nem ameacei. Se ele deixar escapar esta ocasião, nem sei o que faço...

Gervásio

Devagar com o andor que o santo é de barro, diz o ditado.

Floripes

Ele tem muita esperança na reforma. Tem certeza de que vai ter um bom aumento, vai ser promovido. A ocasião não é muito propícia...

391

Gervásio

A ocasião faz o ladrão. Pois parece que ela se apresentou. Nem que fosse encomendada! Agora, acho que a coisa será fácil. É aproveitar o momento psicológico. A reforma saiu e ele não foi promovido nem aumentado...

Floripes

Será possível?!!

Gervásio

Será, não. É. *Consumatum est*. O melhor da festa é esperar por ela. A coisa saiu e ele continua

na mesma. Na mesma, não. Muito pior, porque muita gente passou na frente dele. Bem... mal de muitos, consolo é... Ele não ficou sozinho. Toda a classe dele foi prejudicada. Só onde ele trabalha foram uns 15. Fora os outros setores...

Floripes

Então, ele já sabe?

Gervásio

Deve saber, com toda certeza.

Floripes

392 Sabe. Achei ele meio transtornado quando me disse que não viria jantar. Essa reunião deve ser lá com o pessoal...

Gervásio

É. Já foram se reunir para tomar providências. Hã de cavar alguma coisa! Cavar nada! Aqui é assim: não dão valor a quem tem valor. Ah! Se fosse comigo! Deus dá nozes a quem não tem dentes. Eu, no lugar do Guimarães, estaria podre de rico. Eram dois golpes desses por ano!

Floripes

Mas foi uma enorme injustiça! Como puderam fazer isso! Guima disse que já estava tudo resolvido!

Gervásio

Levaram ele no bico. Direitinho. Passaram ele para trás. Agora é malhar o ferro enquanto está quente. Hoje ele vem aqui tinindo. Com raiva de todo o mundo. Não deixe para amanhã o que pode fazer hoje. *Tonight or never.*

Floripes

O Guima é de muito boa-fé. Por isso fazem isso com ele.

Gervásio

Pois agora acabou-se. Amor com amor se paga. Se fizeram a sujeira com ele... Quem rouba ladrão tem cem anos de perdão... Bem... O resto é com você. Você sabe o que faz. Conhece o marido que tem. Não vou ensinar o padre-nosso ao vigário. O momento psicológico está aí, dando sopa. Não é que eu estivesse torcendo para o Guima ser prejudicado. Mas... Há males que vêm para bem... Assim, ele aprende o caminho. Eles mesmo é que mostraram. Agora se agüentem. E não têm que aguentar nada. É tudo assim. Quem tem o seu vintém, bebe logo. Não se aflija, que eles não aumentaram nem melhoraram a classe do Guimarães, já pensando nisso. Eles sabem que a turma come mesmo. E comendo, não precisam, não reclamam. Malandro não estrila.

393

Dalva

Mas o Guima nunca fez isso!

Gervásio

Ah! Até que enfim você deu o ar de sua graça.

Dalva

Estive ouvindo. Vocês não me deram chance.

Gervásio

Minha filha: a regra é a desonestidade. Essa é a verdade. Nós sabemos que o Guimarães é um sujeito batata. Que não está na gaveta de ninguém. Quem lida com ele sabe disso. Mas os de cima não sabem. Para eles, todos são iguais. E estão certos. O Guimarães é que está errado. Gente como o Guimarães, hoje não existe. Bem... Eu vou indo. É melhor que ele não me encontre aqui. O trabalho é vosso. Olhe que são 3 milhões; é um barbadão. Em menos de 15 dias o Guimarães estará com a mão na massa...

394

Floripes

E você, não leva nada nisso?

Gervásio

Pura camaradagem. É para servir ao meu primo e também a vocês. Vocês são daqui do peito. É justo que vocês tenham uma folga. Bem... Você entra com o jogo direitinho. É melhor deixar para vocês operarem. Vocês são da família. Roupa suja lava-se em casa. O momento é ultrapsicológico. Não vá entornar o caldo. Vá com diplomacia.

Com cuspe e jeito... Bem... Esse, não. Esse é impróprio. Mas você já sabe, não é? Você também, Dalva. Ele é seu irmão. Gosta à beça de você. Você ajuda...

Dalva

Eu não me meto nisso. Deixa a Floripes...

Gervásio

Como não se mete nisso? Você também tem seu interesse, ora bolas!

Dalva

Não gosto de interferir na vida dos outros.

Gervásio

Isso não é interferir. Estamos pedindo apenas a sua colaboração...

395

Floripes

Deixa a Dalva. Ela parece que tem medo do irmão...

Dalva

Não. Não é medo. É respeito. Acho que é um assunto muito delicado, esse de bulir com a consciência...

Floripes

Consciência! Consciência! Isso é conversa! Onde é que está a consciência do pessoal que fez a

reforma? Onde? A consciência está no estômago e não na cabeça. O homem trabalha dia e noite, todos os dias. Traz serviço para casa, todos os dias! Alguém reconheceu isso? Nada. Reconheceram nada. Ao contrário. Coice. Só deram coice! O idiota do Guima ficou para trás! Idiota mesmo! Pois agora é pagar na mesma moeda...

Gervásio

Quem com ferro fere, com ferro será ferido. Bem, minha gente: parece que estamos entendidos. *Ciao*. Amanhã vocês me contam o resto. A Dalva me conta. Entra com o jogo, Floripes. Deixa a Dalva, que é meio mole. É como o irmão. Quem sai aos seus não degenera. *Ciao!*

396

Floripes

Até amanhã, Gervásio. O pior é se a gaita não sair. A gente ter todo esse trabalho de convencer o cabeçudo do meu marido e no fim eles passam o bolo e não dão o dinheiro!

Gervásio

Isso é comigo. Quando chegar na hora, é comigo. Manja aqui o papai. Já está tudo pensado e combinado. Não tenha o menor receio. É macuco no embornal. Depende de vocês. *Ciao!*

(Gervásio sai, Dalva o acompanha, Floripes pega a revista. Instantes depois, Dalva vem de volta)

Floripes

Eu não sei por que esse camarada não casa com você!

Dalva

Eu também não sei.

Floripes

Sujeito gozado ele! Fala do Guima! Fala de todo mundo! Mas onde está o dinheiro dele? Ele devia ganhar muito dinheiro, com as teorias dele!

Dalva

O cargo dele é diferente do de Guima. Mas ele ganha muito dinheiro. Gasta. Gasta tudo.

397

Floripes

Mas não gasta com você. Pelo menos, que gastasse com você.

Dalva

E por que havia de gastar comigo?

Floripes

Então, gasta com outras?

Dalva

Acho que não. É desperdiçado. Gasta em besteiras. Joga. Perde um dinheirão nos cavalos. De vez em quando vou com ele às corridas. Vejo quanto ele perde.

Floripes

Você devia controlar...

Dalva

Eu não! O dinheiro é dele!

Floripes

A coisa está muito mole para ele. Você é que é boba...

Dalva

Cada qual sabe de si.

Floripes

398 Comigo a coisa fiava fino. Ele não é solteiro? Você não é solteira? Então. Por que não se casam?

Dalva

E por que havia de casar? Ora essa? Eu não posso obrigá-lo a casar comigo. Nem estou interessada.

Floripes

Nessa não caio.

Dalva

Não me interessa. Acho que cada qual sabe onde lhe aperta o sapato... Que injustiça que fizeram com o Guima, hein?!

Floripes

Foi bem feito! Quem manda ele ser de boa-fé?

Dalva

O que é que você queria que ele fizesse? Foi traído. Disseram que iria ser promovido e aumentado. Aliás, ele tem direito.

Floripes

Está certo. Agora aprendeu. Ele não podia ter feito nada. Agora pode. Agora, ele sabe como são com ele. Vamos ver o que vai fazer.

Dalva

Com toda a certeza vai recorrer à justiça; ele e os demais colegas que foram prejudicados.

Floripes

Boa noite! E adianta? Leva anos e anos discutindo. Quando ganhar a questão já está no Araçá. Se ganhar...

Dalva

Se tiver de ganhar, ganha. E no fim recebe toda a diferença...

Floripes

Vá esperando! E a mágoa? A mágoa da injustiça, quem é que paga? Não. Ele tem de dar um jeito. Nem que seja por vingança. Mas deixa isso comigo. Só peço que você não me atrapalhe. Sua colaboração, sei que não vai adiantar. Você é mole como ele. Mas comigo, não. Eu não sou de

apanhar e ficar quieta, não. Sujo por sujo, vamos ver quem sai ganhando. Você é testemunha de que, até agora, não forcei. Só pedi. Pedi só, sem grande empenho. Não quero transtornar ninguém. Não quero que digam que virei a cabeça de ninguém. Fiquei quieta, como sempre fico. Bico calado. Só apreciando. Esperando. Afinal de contas, ele ia ser promovido; aumentado. Está certo. Vai ganhar bem, melhorar de posição. Está certo. Vamos agir direitinho. Bom por bom, ninguém é melhor que eu. Me fizeram sujeira. Passaram ele pra trás. Nem aumento nem promoção e muito menos satisfação. Não. Essa não! Agora a coisa é comigo! Eu não tenho sangue de barata, não! Deixa ele vir aí, que eu vou dar o baile! Pode ser até que não precise. Pode ser que ele venha e diga logo: *Floripes: chama o Gervásio. Vamos resolver o negócio.* Aí, vai ser ótimo! Mas ele é um tímido. Não tem peito. É como você: não tem peito para fazer o Gervásio casar. Então, eu entro. Porque não durmo de botina. Até agora fiquei calada. Esperei. Agora é minha vez.

Dalva

Bateu a porta do elevador. Deve ser ele.

(Floripes se cala. As duas ficam em expectativa. Barulho de porta. Entra Guimarães. Aspecto normal. Talvez com a fisionomia um pouco carregada.)

*da. Nada mais. Entra calmamente. Tira o paletó.
Senta-se. Floripes ataca a conversa)*

Floripes

Como foi de reunião?

Guimarães

Fui bem.

Floripes

Você jantou?

Guimarães

Não.

Floripes

Não comeu nada?

401

Guimarães

Não.

Floripes

Você não está com fome?

Guimarães

Nem um pouco.

Floripes

Posso fazer qualquer coisa para você. Ovos fritos. Você não pode ficar sem comer. Vou ver dois ovos quentes. Ovos quentes, um copo de leite, pão com manteiga e depois um cafezinho.

Guimarães

Não, Floripes. Não precisa. Estou completamente sem apetite. Aceito um cafezinho.

Floripes

Guima, meu bem. Você precisa se alimentar. Vou ver um café e uns biscoitos. Um momentinho só. Você deve estar muito cansado. Aborrecimento também cansa muito a gente.

(Floripes sai)

Dalva

Esqueceram mesmo você na reforma? Totalmente?

402

(Guimarães confirma com a cabeça as duas perguntas)

Dalva

Era de se esperar isso?

Guimarães

Não. As informações eram positivas. Não posso imaginar o que houve. Ninguém, na reunião, soube explicar... Não havia razão... Motivo... Ainda não compreendo... Foi de fato, uma decepção. Nós todos ficamos perplexos. A princípio, poderia parecer um erro de impressão. Essas publicações oficiais muitas vezes saem com incorreções... Com

omissões... Fomos ver, fomos consultar. Estava tudo certo. A classe toda foi preterida.

Dalva

É incrível que isso aconteça! E o que é que vocês vão fazer?

Guimarães

Já resolvemos tudo. Vamos fazer uma representação ao governo. Uma reclamação administrativa. Se não formos atendidos, entraremos com um mandado de segurança.

Dalva

Não vai demorar muito?

403

Guimarães

Eu fui contra o administrativo. Por mim, entrávamos logo com o mandado de segurança. Assim não se perderia tempo. Depois de muita discussão e de muito falatório, encontrou-se uma solução intermediária: se dentro de três semanas não atenderem ao pedido, vamos ao judiciário.

Dalva

E na justiça, não demora muito?

Guimarães

Mandado de segurança não. É imediato e não há jeito de se perder.

Dalva

Foi uma injustiça muito grande. Acho até que foi uma desconsideração. Afinal de contas...

Guimarães

Foi uma grande besteira deles, isso sim. Incapacidade... Incompetência. Nem sabem o que estão fazendo! Nós não vamos perder nada. Nem tempo. Porque vão pagar todos os atrasados. Perde a administração pública, porque um fato desses tira todo o estímulo. A turma já não gosta muito de trabalhar...

Dalva

404 Você gosta. Trabalha fora do expediente. Serviço extra, sem ganhar nada.

(Entra Floripes com chinelos, para Guimarães. Floripes está muito solícita. Tira os sapatos de Guimarães e lhe calça os chinelos)

Floripes

Eu sempre dizia para ele. Por que trabalhar fora do expediente? Eu sempre disse. Já pus a água no fogo. Vamos tomar um café fresquinho. Tem presunto lá, meu bem. Você não quer um sanduíche de presunto?

Guimarães

Não. Café com biscoito... está bem. Muito obrigado.

Floripes

Sujeira grossa fizeram com você, hein, Guima?!

Guimarães

É.

Floripes

Não há de ser nada. Você agora pega a sua vingança. Que foi desaforo, foi.

Guimarães

No fim, dá tudo certo.

Floripes

E a raiva? Eu não posso com injustiças. Até faz mal pra gente. Essas injustiças é que acabam com a gente. A maioria dessa gente aí, que morre do coração, é por causa das injustiças. A pessoa já vive cansada de trabalhar muito, ainda sofre um desgosto, é o coração que paga. Bem, vou ver o café.

405

(Floripes pega o paletó e os sapatos de Guimarães e sai. Assim que ela sai, Dalva bate três vezes na madeira)

Guimarães

Que é isso?

Dalva

Nada. É uma cisma.

Guimarães

O Gervásio andou por aqui?

Dalva

Foi ele que nos contou.

Guimarães

Que é que ele acha?

Dalva

Como você. Ficou admirado. Ele não acredita muito no sucesso de suas reclamações.

Guimarães

406 O que é que se há de fazer? O caminho é esse. É o único caminho indicado. Greve não é possível. Funcionário público não faz greve. Temos que ir pela justiça.

Dalva

E por que não vão pela política?

Guimarães

Isso também já foi discutido. É impossível. É tudo do contra. Não tem um lá que tenha pistolão seguro. As opiniões políticas na classe são muito divergentes. Quem vai pedir? E a quem?

Dalva

Vai ver foi por isso que vocês não foram contemplados. Por política.

Guimarães

Não creio. O fato é que a reforma saiu e eu não fui promovido e nem aumentado. Isso é de amargar, hein?! E o pior é que não se sabe a razão. Francamente, é de deixar a gente desanimado. Palavra de honra. Eu senti uma decepção... Quando vieram me contar, não acreditei. Devia ser erro, omissão. Qual! Era verdade. A gente sente um vazio... Uma coisa assim... Sei lá. É amargura, é desilusão... Dá um desânimo na gente... Dá vontade que tudo acabe naquela hora. Então a gente trabalha, entra no serviço pontualmente, todos os dias, anos...

Dalva

Você trabalha. Você é dedicado, mas a maioria não é. Os justos pagam pelos pecadores.

407

Guimarães

Isso não está certo. Deviam distinguir. Premiar os cumpridores do dever, ou pelo menos castigar os faltosos. Assim como fazem, iguala tudo... Por baixo. Quer dizer, ninguém mais se esforça... Se não há compensação?! O que é que adianta a gente trabalhar, trabalhar, e no fim ser tratado como aqueles que não fazem nada? O negócio é igualar por baixo. Francamente, não adianta nada esconder. Eu sofri um grande desapontamento. Um grande desgosto. Uma grande mágoa.

(Entra Floripes com café e biscoitos)

Floripes

Pois é, meu bem. Essa mágoa, quem é que paga? Vamos que eles te paguem os atrasados; vamos que você, um belo dia, ganhe esse tal de mandado de segurança. A desconsideração... O desgosto que você passou, esse ninguém tira do seu coração. Não há dinheiro que pague. É uma ruga a mais no rosto. Um vinco a mais na testa. Uma mecha de cabelo branco e a gente vai envelhecendo mais depressa. Não, Guima. Meus avós nasceram na Calábria. Eu tenho sangue de calabresa nestas veias. Amor com amor se paga. Olho por olho, dente por dente. Só com vingança. Com desforra. É um prazer que compensa o desgosto.

Guimarães

Mas que vingança a gente pode tomar num caso desses? Se o juiz conceder o mandado de segurança, já teremos plena satisfação. É um prazer termos nossos direitos reconhecidos na justiça.

Floripes

Um prazer, não. Um consolo. Uma reparação. Reconhecer nossos direitos não é vantagem nenhuma. É obrigação, ora essa! Está bom o café? Acho que agora você devia descansar um pouco. Não falar mais nisso. Espairar as idéias. Quer ir a um cineminha comigo? Ainda dá tempo.

Guimarães

Você veja: o salário está sempre atrasado sobre o custo de vida. O meu dinheiro só, não dá. E deveria dar. A regra geral seria o casal viver só com o dinheiro que ganha o marido. Se o homem trabalha, tem competência, cumpre suas obrigações no emprego, teria que ganhar o suficiente para viver, ter mulher e filhos. A mulher cuidando da casa e dos filhos. Mas aqui, não. O nosso dinheiro dá, porque você trabalha e a Dalva também.

Floripes

Daqui a pouco, como vão as coisas, o que ganhamos juntos não vai dar mais e nós vivemos uma vida modestíssima. Daqui, só para a favela.

409

Guimarães

É que o regime é amoral. É uma imoralidade não se poder viver com o fruto do próprio trabalho. Então, como é que vamos viver? Temos que roubar?

Floripes

É o que todo mundo acaba fazendo. Você pensa que eles nasceram roubando? Não senhor! Todo mundo entra no emprego com boas intenções. No funcionalismo também. Depois eles aprendem a dançar conforme a música. Mas passam a trabalhar o mínimo possível, para viver de outros bicos. Outros trabalham pela gratificação. Você

veja esse pessoal que atende o público. Sem um dinheirinho por fora a coisa não vai. É que o ordenado não dá!

Guimarães

Eu não acho que seja cem por cento assim. Há pessoas que são naturalmente boas e outras que não prestam. Quem é safado, é safado mesmo, com qualquer ordenado. Se ganham muito, querem ganhar mais. Há também os preguiçosos. Esses não fazem força, por natureza. Não adianta aumentar o ordenado.

Floripes

410 Há também os que trabalham como você. Dão duro; conhecem o serviço e não vão para a frente. Por quê?

Guimarães

Não sei. O regime é imoral. É a regra do malandro não estrilar. Do desapertar para a esquerda. Mas enjoei, sabe? Enjoei. Depois dessa palhaçada, perdi a bossa por completo. Agora, eles não contem mais comigo. Chega. Já vi tudo. Não adianta nada.

Floripes

Ainda bem que você abriu os olhos. Eu sempre disse...

Guimarães

Agora não tem mais conversa. Trabalho só nas horas de expediente e olhe lá! Se o tempo der, melhor. Se não der, azar deles, eu é que não vou levar serviço para casa. Acabou-se. Agora, de noite é um cineminha; ouvir televisão; dormir. Trabalhar, não. Isso já está resolvido. Que ganhei trabalhando extra? Nada. Ao contrário. Enganaram-me. Preteriram-me. Está certo. Pois agora vou levar a coisa como eles. No mole.

Floripes

Ótimo! Isso mesmo! De hoje em diante você vai trabalhar para você. No seu próprio interesse.

Dalva

O Guima pode pegar um bico, pode pegar outro emprego no período da manhã.

411

Guimarães

Não sei o que possa fazer. Há anos que estou no funcionalismo. Não aprendi outra coisa. A gente mergulha a carcaça na repartição e é absorvido por ela.

Dalva

Você podia trabalhar em corretagem.

Guimarães

Não dou para isso.

Floripes

Isso é bobagem. Não é na picareta que se ganha o dinheiro. Quem trabalha muito não tem tempo de ganhar o dinheiro. E isso é vida? Trabalha de manhã num serviço e de tarde noutra. Nem tem tempo de almoçar. É viver num corre-corre danado. Um ordenadinho aqui, outro lá. Isso adianta? Isso compensa?

Guimarães

É. A Floripes tem razão.

Floripes

Claro que tenho, meu bem.

412

Guimarães

Eu admito que um sujeito trabalhe 15 horas por dia; vamos dizer, durante cinco anos. Pra ficar rico. Agora, se matar no serviço para viver de ordenado, para ganhar um pouco mais, não é negócio.

Floripes

Naturalmente. O que o Guima tem que fazer está na cara.

Guimarães

Claro. Então eu sou idiota? Agora eu vou levar tudo na flauta. Em casa não trabalho mais. Durmo, leio, faço palavras cruzadas...

Floripes

E se trabalhar, é para levar vantagem. Você sabe, Guima, foi bom ter acontecido isso. A injustiça veio na hora. Na hora H. Agora você sabe o que tem que fazer.

Guimarães

Se sei! Vou terminar esse serviço aqui e acabou-se. Este é o último serviço extra que eu vou fazer. Já está no fim. Paciência. Entrego. Amanhã ou depois entrego e basta.

Floripes

E agora a coisa está mais fácil. Não precisa fazer tantos cálculos.

413

(Dalva sai)

Guimarães

As contas já estão feitas. É só concluir.

Floripes

Pois é, meu bem; agora você também vai ter a sua satisfação. A sua primeira satisfação. Foi preciso levar na cabeça...

(Guimarães começa a arrumar os processos em cima da mesa e a máquina de somar, preparando-se para iniciar o seu trabalho. O diálogo prossegue)

Guimarães

Apanhando é que se aprende.

Floripes

É uma dupla satisfação: moral e material.

Guimarães

Moral e material. É isso mesmo.

Floripes

Assim nós vamos viver uma vida melhor; já não era sem tempo.

Guimarães

Graças a Deus.

414

Floripes

E sua mulherzinha poderá andar mais bem vestida e você poderá ter o seu automóvel.

Guimarães

Claro.

Floripes

Você quer que eu ajude você, meu bem? Quanto mais cedo você terminar isso, melhor. Eu acho que você deve ter cuidado ao entregar o relatório. Você deve falar antes com o Gervásio.

Guimarães

Eu prometi a ele. Isso não tinha a menor importância.

Floripes

Ah, meu bem, eu estou tão satisfeita! Agora nós vamos viver. Viver bem. Antes, vegetávamos. Você, com o seu carrinho. Você precisa tirar carta. Carta de motorista.

Guimarães

Tem tempo.

Floripes

Você entra na auto-escola. É melhor entrar já. Sempre leva uns 20 dias aprendendo.

Guimarães

Então! Temos tempo de sobra. Agora, eu não vou fazer mesmo nada de manhã. Até sair o mandado de segurança, receber os atrasados... Eu pretendo comprar o carro com os atrasados.

415

Floripes

Não precisa, meu bem. Você pode comprar o carro com o dinheiro do Gervásio.

Guimarães

Está maluca! Eu não! Não quero ficar devendo nada ao Gervásio!

Floripes

Que devendo o quê! Eles é que vão ficar muito agradecidos.

Guimarães

Eles quem?

Floripes

Os maquinistas.

Guimarães

Coitados. Esses vão se estrepalar direitinho. Que azar que eles tiveram! É como soldado que morre de uma bala perdida depois do armistício. A guerra acabou e eles ainda estão morrendo. Por ignorância, porque a notícia demora um certo tempo para chegar. É azar.

Floripes

416 Não estou entendendo nada do que você está dizendo.

Guimarães

Então. Eu sou o inimigo. A guerra acabou. Este meu relatório vai ser o último tiro. Azar deles.

Floripes

Não entendi mais nada. Quer dizer que...

Guimarães

Confesso que não tenho nenhum prazer nisso. Perdi todo o entusiasmo.

Floripes

Como é que você vai concluir o relatório?

Guimarães

Não tenho o que concluir. Os homens devem o imposto. É uma questão de máquina de somar.

Floripes

E os 3 milhões?! Você vai desistir dos 3 milhões?!

Guimarães

Que 3 milhões?!

Floripes

Do Gervásio. Ele disse que se você concluísse pela não-incidência do imposto, você ganharia 3 milhões do advogado dos maquinistas...

417

Guimarães

Mas os maquinistas sonegaram o imposto...

Floripes

E que tem isso? Se não fosse você, ninguém saberia. Pois agora você deixa tudo na mesma.

Guimarães

Isso eu não posso fazer...

Floripes

E eles podiam te passar para trás, podiam? Não podiam, mas passaram. Agora, você desforra. Chegou sua ocasião. Não foi você quem começou.

Quem deu o exemplo. Você não disse que ia levar as coisas no mole?

Guimarães

Bem... No mole é uma coisa. O que o Gervásio pretende são outros 500 cruzeiros. Isso eu não faço.

Floripes

É assim que você responde pela sujeira da reforma?

Guimarães

418 Não. São duas coisas diferentes. Fui preterido: então, em compensação, não dou mais duro no serviço. Isso é uma coisa. O que o Gervásio quer é outra bem diferente. É crime. É desonesto. É porcaria, e isso eu não faço...

Floripes

Não sei por quê.

Guimarães

Eu sei e é o bastante. Esses negócios você não entende, Floripes. Você vê as coisas muito fáceis, onde elas são impossíveis.

Floripes

Ai meu Deus do céu! É de deixar a gente louca! Ia tão bem. Eu não entendo. Parece até castigo!

Nossa Senhora de Fátima, me dai paciência para convencer este burro...

Guimarães

Burro, não. Apenas honesto.

Floripes

Honesto! É muito fácil dizer! Honestidade à custa de quem? De mim. Que vivo nesta mixaria. Isso não é ser honesto. É ser egoísta. É orgulho. Orgulho idiota de quem não tem dinheiro.

Guimarães

Você não pode se queixar. Temos vivido mais ou menos bem, até agora. Vida modesta, mas decente. Não devemos nada a ninguém. O apartamento é quase nosso...

419

Floripes

E para que eu quero esta porcaria?

Guimarães

Você tem que se conformar. Ricos não somos nem seremos. Nunca pensei em ser rico.

Floripes

Mas o dinheiro está aí. Na porta! Está querendo entrar e você não deixa.

Guimarães

Esse é muito caro. A esse preço, não convém. Você não me compreende, Floripes?

Floripes

Quem é que pode compreender uma coisa dessas? Quem é você, para recusar 3 milhões de cruzeiros? Um pé-rapado presunçoso. Cretino, que pensa que é melhor que os outros! Isso é de amargar! Só comigo é que acontece uma coisa dessas! É da gente ficar louca! Três milhões de cruzeiros! Dez anos de ordenado! Trabalhando todos os dias! Será possível, meu Deus! Minha Nossa Senhora de Fátima! Me dê uma inspiração.

420

Guimarães

Não invoque Nossa Senhora para te ajudar. Dinheiro ganho assim, não traz felicidade.

Floripes

Hum! Não traz felicidade! Só esta é que faltava agora! Dinheiro, agora, tem marca de fábrica! Dinheiro é dinheiro. Uma coisa só. Tudo igual. Venha de onde vier. Pergunte aí para os teus colegas que ganham menos do que você e que têm automóvel e que moram em bairro bom e que as mulheres luxam. Vai dizer pra eles que dinheiro não é bom.

(Entra Dalva)

Guimarães

Eu não tenho nada com a vida dos outros. Isso é lá com eles. Você está vendo, Dalva? A Floripes levou a sério aquela conversa do Gervásio. Dos 3 milhões do advogado dos maquinistas. O que é que você acha? Você acha que eu devo engolir aquela enorme sonegação dos maquinistas e embolsar os 3 milhões de quem não conheço?

Dalva

Eu não acho nada.

Guimarães

Como? Você não tem personalidade? Eu não sou seu irmão? Não temos o mesmo sobrenome? Dê a sua opinião. Você acha que devo sujar as minhas mãos recebendo bola, só porque os outros recebem e porque fui desconsiderado?

421

Dalva

Bem. Acho que você tem razão. Dinheiro não traz felicidade.

Floripes

Dinheiro não traz felicidade, mas a vida é bem mais suportável com dinheiro.

Dalva

Meu irmão não seria feliz sentindo-se desonesto.

Floripes

Essa é muito boa! É de dar gargalhadas! Olhe só quem vem me falar em honestidade!

Dalva

Que é que tem? Pediram minha opinião, e dei! Não quero ofender ninguém e não admito que me ofendam.

Floripes

Você seria a última pessoa aqui a falar em honestidade.

Dalva

Não! Por que você me diz isso?

422

Floripes

Acho engraçado essas coisas! Até me irritam! E ainda pergunta? Essa eu digo! Não sou de falar por trás, não. Digo e na cara. Comigo não há hipocrisia.

Guimarães

Floripes!

Floripes

E você defendendo sua irmã! Você está de acordo com essa vida que ela leva? Você que tem a mania de honestidade, não devia consentir que sua mulher, sua família vivesse aqui, com ela; ela, que vive publicamente com um colega seu! Ela é

moça solteira e vive de amigação! Está certo isso? Agora eu pergunto: está certo isso?

Dalva

Sou maior de idade. Tenho 28 anos. Não tenho que dar satisfações de minha vida a ninguém. Não vivo à custa de ninguém. Não dependo de ninguém. Se sou demais nesta casa, é outro caso. A solução é fácil.

Floripes

Vai. Vai morar com o Gervásio. Aí completa tudo. Vocês, que são pela honestidade!

Dalva

Irei morar com quem quiser! Meu irmão não tem nada com isso! Você quer fazer dele um ladrão! Um venal! Isso é outra coisa! Honestidade é uma coisa. Imoralidade é outra.

Floripes

O Gervásio é um venal e você vive com ele! Está certo isso? Me diga! Está certo? Não. Não. Isso é hipocrisia! E eu nesta miséria! A irmã faz o que quer e eu que agüente. Esta miséria de vida! E quando se apresenta uma oportunidade de sairmos do chiqueiro... Não... Porque é honesto... Porque não é venal, porque não sei o quê... Mas isso há de acabar. Eu aqui não fico mais. Eu fico louca! Eu fico louca!

(Floripes cai num pranto nervoso. Guimarães vai acudi-la. Faz apenas menção de movimentar-se em sua direção)

Floripes

Não. Não venha cá. Estou farta! Chega! Não quero saber mais de vocês! Vou-me embora. Chamem o Gervásio. Gervásio fica com ela. Eu me vou.

(Floripes sai da sala. Há uma pausa de estupefação)

Guimarães

424 Me desculpe, Dalva. Quem havia de esperar uma coisa dessas?!

Dalva

Um dia tinha que acontecer! Eu sabia. E a culpa é minha. Ela tem razão. Ela não é obrigada a viver comigo. Sou demais aqui.

Guimarães

Mas você paga. Nós não estamos fazendo favor!

Dalva

É impossível. Eu tenho mesmo minha vida, Guima. O que ela disse é verdade. Eu vivo com Gervásio.

Guimarães

Ninguém tem nada com sua vida!

Dalva

Ela tem direito de reclamar...

Guimarães

Ela está furiosa por outra coisa e você sabe bem o que é. O seu caso não lhe afeta. Ela disse isso na raiva. É desabafo. Você sabe como ela é nervosa. Sofre dos nervos. É uma insatisfeita. E eu compreendo... Não teve filhos. A gente tem que dar o desconto.

Dalva

Naturalmente. Eu compreendo, Guima. Não tenho raiva dela. Mas... É impossível eu continuar aqui. Tudo estava mesmo por um fio. A gente sente essa situação. É falsa. É quase uma situação imposta. Um dia vem o desabafo e sai tudo para fora...

425

Guimarães

Se você sente-se mal aqui...

Dalva

Não é por você... Mas... Sempre é um constrangimento... Eu preferia morar aqui... É uma segurança... Uma situação... Como você já disse... Mas agora é impossível.

Guimarães

Está bem. Você faça como quiser. De qualquer modo, você pode contar sempre com este seu irmão. Em qualquer circunstância. Eu não sou daqueles que apontam o dedo, não. Eu compreendo a vida.

(Entra Floripes com uns papéis na mão e enxugando as lágrimas, momento de surpresa e constrangimento)

Floripes

Dalva. Você me desculpe, Dalva. Não fiz por mal. Eu gosto de você, Dalva. Foi nervoso. Eu me descontrolei... É um desespero.

426

Dalva

Não tem importância. Não se fala mais nisso.

Floripes

Você não precisa sair daqui, Dalva. Eu lhe peço que você não saia. Eu sei que você não precisa desta casa. Eu sei. Mas você nos faz companhia. A casa irá ficar muito triste sem você. É uma casa vazia, sem crianças... *(chora)*

Dalva

Não se preocupe, Floripes. Ninguém falou nada... Tudo continua na mesma... Tá?! Agora se acalme... Que no fim tudo dá certo.

Floripes

Obrigada, Dalva. Não vá ficar com raiva de mim. Eu sou muito infeliz... Mas não há de ser nada. Agora eu lhe peço. Me deixe aqui um pouco sozinha com meu marido. Quero falar em particular com ele. Um momento só. Não é nada. Estou calma. O nervoso já passou. Você me desculpe, Guima. Fiz uma cena idiota. Estou com raiva de mim mesma.

Dalva

Está bem. Com licença. Se precisarem de mim...
(Sai. Pausa. Floripes se recompõe, pensa. Reflete bem, escolhendo como atacar o assunto. Afinal, resolve-se)

427

Floripes

Guima: sou sua mulher. Há oito anos que sou casada com você. Não é? *(Guimarães confirma com a cabeça)*

Floripes

Se não lhe dei filhos, você sabe, a culpa não é minha. É a coisa que mais desejo ter... Um, Dois... Três... Uma porção... Mas Deus não quis, e a gente também tem que se conformar com isso...

Guimarães

Esse é um assunto superado. Não interessa mais falar sobre isso.

Floripes

Sempre fica no coração da gente. É uma mágoa que a gente não supera. Nem eu nem você. Paciência. Vamos nos conformar. Bem... Mas fora disso... Eu tenho cumprido minha obrigação. Sou honesta. Você faz tanta questão de honestidade. Sou honesta. Sempre me comportei como sua mulher. Nesse ponto você não pode ter a menor queixa...

Guimarães

Mas eu nunca me queixei...

Floripes

428

Eu sei. Você nunca se queixa de nada. Mas que eu sou honesta, sou. Nunca olhei para homem nenhum. Nunca criei dificuldades para você. Até trabalho. Trabalho, não é só para ajudar... Mas o trabalho ajuda a viver... A passar o tempo. E a gente ganha. Está certo? Eu estou mentindo?

Guimarães

Não. Absolutamente. Mas... Para que você está se preocupando...

Floripes

Deixa eu falar. Eu preciso falar. Eu podia ser uma mulher sem-vergonha. Homem não falta por aí. Eu podia lhe enganar e você nem perceberia nada... Eu podia não ser econômica. Ser gasta-

deira. Fazer você gastar mais do que ganha... Viver em dificuldades... Não. Não faço nada disso. Controlo a casa. Você não tem a menor preocupação. O dinheiro dá. Eu faço o dinheiro dar. Tudo isso tem valor, não tem?

Guimarães

Claro que tem. Tudo isso tem valor. Eu reconheço tudo isso, Floripes. Sou muito reconhecido. Talvez tenho sido um pouco ríspido...

Floripes

Não interessa. A gente é como é. Tenho meus defeitos...

Guimarães

Você tem muito mais qualidades que defeitos.

Floripes

Então?! Nunca lhe pedi nada, Guimarães. Nunca!! Não sou mulher de pedir. Você sabe disso muito bem. Agora eu vou lhe pedir um favor. Um favor só. É preciso ser uma coisa que muito interessa, senão eu não estava aqui implorando. Se você me reconhece direitos... Se eu tenho algum direito de pedir alguma coisa a você... Agora eu lhe peço: está aqui. Está aqui. Foi o Gervásio que me deu. É um parecer de um advogado. De um grande advogado. De um professor da faculdade de direito. Está aqui. Aqui está escrito e provado

que os maquinistas nada devem. Você pode ter razão aí no seu relatório. Mas é uma questão de interpretação. Se tem um professor que diz, que escreve e assina, com toda a sua responsabilidade de professor, que o imposto não é devido... É uma questão de interpretação. Veja. Você tem costas quentes. Você não estará sozinho. Veja. Leia.

(Entrega o papel a Guimarães. Este o pega e passa os olhos por cima)

Guimarães

430 Esses pareceres não adiantam nada, Floripes. Você sabe como são feitos. Depois, eu não posso mudar de opinião. Minha opinião já é conhecida. Você tem o direito de pedir o que você quiser, que esteja ao meu alcance. Isso que você quer é impossível!

Floripes

Você nem leu! Como é que pode saber?!

Guimarães

Sei. Sei de sobra. Eles também sabem. Senão não estariam aí, a me comprar.

Floripes

Guimarães. Seja razoável, meu bem. Pensa um pouco. É tua mulher que te pede. É muito importante para a nossa vida. Você nem imagina! Mas eu sei. Eu estou vendo. É uma interpretação.

Não tem a menor importância. Ninguém irá lhe querer mal por isso. Ao contrário; você facilita as coisas, ganha amigos. Ganha dinheiro e amigos. Não ganha inimigos. A vida fica mais fácil, mais alegre. Eu lhe peço, Guimarães, com toda a humildade. Não é por orgulho. Eu me ajoelho. Eu peço de joelhos. Olhe: estou me ajoelhando. Peço de joelhos. Como uma escrava que pede a sua libertação. Esse relatório é a nossa libertação. Minha e sua também, Guima, meu bem. É um favor. Para mim. Para a sua mulherzinha. Tem gente que rouba, que mata, pela sua mulher, não tem? Então, Guima?

Guimarães

431

Levante-se, Floripes. Você perdeu completamente a capacidade de raciocinar. Você está obcecada! Nunca pensei que o dinheiro lhe transtornasse tanto! Eu compreendo que se roube, que se mate para matar a fome. Mas aqui ninguém está passando fome, Floripes. Vivemos bem. Melhor que oitenta por cento da população. A grande maioria vive pior que nós. É até um sacrilégio você tomar uma atitude destas, por causa de um infame dinheiro. Eu faço tudo por você, Floripes. Mas você não tem direito de me pedir uma coisa dessas. Que adianta esse dinheiro? Não, Floripes. Você está me criando uma situação terrível, mas não pode ser. Eu não posso fazer isso.

Floripes

Está bem. Não insisto mais. Assim você quer. Está bem. Mas não conte mais comigo. Não quero mais saber de você. Desse inferno! Nunca! Fique aí com seus relatórios, com sua honestidade... Fique aí. Seu burro! Seu cretino! Idiota! Imbecil! Mediocre! Há de ser um pé-rapado toda a vida. Pensa que vai ganhar o mandado de segurança? Pensa que vai receber os atrasados? Nunca. Nunca há de receber nada. Só coices. Você gosta de receber coices. Você é como cachorro: apanha e vai lamber a mão de quem bate. Pare de escrever isso aí. Vem me ouvindo. Seu burro! Burro! Tira isso daí! Essa porcaria! Vá trabalhar na repartição. Aqui não. Aqui é minha casa! Não quero!

432

(Nesse momento entrou Dalva. Floripes, no auge do desespero, procura espalhar os papéis pelo chão, rasgá-los. Faz um espalhafato dos diabos. Por pouco não inutiliza os processos. Rasga tudo. Quase histeria. Dalva assiste à cena, estagnada. Guimarães é obrigado a agir prontamente e com energia. Agarra Floripes pelos pulsos, com certa violência. Não é seu feitio, mas necessário torna-se salvar todos os processos da destruição. Floripes grita, inteiramente fora de si)

Floripes

Burro! Cretino! Pé-rapado! Pé-rapado! Covarde! Covarde!

(Ouve-se a voz de dona Hermengarda pela janela, que estava aberta)

Voz de Hermengarda

Hê! Olha a radiopatrulha! Olha esse barulho aí!
Eu chamo a radiopatrulha!

(Há um silêncio repentino. Floripes estaca, perplexa. Guimarães fecha repentinamente a janela. A mulher, dando acordo de sua atitude, corre para dentro. Pausa. Perplexidade. Guimarães, com muita calma, começa a ordenar os papéis novamente. Cata as folhas esparsas pelo chão. Dalva o ajuda. Cena silenciosa. Os dois se entendem. Há folhas esparsas, folhas rasgadas e folhas amassadas. Em dado momento, Dalva mostra dois pedaços de folha, consultando Guimarães. Este passa os olhos pelos dois pedaços e os guarda, recebendo-os de Dalva. A cena muda é um tanto longa. Um minuto e meio, mais ou menos. Depois de coordenados os papéis, Guimarães senta-se na poltrona, muito mais desanimado que cansado)

433

Guimarães

Que coisa, hein?! Você podia pensar numa coisa dessas?! Você viu o problema?! Vai ser por toda vida! *(Pausa)* Bom. Paciência. Vamos ver.

Dalva

Saia um pouco, Guima. Vá se esparecer.

Guimarães

Eu não! Ela é capaz de vir aqui e queimar tudo isto. Ela ficou louca! Você já viu uma coisa destas?!

Dalva

Eu saio com você, Guima. Vamos a um cineminha. Isso passa. Tudo passa. No fim dá tudo certo.

Guimarães

Não é bem isso. A gente se acostuma com tudo. Se conforma com tudo. E parece que deu tudo certo. Mas é uma mentira.

Dalva

434 Você viu que eu não posso continuar mais aqui, não é?

Guimarães

Não há nada com você, Dalva. Posso lhe garantir que não há nada com você.

Dalva

Mas não convém, você não acha?

Guimarães

Bem. Você não tem nenhuma necessidade de agüentar este ambiente. De passar pelo que eu passo. Eu sei. Não quero prender você comigo. Nunca. Acho que você deve sair. Para seu bem. Há coisas que não têm mais conserto. Mas não

saia já. Assim, de repente. Por uma questão de situação. Não vá pedir nada ao Gervásio. Dentro de uma semana, você se compõe com uma amiga, uma colega, e vai morar com ela num apartamento, de sociedade. Ou numa pensão. Onde queira. Mas não dê parte de fraca ao Gervásio. Com ele, você tem que se impor, senão estará perdida. Gervásio pode saber que você gosta dele. Que você o ama. Mas não deve sentir que você necessita dele economicamente. Nem você necessita. E, se precisar, eu ajudo. Hei de lhe ajudar. Você deve sempre guardar a esperança de se casar. Não que eu reprove a sua vida. Não aprovo nem reprove. Compreendo. Não discuto. Nem quero saber. Sei que você é uma moça direita. Mas casar, sempre é melhor.

435

Dalva

Um dia ainda hei de lhe contar toda a minha vida. Há de me fazer bem.

Guimarães

Está bem. Está bem. Não quero saber de sua vida. Não que não me interesse por ela. Está claro que me interesse. Não para julgar ou condenar. Mas para aconselhar. Encaminhar, se adiantar alguma coisa. A experiência dos outros não adianta nada. A gente aprende à própria custa. É sempre assim. Também... eu não tenho experiência alguma. Fui sempre um menino besta... sem mocidade algu-

ma. Casei-me... nem sei porque... porque gostava. Sim, eu gostava de Floripes. Não era nada de extraordinário. Nada em mim é extraordinário. Vai ver que você tem mais experiência que eu. Engraçado! E eu aqui a dar conselhos. Enfim. Uma coisa é certa. Não se entregue, Dalva. Não cave sua ruína. Defenda-se. Arranje uma companheira de apartamento. De quarto. Defenda-se.

Dalva

Muito obrigada, Guima. Eu vou dar um jeito. Floripes não tem importância. Tudo se acomoda. Compreendo bem o que você quer dizer. Vou sair com calma. Também, sair daqui não é sangria desatada. Quem viveu tantos anos aqui, pode esperar mais uma semana. Vou conversar com a Inês. Ela, uma vez, me convidou para morarmos juntas, de sociedade. Vou falar com ela. Muito obrigada, meu irmão. Boa noite. Se for possível uma boa noite depois de tudo isso.

436

(Guimarães levanta-se e vai arrumar a mesa para seu trabalho. Coloca a máquina de calcular a seu alcance na mesa e começa a dispor a papelada)

Dalva

Não trabalhe mais. Descanse. Afinal de contas... Não é pelo dinheiro que o Gervásio lhe ofereceu... Mas será que esse trabalho valerá todo o sacrifício?

Guimarães

Não sei. Nem quero pensar. É um perigo, pensar. Se pensar muito, acabo cedendo. Sou capaz de me vender, por uma situação cômoda. Não. É melhor eu terminar de uma vez. Entregar e... Pronto. E agüentar o baque.

Dalva

Você sabe o que deve fazer. Boa noite. Obrigada. Deixe eu beijar você, Guima. Nós nunca fomos afetuosos. Somos secos, ríspidos por natureza. Você precisa de carinho, Guima.

(Dalva beija e acaricia o irmão)

Dalva

Boa noite. Trabalhe bem.

(Sai. Guima se prepara para o trabalho. Já está refeito da briga. Aliás, a cena de Floripes não o transtornou muito. Guima é um forte. Ajeitou a máquina. Colheu uns papéis. Apagou a luz central. Efeito de luz sobre Guimarães, trabalhando à mesa. Surge Floripes com uma mala na mão. Floripes atravessa a sala, lentamente, em silêncio. Vê-se claramente que abandona o lar. Quase que desafiando o marido. Este, suspende o olhar do trabalho, fita a mulher, com tristeza. Acompanha o seu trajeto, sem dizer palavra, sem um gesto, sem um sinal de contrariedade, plácido,

triste, porém clamo, quase tranquilo. Floripes sai. Guimarães, quase que automaticamente, faz a máquina de calcular funcionar e mergulha no serviço. No malfadado serviço, enquanto o pano se fecha lentamente)

Pano

Fim do segundo ato

Terceiro ato

(O mesmo cenário, três semanas depois. Hora do jantar. Guimarães e Dalva estão à mesa em final de jantar, servidos por Edwiges. Guimarães abre uma garrafa de champagne. Cena silenciosa, cujo silêncio é rompido pelo estouro do champagne. Guimarães serve a bebida. Levanta-se, com o copo na mão, como quem vai fazer um discurso. Sente-se que está ligeiramente tocado pelo álcool)

Guimarães

Dalva... Minha irmã. Mais que irmã... Minha amiga. Festejamos hoje o seu aniversário. Aniversário triste. Faltam duas pessoas nesta mesa: Floripes e Gervásio. A ausência de minha mulher é problema meu. A de Gervásio é uma imposição sua. É sua greve em prol do casamento. Há três semanas que vivemos sós nesta casa. Neste solar da mediocridade. Levanto a minha taça... Taça não... Copo... Para beber à sua saúde, neste seu melancólico natalício, fazendo votos que você vença a sua greve e que Gervásio se case com você, dando-lhe uma situação jurídica e moral, a que você tem direito, por todos os títulos. Amém e tenho dito.

439

(Tomam os copos e bebem. Há uma pausa)

Dalva

Guima: eu rompi com Gervásio. Eu exigi o casamento. Eu disse a ele que se não quisesse se casar comigo, não me procurasse mais. Ele tem me procurado e eu não o tenho recebido...

Guimarães

Este *champagne* que estamos bebendo e a sobremesa que comemos foram presente dele.

Dalva

Pois é. Mas não saí mais com ele. Agora vou te contar uma coisa: não está certo o que você disse. Eu não tenho direito. Nenhum direito. A greve que estou fazendo é uma chantagem.

440

Guimarães

Não sei por quê. Toda moça tem direito ao casamento.

Dalva

Não, meu irmão. Quero que você saiba que Gervásio não tem a menor responsabilidade. Ele... ele não foi o primeiro. Não posso me queixar dele. É um bom companheiro. Sei que ele gosta de mim. Nós nos amamos. Eu tenho certeza.

Guimarães

Então, por que não se casa com você, ora essa?! Nada impede.

Dalva

Foi o que pensei. Por isso fiz a greve. Se ele gosta de mim, tem que se casar comigo. Foi assim que eu pensei. Foi uma chantagem.

Guimarães

Não sei por quê.

Dalva

Eu sou moça estragada, como vocês dizem. Não tenho direito. Só se ele quiser casar. Se ele tiver vontade de se casar, para constituir família. Mas quem é que vai constituir família com uma moça estragada?

441

Guimarães

Você está completamente errada e complexada com esse negócio de...

Dalva

Negócio de quê? Diga. Você não tem jeito, não é? Você está vendo? Negócio de virgindade. Pela nossa lei, pelos nossos costumes, a moça deve ser virgem.

Guimarães

Há muita moça virgem que não vale nada e muita mulher como você que dava ótima esposa e mãe.

Dalva

Pode ser. Mas aqui, de acordo com nossas leis, o homem que se casa fica preso à mulher durante toda a vida. Aqui não há o divórcio. O homem fica marcado, vinculado. Há também a questão econômica: o homem é obrigado a sustentar a mulher durante toda a vida. Mesmo depois de separado. Por que tudo isso? Porque ele tirou uma moça virgem da casa dos pais. Porque essa moça, depois, não tem mais chance de se casar. A lei foi toda feita nesse sentido.

Guimarães

Num sentido mais econômico que moral. Mas tudo isso evoluiu.

442

Dalva

A lei continua a mesma. O código não foi alterado. Modernizou-se. A coisa hoje não é mais assim.

Guimarães

A lei devia ser diferente.

Dalva

Pois é. Eu também acho. Mas não é. O que é que você quer que a gente faça? Eu acho que a lei devia variar conforme o caso. Por exemplo: com mocinhas saídas da casa da família, virgens... O casamento como está na lei. Com todas as

responsabilidades. Com as moças estragadas como eu, casamento com direito a divórcio. Assim é que seria justo. Por isso é que é bom esse casamento que não vale nada. Esses casamentos de pessoas desquitadas. No México. É uma forma de resolver uma situação...

Guimarães

Sem responsabilidades irremediáveis. Quer dizer: o marido tem responsabilidade moral de sustentar a mulher. Mas não fica vinculado a ela por toda a vida...

Dalva

Tudo isso é muito complicado. Mas não é justo.

443

Guimarães

O justo é quem se gosta se casar. Podendo se casar, é claro. E o Gervásio e você bem que se podem casar.

Dalva

Eu só queria que o Gervásio chegasse para mim e dissesse: *está bem, Dalva. Você fez chantagem comigo. Mas eu não posso viver sem você. Vamos nos casar.* Eu juro, Guimarães: estava tudo salvo. Eu não me casaria com ele. Iria viver com ele. Continuava assim, vivendo com ele, ou morando juntos, ou separados, não tem importância. Mas eu queria que ele capitulasse.

Guimarães

E filhos? Você não gostaria de ter filhos?

Dalva

Ah! Isso é outro caso. Então, eu me casaria. Tenho certeza de que Gervásio casaria. Mas não quero assim. Gervásio deve querer casar-se comigo por mim mesma. E não para legitimar o filho. Você me compreende?

Guimarães

Como não? Está tudo tão claro! Agora vamos beber pelo seu casamento e pelo seu futuro filho.

444 *(Guimarães enche novamente os dois copos. Os dois brindam e bebem)*

Guimarães

Filhos... O problema é filhos... Ter filhos. É o caso da Floripes. É frustração. Ela não era tanto assim. Foi ficando. Com o tempo. Mas olha aqui. Já resolvi. Antes tarde do que nunca. Está vendo isto aqui? É uma consulta. Mil cruzeiros. No ginecologista. Só daqui a uma semana. Puxa vida! Como ganham esses médicos! A turma faz fila, a mil cruzeiros por cabeça! Mas vale a pena. Eu vou acabar com esta alegria. Com esta folga. Vou buscar o meu tormento. Vou tratar dela. Vamos ter um herdeiro.

Edwiges

Deixa estar que dona Floripes, numa gravidez, deve ser de amargar.

(Edwiges serve o café)

Guimarães

Nem é bom pensar. Mas vou agüentar a mão. Coitada da Floripes. Gênio mau. Como é que vai viver sem mim? Sozinha, ela não pode. Os pais não agüentam. Nem sei como suportaram tanto tempo. Três semanas. Ela encrensa logo, na casa dela. Só quem agüenta aquele gênio sou eu mesmo. E ela sabe disso. Tenho certeza de que ela voltará. Mas não vou esperar mais, não. É egoísmo. Não vou fazer ela quebrar o orgulho. Amanhã mesmo vou buscá-la. E eu gosto de tudo no seu lugar. A situação assim desgovernada não me agrada. Não está caminhando bem. Afinal de contas, quem está com a razão? Ela ou eu?

445

Dalva

Nós dois com os nossos problemas, hein?

Guimarães

E o pior não é isso. É um nunca acabar de problemas. Resolve-se um, aparece outro. Você não se casa com o Gervásio. Pronto. Acabou-se. Resolveu o problema da felicidade?

Dalva

Não. Não é assim. Nesta vida a gente luta para ser o menos infeliz possível. Acho que nós estamos muito pessimistas, e que não é próprio para um dia de aniversário. E agora tenho que sair. Barriga cheia, companhia desfeita, como diria o bandido do Gervásio. Tenho que dar o fora porque ele pode aparecer por aqui.

Guimarães

Você tem medo dele no seu próprio reduto?

Dalva

446 Tenho sim. Se me encontrar com ele hoje, sou capaz de capitular. E por isso vou ao cinema. Já devo estar atrasada. Marquei encontro com a Inês às 8 horas, na porta do cinema. Venha comigo, Guima. Vamos espairar um pouco. Não é bom a gente ficar aqui, ruminando amarguras.

Guimarães

Não. Não vou ao cinema. Não gosto de ir ao cinema sem Floripes. Engraçado... Ela briga desde a escolha da fita. Implica. Eu quero uma e ela logo escolhe outra. Encrenca no ônibus. Fala no cinema. Comenta alto. Dá alteração. A turma olha duro. Nada de lugar. Quando a fita é policial, então, é um desespero. Não entende nada. Quer que eu explique. Me aperta o braço. Dá gritos... O engraçado é que me acostumei com tudo isso.

Sinto falta. No cinema, sinto falta. Nem vejo a fita até o fim. A natureza humana é gozada, não?

Dalva

Isso é vocação para faquir.

Guimarães

Nem tanto. O negócio também é recíproco. Porque eu sou um chato, hein? Chato de galocha! Eu tenho me analisado ultimamente e cheguei à conclusão de que sou um grande chato. O Gervásio é um camarada divertido. É exuberante. Exagerado. Gosta de movimento. Se agita. Vibra. E eu? Eu sou uma múmia. Pensando bem, ela também precisa ter estômago para me aturar.

447

Dalva

Quer dizer que a vida é isso? É um aturar o outro?

Guimarães

Eu acho que é. Não sei. O problema é viver. A gente vai vivendo. O tempo vai passando e a gente vai se acomodando. Desgraçado daquele que reage. Que não se acomoda. E no fim, como aquele sábio da história universal: eles nasceram, sofreram e morreram.

Dalva

Belíssimo panorama! E para que vou casar, então? Para que você quer um filho?

Guimarães

Faz parte do programa. É a rotina melancólica da vida.

(Dalva prepara-se para sair)

Dalva

Até logo, meu irmão.

Guimarães

Não quer beber mais um pouquinho?

Dalva

Não. E você tenha juízo. Não vá beber demais.

448

Guimarães

Já ando cansado de ter juízo.

(Guimarães despeja champagne no seu copo e bebe)

Dalva

Está certo. Vou ao cinema. Só quero te dizer uma coisa. Vou agüentar esta greve mais uma semana. Se Gervásio não se render, quem vai capitular sou eu.

Guimarães

Seria a primeira greve fracassada na história das greves nesta terra.

Dalva

Paciência. Mas vai ser assim. Só mais uma semana. *Ciao.*

(Dalva beija o irmão no rosto e sai. Guimarães, só com os seus pensamentos, tira o paletó, a gravata, abre a janela que dá para a área interna do edifício, senta-se na poltrona e acende o seu cigarro. Edwiges entra e sai da sala, tirando a mesa)

Edwiges

Boa moça. Muito boa moça: e foi gostar do seu Gervásio. Aquele cavalo de homem! E ele fazendo luxo para se casar! Tomara ele pegar uma esposa como a dona Dalva!

449

Guimarães

Pois é. Os dois vão se casar, você vai ver.

Edwiges

Não sei não. Os homens andam muito ariscos. Está tudo virado hoje em dia. Ninguém quer falar em casamento. Eu acho que é porque tem muita mulher sobrando por aí. O senhor veja o meu caso, seu Guima: até aquela peste do Benedito...

Guimarães

Você não é casada com o Dito, Edwiges?

Edwiges

Casada, não senhor. Amancebada, sim senhor. Eu vivo maritalmente com ele, há quatro anos. Também não carece de casar. Agora nem tem mais graça.

Guimarães

Mas você não gostaria de ter uma situação definida? De ter certidão de casamento?

Edwiges

Isso não adianta nada. A gente apanha do homem, com certidão ou sem certidão. O senhor veja aí a vizinha, dona Hermengarda. Ela é casada no civil e no religioso...

450

Guimarães

Continuam brigando?

Edwiges

Então. Uma ou duas vezes por semana eles dão o *show*.

Guimarães

Dizem que ele bate porque ela não lhe é fiel.

Edwiges

Isso é conversa, patrão. Ele bate porque ele é de bater. Tem uns que são de bater e outros que não. E o Dito? Também não bate em mim? E eu

não passo ele pra trás, não senhor. Eu sou pessoa séria. De respeito. Também não levo desaforo para casa, não. Medo de homem eu não tenho.

Guimarães

Isso é uma questão de educação. Com gente bem-educada, não há dessas coisas.

Edwiges

Ora, seu Guimarães, deixe disso. Eu já fui empregada em casa de gente rica. De gente grã-fina que mora no Jardim América. E vi o pau comer muitas vezes. E minhas colegas também sabem disso.

Guimarães

Eu falei com gente bem-educada e não com gente rica. Uma pessoa pode ser muito rica, morar no Jardim América, ter automóvel e tudo e não ter educação. E outra pode ser pobre e ser bem-educada.

Edwiges

É mais difícil. É mais fácil rico ser bem-educado do que pobre. Dinheiro ajuda muito. Mas esse negócio de bater é questão de sentimento. Às vezes a gente bate porque gosta. Outras vezes, porque não gosta. O que há é muita sem-vergonhice por aí.

Guimarães

É. Talvez você tenha razão.

(Guimarães levanta-se e vai servir-se de champagne)

Edwiges

O senhor devia era sair um pouco. Ir a um cinema. Passear com os amigos. Assim o senhor acaba neurastênico. Nem aproveitou as férias.

Guimarães

Que férias?

Edwiges

452 As férias conjugais. Dona Floripes lhe deu uma folga, o senhor não aproveitou.

Guimarães

E as férias vão terminar, porque amanhã mesmo irei buscá-la.

Edwiges

Ah, patrão! Espera mais uma semana, para completar um mês.

Guimarães

Não Edwiges. Essa separação já durou muito tempo. Durou demais para meu gosto. Ou a gente é ou não é. Ou bem eu me separo ou então

continuo casado. Cem por cento de um lado ou cem por cento do outro.

Edwiges

Tá bom. O senhor sabe o que faz. Por mim, eu esperava mais um pouquinho. Mas eu sou uma errada. Não dou palpíte.

(Edwiges sai. Toque de campainha. Volta Edwiges resmungando)

Edwiges

Quem será? Que já vem encher a gente? Estou vendo que não saio cedo hoje!

(Edwiges vai atender a porta. Barulho de vozes no vestibulo)

453

Voz de Gervásio

Boa noite, moça. O patrão está aí?

Voz de Edwiges

Está, sim senhor

Voz de Gervásio

Já acabaram de jantar?

Voz de Edwiges

Já, sim senhor. Dona Dalva saiu. Foi para o cinema. Seu Guimarães está em casa. Esse é como o caranguejo. Não larga a casca.

(Os dois entram na sala)

Gervásio

Boa noite, meu velho.

Guimarães

Boa noite, Gervásio. Muito obrigado pela lembrança. A sobremesa estava muito boa e este *champagne* está ótimo. Quer provar um pouco?

Gervásio

Quem dá e toma fica corcunda.

Guimarães

Eu estou oferecendo. Vamos beber à saúde dos ausentes, mas que estão presentes no nosso coração.

454

Gervásio

Então, que vá!

(*Guimarães serve a bebida, os dois, de pé, brindam e bebem silenciosamente*)

Gervásio

Bom *champagne*. É quase tão bom quanto o estrangeiro. Mas nós chegaremos lá. É uma questão de tempo. Fuma um charuto? Puro baiano.

Guimarães

Espere o café. Edwiges, traz um cafezinho pra gente.

Gervásio

Está bom. Então vamos esperar pela rubiácea.

(Pequena pausa)

Gervásio

Então, a Dalva saiu. Foi ao cinema. Nem esperou pela gente. No dia do seu aniversário. E eu tenho novidades para contar. Duas grandes novidades. E trouxe também um presentinho para aquela ingrata. Está aqui, neste embrulhinho. Não veio numa caixa em condições porque eu comprei no contrabando. Mas que é legítimo, é. De primeira qualidade. O que vale é o conteúdo e não o rótulo. Está aqui. Manja só que beleza!

(Gervásio abre o embrulho e mostra um colar de pérolas de três voltas, que Guimarães examina)

455

Guimarães

Muito bonito. Mas isto deve ser um presente muito caro, mesmo no contrabando. Aqui vai pelo menos um mês de ordenado!

Gervásio

Bote coisa nisso, velho. Dois meses de ordenado! E isso porque eu sei comprar. Para qualquer trouxa seria muito mais.

Guimarães

Quer dizer que você anda de caixa alta?

Gervásio

Graças a você. Eu disse, meu velho: você vai preparar o prato para os outros comerem. Foi o que aconteceu.

Guimarães

É. Eu soube. Todo mundo já soube. Atenderam à reivindicação do sindicato dos beneficiadores. E arquivaram a autuação, tudo. Que me importa? Melhor assim. Vamos beber à saúde do seu primo. O advogado dos beneficiadores, pela vitória que teve.

Gervásio

456 Vitória?! A vitória foi minha! Estava na cara. Eu te disse. Cantei a bola direitinho. Você não topou. Foi melhor para mim.

Guimarães

Melhor, por quê?

Gervásio

Bem. Vou te contar. Antes, vamos virar mais um copo. *In vino veritas*. Hoje vamos sair do sério. Eu e você vamos encher o canecão. (*Servem e bebem vinho*) Saúde! Eu menti quando disse a você que não estava levando nada. Menti. Você sabe: o segredo é a alma do negócio. E eu sou safado mesmo. Não com os amigos. Com os amigos sou batata. *Amicus certus in re incerta*. Mas

negócio é negócio e ninguém precisa saber com quantos paus se faz uma canoa. A bolada era de 5 milhões. Os homens entravam mesmo era com cinco milhões. Eu dava três a você e engavetava dois. Você não quis. Eu tinha que me virar. São Paulo não pode parar. Então trabalhei o chefe. Eu disse a você. Você jogou fora a pepineira. Jogou pela janela e o chefe estava lá embaixo para pegar. Mas eu não fui besta. Meti a conversa no chefe. Não deu trabalho: nem foi preciso muito rodeio. Foi barbada. Só que inverti o programa. Dois milhões para ele e 3 para mim. E dito e feito. O homem achou que você era uma besta. Um exagerado. Que não conhecia direito fiscal. Achou que meu primo é que era um crânio. Baseou-se no parecer do jurista e pronto. Dois milhões para lá e 3 para cá. Está bem?

457

Guimarães

É. Todo mundo na repartição já soube do fato. Só se comenta isso. Que eu não topei; que eu recusei milhões e que o chefe entrou na bola.

Gervásio

Quer dizer que você está de herói?

Guimarães

Herói?!! O contrário. Olham-me como um idiota. Como um louco. Ou como um cretino, pretensioso. Passei a ser uma figura incômoda

na repartição. O chefe, com culpa no cartório, trata bem todo o mundo. Releva faltas. Aquilo está uma bagunça! A turma toda tem medo de mim. Me olham com reservas. Não tenho mais serviço. O ambiente lá, para o meu lado, está muito desagradável!

Gervásio

Mas, como foram saber? Foi tudo entre quatro paredes!

Guimarães

Deve ter sido a Floripes. Você sabe como ela fala.

Gervásio

458 E um assunto desses! Não tem importância. O que está feito, está feito. E a gaita já entrou. É o principal. O que desceu pelo esôfago e caiu no estômago, eu não vomito mais.

Guimarães

Não sei como o chefe acomoda a sua consciência. Afinal de contas, ele é um chefe... Como é que ele se organiza?... A disciplina... A moral...

Gervásio

O corcunda sabe como se deita. Essa é a grande verdade. O corcunda sabe como se deita. Você vai ver que ele se ajeita muito bem. Dois milhões, meu velho, resolvem muitos problemas.

Guimarães

E três, ainda mais, não é, doutor Gervásio? Você sabe, Gervásio. Perdemos a representação. Você se lembra? Pois, não deram bola. Um parecer de lá, uma informação de cá, e um indeferimento em seco. Nem houve fundamentação. Nem considerando. Nada. Um despacho em seco: *Não assiste razão aos petionários. Indefiro a representação de folhas.* Quatro linhas. Escrevemos 16 laudas e, em quatro linhas, foi tudo por água abaixo. Tenho a impressão exata de que houve desconsideração. A classe não se impõe, por causa dessas coisas.

Gervásio

Isso é uma injustiça. Pouca gente pode atirar a primeira pedra. Até me revolta, sabe? Mas vocês não vão entrar com o mandado de segurança? Vocês querem ir no mole? Toca um mandado de segurança na cabeça deles e acabam com essa conversa! Ora bolas! O que é que estão pensando?

Guimarães

Era o que se havia resolvido, naquela reunião. Mandado de segurança. Aliás, eu queria entrar imediatamente com a ação judicial. Agora ninguém mais quer entrar com o mandado, está bem?! Ninguém! Dizem que é melhor deixar. É melhor não procurar encrenca. Que o aumento

sai mesmo. Você está vendo? É um pessoal de amargar!

Gervásio

Malandro não estrila; desaperta para a esquerda. Eles resolvem o problema pelas laterais. Qual é o deles? Eu disse a você. Você estava com a faca e o queijo na mão. Agora...

Guimarães

Eu vou entrar com o mandado de segurança. Eu vou. Sozinho. É direito meu, ora essa! Eles que se danem!

Gervásio

460 É um direito que lhe assiste. E ganha. Não há dúvida. E aproveita a todos. É sempre assim.

Guimarães

Paciência. Eu vou entrar com o mandado. Não tenho nada com a desonestidade deles. Não tenho rabo-de-palha.

Gervásio

Eles são umas bestas! Poltrões, para não dizer outro nome. Não têm classe! Estão passando o recibo. Foram preteridos porque são ladrões, porque são safados. Porque pegam tudo. E passam recibo. Ficam quietos. Não reagem. Falta de classe! Comigo não tinha conversa. Continuava

roubando e estrilava. E abria a boca e cantava de galo. Comigo não. Enquanto eles vão com o milho, eu já volto com o fubá. Ninguém pode apontar o dedo para ninguém.

(Entra Edwiges com o café. Os dois tomam o café em silêncio)

Gervásio

Ótimo café! Excelente! Dona Edwiges está de parabéns. E cá estão 200 mangos para melhorar os seus males. *(Gervásio tira do bolso uma carteira recheada de notas e dá o dinheiro à criada)*

Edwiges

Muito obrigada, doutor Gervásio.

Gervásio

Você está vendo, colega? A força do dinheiro? Já fui promovido. Dinheiro põe até DR na frente do nome da gente. Dinheiro dá até diploma.

Guimarães

Ser doutor não é documento. Eu conheço uma família... São quatro irmãos. Três formados. Doutor José, doutor Edgar, doutor Valêncio. Tudo pronto, vivendo de ordenado. O Geraldo não se formou. Está rico. O filho do dr. José dizia: quando crescer quero ser seu: seu José.

Gervásio

E não deixa de ter suas razões.

Guimarães

Eu não sei se estou certo ou errado. Penso muito diferente da maioria. Puxei pelo meu pai. Não há nada que pague o direito de estrilo. O indivíduo muito rico, o grande industrial, o tubarão, tem muitas responsabilidades a zelar...

Gervásio

Tomar conta de dinheiro também dá muito trabalho.

Guimarães

462 É isso mesmo. Você sabe: o rico é ambicioso; quanto mais, melhor. Tem patrimônio a defender. Posição para sustentar. Então vivem na dependência de muita gente. Têm que agradar e engolir milhares de pessoas. Gente do governo. Políticos. Café *society*. Até cronista social! O diabo! Vivem sorrindo amarelo. E com dinheiro, hein! Eu não. Não tenho nada, mas nada devo. E não abaixo a crista para ninguém. Vivo modestamente. Mas não tenho que dar satisfações para ninguém. O direito de estrilo ninguém me tira. Sou pobre, mas em compensação posso gritar e estrilar. Não preciso bajular ninguém. Idiota é o pobre que ainda bajula. Esse tem alma de cachorro. Pois, se a gente não tem nada a perder, ainda

vai suportar panca dos outros? Não. Só imbecil. Buliu comigo, levou troco. Essa é a vantagem do pobre. Veja esses industriais. Quinhentas fábricas. Bilhões e mais bilhões. Têm que agradar o governo. Têm que fazer rapapé para senador, para deputado, senão é espeto. Aumentam o imposto. Tocam-lhe uma fiscalização. É o diabo. E com os jornalistas ainda é pior. E com os comunistas. Você sabe que tem muito tubarão aí que comparece com dinheiro para o partido comunista? Eles querem é sossego. Então, procuram cobrir-se de todos os lados. Vida miserável! Não invejo a vida dessa gente, não.

Gervásio

Nem eu. Se eu pudesse ter o dinheiro, sem as responsabilidades... É impossível... Todo o mundo se incomoda com os ricos. Quando não é por interesse, é por inveja.

Guimarães

Vá se preparando, que você vai indo pelo mesmo caminho. Hoje 3 milhões. Amanhã, 5...

Gervásio

Quem? Eu? Ainda estou muito longe! Quem nasceu para dez réis não chega a vintém! Você não sabe da missa a metade. Há gente por aí que ganha 3 milhões por dia! Três milhões por dia! De renda, está bem? Eu podia meter os peitos.

Botava um negócio aí. Contrabando. No fim de um ano teria 10 milhões. Ou bunda de fora ou calça de veludo. Ou bem cabeludo ou careca de tudo. Para quê? Para sair do meu natural? Deixa.

Guimarães

Está certo. Um dia lhe apreendem a moamba e lá se vai todo o lucro. E não há remédio, porque o negócio é imoral e extralegal.

Gervásio

Extralegal, de acordo. Mas imoral, não. Todo mundo faz contrabando. Você vai a Nova Iorque, encontra a brasileirada lá. Só pensam em contrabando. Só falam em contrabando. Você nem queira saber!

Guimarães

É. Essa corrida atrás do dinheiro... Do dinheiro... A corrida não pára... Depois do dinheiro... A notoriedade... A fama... A glória. Vaidade. É uma coisa louca!

Gervásio

O expresso não pára. É a reação em cadeia. Uma coisa puxa a outra. Você sabe que tem milionário aí que dá para artista. Não sabem mais o que fazer com o dinheiro, então botam panca de artista.

Guimarães

Pois eu penso diferente. Talvez seja por eu não ser rico. Quem sabe, se fosse rico, naturalmente agiria como rico. Mas, não se tendo dinheiro, o panorama é outro. É levantar a cabeça. É não entrar na gaveta de ninguém. O estrilo é livre. Exigir e não pedir. Lutar pelo meu direito. É uma condição humana. A gente tem que manter a condição humana!

Gervásio

Muito bem, Guimarães! Bravo! É isso mesmo! Você é um braço! Você é que está com a razão! Às vezes eu fico pensando... Pensando... Eu sou um ladrão de galinha, colega! Desta vez eu entrei na bolada. Mas já me vendi por gorjeta. Por 500 mil réis. Com qualquer gorjetinha eu facilitava as coisas. Eu não tenho dignidade. Eu falo isto aqui, para você. Entre amigos. Ninguém me diz isso na cara, que eu reajo à altura. Mas é a verdade. Eu não passo de um ladrão de galinha. De um achacador! Cá para nós, hein? *In vino veritas*. Eu tenho uma profunda admiração por você, colega! Você é que está certo!

465

(Pausa. Guimarães levanta-se e avança para o centro da cena, lentamente, com um copo de vinho na mão)

Guimarães

Eu não sei se estou tão certo assim, Gervásio. Não estou nada convencido da minha certeza. Eu também estive pensando... Pensando... Você sabe... Três semanas. Há 20 dias que a Floripes saiu... Eu tive bastante tempo para pensar... Não tenho feito outra coisa... Não sei... Dúvida... A dúvida. A princípio parecia absolutamente certo. Convencido. Agora, não. Eu não me vendi. Não comi bola. Três milhões de cruzeiros... Em moeda corrente do país... Está certo. Você pensa que eu recusei por patriotismo, em nome da pátria, por civismo? Não. Nada disso. Minha recusa foi automática. Inconsciente. Nem ponderei prós e contras. Não como bola, acabou-se. Foi um problema íntimo. Todo pessoal. A coisa é cá por dentro. Não pensei em ninguém. Talvez só em mim. Aí é que está. Isto também é cá pra nós, hein? Vai por conta do vinho e de nossa amizade. Minha recusa foi um ato puramente egoístico. O que eu ganhei com isso? Nada. Não agi dessa maneira atrás de compensações. Não. Foi automático, já disse. A moral da repartição não melhorou. Até piorou. Porque a venalidade veio de cima. Do chefe. E eu sabia que ele cederia. Mas o problema não era só meu. Havia a Floripes. Eu joguei fora a chance de ficar rico. Uma chance de Floripes melhorar consideravelmente de vida. Eu encarei o problema do meu lado exclusivamente pessoal.

Egoísmo. Vaidade. Sou um grande pretensioso. No fundo, não passo de um idiota pretensioso. Vou reformar o país? Vou moralizar a nação? Eu? Quem sou eu para recusar 3 milhões... Em moeda corrente do país? Eu faço questão de que você saiba, Gervásio, que não estou arrependido. Não estou chorando o dinheiro que deixei de ganhar. Não. O que está se passando comigo é que não estou tão convencido de estar com a razão. É isso. Está tudo bailando, aqui na minha cabeça. Estou confuso. É isso. Confusão. Não sei mais onde está a verdade. Talvez a verdade esteja dentro desta garrafa. Vamos a ela.

Gervásio

Mas se todo mundo pensar assim, então, este país não tem mais salvação!

Guimarães

Eu sei lá! O fato é que todo mundo se vende e o país vai indo para a frente. Eu acho que é como esse negócio de terras. O desbravador do sertão nada mais é que um grileiro. Ele rouba a terra do Estado. E leva o progresso para a região. A história da terra vem dos posseiros. Do grilo. De um roubo. Na indústria é a mesma coisa: o capitalista, com o dinheiro, ajeitando as coisas, uma facilidade de cá, uma licença de exportação, uma moleza cambial por baixo do pano. E monta a fábrica. Depois dana-se a vender sem

nota. Compra tudo que é fiscal. Esconde o lucro na contabilidade. Fraude. Ajuda na caixa do partido da situação... E está aí mais uma fábrica... Mais um fator de progresso. E a verdade é que todo mundo ganha com isso. Você está vendo a confusão?

Gervásio

Quer dizer que a ordem é roubar?

Guimarães

468 Eu não quero dizer nada. Estou pensando alto. Estou considerando os fatos. E agora vamos nos despedir desta bebida. Vamos, colega. Meu colega rico. O colega pobre e o colega rico. Você com a gaita no banco e eu com a conta no empório. Mas o tal sou eu? Está bom, Guimarães, pobre, porém honesto. Bonito... Não há dúvida! Hein! Edwiges! O que é que você acha disso tudo?

Edwiges

Eu não acho nada. Cada qual sabe onde lhe aperta o sapato.

Gervásio

Boa, Edwiges! Nada como a sabedoria popular.

Guimarães

Adeus, meu bom *champagne*. Desculpe, se não o saboreei como um mestre-de-cerimônias. Seu gazua! Abridor de cofres de segredo!

Edwiges

Quer mais café? Está na hora de tomar café sem açúcar.

Guimarães

Vocês pensam que eu estou bêbado? Absolutamente. Estou apenas um pouco alegre. Assim, no ponto de dizer umas verdades. E mais este e pronto. Adeus. Vamos voltar à rotina. Amanhã a rotina. Trezentos e sessenta e cinco dias de rotina. E nos bissextos, 366. E a gente vai viver. Vai-se tocando o barco para a frente. Viva a mediocridade! Peito! Bem que a Floripes disse. Peito! Me faltou peito para aceitar os 3 milhões. Eu sou um medíocre. E hei de ser isso toda a vida. E viva a mediocridade!

469

Gervásio

Guimarães: você é que está certo. Um tipo honesto, direito, correto. Pode gritar, não está na gaveta de ninguém. Tem um nome para deixar para seus filhos. Uma tradição de honestidade...

Guimarães

Pobre de mim! Nem filhos tenho. Ainda bem. Senão eles tinham que herdar um nome honrado. O que você prefere: herdar um nome honrado de um pai liso como bunda de anjo, ou receber uma fortuna de um pai sujo como pau de galinheiro? Vamos, meu colega, responda. Um nome

honrado. Ou gaita? Está aí. Vamos ouvir o senso comum do povo. Edwiges, responda você.

Edwiges

Eu, seu Guima? Quem sou eu para herdar qualquer coisa? Nem dinheiro nem nome honrado. Que meu pai, como muito pernambucano, era ladrão de cavalo.

Guimarães

Mas o que é que você preferiria?

Edwiges

Dinheiro, seu Guima. Dinheiro não tem cor nem procedência. Vale por si...

470

Guimarães

E quem responder o contrário, está mentindo. O dinheiro tem uma força descomunal. Você tem um padrinho rico. Ele lhe faz bem. Lhe encaminha na vida. Lhe socorre nas suas dificuldades. Você lá quer saber se o dinheiro dele é roubado? Você é naturalmente amigo de quem lhe ajuda. Votará nele, se for o caso. O resto é teoria. Você veja o que aconteceu comigo. Continuo pobre, fui preterido, sou uma figura indigesta na repartição onde trabalho. Briguei com minha mulher e durante toda a minha vida vou ouvir dela esse queixume: Idiota, imbecil, medíocre. Há de ser um pé-rapado toda a vida. Coitada da Floripes! Deve ter amargurado.

Gervásio

Não adianta, Guimarães. Você é que está certo. Você sabe disso. Eu não sei provar. Não sei demonstrar. Sou um ignorantão. Só sei provérbio. E me virar por aí. E quando é preciso eu me viro mais que charuto em boca de bêbado. Mas você é que está certo.

Guimarães

Acho engraçado você dizer isso com esse charutão na boca! Com esse ar de prosperidade. De industrial em férias. Você é quem está certo, Gervásio. Todo mundo se vendendo por aí. A turma do dez por cento. Não sai um empréstimo sem correr o dez por cento. Não se paga um fornecimento, sem o dez por cento. Não se vence uma concorrência. Não se constrói uma casa. É a caixinha, a moleza, sei lá! E o governo a aumentar os impostos! O pior cego é aquele que não quer ver. E está na cara. É só fiscalizar. É só fazer pagar o que já é de lei. Se não houvesse sonegação, a arrecadação atingiria cifras astronômicas. Mas não, aumentam-se os impostos. Os trouxas irão pagar mais. Pagam pelos águias. Qual, seu Gervásio. É uma situação muito cômoda.

471

Gervásio

Eu não sirvo de exemplo para ninguém. Até nem fica bem estar falando assim. Mas você acredite se quiser: ainda que pareça mentira, eu preferiria

ser como você, Guimarães. Ter a sua moral, a sua têmpera. Você é como um sacerdote. Como um militar. Já tem a sua trilha certa. Não sai do regulamento e não há problema. Não há a encruzilhada para se escolher. Você me entende? O caminho já está traçado. É mais simples.

Guimarães

É mais simples. Já sei tudo que me vai acontecer na vida. Trabalho mais 15 anos. Subo duas letras. Me aposento. E fico esperando a morte sentado. É. De fato. É mais simples. Mais fácil, é a expressão. Há muita coisa que não entendo. Nós não somos donos da verdade. Por isso é que não se deve ir julgando nem condenando. Você veja a minha irmã, Dalva. Ela tem a mesma formação moral que eu. A mesma educação. E gosta de você. E irá com você para onde você for. Que importa a ela que você tenha sido um venal, um... Ladrão de galinhas? É como você diz. Onde é que está a sanção?

472

Gervásio

Puxa! Você agora tocou na ferida. E está na hora da segunda novidade. Você já sabia. Mas esta é: eu vou procurar a Dalva. Ela ganhou a parada. Há males que vêm para bem. O casamento é contra a minha religião, mas vou me casar com ela. E vou dividir esses 3 milhões com ela. E depois você diz que não adianta ser honesto. Vou me casar com

ela porque ela é assim como você. Batata! Cem por cento! Vinho da mesma pipa! Quero lhe pedir a mão de sua irmã. Você é o irmão mais velho. Meu colega, meu amigo e meu futuro cunhado. Venha de lá um amplexo.

(Guimarães levanta-se e abraça longamente Gervásio)

Gervásio

Entreguei os pontos direitinho, hein? Eu gosto dela, sabe? E te digo francamente. Há muito tempo que já estava resolvido. Vou me casar com a bichinha. Entro nos 3 milhões e caso com ela. Há mal que vem para bem.

473

Edwiges

Meus parabéns, doutor Gervásio... Agora o senhor falou com sabedoria.

Gervásio

Em que cinema que ela foi? Quero me encontrar com ela. Já. Quero lhe dar os parabéns pelo aniversário. Este modesto presente. Oitenta mil cruzeiros e a grande novidade.

Guimarães

Não sei qual o cinema. Sei que marcou com a Inês na sessão das 8.

Edwiges

Acho que ela foi ver *Ben-Hur* no cinema Regina.

Gervásio

Quatro horas de projeção! Enche, hein? Não faz mal. Isso já vai por conta do casamento. Vai começar a minha via sacra. Bem. Até logo, meu futuro cunhado. Até logo. Depois você escreve um tratado de filosofia. Até logo, Edwiges.

(Gervásio sai e Guimarães o acompanha ao vestibulo. Edwiges já terminou o serviço da sala. Tudo em ordem. Sai em direção à cozinha. Guimarães volta. Apaga a luz maior da sala; pega uma revista. Prepara seu cigarrinho e vai refestelar-se na poltrona. Aparece Edwiges pronta para sair, carregando o balaio de costume)

474

Edwiges

Até amanhã, patrão.

Guimarães

Até amanhã, Edwiges. Muito obrigado pelo jantar. Estava ótimo. Hê! Edwiges!

(Edwiges, que ia saindo, pára na porta)

Edwiges

Pronto, patrão.

Guimarães

Balaio cheio, hein? Aproveita que essa alegria vai se acabar. O controle vem aí.

Edwiges

O diabo não é tão feio quanto se pinta, patrão. Nós dá um jeitinho. *Bye, bye.*

(Edwiges sai. Calma, sossego, tranqüilidade. Há uma pausa longa. Guimarães larga a revista e vai acender a TV. Acende e volta à sua poltrona, cigarro na boca. De repente, entra Floripes, como saiu no final do segundo ato. Com o mesmo vestido e a mesma mala na mão. Só que a direção de sua marcha é diferente. Antes saía. Agora volta. Floripes pára no centro da sala e quase sem se voltar para Guimarães, exclama, secamente, sem ser perguntada)

475

Floripes

Eu voltei.

(E entra para o interior. Guimarães nem se mexe. Fuma, e o pano se fecha lentamente)

Fim

Abílio Pereira de Almeida no teatro

(organizado por datas de estréia)

Pif-paf

Comédia em três atos

Estréia: São Paulo, Grupo de Teatro Experimental,
20 de setembro de 1946, Teatro Municipal

Personagens e elenco da estréia

(por ordem de entrada em cena)

Laura	Irene de Bojano
Luiz Mário, seu filho	Haroldo Gregori
João, criado	Carlos Falbo
Oscar	Paulo Mendonça
Stela	Helenita Mattoso
Roberto	Gema Barbeta
Condessa Simone	Marina Freire Franco
Eduardo	Delmiro Gonçalves
Conde Leon	Churchill C. Locke
Mário	Abílio P. de Almeida
Aderbal Torres Homem	José de Q. Mattozo

477

Direção	Abílio P. de Almeida
Cenário	Clovis Graciano
Execução	Léo Rosseti e Molina
Ponto	Hélio Pereira de Queiroz
Acessórios de decoração	Casa Printal
<i>Fourrures</i>	Casa Vogue
<i>Déshabillé</i> do 1º ato, execução	Modas Maria

A Mulher do Próximo

Peça em três atos

Estréia: São Paulo, Grupo de Teatro Experimental (GTE), 11 de outubro de 1948, Teatro Brasileiro de Comédia (TBC)

Personagens e elenco da estréia

(por ordem de entrada em cena)

Alfredo Abílio P. de Almeida

Carlos Paulo Cajado

Jorge Carlos Vergueiro

"Seu" Filinto Raphael Ribeiro da Luz

Garçon Ildo Pássaro

478 Fernando Sergio Junqueira

Carmen Cacilda Becker

Luiza Marina Freire Franco

Manoel Delmiro Gonçalves

Direção Abílio P. de Almeida

Cenários Aldo Calvo

Execução de cenários Vaccarini

Figurinos Beatriz Gonçalves

Biar

Paiol Velho

Peça em três atos

Estréia: São Paulo, 10 de janeiro de 1951, Teatro Brasileiro de Comédia (TBC)

Personagens e elenco da estréia

(por ordem de entrada em cena)

Lina	Cacilda Becker
Tonico	Carlos Vergueiro
Bastiana	Zeni Pereira
Lourenço	Milton Ribeiro
Mariana	Rachel Moacyr
João Carlos	Maurício Barroso
Doutor Boaventura	A. C. Carvalho
Quinzinho Pereira	Fredi Kleemann
Tabelião	Glauco de Divitis
Tio Jorge	Eugênio Kusnet

Direção	Adolfo Celi
Cenários	Bassano Vaccarini
Execução cenários	Arquimedes Ribeiro
Sup. guarda-roupa	Cleide Yaconis
Diretor de cena	Pedro Petersen

479

Santa Marta Fabril S.A.

Peça em três atos

Estréia: São Paulo, 2 de março de 1955, no Teatro Brasileiro de Comédia (TBC)

Personagens e elenco da estréia

(por ordem de entrada em cena)

Marta	Cleide Yaconis
Julia	Margarida Rey
Vera	Célia Biar
Tonico	Fredi Kleemann

Dona Marta
Clóvis
Cláudio
Martuxa (6 anos)
Acrísio
Nenê Paraíso
Martuxa (21 anos)

Dina Lisboa
Leonardo Vilar
Walmor Chagas
Vera Lucia Alcazar
Waldemar Wey
Odette Lara
Elizabeth Henreid

Direção
Cenários
Assist. direção
Exec. cenários
Figurinos
Exec. fig. femininos
Exec. fig. masculinos
Maquilagem e cabeleireiras
Eletricista
Direção de cena

Adolfo Celi
Mauro Francini
Armando Paschoal
Arquimedes Ribeiro
Darcy Penteado
Maria Penteado
Odilon Nogueira
L. Tymoszenko
Aparecido André
Sebastião Ribeiro

480

A ação se desenvolve em três épocas:
1926 / 1933 / 1948

Personagens

1º ato 1926

Marta 20 anos
Cláudio 25 anos
Tônico 35 anos
Vera 30 anos
Julia 40 anos
Clóvis 44 anos

Dona Marta 60 anos

2º ato 1933

Marta 27 anos

Cláudio 32 anos

Tonico 42 anos

Vera 37 anos

Julia 47 anos

Clovis 51 anos

Dona Marta 67 anos

Martuxa 6 anos

Acrísio 50 anos

Nenê 30 anos

3º ato 1948

Marta 43 anos

Cláudio 47 anos

Julia 62 anos

Martuxa 21 anos

Acrísio 65 anos

Rapaz Vulto

481

Moral em Concordata

Comédia em três atos

Estréia: São Paulo, 10 de agosto de 1956, Teatro Popular de Arte.

Personagens e elenco da estréia

(por ordem de entrada em cena)

Estela

Odette Lara

Yole
Rosário
Encanador
Raul
Zeca
Chico
Filomena
Juvenal
Dorotéia
Katurian

Diana Morell
Maria Della Costa
Benjamin Cattan
Jardel Filho
Serafim Gonzáles
Armando Bogus
Luís Tito
Edmundo Lopes
Rosamaria Murtinho
Felipe Carone

Direção
Cenários
Assist. direção
Figurinos
Montagem
Contra-regra

Flaminio Bollini Cerri
Túlio Costa
Jardel Filho
Túlio Costa
José de Barros
Rogério Cardoso

482

O Comício

Comédia em três atos

Estréia: São Paulo, 10 de janeiro de 1957, Teatro Bela Vista, Companhia Nydia Lícia – Sérgio Cardoso

Personagens e elenco da estréia

(por ordem de entrada em cena)

Totó
Mirinho
Fifi
Comissão da Coeca

Jaime Costa
Carlos Zara
Rita Cleos
Berta Zemel / Gustavo

	Pinheiro / Raymundo Duprat
Jornalistas	Wilson Santoni / Abelardo Escolano / Vitório Mayda / José Tavares / Daniel Dorna
Amim Farah Filho	Sérgio Cardoso
Nicota	Labiby Mady
Coryntho de Worms	Guilherme Corrêa
D. Chiquinha	Lola Garcia
Dep. Gouvarinho	Emanuele Corinaldi
Blanchette Dubois	Marie Louise Ourdan
Louis Maville	Nieta Junqueira
Dada	Márcia Ribeiro
Everardo	Jorge Fischer Junior
Colaborações Especiais	
Coment. Televisão	Paulo Autran / Abílio P. de Almeida / Jorge Fischer Junior
Garotas-propaganda	Odette Lara / Nydia Licia
O cão Aladim e a cadela Lassie	
Direção	Sérgio Cardoso

483

Rua São Luis, 27, 8º

Comédia em três atos

Estréia: São Paulo, 25 de julho de 1957, Teatro Brasileiro de Comédia (TBC)

Personagens e elenco da estréia

(por ordem de entrada em cena)

Luizinha	Maria Helena
Fredi	Oscar Felipe
Helô	Elizabeth Henreid
Nando	Egydio Eccio
May	Jussara Menezes
Bob	Raul Cortez
Renata	Fernanda Montenegro
Ferreira	Mauro Mendonça
Marilu	Natalia Timberg
Fafá	Sérgio Brito
Baby	Rosamaria Murtinho
Robledo	Oswaldo de Abreu
Gastão	Victor Jamil
Kiki	Lia Maione
Arlette	Gladys Areta
Enfermeira	Monah Dellacy
Doutor Moreira	Fernando Torres
Doutor Quinzinho	Ítalo Rossi
Zeca	Aldo de Maio
Direção	Alberto D'Aversa
Cenários	Mauro Francini
Assist. direção	Armando Paschoal
Execução cenários	Arquimedes Ribeiro

Dona Violante Miranda

Comédia em três atos

Estréia: São Paulo, 27 de maio de 1958, Companhia de Teatro Cômico, Teatro Cultura Artística, Pequeno Teatro de Comédia.

Personagens e elenco da estréia

(por ordem de entrada em cena)

Dona Violante	Dercy Gonçalves
Santinha	Dalva Dias
Guarda	José Igídio
Rapaz	Marcelo Paulo
Boneca	Wanda Marchetti
Josette	Marly Marley
Rosita	Zoraia Martins
Polidoro	Palmeirim
Totó	Walter Teixeira
Zazá	Carmen Artigas
Loló	Mary Lino
Margareth	Marlene Rocha
Dona Gaby	Labibi Madi
Dudu	Helena Nunes
Tonico	Gustavo Pinheiro
Firmino	Cataldo
Direção	Dercy Gonçalves
Cenários	Francisco Giachieri
Execução cenário	A. Galdi e R. Câmera
Guarda-roupa	Helena Santini
Eletricista	Rafael Bifulco

Alô!... 36-5499...

Comédia em três atos

Estréia: São Paulo, 10 de outubro de 1958, Teatro
Cultura Artística

Personagens e elenco da estréia

(por ordem de entrada em cena)

Sandra	Irina Grecco
Doutor Walter	Luiz Eugenio Barcellos
Samuel	Elizio de Albuquerque
Dolores	Irene Bojano
Ricardo	Armando Bogus
Transeunte	Nelson Duarte
O homem	Nelson Duarte

486	Direção	Antunes Filho
	Assist. direção	Ademar Guerra
	Cenários	Mauro Francini
	Diretor produção	Nelson Duarte
	Maquilagem	Victor Merinov
	Diretor de cena	Rubens Silva
	Contrarregra	Donato
	Sonoplastia	Aymar Bergel
	Montagem	Paulinho e Pupe
	Camareira	Margarida Toschi
	Montagem de som	Alcides Viviani
	Música <i>Amor Impossível</i> , de Wilma Camargo	
	Os vestidos para Irene Bojano e Irina Grecco foram confeccionados por Modas Ligia, com Tecidos Carone	

Liga de Repúdio ao Sexo

Comédia em três atos

Estréia: São Paulo, setembro de 1960, Teatro Cômico Dercy Gonçalves, Teatro Cultura Artística

Personagens e elenco da estréia

(por ordem de entrada em cena)

Castidade	Dercy Gonçalves
Castinho	Rony Torre
Belquis	Dinorah Marzulo
Orozimbo	Manoel Pêra
Pelópidas	Fernando Villar
Manducari	Gilda Nery
Direção	José Maria Monteiro
Cenografia	Luiz Paulo Serra e Francisco Leal

487

...em moeda corrente do país

Comédia em atos 3

Estréia: São Paulo, 16 de dezembro de 1960, Companhia de Teatro Cômico, Teatro Cacilda Becker, pela Companhia Brasileira de Comédia

Personagens e elenco da estréia

(por ordem de entrada em cena)

Floripes	Cacilda Becker
Guimarães	Walmor Chagas
Gervásio	Fredi Kleemann
Edwiges	Kleber Macedo
Dalva	Alzira Cunha

Direção Walmor Chagas
(Prêmio Governador do Estado como diretor
revelação)

Cenários Jean Gillon

O Bezerro de Ouro

Comédia em três atos

Estréia: São Paulo, 10 de novembro de 1961,
Teatro Leopoldo Fróes

Personagens e elenco da estréia

(por ordem de entrada em cena)

Barão Mastrorosso Dionísio Azevedo

Fâmulo de confiança Elias Gleiser

488 Paulo Sérgio Raul Cortez

Rafaela Liana Duval

A Baronesa Célia Biar

Nonna, mãe do Barão Dina Lisboa

O noivo Laerte Morrone

Satã Osmano Cardoso

Direção Abílio Pereira de
Almeida e Armando
Bogus

Círculo de Champagne

Comédia em três atos

Estréia: São Paulo, 9 de outubro de 1964, Teatro
Paramount, pela Empresa Massaini, Llorente

Personagens e elenco da estréia

(por ordem de entrada em cena)

Maria Helena	Rosamaria Murtinho
Roberto	Altair Lima
Ministro	Dionísio Azevedo
Olga	Karin Rodrigues
Magdalena	Cecília Carneiro
Consuelo	Maria Helena Dias
Hermantina	Jacira Sampaio
Oficial de justiça	Homem de Mello
Vera	Maria Aparecida Alves
Gisela	Nadir Fernandes
Marina	Vilma de Aguiar
Paulo	Marcio D'Almeida
Clodomiro	José Carlos Medeiros
Fábio	Arnaldo Fernandes
Maurício	Edgard Franco
Estevão	Pedro Ferreira
Estanislau	David Neto
Justino	Gilberto Sálvio
Guilherme	Fabio Block

Direção	Benedito Corsi
Assistente de Direção	José Carlos Carneiro
Cenografia	Ugo de Pacce
Direção de Guarda-roupa	Célia Biar
Iluminação	Rui Santos
Fotografia	Rui Santos
Seleção Musical	Carlos Vergueiro

Licor de Maracujá

Comédia em três atos

Estréia: São Paulo, 28 de abril de 1966, Teatro
Cacilda Becker

Personagens e elenco da estréia

(por ordem de entrada em cena)

Netinho	Sebastião Campos
Eglantina	Maria Aparecida Alves
Teófilo	Augusto M. de Campos
Tatiana	Liana Duval
Raimundo	Abílio Pereira de Almeida
Dona Nhanhã	Carmem Silva
Veridiana	Ruth de Souza

490

Produção, Direção e
Cenografia

Abílio Pereira de
Almeida

Consultor de direção
Execução de cenários

Fredi Kleemann
A. Ribeiro e Atílio Del
Fiore

Contra-regra
Eletricista

Enor Fonseca
Gian Carlo Bortolotti

O Clube da Fossa

Comédia em três atos

Estréia: São Paulo, 24 de outubro de 1968, Teatro
Brasileiro de Comédia (TBC)

Personagens e elenco da estréia

(por ordem de entrada em cena)

Tatiana	Célia Helena
Fogaça	Jairo Arco e Flexa
Mara	Liana Duval
Guaraci	Humberto de Lorena
Joãozinho	Lino Sérgio
Dani	Gilson Barbosa
Direção	Fredi Kleemann
Cenários e Figurinos	Gilson Barbosa
Encarregada da Produção	Léa Rudnickas
Assistente-geral	Marga Jacoby
Seleção Musical	Carlos Vergueiro
Efeitos Sonoros	José Scattena
Chefe Eletricista	Aparecido Leonardo
Contra-regra	Antoninho
Diretor de Cena	Renato Pagliari

491

Marginália (Os Marginalizados)

Comédia em três atos

Estréia: São Paulo, 28 de julho de 1972, Teatro Aliança Francesa

Personagens e elenco da estréia

(por ordem de entrada em cena)

Walkiria	Dercy Gonçalves
Marrocas	Aparecida Pimenta
Tadeu / Duda	Fernando Villar
Brunildes	Luci Fontes
Guarda	Antonio Carlos

Direção	Fredi Kleemann
Cenário	Gilson Barbosa
Assistente de direção	Jon Albano Pereira
Sonoplastia e Iluminação	Figueiredo
Contra-regra	A. Carlos do Carmo
Administração	Kleber Macedo
Prod. e Supervisão-geral	Ari Soares

Índice

Apresentação – José Serra	5
Coleção Aplauso – Hubert Alquéres	7
Abílio Pereira de Almeida - Ceiça Campos	13
Ao leitor - Maiza	45
<i>Paio! Velho</i>	49
<i>Santa Marta Fabril S.A.</i>	149
<i>...em moeda corrente do país</i>	313
Abílio Pereira de Almeida no teatro	477

Crédito das fotografias:

Fotos do acervo pessoal de Maria Luiza Pereira de Almeida

Capa: Tônia Carrero e Paulo Autran em *Santa Marta Fabril S.A.*, por Fredi Kleeman

A despeito dos esforços de pesquisa empreendidos pela Editora para identificar a autoria das fotos expostas nesta obra, parte delas não é de autoria conhecida de seus organizadores.

Agradecemos o envio ou comunicação de toda informação relativa à autoria e/ou a outros dados que porventura estejam incompletos, para que sejam devidamente creditados.

Coleção Aplauso

Série Cinema Brasil

Alain Fresnot – Um Cineasta sem Alma

Alain Fresnot

Agostinho Martins Pereira – Um Idealista

Máximo Barro

O Ano em Que Meus Pais Saíram de Férias

Roteiro de Cláudio Galperin, Bráulio Mantovani, Anna Muylaert e Cao Hamburger

Anselmo Duarte – O Homem da Palma de Ouro

Luiz Carlos Merten

Antonio Carlos da Fontoura – Espelho da Alma

Rodrigo Murat

Ary Fernandes – Sua Fascinante História

Antônio Leão da Silva Neto

O Bandido da Luz Vermelha

Roteiro de Rogério Sganzerla

Batismo de Sangue

Roteiro de Dani Patarra e Helvécio Ratton

Bens Confiscados

Roteiro comentado pelos seus autores Daniel Chaia e Carlos Reichenbach

Braz Chediak – Fragmentos de uma vida

Sérgio Rodrigo Reis

Cabra-Cega

Roteiro de Di Moretti, comentado por Toni Venturi e Ricardo Kauffman

O Caçador de Diamantes

Roteiro de Vittorio Capellaro, comentado por Máximo Barro

Carlos Coimbra – Um Homem Raro

Luiz Carlos Merten

Carlos Reichenbach – O Cinema Como Razão de Viver

Marcelo Lyra

A Cartomante

Roteiro comentado por seu autor Wagner de Assis

Casa de Meninas

Romance original e roteiro de Inácio Araújo

O Caso dos Irmãos Naves

Roteiro de Jean-Claude Bernardet e Luis Sérgio Person

O Céu de Suely

Roteiro de Karim Aïnouz, Felipe Bragança e Maurício Zacharias

Chega de Saudade

Roteiro de Luiz Bolognesi

Cidade dos Homens

Roteiro de Elena Soárez

Como Fazer um Filme de Amor

Roteiro escrito e comentado por Luiz Moura e José Roberto Torero

O Contador de Histórias

Roteiro de Maurício Arruda, José Roberto Torero, Mariana Verfssimo e Luiz Villaça

Críticas de B.J. Duarte – Paixão, Polêmica e Generosidade

Org. Luiz Antônio Souza Lima de Macedo

Críticas de Edmar Pereira – Razão e Sensibilidade

Org. Luiz Carlos Merten

Críticas de Jairo Ferreira – Críticas de invenção:

Os Anos do São Paulo Shimbun

Org. Alessandro Gamo

Críticas de Luiz Geraldo de Miranda Leão – Analisando Cinema: Críticas de LG

Org. Aurora Miranda Leão

Críticas de Rubem Biáfora – A Coragem de Ser

Org. Carlos M. Motta e José Júlio Spiewak

De Passagem

Roteiro de Cláudio Yosida e Direção de Ricardo Elias

Desmundo

Roteiro de Alain Fresnot, Anna Muylaert e Sabina Anzuategui

Djalma Limongi Batista – Livre Pensador

Marcel Nadale

Dogma Feijoadá: O Cinema Negro Brasileiro

Jeferson De

Dois Córregos

Roteiro de Carlos Reichenbach

A Dona da História

Roteiro de João Falcão, João Emanuel Carneiro e Daniel Filho

Os 12 Trabalhos

Roteiro de Cláudio Yosida e Ricardo Elias

Estômago

Roteiro de Lusa Silvestre, Marcos Jorge e Cláudia da Natividade

Fernando Meirelles – Biografia Prematura

Maria do Rosário Caetano

Fim da Linha

Roteiro de Gustavo Steinberg e Guilherme Werneck; Storyboards de Fábio Moon e Gabriel Bá

Fome de Bola – Cinema e Futebol no Brasil

Luiz Zanin Oricchio

Geraldo Moraes – O Cineasta do Interior

Klecius Henrique

Guilherme de Almeida Prado – Um Cineasta Cinéfilo

Luiz Zanin Oricchio

Helvécio Ratton – O Cinema Além das Montanhas

Pablo Villaça

O Homem que Virou Suco

Roteiro de João Batista de Andrade, organização de Ariane Abdallah e Newton Cannito

Ivan Cardoso – O Mestre do Terrir

Remier

João Batista de Andrade – Alguma Solidão e Muitas Histórias

Maria do Rosário Caetano

Jorge Bodanzky – O Homem com a Câmera

Carlos Alberto Mattos

José Antonio Garcia – Em Busca da Alma Feminina

Marcel Nadale

José Carlos Burle – Drama na Chanchada

Máximo Barro

Liberdade de Imprensa – O Cinema de Intervenção

Renata Fortes e João Batista de Andrade

Luiz Carlos Lacerda – Prazer & Cinema

Alfredo Sternheim

Maurice Capovilla – A Imagem Crítica

Carlos Alberto Mattos

Mauro Alice – Um Operário do Filme

Sheila Schvarzman

Miguel Borges – Um Lobisomem Sai da Sombra

Antônio Leão da Silva Neto

Não por Acaso

Roteiro de Philippe Barcinski, Fabiana Werneck Barcinski e Eugênio Puppó

Narradores de Javé

Roteiro de Eliane Caffé e Luís Alberto de Abreu

Onde Andará Dulce Veiga

Roteiro de Guilherme de Almeida Prado

Orlando Senna – O Homem da Montanha

Hermes Leal

Pedro Jorge de Castro – O Calor da Tela

Rogério Menezes

Quanto Vale ou É por Quilo

Roteiro de Eduardo Benaim, Newton Cannito e Sergio Bianchi

Ricardo Pinto e Silva – Rir ou Chorar

Rodrigo Capella

Rodolfo Nanni – Um Realizador Persistente

Neusa Barbosa

Salve Geral

Roteiro de Sérgio Rezende e Patrícia Andrade

O Signo da Cidade

Roteiro de Bruna Lombardi

Ugo Giorgetti – O Sonho Intacto

Rosane Pavam

Vladimir Carvalho – Pedras na Lua e Pelejas no Planalto

Carlos Alberto Mattos

Viva-Voz

Roteiro de Márcio Alemão

Zuzu Angel

Roteiro de Marcos Bernstein e Sergio Rezende

Série Cinema

Bastidores – Um Outro Lado do Cinema

Elaine Guerini

Série Ciência & Tecnologia

Cinema Digital – Um Novo Começo?

Luiz Gonzaga Assis de Luca

A Hora do Cinema Digital – Democratização e Globalização do Audiovisual

Luiz Gonzaga Assis de Luca

Série Crônicas

Crônicas de Maria Lúcia Dahl – O Quebra-cabeças

Maria Lúcia Dahl

Série Dança

Rodrigo Pederneiras e o Grupo Corpo – Dança Universal

Sérgio Rodrigo Reis

Série Teatro Brasil

Alcides Nogueira – Alma de Cetim

Tuna Dwek

Antenor Pimenta – Circo e Poesia

Danielle Pimenta

Cia de Teatro Os Satyros – Um Palco Visceral

Alberto Guzik

Críticas de Clóvis Garcia – A Crítica Como Ofício

Org. Carmelinda Guimarães

Críticas de Maria Lucia Candeias – Duas Tábuas e Uma Paixão

Org. José Simões de Almeida Júnior

Federico García Lorca – Pequeno Poema Infinito

Roteiro de José Mauro Brant e Antonio Gilberto

João Bethencourt – O Locatário da Comédia

Rodrigo Murat

Leilah Assumpção – A Consciência da Mulher

Eliana Pace

Luís Alberto de Abreu – Até a Última Sílab

Adélia Nicolete

Maurice Vaneau – Artista Múltiplo

Leila Corrêa

Renata Palottini – Cumprimenta e Pede Passagem

Rita Ribeiro Guimarães

Teatro Brasileiro de Comédia – Eu Vivi o TBC

Nydia Licia

***O Teatro de Alcides Nogueira – Trilogia: Ópera
Joyce – Gertrude Stein, Alice Toklas & Pablo Picasso –
Pólvora e Poesia***

Alcides Nogueira

***O Teatro de Ivam Cabral – Quatro textos para um tea-
tro veloz: Faz de Conta que tem Sol lá Fora – Os Cantos
de Maldoror – De Profundis – A Herança do Teatro***

Ivam Cabral

***O Teatro de Noemi Marinho: Fulaninha e Dona
Coisa, Homeless, Cor de Chá, Plantonista Vilma***

Noemi Marinho

Teatro de Revista em São Paulo – De Pernas para o Ar

Neyde Veneziano

***O Teatro de Samir Yazbek: A Entrevista –
O Fingidor – A Terra Prometida***

Samir Yazbek

***Teresa Aguiar e o Grupo Rotunda – Quatro Décadas
em Cena***

Ariane Porto

Série Perfil

Aracy Balabanian – Nunca Fui Anjo

Tania Carvalho

Arlete Montenegro – Fé, Amor e Emoção

Alfredo Sternheim

Ary Fontoura – Entre Rios e Janeiros

Rogério Menezes

Bete Mendes – O Cão e a Rosa

Rogério Menezes

Betty Faria – Rebelde por Natureza

Tania Carvalho

Carla Camurati – Luz Natural

Carlos Alberto Mattos

Cecil Thiré – Mestre do seu Ofício

Tania Carvalho

Celso Nunes – Sem Amarras

Eliana Rocha

Cleyde Yaconis – Dama Discreta

Vilmar Ledesma

David Cardoso – Persistência e Paixão

Alfredo Sternheim

Denise Del Vecchio – Memórias da Lua

Tuna Dwek

Elisabeth Hartmann – A Sarah dos Pampas

Reinaldo Braga

Emiliano Queiroz – Na Sobremesa da Vida

Maria Leticia

Etty Fraser – Virada Pra Lua

Vilmar Ledesma

Ewerton de Castro – Minha Vida na Arte: Memória e Poética

Reni Cardoso

Fernanda Montenegro – A Defesa do Mistério

Neusa Barbosa

Geórgia Gomide – Uma Atriz Brasileira

Eliana Pace

Gianfrancesco Guarnieri – Um Grito Solto no Ar

Sérgio Roveri

Glauco Mirko Laurelli – Um Artesão do Cinema

Maria Angela de Jesus

Ilka Soares – A Bela da Tela

Wagner de Assis

Irene Ravache – Caçadora de Emoções

Tania Carvalho

Irene Stefania – Arte e Psicoterapia

Germano Pereira

Isabel Ribeiro – Iluminada

Luis Sergio Lima e Silva

Joana Fomm – Momento de Decisão

Vilmar Ledesma

John Herbert – Um Gentleman no Palco e na Vida

Neusa Barbosa

Jonas Bloch – O Ofício de uma Paixão

Nilu Lebert

José Dumont – Do Cordel às Telas

Klecius Henrique

Leonardo Villar – Garra e Paixão

Nydia Licia

Lília Cabral – Descobrimo Lília Cabral

Analu Ribeiro

Lolita Rodrigues – De Carne e Osso

Eliana Castro

Louise Cardoso – A Mulher do Barbosa

Vilmar Ledesma

Marcos Caruso – Um Obstinado

Eliana Rocha

Maria Adelaide Amaral – A Emoção Libertária

Tuna Dwek

Marisa Prado – A Estrela, O Mistério

Luiz Carlos Lisboa

Mauro Mendonça – Em Busca da Perfeição

Renato Sérgio

Miriam Mehler – Sensibilidade e Paixão

Vilmar Ledesma

Nicette Bruno e Paulo Goulart – Tudo em Família

Elaine Guerrini

Nívea Maria – Uma Atriz Real

Mauro Alencar e Eliana Pace

Niza de Castro Tank – Niza, Apesar das Outras

Sara Lopes

Paulo Betti – Na Carreira de um Sonhador

Teté Ribeiro

Paulo José – Memórias Substantivas

Tania Carvalho

Pedro Paulo Rangel – O Samba e o Fado

Tania Carvalho

Regina Braga – Talento é um Aprendizado

Marta Góes

Reginaldo Faria – O Solo de Um Inquieto

Wagner de Assis

Renata Fronzi – Chorar de Rir

Wagner de Assis

Renato Borghi – Borghi em Revista

Élcio Nogueira Seixas

Renato Consorte – Contestador por Índole

Eliana Pace

Rolando Boldrin – Palco Brasil

Ieda de Abreu

Rosamaria Murtinho – Simples Magia

Tania Carvalho

Rubens de Falco – Um Internacional Ator Brasileiro

Nydia Licia

Ruth de Souza – Estrela Negra

Maria Ângela de Jesus

Sérgio Hingst – Um Ator de Cinema

Máximo Barro

Sérgio Viotti – O Cavalheiro das Artes

Nilu Lebert

Silvio de Abreu – Um Homem de Sorte

Vilmar Ledesma

Sônia Guedes – Chá das Cinco

Adélia Nicolete

Sonia Maria Dorce – A Queridinha do meu Bairro

Sonia Maria Dorce Armonia

Sonia Oiticica – Uma Atriz Rodrigueana?

Maria Thereza Vargas

Suely Franco – A Alegria de Representar

Alfredo Sternheim

Tatiana Belinky – ... E Quem Quiser Que Conte Outra

Sérgio Roveri

Tony Ramos – No Tempo da Delicadeza

Tania Carvalho

Umberto Magnani – Um Rio de Memórias

Adélia Nicolete

Vera Holtz – O Gosto da Vera

Analu Ribeiro

Vera Nunes – Raro Talento

Eliana Pace

Walderez de Barros – Voz e Silêncios

Rogério Menezes

Zezé Motta – Muito Prazer

Rodrigo Murat

Especial

Agildo Ribeiro – O Capitão do Riso

Wagner de Assis

Beatriz Segall – Além das Aparências

Nilu Lebert

Carlos Zara – Paixão em Quatro Atos

Tania Carvalho

Cinema da Boca – Dicionário de Diretores

Alfredo Sternheim

Dina Sfat – Retratos de uma Guerreira

Antonio Gilberto

Eva Todor – O Teatro de Minha Vida

Maria Angela de Jesus

Eva Wilma – Arte e Vida

Edla van Steen

Gloria in Excelsior – Ascensão, Apogeu e Queda do

Maior Sucesso da Televisão Brasileira

Álvaro Moya

Lembranças de Hollywood

Dulce Damasceno de Britto, organizado por Alfredo Sternheim

Maria Della Costa – Seu Teatro, Sua Vida

Warde Marx

Ney Latorraca – Uma Celebração

Tania Carvalho

Raul Cortez – Sem Medo de se Expor

Nydia Licia

Rede Manchete – Aconteceu, Virou História

Elmo Francfort

Sérgio Cardoso – Imagens de Sua Arte

Nydia Licia

Tônia Carrero – Movida pela Paixão

Tania Carvalho

TV Tupi – Uma Linda História de Amor

Vida Alves

Victor Berbara – O Homem das Mil Faces

Tania Carvalho

Walmor Chagas – Ensaio Aberto para Um Homem Indignado

Djalma Limongi Batista

Formato: 12 x 18 cm

Tipologia: Frutiger

Papel miolo: Offset LD 90 g/m²

Papel capa: Triplex 250 g/m²

Número de páginas: 512

Editoração, CTP, impressão e acabamento:
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Coleção Aplauso Série Teatro Brasil

Coordenador Geral	Rubens Ewald Filho
Coordenador Operacional e Pesquisa Iconográfica	Marcelo Pestana
Projeto Gráfico	Carlos Cirne
Editor Assistente	Felipe Goulart
Editoração	Aline Navarro
Tratamento de Imagens	José Carlos da Silva
Revisão	Wilson Ryoji Imoto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

O teatro de Abílio Pereira de Almeida; introdução de Ceiza Campos – São Paulo : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

512 p. : il. – (Coleção aplauso. Série teatro Brasil / Coordenador geral Rubens Ewald Filho)

ISBN 978-85-7060-756-0 (Imprensa Oficial)

1. Atores e atrizes de teatro – Brasil 2. – Atores e Atrizes cinematográficos – Brasil 3. Teatro – Produtores e diretores 4. Almeida, Abílio Pereira, 1906-1977 I. Campos, Ceiza

CDD 792.098 1

Índices para catálogo sistemático:
1. Brasil : Teatro : Biografia 792.098 1

Proibida reprodução total ou parcial sem autorização
prévia do autor ou dos editores
Lei nº 9.610 de 19/02/1998

Foi feito o depósito legal
Lei nº 10.994, de 14/12/2004

Impresso no Brasil / 2009

Todos os direitos reservados.

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo
Rua da Mooca, 1921 Mooca
03103-902 São Paulo SP
www.imprensaoficial.com.br/livraria
livros@imprensaoficial.com.br
Grande São Paulo SAC 11 5013 5108 | 5109
Demais localidades 0800 0123 401

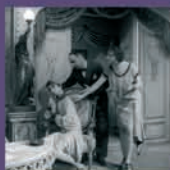
Coleção *Aplauso* | em todas as livrarias e no site
www.imprensaoficial.com.br/livraria

|imprensaoficial

Abílio Pereira de Almeida (1906/77) foi o mais famoso e bem-sucedido autor teatral do lendário *Teatro Brasileiro de Comédia*, onde seus textos provocaram escândalo, ao criticar a burguesia paulistana. Ao mesmo tempo, participou da formação de outra organização mítica, a *Cia. Cinematográfica Vera Cruz*, onde foi ator, fundador e eventualmente diretor-geral tendo, dentre outros méritos, descoberto e dirigido Mazaropi, a quem lançou no cinema.



Foi sua filha, **Maria Luiza**, quem selecionou, para esta edição, três textos entre seus maiores sucessos no palco que, curiosamente, foram todos estrelados por Cacilda Becker em sua estréia:



Paio Velho (depois adaptado para o cinema, na Vera Cruz, com o título de *Terra é Sempre Terra*, de Tom Payne, em 1952, com Mário Sérgio e Marisa Prado), *Santa Marta Fabril S.A.* (adaptado como minissérie pela TV Manchete em 1984, por Geraldo Vietri) e *...em moeda corrente do país*, que foi filmado em 1963, por Eurípedes Ramos, como *Sonhando com Milhões*, com Dercy Gonçalves e Odete Lara.



Com uma introdução biográfica organizada por **Ceiza Campos**, professora e pesquisadora da Unicamp, esta é mais uma edição da **Coleção Aplauso**, da **Imprensa Oficial do Estado**, em sua obra de resgate e preservação de nossa memória cultural.

ISBN 978-85-7060-756-0



9 788570 607560